

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

**FLUXO DA INFORMAÇÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS DESTINADOS À
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Vanessa Cristina Andrade Leão

Belo Horizonte
2013

Vanessa Cristina Andrade Leão

**FLUXO DA INFORMAÇÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS DESTINADOS À
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont

Belo Horizonte
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L437f Leão, Vanessa Cristina Andrade
Fluxo da informação em materiais didáticos destinados à educação a distância / Vanessa Cristina Andrade Leão. Belo Horizonte, 2013.
232f.: il.

Orientadora: Arabie Bezri Hermont
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Ensino auxiliado por computador. 2. Material didático 3. Ensino a distância. I. Hermont, Arabie Bezri. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 681.3:37

Vanessa Cristina Andrade Leão

**FLUXO DA INFORMAÇÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS DESTINADOS À
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont – PUC Minas (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Daniela Lopes Dias Ignácio Rodrigues – PUC Minas

Prof^a. Dr^a. Simone de Paula Santos Mendes – UFOP

Belo Horizonte, 22 de março de 2013

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, senhor da minha vida, único e verdadeiro mestre que já pisou nesta Terra.

*“Porque d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.
A Ele a Glória!” (Diante do Trono)*

Ao meu amado marido, Rodrigo Leão, pela cumplicidade sempre presente desde o início desta jornada, mas, sobretudo nos últimos dias, quando tive que passar madrugadas em claro e pude contar com seu precioso auxílio, ora me preparando um café, ora me levando um lanche. Também como quando se esforçou para entender o assunto sobre o qual eu pesquisava, o que acabou por me render boas risadas, isso pelo seu senso de humor característico, uma de suas muitas qualidades. Ter o seu ombro para me aconchegar e aliviar minha tensão depois de um dia de trabalhos intensos fazia tudo valer a pena. Te amo!

*“Melhor é serem dois do que um, porque se caírem,
um levanta o companheiro” (Eclesiastes 4: 9-10)*

À minha querida mãe Marta e aos meus preciosos irmãos Gustavo, Mariana e Guilherme pelas orações e pelo incentivo constante, mas, sobretudo por compreenderem as minhas muitas ausências que, nos últimos tempos, vinham acontecendo com frequência nos eventos da nossa família. Sem vocês, nada faria sentido! Amo-lhes incondicionalmente!

Também agradeço aos meus sogros Júlio e Geralda e à minha cunhada Jacqueline por sempre se fazerem presentes, encorajando-me com tanto carinho. Vocês são muito especiais!

*“A verdadeira felicidade está na própria casa, entre
as alegrias da família”. Léon Tolstoi*

À minha querida Arabie Hermont, que mais que uma orientadora, se tornou uma cúmplice na realização desta pesquisa, pois sempre disposta, abriu mão de muitos de seus finais de semana, seja para dedicar-se à leitura do meu texto, seja para me acalmar quando, no ápice do meu desespero, interrompeu o seu lazer me recebendo em sua casa de campo.

*“E quem der de beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes
pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo
algum perderá o seu galardão” (Mateus 10:42)*

À instituição de ensino, na pessoa de seu Diretor Geral, que viabilizou a realização deste estudo, ao abrir as portas virtuais de sua instituição, para captação dos dados de nossa pesquisa e também aos docentes que consentiram em ceder os seus textos para servirem como objeto de estudo nesta dissertação.

*“E disse o Senhor: abençoarei a todos que te abençoarem”.
(Gênesis 12:3)*

“Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire (2005)

RESUMO

O tema central deste trabalho é o Fluxo da Informação, importante aspecto textual da seara linguística. Chamamos de Fluxo da Informação (FI) a estrutura em torno da qual se dispõem as ideias contidas no texto. Em outras palavras, o FI funciona como uma espécie de 'espinha dorsal' de todo e qualquer discurso, seja este oral, seja escrito. Isso porque é ele quem sustenta e organiza as informações novas, velhas e inferíveis presentes no texto, garantindo, assim, uma linearidade discursiva capaz de produzir sentido. Nossa objetivo, aqui, é o de verificar como o Fluxo da Informação foi constituído em determinados materiais didáticos produzidos por professores de uma instituição de ensino a distância. O estudo do Fluxo da Informação em materiais didáticos voltados para a EaD justifica-se pela contribuição teórica que este tipo de pesquisa pode trazer, primeiro e, de modo mais genérico, ao cenário educacional; depois, mais especificamente, aos que acreditam e trabalham em prol da expansão do ensino mediado pelas mídias, seja no papel de instituições que oferecem cursos a distância, seja no papel de professores e conteudistas responsáveis pela elaboração dos materiais didáticos voltados para essa modalidade de ensino, seja no papel das equipes pedagógicas, que respondem pela análise e revisão do conteúdo disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Isso porque todos estes poderão rever os processos pedagógicos ora adotados e aperfeiçoar, assim, o seu modo de atuação. A metodologia adotada nesta pesquisa foi a análise de cinco disciplinas de graduação oferecidas pela Universidade Aberta de Minas Gerais, pertencentes a áreas de conhecimentos distintas, quais sejam: Direito, Gerenciais, Letras, Saúde e Tecnologia. A análise se deu em dois tipos de materiais didáticos, ambos de natureza escrita, produzidos por professores das áreas citadas e postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ao longo do 1º semestre de 2011. Estes são: apresentações de disciplina e conteúdos de unidades. Ao final da pesquisa, os resultados revelaram que, muitas vezes, o(s) professor(es) não ancoram, em informações já conhecidas, as informações novas ou mesmo aquelas que preveem que os alunos possam inferir. Do ponto de vista linguístico-pedagógico, tal resultado pode nos acenar para um comprometimento do processo de ensino-aprendizagem, a considerar que, na modalidade virtual de ensino, o material didático é o principal mediador entre o professor e o aluno.

Palavras-Chave: Ambiente Virtual de Aprendizagem; Educação a Distância; Fluxo da Informação; Materiais Didáticos.

ABSTRACT

The central theme of this work is the Flow of Information, important textual of harvest linguistic. We call Flow of Information (FI), the structure around which has ideas contained in the text. In other words, the FI works as a sort of “backbone” of any discourse is this oral and written. This is because it who maintain and organize the old and inferrible informations presents in the text, thus guaranteeing a linearity discursive able to produce meaning. Our goal, in this text, is to check how the Flow of Information was composed in certain didactic materials produced by teachers of an institution of distance learning. The study of the Flow of Information in didactic materials directed to the distance learning is justified by theoretical contribution that, this type of research can bring, first and, more generally, the educational setting; then of more specifically, to those who believe and work for the expansion of education mediated by media, in the role of institutions that offer distance didactic courses, in the role of teacher and contents responsible for preparation of didactic materials geared to this modality of education, in the role of pedagogical teams, which are responsible for review and analysis the content available in the Virtual Learning Environment. This is because all these may revise the pedagogical processes adopted and improve the mode of action. The methodology adopted in this research was the analysis of five graduate disciplines offered by Open University of Minas Gerais, belonging to distinct areas of knowledge, which they are: Law, Management, Language, Health and Technology. The analysis has done in two types of didactic materials, both of nature written, produced by the teachers of these areas and posted in the Virtual Learning Environment (VLE) during the 1st half of 2011. These are: presentation of discipline and content units. At the end of research, the results reveled that, many times, the teachers do not anchor on information already known, the new information or even those that predict that students can infer. From the point of view linguistic-pedagogical, such result can we waved to a commitment of the teaching-learning process, to consider that, in the modality of virtual education, the didactic materials is the main mediator between the teacher and the pupil.

Keywords: Virtual Learning Environment, Didactic Materials; Distance Learning; Flow of Information.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Resultado da busca pela palavra ‘casal’ no Google Imagens.....	49
FIGURA 2 – Organograma de Inserção X Categorização de Elementos Linguísticos....	51

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Taxonomia do FI segundo Halliday (1967).....	32
QUADRO 2 – Taxonomia do FI segundo Chafe (1976)	34
QUADRO 3 – Taxonomia do FI segundo Prince (1981).....	35
QUADRO 4 – Taxonomia do FI segundo Gorski (1985)	37
QUADRO 5 – Proposta desta pesquisa para a taxonomia do FI	39

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Apresentação da disciplina Custos Contábeis.....	63
GRÁFICO 2 – Unidade I da disciplina Custos Contábeis.....	67
GRÁFICO 3 – Unidade II da disciplina Custos Contábeis.....	71
GRÁFICO 4 – Unidade III da disciplina Custos Contábeis.....	75
GRÁFICO 5 – Unidade IV da disciplina Custos Contábeis.....	79
GRÁFICO 6 – Apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo.....	83
GRÁFICO 7 – Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo.....	87
GRÁFICO 8 – Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo.....	94
GRÁFICO 9 – Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo.....	98
GRÁFICO 10 – Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo.....	103
GRÁFICO 11 – Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador	107
GRÁFICO 12 – Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador	111
GRÁFICO 13 – Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador	115
GRÁFICO 14 – Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador	119
GRÁFICO 15 – Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador	123
GRÁFICO 16 – Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais	127
GRÁFICO 17 – Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais	131
GRÁFICO 18 – Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais	135
GRÁFICO 19 – Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais	138
GRÁFICO 20 – Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais	142
GRÁFICO 21 – Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação	148
GRÁFICO 22 – Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação	152
GRÁFICO 23 - Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação	156
GRÁFICO 24 – Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação	159
GRÁFICO 25 – Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação	162
GRÁFICO 26 – Relação de Conceitos X Área do Conhecimento.....	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AV**A – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- EaD** – Educação a Distância
- EL** – Entidade Linguística
- FI** – Fluxo da Informação ou Fluxo Informacional
- IA** – Inferível Ancorada (Informação)
- INA** – Inferível Não-Ancorada (Informação)
- NA** - Nova Apoiada (Informação)
- NE** – Nova Eventual (Informação)
- NN** – Nova Novíssima (Informação)
- NSN** – Nova Seminova (Informação)
- SN** – Sintagma Nominal
- UNAB/MG** – Universidade Aberta de Minas Gerais
- VA** – Velha Anafórica (Informação)
- VM** – Velha Mencionada (Informação)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. UNIVERSO QUE CERCA O TEMA EM ESTUDO	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO	25
3.1 Teoria Funcionalista	25
3.1.1 <i>A essência do funcionalismo</i>.....	25
3.1.2 <i>O Funcionalismo e sua história</i>.....	26
3.1.3 <i>Pressupostos Teóricos da Teoria Funcionalista</i>	29
3.2 O que pode ser entendido por Fluxo da Informação?	31
3.2.1 <i>Trajetória de estudos sobre o Fluxo da Informação</i>.....	32
3.2.1.1 Fluxo da Informação segundo Michael Halliday (1967).....	32
3.2.1.2 Fluxo da Informação segundo Wallace Chafe (1976)	33
3.2.1.3 Fluxo da Informação segundo Ellen Prince (1981).....	35
3.2.1.4 Fluxo da Informação segundo Edair Gorski (1985).....	36
3.2.1.5 Uma nova proposta de divisão categorial para o Fluxo da Informação.....	39
3.3 Leitura: de onde vêm os seus sentidos?	42
3.4 Teoria dos Atos de Fala	44
3.5 O Referente	47
3.6 A Referenciação.....	50
3.6.1 <i>Estratégias de Retomada Referencial</i>.....	52
3.7 Progressão Textual.....	55
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	57
5. ANÁLISE DOS DADOS	61
5.1 Disciplina Bases do Direito Administrativo (Área de Direito)	61
5.1.1 <i>Apresentação da Disciplina Bases do Direito Administrativo</i>	61
5.1.1.1 Descrição do texto.....	61
5.1.1.2 Categorização dos Dados.....	62
5.1.1.3 Análise textual	63
5.1.2 <i>Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo</i>	66
5.1.2.1 Descrição do texto.....	66
5.1.2.2 Categorização dos Dados.....	66
5.1.2.3 Análise textual	68
5.1.3 <i>Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo</i>	70
5.1.3.1 Descrição do texto.....	70
5.1.3.2 Categorização dos Dados.....	70
5.1.3.3 Análise textual	71
5.1.4 <i>Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo</i>	74
5.1.4.1 Descrição do texto.....	74
5.1.4.2 Categorização dos Dados.....	74
5.1.4.3 Análise textual	75
5.1.5 <i>Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo</i>	77
5.1.5.1 Descrição do texto.....	77
5.1.5.2 Categorização dos Dados.....	78
5.1.5.3 Análise textual	79
5.2 Disciplina Custos Contábeis (Área Gerencial)	82
5.2.1 <i>Apresentação da disciplina Custos Contábeis</i>	82
5.2.1.1 Descrição do texto.....	82
5.2.1.2 Categorização dos Dados.....	83

5.2.1.3 Análise textual	84
5.2.2 <i>Unidade I da disciplina Custos Contábeis</i>	86
5.2.2.1 Descrição do texto.....	86
5.2.2.2 Categorização dos Dados.....	87
5.2.2.3 Análise textual	88
5.2.3 <i>Unidade II da disciplina Custos Contábeis</i>	93
5.2.3.1 Descrição do texto.....	93
5.2.3.2 Categorização dos Dados.....	94
5.2.3.3 Análise textual	95
5.2.4 <i>Unidade III da disciplina Custos Contábeis</i>	96
5.2.4.1 Descrição do texto.....	97
5.2.4.2 Categorização dos Dados.....	98
5.2.4.3 Análise textual	99
5.2.5 Unidade IV da disciplina Custos Contábeis.....	102
5.2.5.1 Descrição do texto.....	102
5.2.5.2 Categorização dos Dados.....	102
5.2.5.3 Análise textual	103
5.3 Disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (Área de Tecnologia).....	106
5.3.1 <i>Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador</i>	106
5.3.1.1 Descrição do texto.....	106
5.3.1.2 Categorização dos Dados.....	107
5.3.1.3 Análise textual	108
5.3.2 <i>Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador</i>	109
5.3.2.1 Descrição do texto.....	109
5.3.2.2 Categorização dos Dados.....	110
5.3.2.3 Análise textual	111
5.3.3 <i>Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador</i>	114
5.3.3.1 Descrição do texto.....	114
5.3.3.2 Categorização dos Dados.....	114
5.3.3.3 Análise textual	116
5.3.4 <i>Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador</i>	118
5.3.4.1 Descrição do texto.....	118
5.3.4.2 Categorização dos Dados.....	118
5.3.4.3 Análise textual	119
5.3.5 <i>Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador</i>	122
5.3.5.1 Descrição do texto.....	122
5.3.5.2 Categorização dos Dados.....	123
5.3.5.3 Análise textual	124
5.4 Disciplina SUS: Processos Organizacionais (Área da Saúde)	125
5.4.1 <i>Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais</i>	125
5.4.1.1 Descrição do texto.....	126
5.4.1.2 Categorização dos Dados.....	126
5.4.1.3 Análise textual	127
5.4.2 <i>Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais</i>	129
5.4.2.1 Descrição do texto.....	130
5.4.2.2 Categorização dos Dados.....	130
5.4.2.3 Análise textual	131
5.4.3 <i>Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais</i>	134
5.4.3.1 Descrição do texto.....	134
5.4.3.2 Categorização dos Dados	135
5.4.3.3 Análise textual	136
5.4.4 <i>Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais</i>	137
5.4.4.1 Descrição do texto.....	137
5.4.4.2 Categorização dos Dados.....	138
5.4.4.3 Análise textual	139

5.4.5 Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais.....	141
5.4.5.1 Descrição do texto.....	141
5.4.5.2 Categorização dos Dados.....	142
5.4.5.3 Análise textual	143
5.5 Disciplina Textos: Leitura e Interpretação (Área de Letras)	146
5.5.1 <i>Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação</i>	146
5.5.1.1 Descrição do texto.....	146
5.5.1.2 Categorização dos Dados.....	148
5.5.1.3 Análise textual	149
5.5.2 <i>Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação</i>	151
5.5.2.1 Descrição do texto.....	151
5.5.2.2 Categorização dos Dados.....	152
5.5.2.3 Análise textual	153
5.5.3 <i>Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação</i>	154
5.5.3.1 Descrição do texto.....	154
5.5.3.2 Categorização dos Dados.....	155
5.5.3.3 Análise textual	156
5.5.4 <i>Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação.....</i>	158
5.5.4.1 Descrição do texto.....	158
5.5.4.2 Categorização dos Dados	159
5.5.4.3 Análise textual	160
5.5.5 <i>Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação</i>	161
5.5.5.1 Descrição do texto.....	161
5.5.5.2 Categorização dos Dados.....	162
5.5.5.3 Análise textual	163
6. DISCUSSÃO GERAL DOS DADOS.....	165
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE.....	175
ANEXOS	176

1. INTRODUÇÃO

Para a sociedade, de um modo geral, tem sido um grande desafio se adaptar à nova realidade trazida pelas modernidades do século XXI. Vivemos constantemente ocupados, nossa rotina é permeada por um ritmo acelerado que envolve acúmulo de tarefas, sobrecarga de trabalhos, deveres, obrigações, compromissos que se multiplicam, tudo isso sob a regência severa de prazos e de horários notadamente arbitrários. Diante desse atribulado cenário, novas demandas começaram a aparecer, sobretudo quando se objetivava conciliar os múltiplos afazeres diários, aos estudos e à atualização profissional, atividades consideradas imprescindíveis nos dias de hoje. Todavia, é do senso comum que situações desfavoráveis, como a que se apresentava, quase sempre dão origem a grandes soluções e, nesse caso, não foi diferente. Isso porque a tecnologia começou a ganhar força exatamente nesse momento, contexto favorável que fez dela uma forte aliada à sociedade moderna, sobretudo, quando esta passou a ser utilizada em prol da educação. A partir daí, acentuaram-se as expectativas pela expansão do Ensino a Distância, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Fato é que as instituições educacionais começaram, cada vez mais, a abrir espaços para o ensino mediado pela internet, em função da sua acessibilidade.

Uma das provas de que a Educação a Distância (doravante EaD) chegou para ficar é que a LDB 9.394/96, e demais legislações subsequentes, oficializaram a possibilidade de ofertarem-se, no Brasil, cursos de graduação e de pós-graduação a distância. Tal medida recebeu apoio de representantes renomados na área da EaD, tais como o presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), Frederic M. Litto, que, em uma palestra por ele ministrada, no ano de 2008¹, afirmou: “a Educação a Distância é a ferramenta para o desenvolvimento”. Também Hermont (2011), na ocasião em que escreveu o artigo “Revisar materiais didáticos destinados à Educação a Distância” fez coro às palavras de Litto (2009) ao dizer:

Hoje, mais do que nunca, há a certeza de que a educação a distância é não só uma forma de ensino, bem como pode ser a mais democrática à medida que possibilita o acesso à educação a diversas pessoas que têm dificuldade de sair de casa e a outras que, por diversas situações, são impedidas de frequentar uma sala de aula. (HERMONT, 2011, p. 95).

Entretanto, como é comum, em toda proposta inovadora, surgirem questionamentos que precisam ser repensados, o advento da Educação a Distância no Brasil não fugiu a essa

¹ Palestra “A Nova Ecologia do Conhecimento – Recursos Educacionais Abertos”, ministrada em 5 de novembro de 2008, no Auditório do Sebrae Nacional, em Brasília.

regra. Isso porque, com a promulgação da LDB 9.394/96, que representou um marco importante para a educação brasileira, algumas demandas acabaram surgindo. E, uma delas, de cunho didático-pedagógico, acabou incitando pedagogos, especialistas da linguagem, professores e profissionais da educação de um modo geral. Afinal, como se estabeleceria a EaD no Brasil? Em que moldes se configuraria essa nova modalidade de Educação? Que tipo de linguagem deveria ser adotada no novo modelo educacional? E, sobretudo, um questionamento que, a nosso ver, é um dos mais pertinentes e que serviu, inclusive, como *input* para o desenvolvimento desta pesquisa: a que critérios os materiais didáticos voltados para essa modalidade de ensino deveriam estar em conformidade?

Diante desse contexto, apresentou-se uma necessidade premente de estabelecerem-se diretrizes e parâmetros que permeassem o processo de elaboração desses materiais de forma a atender às peculiaridades do ensino a distância. Esses procedimentos se mostraram necessários, pois, logo nos primeiros anos de ensino a distância, notou-se que o conteúdo didático voltado para essa modalidade de ensino demandava um planejamento e uma elaboração totalmente diversos do ensino presencial, visto que necessitavam estar pedagógica e linguisticamente adequados à mídia em que seriam veiculados.

A partir disso, uma das primeiras constatações que fizemos é que a preparação do material, nesse caso, deve ir muito além de uma organização textual, ainda que esta seja de fundamental relevância. Deve-se ter em mente o perfil de aluno com o qual se está lidando, a abordagem pedagógica adotada pela instituição de educação, a perspectiva didática assumida pelo docente, bem como os tipos de capacidades e de habilidades que se quer desenvolver no aluno.

Todos esses itens devem subjazer à elaboração do material didático. O que se coloca em questão, neste momento, é a implementação, que vem a ser a elaboração propriamente dita de tais materiais que serão disponibilizados aos alunos em espaços diversos do Ambiente Virtual de Aprendizagem. Deste modo, a elaboração do conteúdo didático voltado para a EaD deve considerar inúmeros aspectos, alguns dos quais foram aqui já delineados.

Neste trabalho, porém, vamos nos ater a apenas um desses aspectos, pois, a nosso ver, este merece especial destaque por ser considerado a espinha dorsal de todo e qualquer discurso². Estamos nos referido ao Fluxo da Informação (ou *informacional*), que, de acordo com a definição proposta por Hermont (1998), se traduz em:

² Sabemos que o termo “discurso” nos remete a várias noções. Neste trabalho, tomaremos o termo em seu sentido mais materializado e, por isso, será entendido como “texto”, especialmente na análise dos dados obtidos para fins da pesquisa.

O fluxo de informação é definido como o “empacotamento” da informação transmitida: isto é, como o falante/escritor usa informações já ditas no texto linguístico e aquelas que ainda não foram usadas. Assim, podemos verificar que, de um modo geral, os produtores de texto oral ou escrito ancoram uma novidade em alguma informação já conhecida do seu interlocutor. Este, por sua vez, pode também inferir o que não foi dito explicitamente de um dado contexto situacional ou textual. (HERMONT, 1998, p. 1)

Em outras palavras, o Fluxo Informacional é o responsável por organizar todas as informações presentes em um texto, de modo a torná-lo comprehensível. Essas informações, por sua vez, se dividem em: *novas* (aqueles que aparecem pela primeira vez no texto), *inferíveis* (aqueles que estão presentes no texto, mas não de modo explícito) e *velhas* (aqueles que já foram mencionadas textualmente).

Com base no exposto, o Fluxo da Informação é por nós entendido como um dos aspectos primordiais a ser considerado no processo de elaboração de materiais didáticos voltados para a EaD. Isso porque o estabelecimento da cadeia semântica passa, obrigatoriamente, pela organização das informações presentes no discurso e, conforme vimos no parágrafo anterior, é justamente em torno do Fluxo Informacional que essa organização se dá. A importância, então, de se constituir um Fluxo Informacional que prime pela preservação de aspectos semânticos é grande e torna-se ainda maior, se considerarmos a função primeira do material didático, na Educação a Distância, que é a de servir de mediador entre professor e aluno.

Desse modo, nesta dissertação, buscaremos respostas para algumas questões, tais como: como se constitui o Fluxo Informacional nos materiais didáticos voltados para a EaD? De que modo o professor organiza esse fluxo nos textos que produz? Esse professor consegue organizar o Fluxo Informacional, propiciando a relação informação *nova*, *velha* e *inferível*? Em que medida a preservação, ou não, de uma continuidade nesse Fluxo Informacional poderia influenciar a função mediadora desempenhada pelos materiais didáticos voltados para a EaD, no processo de ensino e de aprendizagem?

A justificativa para investigação desse tema partiu, em primeiro lugar, de nosso interesse pela modalidade virtual de ensino e, depois, de nossas reflexões acerca de estudos, como os que apresentaremos a seguir, que revelaram a necessidade de se dispensar um tratamento diferenciado aos materiais didáticos voltados para a Educação a Distância.

É de senso comum que a interação é a base fundamentadora de toda e qualquer relação de ensino e de aprendizagem, tanto que Vygotsky (1987 *apud* Martins 1997), um expoente da corrente sociointeracionista, refletiu sobre sua importância no cenário educacional:

Quando nos referimos à negociação, estamos valorizando as trocas entre os parceiros em sala de aula, pois é nas interações que tanto o conceito científico pode ser mais detalhado pelo professor, pois passa a ser mais discutido em um processo descendente, quanto os conceitos mais cotidianos dos alunos passam a ser enriquecidos e tomam um caminho mais ascendente, pois são ampliados pelo conhecimento científico, elaborado historicamente. (VYGOTSKY 1987, *apud* MARTINS 1997, p. 115).

Também Summers *apud* Parker (1999, p. 13-17) vem para reforçar as reflexões de Vygotsky (1987) acerca da interação, ao asseverar que, “sem interação, o ensino torna-se simplesmente o ato de passar um conteúdo como se esse fosse um dogma; é como se não houvesse a possibilidade de discussão acerca dos temas tratados e os alunos tivessem de aceitá-los sem reflexão”.

Se a interação, como vimos, ocupa papel de destaque nas relações de ensino e de aprendizagem, sua relevância tende a se acentuar, quando o assunto é Educação a Distância. Sobre isso, Santos (2003) enfatiza:

Não basta apenas criar um *site* e disponibilizá-lo no ciberespaço. Por mais que o mesmo seja hipertextual³, é necessário que seja interativo. É a interatividade com o conteúdo e com seus autores que faz um *site* ou *software* se constituírem como um Ambiente Virtual de Aprendizagem. (SANTOS, 2003, p. 9).

As ponderações de Santos (2003) nos levam, de fato, a refletir sobre a questão da interatividade, visto que, no ensino a distância, a relação entre os sujeitos envolvidos é assíncrona e a mediação de todo processo interativo se dá via tecnologia. Diante disso, o tema começa a ganhar outros contornos, e esses são colocados em voga por Arcoverde e Cabral (2004) ao ponderarem que “a obrigação do uso da máquina como mediador dessa interação pode gerar um desconforto para o aluno *online*, à medida que se impõe uma distância física inevitável entre os participantes da interação verbal”.

Mas, se por um lado Arcoverde e Cabral (2004) nos apresentam uma situação de alerta, por outro, elas enxergam uma possível solução ao sugerirem que “a linguagem constitui uma estratégia de atenuação dessa distância e pode beneficiar a interação em um curso *online*”.

A esse respeito, algo que não podemos deixar de considerar é que, em cursos à distância, mediados por computador, a comunicação se faz essencialmente por textos escritos. Nesse sentido, o profissional da educação precisa levar em conta a necessidade de utilizar a

³ Espaço que abriga uma sequência de textos e que permite a remissão para outra localização (documento, ficheiro, página da Internet, etc.).

linguagem de forma estratégica, visando a produzir sentidos e a propiciar o envolvimento do estudante em seu processo de aprendizagem.

Desse modo, o docente, ao se constituir como um professor da Educação a Distância, pode e deve estabelecer estratégias de proximidade que melhor propiciem o envolvimento do aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem, pois o processo de compreensão do aprendiz é resultado do modo como ele lida e interpreta as ações do professor.

Todas essas explanações nos levam a refletir sobre a responsabilidade que é necessária quando da elaboração de materiais didáticos destinados à Educação a Distância, visto que ele é o principal mediador entre professor e aluno no processo de ensino e de aprendizagem. Contribuindo com essa visão, apresentamos uma reflexão do pesquisador na área de produção de conteúdos para a EaD, João José Saraiva da Fonseca (2009), que assinala:

O material didático é um elemento fundamental na Educação a Distância. Nessa modalidade de ensino, o aluno não vai estar fisicamente face a face com o professor e com os demais colegas de curso. Mas, apesar da distância física, não pode deixar de existir o diálogo permanente entre o aluno e o professor. **O material didático é o instrumento para esse diálogo.** O êxito do curso dependerá da qualidade da comunicação que se estabelece entre a instituição que promove o curso e o aluno, através do material didático⁴. (FONSECA, 2009, p. 1) (Destaques nossos).

Como se vê, os materiais didáticos, sobretudo na modalidade virtual de ensino, funcionam como uma espécie de porta-voz do professor. É por meio dele que todo o conteúdo teórico será repassado ao aluno.

Diante do exposto, o estudo do Fluxo da Informação em materiais didáticos destinados à Educação a Distância justifica-se, primeiro e, de modo mais genérico, pela contribuição que esse tipo de pesquisa pode trazer à seara educacional; e, segundo, de modo mais específico, pela contribuição aos que acreditam e trabalham em prol da expansão do ensino mediado pelas mídias.

Em segundo plano, tal estudo torna-se pertinente, à medida que identificará estratégias textuais e discursivas que assegurem a qualidade linguística, metodológica e conceitual dos materiais didáticos disponibilizados nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Uma vez justificada a escolha do tema, seguem abaixo listados, os objetivos - gerais e específicos – que buscaremos atingir nesta pesquisa:

⁴ Disponível em: <http://www.slideshare.net/joaojosefonseca/material-didatico-ead>. Acesso em 05 de março de 2012.

Objetivo Geral

- ✓ Verificar como o Fluxo da Informação é constituído em materiais didáticos produzidos por professores de uma instituição de Educação a Distância, a UNAB/MG.

Objetivos Específicos

- ✓ Verificar se o docente consegue organizar o texto, propiciando a relação das informações *nova*, *velha* e *inferível*.
- ✓ Verificar, em que medida a (*des*)continuidade do Fluxo da Informação pode interferir na construção de sentidos e, consequentemente, no papel prestado pelos materiais didáticos voltados para a Educação a Distância, que é o de servir de mediador entre professor e aluno.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi a seguinte: primeiramente selecionamos os textos para compor o nosso *corpus*. A partir deles, elegemos um elemento linguístico para nos servir de referente no momento das análises. Feito isso, esses referentes foram classificados de acordo com as categorias do Fluxo Informacional, propostas na taxonomia por nós criada. Em seguida, esses dados foram tabulados quantitativamente e, com base neles, procedemos à análise dos textos. Todos esses processos serão explicados mais detalhadamente no capítulo destinado à metodologia.

Para finalizar esta parte introdutória, cabe dizer que nossa dissertação foi estruturada da seguinte forma: no capítulo 2, apresentaremos o universo que cerca o tema em estudo, a saber: a Educação a Distância e sua história, o Ambiente Virtual de Aprendizagem e suas características, a escolha da instituição de Ensino que abriu suas portas para realização desta pesquisa. No capítulo 3, apresentaremos o arcabouço teórico que fundamentará este trabalho e, em seguida, no capítulo 4, a metodologia que será adotada para fins da pesquisa implementada. Depois, no capítulo 5, apresentaremos os dados desta pesquisa e o nosso parecer crítico sobre cada um dos textos analisados. Em seguida, no capítulo 6, faremos uma discussão geral dos resultados e, no capítulo 7, finalmente, concluiremos esta dissertação traçando nossas considerações finais.

2. UNIVERSO QUE CERCA O TEMA EM ESTUDO

Neste capítulo conhiceremos um pouco da história da Educação a Distância, tanto no Brasil, quanto no mundo; teceremos algumas considerações acerca dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem; explicitaremos como se deu a nossa busca pela instituição de ensino que abriria as portas para realização desta pesquisa e, por fim, refletiremos sobre a atuação dessa instituição no cenário educacional.

2.1 Educação a Distância e sua história

De acordo com um estudo realizado no ano 2000, pela Prof^a. Viviane Bernardo – pesquisadora do Departamento de Informática e Saúde da UNIFESP⁵, a Educação a Distância tem uma longa história de sucessos e fracassos. Sua origem está nas experiências de educação por correspondência iniciadas no final do século XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do século XIX (chegando atualmente a utilizar várias mídias, desde o material impresso a simuladores *online* com grande interação entre o aluno e o centro produtor, quer fazendo uso de inteligência artificial, quer fazendo uso de comunicação síncrona entre professores e alunos).

Hoje, mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam a educação a distância em todos os níveis de ensino, em programas formais e não-formais, atendendo a milhões de estudantes.

No Brasil, desde a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939, e depois do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, várias experiências foram iniciadas e levadas a termo com relativo sucesso. Nosso Governo criou leis e estabeleceu normas para a modalidade de educação a distância em nosso país. As experiências brasileiras, governamentais e privadas foram muitas e representaram, nas últimas décadas, a mobilização de grandes contingentes de recursos.

De acordo com a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), só no Brasil, o número de alunos no ensino credenciado a distância cresceu 54% em 2006, e já chegou a 778 mil pessoas⁶.

Que a Educação a Distância vem ganhando destaque e conquistando espaço no Brasil e no mundo, já é sabido, mas, diante dessa nova modalidade de ensino que chegou para

⁵ UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo. Dados disponíveis em: <http://www.virtual.epm.br/home/resenha.htm>. Acessado em 31 de agosto de 2011.

⁶ In: http://www2.abed.org.br/noticia.asp?Noticia_ID=275. Acessado em 31 de agosto de 2011.

agregar valores ao universo educacional, surge uma pergunta: o que vem a ser, enfim, Educação a Distância?

A busca por essa resposta nos levou a um considerável número de definições possíveis para o tema. No entanto, como não é nossa intenção polemizar essa questão, achamos por bem trazer para esta dissertação a definição proposta pela legislação educacional brasileira, onde se lê:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação⁷. (Decreto nº. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998).

Ao admitirmos que a EaD possibilita a autoaprendizagem, somos levados a diversos questionamentos, dentre esses: como ocorre o processo de ensino e de aprendizagem em ambientes virtuais? De que maneira se dá essa organização sistemática dos recursos didáticos? Que estratégias são responsáveis por viabilizar o aprendizado autônomo dos alunos dessa modalidade de ensino? Que aspectos são considerados imprescindíveis aos materiais didáticos destinados a essa modalidade de ensino?

Para começarmos a refletir sobre tais questionamentos, entendemos que será preciso concentrar nossas atenções em uma das etapas mais importantes do processo de ensino e de aprendizagem, isto é, o momento em que o professor planeja, produz e organiza os conteúdos. O que se coloca em questão, aqui, é a implementação, que vem a ser a elaboração propriamente dita dos materiais que serão disponibilizados aos alunos em espaços diversos do Ambiente Virtual de Aprendizagem.

E por falar em Ambiente Virtual de Aprendizagem, ou simplesmente AVA, como comumente é chamado, dedicamos a seção seguinte deste trabalho para falar a respeito desse espaço fundamental em todo curso e/ou disciplina virtual.

2.2 Como caracterizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem?

De um modo geral, o Ambiente Virtual de Aprendizagem, conforme o próprio nome sugere, é o espaço onde ocorre todo o processo de ensino e de aprendizagem. Já em termos metafóricos, podemos entendê-lo como uma espécie de ‘oficina’, em função da carga

⁷ Definição que consta no Decreto nº. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta o art. 80 da LDB lei nº. 9.394/96.

semântica que traz essa palavra. Isso porque a pesquisa de seu significado em dois dicionários de Língua Portuguesa deu as seguintes definições: ‘*lugar onde trabalham oficiais e aprendizes de algum ofício [...]*’ (MICHAELIS ONLINE) e ‘*lugar onde se dão grandes transformações*’ (GLOBO, 1999).

As definições nos chamaram a atenção, pois, como se sabe, em toda e qualquer oficina existem inúmeras ferramentas disponíveis, não só para o profissional exercer a sua atividade, mas, sobretudo, para viabilizar a construção do conhecimento por parte dos aprendizes. Nota-se que, no Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, o processo é semelhante. Analogicamente falando, o aluno, ou aprendiz, que tem a seu dispor aparato tecnológico suficiente para construir o seu aprendizado, seja no AVA, seja em uma oficina, passa, primeiramente, a observar, analisar, questionar e a avaliar tudo o que está a sua volta. Em um segundo momento, quando esse indivíduo – aluno/aprendiz – já se sente mais à vontade e inteirado do ambiente que o cerca – AVA/oficina – , ele começa a se envolver e a participar de forma efetiva, seja questionando, seja interagindo com seu mestre/professor, seja opinando, seja intervindo na produção de seus pares. A nosso ver, é nesse momento em que ocorre a transformação sugerida pelo Dicionário Globo, pois, ao chegar nesse ponto, o aluno/aprendiz vai conquistando autonomia, conhecimento, experiência e ousadia para, enfim, construir sozinho o seu próprio aprendizado.

E é assim, sob uma óptica construtivista, que propõe ao sujeito uma participação ativa no processo de autoaprendizagem por parte do aluno/aprendiz, mediante experimentação, pesquisa em grupo, estímulo à dúvida, desenvolvimento de raciocínio, entre outros procedimentos, que concebemos o Ambiente Virtual de Aprendizagem.

A seguir narraremos como se deu nossa busca por uma instituição que estivesse disposta a contribuir com esta pesquisa, dando-nos acesso aos dados que comporiam o nosso *corpus*.

2.3 A escolha da Instituição

Para que este estudo se concretizasse, foi preciso que uma instituição educacional, que ofertasse o ensino a distância, abrisse suas portas para a coleta de dados que comporia o *corpus* desta pesquisa. Em nossa procura, um critério importante foi estabelecido:

buscaríamos por instituições notadamente reconhecidas no Estado de Minas Gerais e cuja credibilidade fosse inquestionável no que tange, sobretudo, ao ensino à distância.

Nossa busca resultou, enfim, em um saldo positivo. Isso porque obtivemos, por parte de uma renomada universidade privada de Minas Gerais, com experiência no ensino a distância há mais de uma década, autorização para desenvolver nossa pesquisa, que veio por meio de uma liberação de acesso a seu banco de dados. As únicas ressalvas que foram feitas por tal instituição, era que, além de seu nome, preservássemos, também, o nome das disciplinas e dos docentes por ela responsáveis. Julgamos pertinentes tais imposições e, no intuito de atendê-las, elegemos nomes fictícios tanto para as disciplinas e docentes responsáveis pelos materiais didáticos alvos de nossa análise, quanto para a instituição cedente. Por essa razão, a partir de agora, passaremos a chamá-la de Universidade Aberta de Minas Gerais, ou simplesmente, UNAB/MG, em referência a uma das primeiras instituições de ensino do mundo, a oferecer o ensino à distância, a *Open University*⁸.

Na seção seguinte conheceremos um pouco mais sobre o histórico da instituição que, ao abrir suas ‘portas virtuais’, tornou viável o desenvolvimento desta pesquisa.

2.3.1 Universidade Aberta de Minas Gerais (UNAB/MG)

Criada em 4 de agosto de 2000, a Diretoria de Ensino a Distância da Universidade Aberta de Minas Gerais – UNAB/MG assume publicamente a missão de ser um setor de suporte, pedagógico e tecnológico, aos projetos de educação a distância. Também assume o compromisso de constituir uma equipe multidisciplinar composta por profissionais especializados em mídias e informática, por pedagogos, comunicadores, especialistas em Educação a Distância, educadores com larga e sólida experiência em ensino superior, além do indispensável corpo técnico-administrativo.

Desde o seu início, a UNAB/MG vem buscando, ainda, inteirar-se da modalidade virtual de educação, tanto no Brasil, quanto no exterior. O que se espera, a partir desses estudos, é que sejam propostos cursos que atendam às demandas sociais e do mercado de trabalho, pois a instituição está convicta de que esse é um processo importante e irreversível de flexibilização e democratização do ensino.

Seu compromisso com a educação compreende, dentre outros: oferecer educação de qualidade a quem dela necessite, sem a barreira de tempo e de espaço; buscar, sempre, formas

⁸ Dados disponíveis em: <http://www8.open.ac.uk/about/main/the-ou-explained/history-the-ou>. Acesso em 23 de julho de 2012.

cada vez mais adequadas de interação pela linguagem; adaptar os conteúdos à linguagem pedagógica exigida pelas mídias e explorar amplamente a flexibilidade da EaD em favor do aluno.

Fechando este capítulo, em que foram apresentadas algumas informações inerentes ao universo que abriga o tema em estudo, o próximo passo a ser dado é expor os motivos que nos levaram à escolha do tema, bem como apresentar os objetivos que servirão de fio condutor desta pesquisa. É o que será feito no capítulo seguinte.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo dedica-se à apresentação do arcabouço teórico de nossa pesquisa. Os temas que aqui serão explanados dizem respeito à Teoria Funcionalista; ao Fluxo da Informação; aos processos subjacentes à leitura; à Teoria dos Atos de Fala; ao Referente; à Referenciação e, por último, à Progressão Textual.

3.1 Teoria Funcionalista

Nesta seção conheceremos um pouco da história do Funcionalismo, importante corrente linguística da seara educacional.

3.1.1 A essência do funcionalismo

Antes de falar sobre sua história, ou mesmo de dar início à explanação sobre os pilares que sustentam a Teoria Funcionalista, achamos por bem inaugurar esta seção, dedicando-nos a compreender a origem de seu nome. Comecemos, portanto, com uma pergunta: o que, afinal, significa a palavra ‘função’?

Em meio às nossas leituras, descobrimos que o termo função apresenta uma variedade de empregos. A Sociedade Internacional de Linguística Funcional – SILF – assume o valor de ‘papel’ ou de ‘utilidade de um objeto ou de um comportamento’.

Para Martinet (1994, p. 13) que, de acordo com Neves (2005), foi o fundador da SILF, o termo funcional só tem sentido para os linguistas “em referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns com os outros”. Por isso, na linguística, usa-se ‘função’ no sentido de relação. Já Nichols (1984) afirma que ‘grande parte das obras funcionalistas usa ‘função’ apenas nos sentidos de propósito e de contexto, e não distingue entre os dois’ (*op. cit.*, p. 101). Danes (1987, p. 4-5), por sua vez, mostra que a maioria dos autores da Escola Linguística de Praga (ELP) usou o termo *função* no sentido de ‘tarefas’ que a linguagem ou seus componentes desempenham, ou o ‘propósito’ ao qual eles servem. Em contrapartida, para Halliday (1976, p. 104), a noção de ‘função’ não se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados. Por fim, Jakobson (1969) defende que, em cada mensagem, se incorpora um ‘feixe’ de seis funções da

linguagem, quais sejam: função referencial, função emotiva, função conativa, função fática, função metalinguística e função poética. Entre os seis fatores envolvidos no processo de comunicação, um é destacado num determinado enunciado, outro é enfatizado noutro enunciado, e assim por diante, configurando-se, pois, em cada mensagem, a existência de uma função primária e outras secundárias, isto é, uma hierarquia de funções.

Como se vê, muitas são as hipóteses conceituais, que giram em torno do termo *função*. A visão, porém, defendida por Jakobson (1969), parece-nos a mais abrangente. Além disso, também enxergamos nela contornos que, conforme mostraremos mais adiante, se identificam com a Teoria dos Atos de Fala, uma das abordagens teóricas que traremos nesta pesquisa. Ademais, a hipótese levantada pelo autor também nos oferece elementos que vão ao encontro de questões semânticas, aspecto linguístico fundamental para o estabelecimento do Fluxo da Informação, que, como se sabe, é tema de nossa dissertação. Desse modo e, baseados nas razões que acabamos de elencar, a visão defendida por Jakobson (1969) acerca do termo ‘função’ será a que também abraçaremos neste trabalho.

A seguir, traçaremos um breve panorama histórico da abordagem funcionalista, ocasião em que também serão apresentadas algumas de suas frentes de pesquisa e em que revelaremos quem são/foram seus representantes de destaque no Brasil e no mundo.

3.1.2 O Funcionalismo e sua história

Estudos revelam que o Funcionalismo surgiu por volta do século XIX, a partir das reflexões do Círculo Linguístico de Praga.

O funcionalismo representou uma grande contribuição para o estudo da linguística à medida que formulou novos postulados teóricos e uma nova metodologia. O funcionalismo constituiu-se como um modo de pensamento e um modo de analisar a linguagem em suas relações com o mundo. Os adeptos dessa corrente concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. (MAIA, 2006).

Defende-se que o funcionalismo nasceu no Círculo Linguístico de Praga, pois, já naquela época, os integrantes dessa escola concebiam a linguagem como um sistema de comunicação articulada, visto que se preocupavam com seus usos e funções e rejeitavam as barreiras intransponíveis entre diacronia e sincronia. Nessa medida, preconizava-se a relação dialética entre sistema e uso.

Segundo Neves (2005, p. 17), essa escola era formada por um grupo bastante amplo de pesquisadores, sobretudo europeus, que começaram a atuar antes de 1930. Para esses pesquisadores, a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralingüística, visto que as frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo em que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico.

A abordagem da Escola de Praga é caracterizada como um estruturalismo funcional; é do domínio comum a afirmação das *Thèses* do Círculo Linguístico de Praga de que a língua é um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional, conforme afirma Neves (2005, p. 17).

Na realidade, embora o conceito de funcionalismo em linguística esteja indubitavelmente ligado à Escola Linguística de Praga, várias outras abordagens “funcionais” surgiram no Ocidente e no Oriente, e o funcionalismo tomou, depois, vida própria e independente.

Em uma de suas mais importantes obras, “*A Gramática Funcional*”, Neves (2005) cita alguns representantes funcionalistas que ganharam destaque no mundo. Dentre eles, está Gebruers (1987, p. 129), que sugere que o que caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional – bem como pela Escola de Praga – é o fato de não separar o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher; e Givón (1984), que, em concordância com o primeiro, assegura que a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, ao invés disso, deve ser encarada como um sistema interacional. Este último defende, ainda, que o postulado da não-autonomia é consenso entre todos os funcionalistas.

Ainda, como representantes funcionalistas de destaque, não podemos deixar de citar nomes como os de Halliday (1976) e Dik (1978), pois ambos concordam com a ideia de que linguagem serve, dentre outros, a propósitos interacionais. Eles, como os linguistas de Praga, buscam construir a teoria no interior do próprio sistema, o que revela, fundamentalmente, uma consideração funcional da própria natureza da linguagem.

Em meio a tantas teorias difundidas por estudiosos funcionalistas, uma que nos chamou a atenção foi defendida por Nichols (1984 *apud* Neves, 1997, p. 55), que sugere a existência de três tipos de funcionalismo, quais sejam: (i) *O funcionalismo conservador*: que aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. Tem como representante de destaque: Sasamu Kuno (1987). (ii) *O funcionalismo moderado*: que não apenas aponta as inadequações do formalismo e do estruturalismo, mas

vai além, ao propor uma análise funcionalista da estrutura. Tem como representantes de destaque: Dik (1978), Halliday (1976), Givón (1984) e Van Valin (1977). (iii) *O funcionalismo extremado*: que nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas. Tem como representantes de destaque: Sandra Thompson (1987), Paul Hopper (1987), Érica Garcia (1979).

Resumindo: o *funcionalismo conservador* é o que enfatiza a inadequação do modelo formalista (o qual compreende tanto o estruturalismo quanto o gerativismo), sem, contudo, propor uma análise própria e, supostamente, mais pertinente. O *funcionalismo moderado*, embora defende que a noção de estrutura é central para o entendimento das línguas naturais, é o que admite a inadequação do modelo engessado de estruturalismo proposto pelos formalistas. Esse modelo sugere alternativas funcionalistas para a análise e reconhece a importância da semântica e da pragmática para a análise da estrutura linguística. O *funcionalismo extremado*, por fim, é aquele que nega o caráter arbitrário da concepção saussuriana da linguagem como um sistema estrutural e defende que a gramática pode ser reduzida ao discurso.

No Brasil, alguns dos pioneiros defensores do funcionalismo, são: Evanildo Bechara (1991), Rafael Hoyos-Andrade (1982) e Rodolfo Ilari (1986), sendo que este último se destaca, pela consideração que demonstrou ter pela Escola Linguística de Praga, em sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Campinas em 1975. Em meio a tantos estudiosos do funcionalismo, Neves (1999) também destaca o nome de Ataliba T. de Castilho, que, embora sem invocar uma linha específica dentro do funcionalismo, trabalha, desde os primeiros estudos, dentro da consideração de uma interface entre a sintaxe, a semântica e a pragmática, visão que está na base de qualquer teoria funcionalista.

Neves (1999) afirma existir, ainda, “alguns grupos de pesquisa organizados trabalhando com a teoria funcionalista. A multiplicidade de orientações que caracteriza a visão funcionalista da linguagem se reflete no cenário brasileiro, onde múltiplos são os interesses dos que se autointitulam funcionalistas”.

As reflexões de estudiosos funcionalistas, apresentadas nesta seção, servem para fortalecer a premissa de que o funcionalismo está diretamente ligado, como a própria semântica do nome sugere, a algo que é funcional, isto é, que tem alguma função específica, a depender do contexto. Trataremos mais detalhadamente sobre essa questão na seção seguinte, quando os principais postulados teóricos da Teoria Funcionalista serão explicitados.

3.1.3 Pressupostos Teóricos da Teoria Funcionalista

Nada mais conveniente que inaugurar esta seção apresentando os pilares que sustentam a Teoria Funcionalista, antes, porém, vale lembrar que o foco deste trabalho será a análise do Fluxo da Informação nos materiais didáticos voltados para a EaD. E é exatamente nesse ponto que entra a teoria em questão, uma vez que nossa linha de pesquisa será conduzida sob o viés da abordagem funcionalista da língua.

Sabemos que, em algumas outras correntes linguísticas, também encontraríamos aparato teórico capaz de sustentar este estudo. Contudo, optamos por adotar o funcionalismo, por considerá-lo mais adequado ao tema em análise, a julgar por seu caráter interacional impresso na noção de língua que concebe:

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação e postula que esta não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística. Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo⁹. (MODESTO, 2006, p. 1)

Em outras palavras, o que se pode apreender, com base na citação apresentada, é que, para o funcionalismo, não é o léxico, organizado em torno de uma estrutura, que arbitrariamente determina os sentidos oriundos de situações comunicativas diversas. Ao invés disso, o funcionalismo atribui a responsabilidade de imprimir esses sentidos, sobretudo, aos aspectos que perpassam esse evento de comunicação, tais como, o propósito do evento da fala, os participantes envolvidos na cena comunicativa e o contexto discursivo em vigor no episódio comunicacional.

Para contribuir com o que foi dito, trazemos à discussão o excerto de Halliday (1976), representante de destaque do cenário funcionalista, quando este postula que “o sistema linguístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso*, ou seja, os registros distinguem-se de acordo com o campo do discurso (o assunto), o modo do discurso (o papel desempenhado pela atividade linguística numa situação) e o estilo do discurso (as relações entre os participantes do discurso)”.

Resumindo, na abordagem funcionalista, a língua não é concebida como um sistema fechado, estanque, mas, sim, como uma ferramenta de comunicação dinâmica, maleável e

⁹ Disponível em: <http://www.letramagna.com/Abordagens.pdf>. Acesso em 04 de março de 2012.

interativa e os possíveis sentidos dela provenientes serão determinados pela situação comunicativa em que esta estiver inserida.

Uma vez explanada a concepção de língua adotada pela corrente funcionalista, caberia, neste momento, apresentar o conceito abarcado pelo termo *funcionalismo*, contudo, como diria Maria Helena de Moura Neves (2005),

caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quantos linguistas que se chamam funcionalistas, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitaram o formalismo até os que criam uma teoria. A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes. (NEVES, 2004, p. 1).

Observando o exposto, poderíamos nos considerar diante de um grande desafio. Todavia, algo que apuramos, ao longo de nossas investigações, é que, embora haja pontos de divergência entre os diversos conceitos encontrados acerca do termo *funcionalismo*, esses acabam se convergindo ao admitirem que, de um modo geral, o funcionalismo se dedica ao estudo da língua em interação, tanto que Givón (1984) afirma ser a linguagem “um instrumento de interação social usado na comunicação humana”.

Assim, diferentemente do gerativismo e do estruturalismo, cujo foco principal de investigação é a estrutura gramatical da língua, o funcionalismo se preocupa não só com essa estrutura, mas, sobretudo, com as relações que a língua estabelece com os diversos contextos comunicativos em que tal estrutura é empregada. Assim, ao se contraporem às teorias formais defendidas por Saussure (estruturalismo) e Chomsky (gerativismo), os defensores da corrente funcional deram à luz um novo paradigma teórico: o funcionalismo.

Desse modo, a língua, falada ou escrita, sendo fruto de uma interação produzida em situações reais de comunicação é que constituirá o objeto de estudo da corrente funcionalista.

Fundamentado nesse viés interativo, podemos dizer que o interesse de toda e qualquer abordagem funcionalista reside em verificar como se dá a comunicação entre os usuários de uma língua natural. Preocupa-se, primordialmente, com a competência comunicativa, isto é, em saber como os falantes de uma determinada língua a utilizam de modo efetivo no ato comunicacional.

Vale dizer que o caráter interacional da língua, amplamente defendido pelo funcionalismo vai diretamente ao encontro, de nossa proposta de pesquisa, que, como se sabe,

consiste em investigar como o Fluxo da Informação se constitui em materiais didáticos voltados para a Educação a Distância.

O Fluxo da Informação, conforme veremos a seguir, pode ser considerado o alicerce que sustenta todas as ideias presentes em um discurso. Sendo assim, uma boa constituição desse fluxo é o que garantirá que tais ideias sejam organizadas no texto, de modo a torná-lo claro, compreensível e, consequentemente, interativo, característica esta considerada fundamental quando o assunto são textos didáticos, sobretudo, os voltados para a EaD.

3.2 O que pode ser entendido por Fluxo da Informação?

Metaoricamente falando, o Fluxo da Informação, ou Fluxo Informacional, funciona, em nosso entendimento, como uma espécie de ‘espinha dorsal’ de todo e qualquer discurso, oral ou escrito. Isso porque, é em torno dele que as informações contidas nesse discurso se estruturam e são organizadas de modo a produzir sentido. Essas informações, de acordo com as teorias que versam sobre o Fluxo Informacional, se dividem em: **novas, inferíveis e velhas (ou dadas)**. Explicitaremos cada uma delas a seguir:

- **Novas:** são aquelas informações recém-inseridas no texto, isto é, que aparecem pela primeira vez no discurso.
- **Inferíveis:** são aquelas informações que, ainda que não tenham sido mencionadas anteriormente no discurso, pressupõe-se que possam ser reconhecidas pelo ouvinte/leitor, pelo fato de estarem presentes, de forma subentendida, nas entrelinhas do texto.
- **Velhas (ou dadas):** como o próprio nome já diz, têm a ver com as informações já citadas (dadas) no discurso e que podem ser retomadas por mecanismos anafóricos, como recepção, definitivização (por meio de artigo definido), pronominalização, substituição lexical e até mesmo por advérbios, conhecidos como advérbios pronominais.

Essa categorização das informações em *novas, inferíveis e velhas*, quando associadas a um determinado referente (aqui entendido como todo e qualquer elemento sentencial presente

no discurso, podendo ser este um SN (sintagma nominal), um SV (sintagma verbal), um advérbio, etc.), formam o que até aqui temos chamado de Fluxo da Informação.

Dentre as teorias encontradas que versam sobre o tema, podemos citar os estudos desenvolvidos por Halliday (1967), Ellen Prince (1981), Wallace Chafe (1976) e Edair Gorski (1985), teóricos de destaque que se dedicaram ao estudo do tema.

Na próxima seção, apresentaremos as hipóteses defendidas por cada um desses autores, a fim de dar embasamento teórico à nossa pesquisa. Ao término da exposição, faremos uma reflexão crítica acerca de cada modelo e só então decidiremos qual deles será adotado na análise dos dados desta dissertação.

3.2.1 Trajetória de estudos sobre o Fluxo da Informação

Gostaríamos de ressaltar, primeiramente, que alguns teóricos, como Prince (1981), ao se referirem às informações contidas no discurso, trabalham com a expressão ‘entidade’, enquanto outros, como Gorski (1985), preferem trabalhar com a noção de ‘referente’. Há ainda os que preferem usar o termo ‘peça de informações’, como é o caso de Halliday (1967), e ainda outros, com a noção de ‘entidade linguística’. Todavia, todas essas categorias são apenas nomenclaturas distintas, mas todas remetem a elementos representados no contexto discursivo.

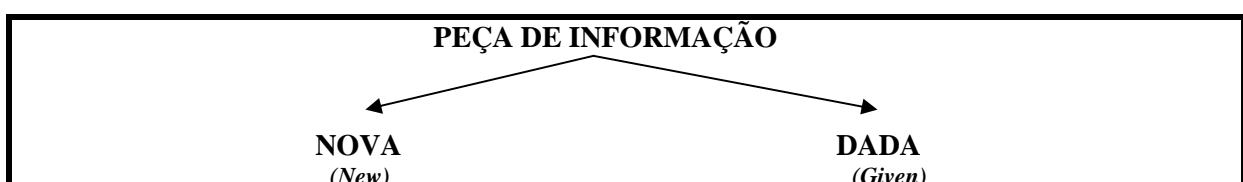
A seguir, veremos a divisão categórica dos elementos linguísticos, proposta por cada um dos principais autores que se dedicaram ao estudo do Fluxo da Informação.

3.2.1.1 Fluxo da Informação segundo Michael Halliday (1967)

Comecemos, portanto, com a abordagem de Halliday (1967), que foi um dos precursores dos estudos sobre o assunto.

Tal autor conceitua a linguagem de forma articulada. Ele chama os elementos do discurso de ‘peças de informações’ e os divide em: novas e dadas.

Quadro 1 – Taxonomia do FI segundo Halliday (1967)



Fonte: Elaborado pela autora

Onde:

NOVA (*New*): refere-se a uma peça de informação não recuperável.

DADA (*Given*): refere-se a uma peça de informação recuperável.

Na taxonomia proposta por Halliday (1967), talvez por ter sido uma das primeiras ligadas ao estudo do tema, o Fluxo da Informação é dividido em apenas duas grandes categorias. Assim, não se observa, nela, uma categoria intermediária, que, a nosso ver, é indispensável ao entendimento do Fluxo da Informação, bem como para a construção de sentidos na esfera discursiva. Prova disso é o exemplo que apresentamos abaixo, retirado do próprio *corpus* desta pesquisa. Vejamos:

Ex.: *No fórum de discussões* ₁ *conto com a participação de todos*, ₂ *pois o mesmo* ₃ *será pontuado.*

No caso do exemplo acima e, de acordo com a taxonomia proposta por Halliday (1967), poderíamos classificar a peça de informação (1) - usando o termo do próprio autor – como ‘nova’, por se tratar de uma informação que aparece pela primeira vez no discurso. Já a peça de informação (3) poderia ser categorizada como ‘velha’, pois se trata de um termo que faz referência a uma peça da informação já citada textualmente. Contudo, como ficaria a classificação da peça de informação número (2), considerando que ela está nitidamente ancorada em outro elemento, provavelmente já citado no discurso, que aqui pressupomos, via inferência, ser ‘os alunos’?

Como se vê, a presença do nível intermediário faz-se necessária em casos como o que acabamos de apresentar. Contudo, como a taxonomia de Halliday (1967) não pressupõe tal categoria, optamos por não utilizar o modelo proposto pelo autor para classificação e análise dos dados desta pesquisa.

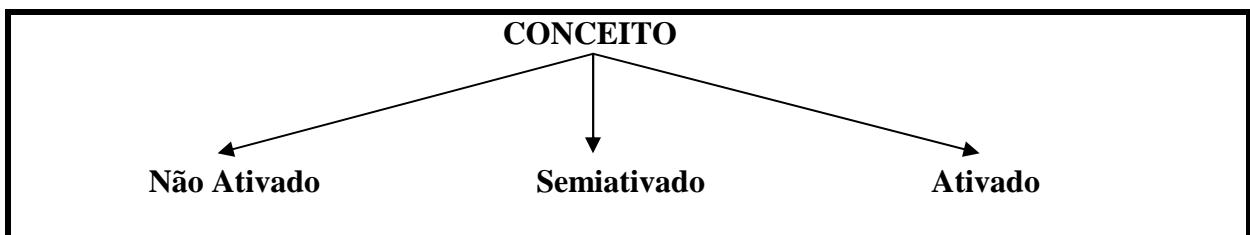
3.2.1.2 Fluxo da Informação segundo Wallace Chafe (1976)

No trabalho realizado por Chafe (1976), o Fluxo Informacional é visto na perspectiva do que está na consciência do falante/ouvinte no momento do discurso.

Em relação à constituição do Fluxo Informacional, Chafe (1976), numa perspectiva mais cognitivista, associa as noções de *dado* e *novo*, aos estados *ativado* e *não-ativado* na consciência dos interlocutores. Ele também considera um nível intermediário de ativação, o das categorias *acessíveis* ou *semi-ativadas*, que corresponderia à categoria dos referentes inferíveis, na classificação de Gorski (1985) e Prince (1981), por exemplo. (LÉ, 2009, p. 1).

Chafe (1976), diferentemente dos outros autores, não trabalha com a noção de entidade, referente ou mesmo peça de informação. O autor, por propor uma classificação que mais tem a ver com o nível da consciência que com o texto propriamente dito, trata os elementos discursivos por ‘conceito’.

Quadro 2 – Taxonomia do FI segundo Chafe (1976)



Fonte: Elaborado pela autora

Onde:

NÃO ATIVADO: é o conceito situado na memória de longo prazo, que não é nem focalizado, nem ativado perifericamente.

SEMIATIVADO: seria o conceito localizado na consciência periférica do indivíduo, mas que não está diretamente focalizado.

ATIVADO: trata-se, segundo o autor, daquele conceito que é facilmente acessado, ou seja, que está no foco da consciência do falante/ouvinte.

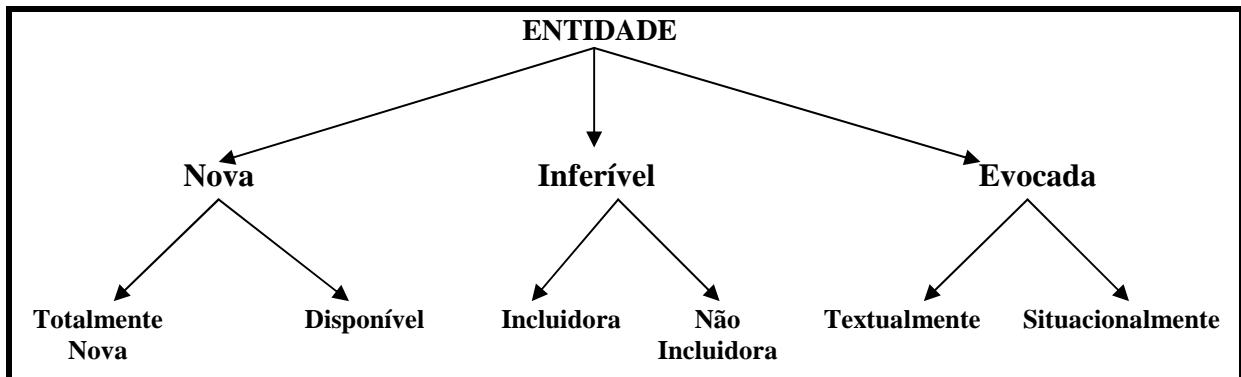
A categorização do FI, na visão desse autor, se dá a partir de processos cognitivos, isto é, sua análise enfatiza o tipo de informação introduzida na mente dos interlocutores, ou seja, no fluxo da consciência. Já em nosso trabalho, o que se propõe é uma análise do Fluxo da Informação no âmbito textual. Por essa razão, não adotaremos tal modelo em nossas análises.

3.2.1.3 Fluxo da Informação segundo Ellen Prince (1981)

Outra autora que, anos depois, contribuiu com estudos sobre o Fluxo da Informação, foi Ellen Prince (1981). Para ela, que, conforme já anunciado, trata os elementos do discurso por ‘entidades’, o Fluxo da Informação tem a ver com o próprio discurso, isto é, com os aspectos textuais, e não com o que está presente na consciência dos participantes (falante/ouvinte), que é o que propõe Chafe (1976).

A autora, a exemplo de Halliday (1967), também considera as categorias novas e dadas, que são por ela renomeadas para *novas* e *evocadas*. Todavia, Prince (1981), insere uma noção intermediária entre elas, a de entidade *inferível*.

Quadro 3 – Taxonomia do FI segundo Prince (1981)



Fonte: Elaborado pela autora

Onde:

NOVA: se refere à entidade apresentada pela primeira vez no discurso. Ela se divide em:

- ✓ **Totalmente Nova:** são aquelas entidades que, como o próprio nome já diz, são totalmente novas, visto que aparecem no discurso pela primeira vez.
- ✓ **Disponível:** são aquelas entidades que, pressupõe-se, podem já ser familiar ao ouvinte/leitor, ainda que não tenham sido mencionadas anteriormente no discurso.

INFERÍVEL: correspondem às entidades que se pressupõem serem dedutíveis pelo ouvinte/leitor com base em outras entidades já evocadas ou inferíveis, via raciocínio lógico ou plausível. Elas se dividem em:

- ✓ **Incluidora:** se a dedução for estabelecida a partir de entidades que se encontram num mesmo sintagma nominal.
- ✓ **Não-Incluidora:** quando a dedução se faz a partir de uma entidade localizada em sintagma diferente.

EVOCADA: tratam-se das entidades já mencionadas ao longo do discurso. Elas se dividem em:

- ✓ **Textualmente:** são aquelas entidades já mencionadas no discurso e que podem ser recuperadas textualmente.
- ✓ **Situacionalmente:** são aquelas entidades que também podem ser recuperadas, contudo, com base no contexto linguístico.

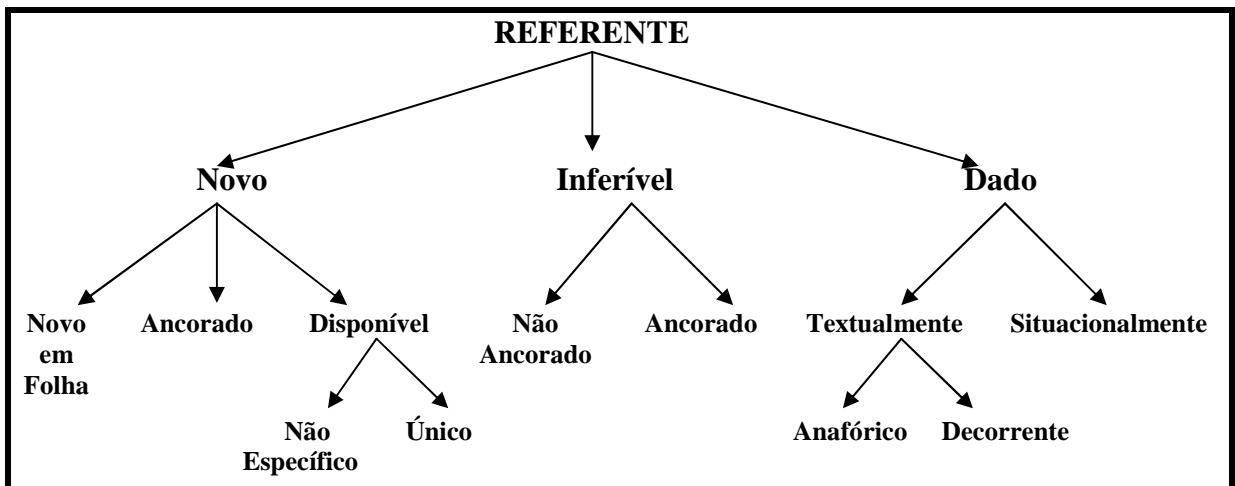
A classificação proposta por Prince (1981) é, em nosso ponto de vista, a mais clara no que se refere às categorias até aqui apresentadas. Contudo, a exemplo de Chafe (1976), algumas das categorias do Fluxo da Informação propostas pela autora, passam pelo nível da consciência e, em nosso trabalho, a análise se dará, especificamente, no plano textual. Nesse sentido, justificamos a não utilização da taxonomia do Fluxo Informacional proposta por Prince (1981) na análise de nossos dados. Ao contrário disso, proporemos, mais adiante, a nossa própria taxonomia para o Fluxo da Informação.

3.2.1.4 Fluxo da Informação segundo Edair Gorski (1985)

Gorski (1985), outra autora que também se dedicou ao estudo do Fluxo da Informação, sugere uma reestruturação nas categorias propostas por Prince (1981), a começar pelos referentes *novos*, que ela divide em: *novos em folha ancorados e disponíveis*. Também os referentes *evocados*, ou *dados*, como ela prefere chamar, são subdivididos em: *situacionalmente* e *textualmente*. A noção intermediária, a dos referentes *inferíveis*, também é subdividida em: *não-ancorados* e *ancorados*. E a autora não para por aí. Ela também subdivide os referentes dados textualmente em: *anafóricos* e *decorrentes*. E, por fim, os referentes novos disponíveis em: *não-específicos* e *únicos*.

A reestruturação proposta por Gorski (1985) pode ser mais bem visualizada no esquema que segue. Antes, porém, cabe aqui lembrar, conforme foi anunciado em outra ocasião, que a autora, para se referir aos elementos linguísticos presentes no discurso, adota o termo ‘referentes’.

Quadro 4 – Taxonomia do FI segundo Gorski (1985)



Fonte: Elaborado pela autora

Onde:

NOVOS: são referentes apresentados pela primeira vez no texto. Eles se dividem em:

- ✓ **Novos em Folha:** são aqueles referentes que, de fato, aparecem no discurso pela primeira vez e que, portanto, são totalmente desconhecidos do ouvinte/leitor.
- ✓ **Ancorados:** são aqueles que, embora apareçam pela primeira vez no discurso, não são tão novos assim, visto que estão ancorados em alguma outra informação.
- ✓ **Disponíveis:** como o próprio nome já diz, estão disponíveis no discurso. Eles se subdividem em:
 - ✓ **Disponíveis Únicos:** são aqueles que têm uma só representação no mundo, como, por exemplo: “Terra, Sol, Lua”. Outro exemplo desse tipo de referente são os nomes próprios, como: “Caetano, Betânia, Alcione”.
 - ✓ **Disponíveis Não-Específicos:** são aqueles referentes disponíveis no universo espacial e cultural dos participantes do discurso, tais como: “rua, praia, escada, hospital, etc.”

INFERÍVEIS: são aqueles referentes ditos também pela primeira vez no discurso, mas que pressupõem uma situação em que o ouvinte/leitor poderá deduzi-lo por meio do raciocínio lógico. Eles se dividem em:

- ✓ **Ancorados**: são aqueles referentes que se apoiam em algo que está em seu SN com a finalidade de melhor explicá-lo, servindo, portanto, como uma âncora.
- ✓ **Não-Ancorados**: já os inferíveis não-ancorados são aqueles referentes passíveis de serem inferidos, contudo, fazem parte de SN's distintos.

DADOS: são os referentes já citados no texto ou no contexto extralinguístico. Esse tipo de referente pode ser retomado por meio de mecanismos anafóricos diversos, tais como: a repetição, a definitivização, a substituição lexical ou a pronominalização. Eles se dividem em:

- ✓ **Situacionalmente**: são aqueles referentes colocados de acordo com a própria situação na qual o discurso ocorre.
- ✓ **Textualmente**: são aqueles já mencionados no discurso e que podem ser, textualmente, recuperados. Eles se dividem em:
 - ✓ **Anafóricos**: dizem respeito àqueles referentes que são necessariamente correferenciais.
 - ✓ **Decorrentes**: estes não são exatamente correferenciais, mas apresentam alguns traços em comum com outro referente.

Embora seja a taxonomia mais abrangente dentre as demais apresentadas, algumas categorias propostas por essa autora também nos parecem questionáveis. É o caso, por exemplo, das categorias ‘novas ancoradas’ e ‘inferíveis não-ancoradas’, cuja linha que as separa é muito tênue, causando, por isso, confusões na hora de se classificar as informações do discurso. O exemplo abaixo ilustra o que foi dito:

Ex.: *Em nossa disciplina, os prazos serão rigorosamente obedecidos, portanto, sugerimos que fiquem atentos ao seu cronograma.*

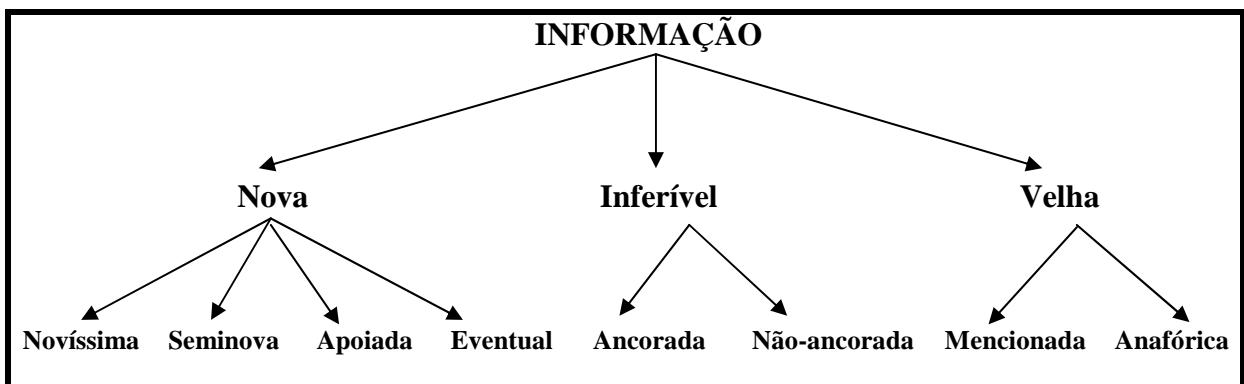
Observe que, nessa sentença, o segundo termo em destaque aparece pela primeira vez no discurso, estando, porém, ancorado em outra informação, no caso, ‘disciplina’. De acordo com a categorização proposta por Gorski (1985), esse termo (cronograma) poderia, então, ser classificado como ‘novo ancorado’. O que notamos, porém, é que esse mesmo termo (cronograma) também se encaixa na categoria de referentes ‘inferíveis não-ancorados’, por dois motivos: primeiro porque o termo em questão pertence a um SN distinto. E, depois, porque ele é perfeitamente passível de ser inferido e, consequentemente, associado a outro termo já citado no discurso, neste caso o primeiro termo em destaque (disciplina).

Por essa razão, também não adotaremos a taxonomia de Gorski (1985) na análise de nossos dados.

3.2.1.5 Uma nova proposta de divisão categorial para o Fluxo da Informação

Refletindo sobre as taxonomias do Fluxo Informacional até aqui apresentadas, bem como sobre os aspectos que julgamos questionáveis em cada uma delas, optamos por criar nossa própria taxonomia. Todavia, cabe aqui ressaltar que a reclassificação que propusemos e que segue abaixo representada foi inspirada na taxonomia proposta pelos autores citados neste capítulo. Algumas categorias, inclusive, foram renomeadas. Outras, porém, foram repensadas considerando-se as particularidades do *corpus* em questão.

Quadro 5 – Proposta desta pesquisa para a Taxonomia do FI



Fonte: Elaborado pela autora

Onde:

NOVA: Informação presente pela primeira vez no discurso. Ela se divide em:

Novíssima: Informação que aparece pela primeira vez no discurso e, por isso, é provável que seja totalmente desconhecida por parte do leitor.

Ex.: Um dos temas que trataremos na Unidade IV será o Design Centrado no Usuário.

‘Design Centrado no Usuário’ é um conceito que está sendo apresentado pela primeira vez no texto e que não faz parte do senso comum. Presume-se, portanto, que este não seja conhecido por parte do leitor, por isso foi classificado como uma informação nova novíssima.

Seminova: Informação que também aparece pela primeira vez no discurso, mas tem representação fixa no mundo, visto que pertence ao senso comum, portanto, pressupõe-se que já seja conhecida por parte do leitor.

Ex.: *Nesta disciplina refletiremos sobre o esquema organizacional do Sistema Único de Saúde (SUS).*

O termo ‘Sistema Único de Saúde (SUS)’ foi classificado como sendo uma informação nova seminova, pois pertence ao senso comum, isto é, faz parte do universo em que está inserido os leitores brasileiros.

Apoiada: Essa informação, a exemplo das outras duas, também aparece pela primeira vez no discurso, contudo, ela sempre apresenta ‘traços’ de outras informação já mencionadas textualmente.

Ex.: Título: Bases do Direito Administrativo. (*E.L. Nova Novíssima*).

Começa agora a disciplina Bases do Direito Administrativo.

‘A disciplina Bases do Direito Administrativo’ é uma informação que aparece pela primeira vez no texto. Contudo, o termo ‘Bases do Direito Administrativo’ já havia sido citado textualmente. Em outras palavras, a informação sublinhada recebeu a classificação de nova apoiada, pois possui traços, isto é, partes de outra informação em seu interior, mas, apesar disso, trata-se de um termo distinto do primeiro. Afinal, ‘Bases do Direito Administrativo’ é um conceito, já ‘disciplina Bases do Direito Administrativo’ é apenas o nome de uma disciplina.

Eventual: Esta informação também não foge à regra das demais, ao aparecer pela primeira vez no discurso, contudo, de modo eventual, quando houver algum tipo de mudança do foco discursivo. Este tipo de categoria é comumente flagrada em situações em que algum conteúdo estiver sendo apresentado no material didático e ocorrer uma interrupção por parte do docente, mudando-se, assim, o foco discursivo. Tal intervenção pode servir para enfatizar algo ou para direcionar o aluno acerca de algum ponto considerado mais importante naquele discurso.

Ex.: O termo ‘texto’ é definido por Costa Val (1999), em seu livro “Redação e Textualidade” (disponível em nossa biblioteca virtual), como uma ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Neste exemplo é possível notar que o termo em destaque aparece pela primeira vez no texto, todavia ele muda o foco discursivo ao romper de forma abrupta, a ideia que vinha

sendo desenvolvida. Por essa razão, esta informação foi classificada como nova eventual.

INFERÍVEL: Informação passível de ser inferida. Ela se desdobra em:

Ancorada: Esta categoria se refere às informações que não são registradas graficamente no discurso, mas que estão presentes nas entrelinhas, ancoradas em outra informação já mencionada textualmente.

Ex.: *Nesta unidade estudaremos diversos conceitos relacionados à nossa área de conhecimento, tais quais: de texto, de coerência e de coesão.*

No exemplo acima, os termos ‘de texto’, ‘de coerência’ e ‘de coesão’ se referem ao termo ‘diversos conceitos’, contudo, ‘de texto’, ‘de coerência’ e ‘de coesão’ não foram citados textualmente, mas podem facilmente ser inferidos, pois estão nas entrelinhas, por isso estes foram classificados como informações inferíveis ancoradas.

Não-Ancorada: Esta categoria de informações não se ancora em outra informação mencionada no texto, contudo, para que façam sentido, o leitor é levado a relacioná-la a fatos e informações exteriores, que fazem parte do contexto social em que vivem.

Ex.: *Na unidade que se inicia agora, falaremos sobre a inflação. Este tema é de vital importância para o atual momento econômico vivido no Brasil.*

No exemplo que acabamos de apresentar, vemos que o termo em destaque, para fazer sentido, demandará que o leitor faça uma inferência com elementos exteriores ao texto. Em outras palavras, ele terá que refletir sobre o ‘atual momento econômico vivido no Brasil’ e fazer associações com o que foi dito anteriormente, pois, caso contrário, a compreensão da sentença ficará comprometida. E é justamente pelo fato de se tratar de uma informação que exige uma inferência não com base em algo que já foi dito no texto, mas, sim, em um contexto exterior, que esta foi classificada como sendo inferível não ancorada.

VELHA: Informação já mencionada no discurso. Pode ser:

Mencionada: São aquelas informações já citadas no discurso e que não se repetem no plano textual sem nenhuma substituição léxica.

Ex.: *Começa agora a unidade III da disciplina Temas de Direito Tributário. Na unidade III veremos os conceitos de: tributos, impostos e taxas.*

Pode-se notar, pelo exemplo, que o termo Unidade III foi repetido em duas ocasiões diferentes, por isso foi classificado como uma informação velha mencionada.

Anafórica: Como o próprio nome diz, tal categoria se refere às informações já citadas no discurso, mas que são retomadas por mecanismos anafóricos.

Ex.: *Ana Raquel será tutora desta disciplina. Ela é graduada em Letras pela UNB e possui pós-graduação em Língua Inglesa pela mesma instituição.*

No exemplo acima, os termos em destaque são anafóricos, isto é, se referem a outros termos já mencionados textualmente, no caso, ‘Ana Raquel’ e ‘UNB’. Por essa razão eles foram classificados como sendo informações velhas anafóricas.

Agora que mostramos como funcionam os processos subjacentes à constituição do Fluxo da Informação e à construção textual, passaremos, a seguir, a mostrar a outra face desse processo. Referimo-nos, aqui, à etapa em que o texto, já produzido e devidamente estruturado em torno de seu *fluxo da informação*, passa para as mãos dos leitores, no nosso caso, os alunos, com vistas a cumprir o fim que lhe foi proposto antes mesmo de sua elaboração, ou seja, transmitir a mensagem desejada pelo autor.

As próximas seções serão dedicadas ao universo que envolve o ato de ler.

3.3 Leitura: de onde vêm os seus sentidos?

Nesta seção, conforme anuncia o título, traremos alguns conceitos e abordagens relativas à leitura e a seus sentidos. Todavia, antes de começar, julgamos por bem refletir um pouco sobre as ações que pressupõem essa habilidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁰ definem a leitura da seguinte forma:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. **Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.** É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, pp. 69-70) *Destaques nossos.*

Este trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais sugere ser, do leitor, a tarefa de atribuir sentido ao texto. O texto ainda orienta que, para isso, o leitor deve se valer de

¹⁰ In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SFF, 1998, pp. 69-70.

estratégias de leitura, tais quais as que estão postas, isto é: *seleção, antecipação, inferência e verificação*.

Sobre essa responsabilidade de ser um construtor de sentidos, imposta ao leitor, Solé (2003) vai mais longe. Para ela, o que se espera do leitor é que este “processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê”.

Considerando o que foi dito, importa saber, agora, o que levaria um leitor a ser esse construtor de sentidos capaz de desempenhar todas as ações sugeridas.

Na busca de uma possível resposta a essa questão, nos deparamos com a hipótese aventada por Alliende & Condermarín (2002), que, diferentemente das duas propostas ora apresentadas, divide o encargo de atribuir sentidos entre o autor, o leitor e o próprio texto ao sugerirem que “a compreensão de um texto varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores complexos e interrelacionados entre si”. Dentre esses fatores, eles destacam que, “tanto o autor/leitor, quanto o texto em si, têm o poder de interferir no processo de compreensão textual, de modo a dificultá-lo ou a facilitá-lo”.

No que diz respeito ao *autor/leitor*, os fatores que podem, ou não, contribuir para a compreensão estão, de acordo com os autores, relacionados ao conhecimento dos elementos linguísticos, aos esquemas cognitivos, à bagagem cultural que estes dispõem e às circunstâncias em que o texto foi produzido.

Já no que se refere ao *texto*, a compreensão da leitura está condicionada, segundo Alliende & Condermarín (2002), a fatores que dizem respeito à sua legibilidade, podendo ser estes:

- **Materiais** (*layout* do texto, cor e tamanho da fonte, espaçamento, constituição de parágrafos, qualidade da tela, uso apenas de maiúsculas ou minúsculas, uso de abreviações, etc.).
- **Linguísticos** (léxico, estruturas sintáticas complexas, caracterizadas pela abundância de elementos subordinados, orações super-simplificadas, marcadas pela ausência de nexos para indicar relações de causa/efeito, ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais).
- **De conteúdo** (que, em linhas gerais, está relacionado ao teor, propriamente dito, do material e ao modo como as informações são organizadas e expostas em torno dele.)

Assumindo ser lícita, a tripartida corresponsabilidade defendida por Allende & Condermarín (2002), no que se refere ao processo de construção semântica e pensando no contexto desta pesquisa sob a luz do que foi dito até aqui, chamamos a atenção para a responsabilidade que caberia ao *autor* nesse processo, sobretudo, quando o assunto é a produção de materiais didáticos. É nesse sentido, que destacamos a importância do estabelecimento de um Fluxo Informacional bem constituído. Isso porque o *texto* didático, conforme já sinalizado em ocasiões anteriores, é por nós entendido como o principal ponto de contato entre autor (professor) e leitor (aluno). Tamanha cautela se torna ainda mais premente quando o assunto é Educação a Distância, cuja interação se dá, predominantemente, por meio de textos escritos, fator que minimiza, de forma significativa, a possibilidade de haver falhas na comunicação entre os sujeitos envolvidos na interação.

Ressaltamos, por outro lado, a responsabilidade também do *leitor*, nesse processo de compreensão, pois a leitura é uma atividade que demanda dele, intensa participação. Isso, de acordo com Koch & Elias (2006), porque, “se o *autor* apresenta um *texto* incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições”. Esses esquemas, ou modelos cognitivos, segundo as autoras, dizem respeito aos conhecimentos armazenados na memória do indivíduo. Ainda segundo elas, “esse esquema pode, no decorrer da leitura, se confirmar e se fazer mais preciso, ou pode se alterar rapidamente”, daí a contribuição do leitor no sentido de anuir ou de ressignificar o que está sendo dito.

Como se vê, o processo de leitura, bem como as estratégias para sua compreensão, está condicionado, concomitantemente, à tríade: *autor, texto e leitor*.

No intuito de dar continuidade às reflexões acerca do processo que tange à construção de sentidos, trataremos, na próxima seção, uma abordagem sobre os Atos de Fala, teoria que, ao enfatizar o papel do *texto* em tal processo, trará importantes contribuições para o tema em discussão.

3.4 Teoria dos Atos de Fala

No tocante à Teoria dos Atos de Fala, o filósofo John Austin (1975), em seu livro “*How to do things with words*”, afirma que “palavras não apenas significam, mas fazem coisas”. E acrescenta: “toda declaração realiza alguma coisa, mesmo que apenas declare um certo estado de coisas como verdadeiro. Portanto, todo enunciado incorpora *atos de fala*”.

Austin (1975) avança mais, quando propõe a divisão desses atos em três categorias distintas, a saber: o *ato locucionário* (que se caracteriza pelo que literalmente é dito), o *ato ilocucionário* (que é o que pretendo que meu ouvinte reconheça) e o *efeito perlocucionário* (que é o modo como as pessoas recebem os atos e determinam as consequências deste ato para futuras interações). Contudo, mais importante que essa subdivisão, é a repercussão que alguns desses atos de fala podem gerar, sobretudo na escrita. É o que assevera Bazerman (2005):

A distinção entre aquilo que falamos ou escrevemos, o que pretendemos realizar com o que falamos ou escrevemos, e o que as pessoas entendem que estamos tentando fazer, mostra como nossas intenções podem ser mal compreendidas e como é difícil coordenar nossas ações entre si. A falta de coordenação é potencialmente muito mais grave quando nos comunicamos através da escrita, já que não podemos ver os gestos uns dos outros, nem tampouco observar de forma mais imediata a recepção do outro. (BAZERMAN, 2005, p. 28-29).

Ponderando sobre o que foi dito, é que percebemos a dimensão da carga semântica que um texto carrega. Se de um único enunciado é possível se depurar três interpretações distintas, o que dizer então de um texto em que as ideias não estão organizadas de modo a propiciar uma coerência entre as informações ali contidas?

Aplicando essa realidade ao contexto de nossa pesquisa, o impacto fica ainda maior, visto que estamos lidando com materiais didáticos que serão adotados na Educação a Distância, ou seja, esses materiais atuam, na verdade, como o principal ponto de contato entre professor e aluno.

Nesse sentido, entendemos que, ao produzir um material para ser disponibilizado em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, o docente deve levar em consideração pelo menos quatro fatores:

- (i) **O perfil de seu público-alvo.** Isso porque, de acordo com Neves (2005, p. 20), “em qualquer estágio da interação verbal, o falante e o destinatário têm informação pragmática”. Informação essa que, segundo Costa Val (1999), está relacionada com as intenções do produtor; ao jogo de imagens mentais (que fazem de si, do outro e do tema); e ao tema do discurso. Assim, quando o falante (no caso de nossa pesquisa, o docente) diz algo a seu destinatário (o aluno), a intenção do primeiro (docente) é “provocar alguma modificação na informação pragmática do segundo (aluno). Para isso, o falante (docente) tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática desse destinatário (aluno)”.

- (ii) **A maneira como esse docente irá organizar seu discurso**, seja por meio de textos orais, seja por meio de textos escritos, e isso envolve, dentre outras coisas, o tipo de linguagem que será utilizada, o formato do texto e o suporte em que este será veiculado. Aplicando a teoria dos Atos de Fala ao nosso objeto de estudo, entendemos que esse fator está relacionado ao *ato locucionário*, que, com vimos, se caracteriza por aquilo que literalmente é dito, e pela forma como foi dito.
- (iii) **O que o docente pretende que seus alunos reconheçam nesse discurso.** Neste ponto, deve se ter em mente as estratégias adotadas para o alcance desse objetivo. Percebemos, nesse fator, uma correspondência direta com o *ato ilocucionário* que, conforme anunciado, também relaciona-se com aquilo que eu pretendo que meu ouvinte entenda.
- (iv) **A maneira como os alunos receberam/compreenderam o que foi dito** e mais, as consequências desse entendimento: se eficiente ou equivocado. A compreensão acerca do assunto tratado pelo professor ou autor do texto pode ser medido por meio do *feedback* dos alunos, pelo número de questionamentos feitos, pelo nível das intervenções realizadas e, principalmente, pelas produções desenvolvidas a partir daquele material. Enxergamos, nesse fator, uma forte correspondência com o que a Teoria dos Atos de Fala chama de *efeito perlocucionário*, que, por sua vez, tem a ver com o modo como as pessoas recebem os atos e determinam as consequências deste ato para futuras interações.

Como se vê, a produção de materiais didáticos não pode ser vista apenas como um ato mecânico. Sua preparação exige que aspectos como os elencados anteriormente sejam observados e considerados. Corroborando com esse ponto de vista, Possari & Neder (2009) postulam que,

ao produzir um texto didático específico, ou um guia didático –, o professor deverá considerar que, na EAD, como a interlocução entre o professor-aluno não ocorre necessariamente num mesmo tempo e/ou espaço, o processo de ensino-aprendizagem deve ser precedido de rigoroso planejamento, sobretudo no que toca à elaboração do material didático. (POSSARI & NEDER, 2009, p. 23)

Além disso, não podemos deixar de considerar que, nessa modalidade de ensino, a mediação se faz, essencialmente, por meio de materiais escritos, e isso reduz de modo considerável, a possibilidade de haver algum tipo de falha que provoque ruídos na comunicação, com pena, inclusive, de haver interpretações errôneas. É o que alerta Bazerman (2005):

Se percebermos os mal-entendidos em situações face a face, então podemos sempre reparar os estragos, [...] mas na modalidade escrita as oportunidades de reparo são sempre extremamente limitadas, mesmo que tenhamos informações suficientes para suspeitar que podemos ter sido mal compreendidos. (BAZERMAN, 2005, p. 29).

Neste ponto da leitura, importa-nos ressaltar a responsabilidade e o cuidado que o professor de ensino a distância deve ter com o material didático que produz, especialmente com os de natureza escrita.

É nesse sentido que ressaltamos a importância de um Fluxo Informacional bem constituído, que leve em consideração além do que já foi dito acerca dos *atos de fala*, aspectos considerados imprescindíveis, tais como: a linearidade do discurso e o entrelaçamento das ideias nele contidas.

Sobre esses dois últimos aspectos, trataremos com mais detalhes nas próximas seções deste trabalho.

3.5 O Referente

Amparadas por modelos conceituais diversos, muitas são as frentes de pesquisa que têm se dedicado a compreender uma questão antiga no cenário linguístico que é o modo como a língua refere o mundo.

Grande parte das teorias que versam sobre esse tema, embora divergentes em muitos pontos, concordam, pelo menos em alguma medida, que há uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas.

Essa noção começou a ser difundida por Saussure (1996), que via a língua como um sistema de signos formados pela união do sentido, que ele chamou de Significado (SO) e da imagem acústica, que ele chamou de Significante (SE).

Essa perspectiva, apesar de ser bem aceita entre os estudiosos do assunto, apresenta alguns problemas devido a seu caráter arbitrário. Isso, de acordo com Silva (2008), porque “a ‘realidade’ é percebida de maneira desigual pelos diferentes falantes, pois cada um tem sua

forma peculiar de ver o mundo, por causa das suas características individuais e também por causa do ambiente em que vive, da época, da cultura, etc". Todos esses fatores reunidos fazem com que os indivíduos tenham opiniões e pontos de vista diversos uns dos outros.

O modelo referencial proposto por Saussure (1996) apresenta, ainda, outro problema que, na visão de Mondada & Dubois (2006), tem a ver com a instabilidade categorial e é delineado pelos autores, no trecho que se segue:

as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente. (MONDADA & DUBOIS, 2006, p. 22).

Nota-se que os argumentos utilizados por alguns autores para discordar da concepção de Saussure (1996) que prevê uma correspondência direta entre SE e SO parecem ter fundamento. Contudo, o modelo saussuriano não foi totalmente descartado do cenário linguístico, nem mesmo pelos que se opunham a ele. Uma das provas do que foi dito reside no fato de que, partindo dessa própria concepção, Mondada & Dubois (2006) acabaram acenando para uma possível solução ao sugerirem que “a reflexão adequada pode ser vista como um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha”. Em outras palavras, a representação (SO) atribuída a determinada categoria (SE), não precisa ser descartada caso uma nova representação passe a significá-la. De acordo com essa visão, é possível conciliar essas duas representações. Um bom exemplo do que acabamos de dizer está no termo ‘casal’, que, até pouco tempo atrás, significava a união entre um indivíduo do sexo masculino e outro do sexo feminino. Em tempos modernos, porém, o termo assumiu novos contornos, sendo já admitido, pela sociedade, um ‘casal’ formado por dois indivíduos do mesmo sexo. Como forma de ilustrar o que foi dito, fizemos uma rápida busca no Google Imagens, digitando a palavra ‘casal’, ao que nos retornou, dentre muitas outras, duas imagens distintas, porém retratadas pelo mesmo artista, para se referir à palavra que foi alvo de nossa pesquisa.

Figura 1 – Resultado da busca pela palavra ‘casal’ no Google Imagens.



Fonte: ILA FOX, 2012

O exemplo nos mostra que a questão da instabilidade categorial, de fato, existe e deve, portanto, ser considerada. Diante disso, a proposta apresentada por Mondada & Dubois (2006) torna-se pertinente, à medida que o significado atribuído a um referente em determinado momento não necessariamente anula outros possíveis significados que, mais adiante, possam surgir para designar esse mesmo referente.

Em resumo ao que foi posto, Mondada & Dubois finalizam:

A referenciação é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes, de tal modo que a expressão *referência* passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral. Referir não é mais uma atividade de “etiquetar” um mundo existente e judicialmente designado, mas, sim, uma atividade discursiva de tal modo que os *referentes* passam a ser *objetos-de-discurso* e não realidades independentes. (MONDADA & DUBOIS, 2007, p. 18).

Neste momento, podemos nos perguntar: o que as noções de referente e de processos referenciais, apresentadas até aqui, têm a ver com o Fluxo da Informação, objeto de estudo deste trabalho?

No início deste capítulo, mais especificamente na seção 4.2, quando apresentamos o conceito de Fluxo da Informação, afirmamos que “a categorização das informações presentes no discurso em *novas, inferíveis e velhas, quando associadas a um determinado referente* (em termos teóricos, entendido como todo e qualquer elemento sentencial presente no discurso, podendo ser este um SN, um SV, um advérbio, etc.)¹¹, formam o que até aqui temos chamado de Fluxo da Informação”. (*Grifos nossos*).

¹¹ Neste trabalho elegemos por referente os Sintagmas Nominais.

De acordo com esse entendimento, todo e qualquer elemento sentencial presente no contexto linguístico pode, enfim, ser considerado um **referente**. E se de fato os referentes, conforme já explicitamos, passam por uma instabilidade no que se refere a seus significados, isso pode ser um alerta para os docentes, quando estes forem elaborar seus materiais didáticos. Isso porque, segundo o nosso entendimento, se o professor insere um referente novo no discurso, mas parte do pressuposto que este já possa ser conhecido de seus leitores (seria o caso da inserção de um referente ‘seminovo’, de acordo com a taxonomia que criamos), ele corre o risco de esse leitor fazer uma interpretação equivocada do material, prejudicando, por isso, o propósito daquele conteúdo. Tudo isso reforça a premissa que vem sendo por nós defendida, acerca da responsabilidade que é preciso se ter, quando da elaboração de materiais didáticos, sobretudo no que diz respeito à constituição do Fluxo Informacional.

Fechando esta etapa em que discutimos sobre o modo como os referentes se constituem no universo linguístico, trataremos, na próxima seção, sobre os processos de referenciamento e de progressão referencial.

3.6 A Referenciamento

Denomina-se **referenciamento** as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina **progressão referencial**. (KOCH & ELIAS, 2006, p. 123).

O trecho que acaba de ser apresentado é um resumo do que pretendemos tratar nesta seção.

Quando Koch & Elias (2006) mencionam sobre “as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes”, elas estão se referindo a dois tipos de processos de introdução de referentes textuais que são: processo de **ativação ancorada** e processo de **ativação não ancorada**. Sobre cada um deles, as autoras explicam:

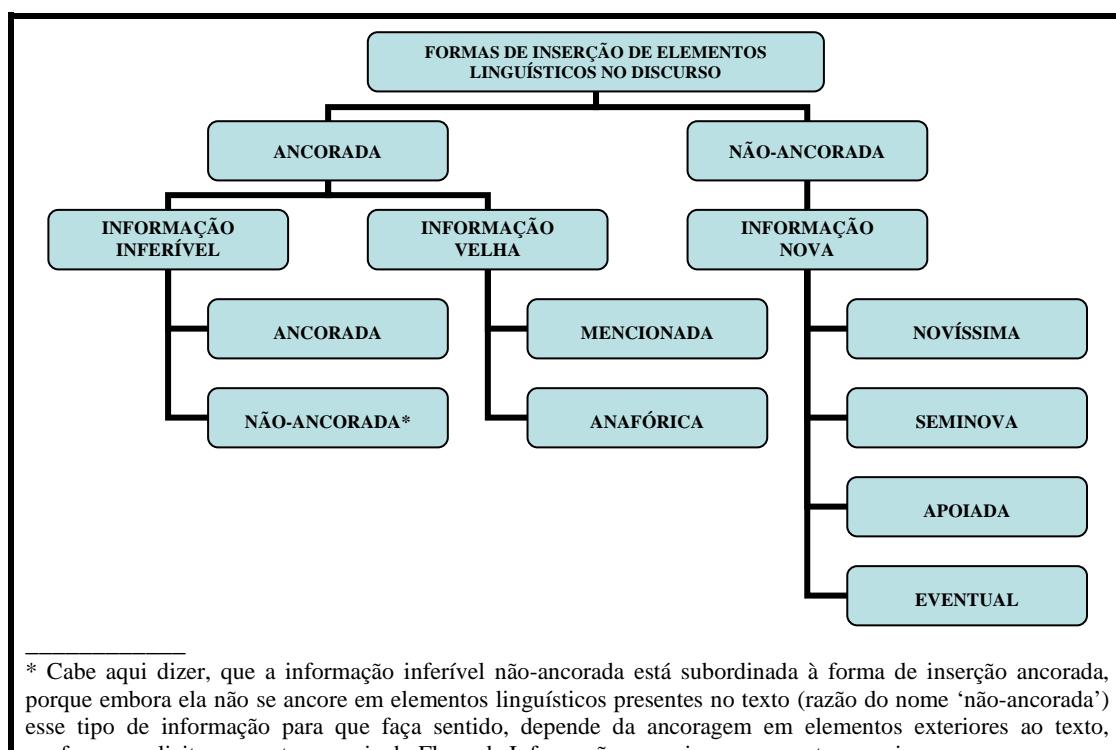
A introdução será **não-ancorada** quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto. Quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma primeira categorização do referente. Por outro lado, tem-se uma ativação **ancorada** sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo. (KOCH & ELIAS, 2006, p. 127).

Associando essa visão às categorias do Fluxo Informacional que criamos para classificar as informações do discurso, entendemos que, quando houver a introdução **não-ancorada** de algum elemento discursivo no texto, estaremos diante de uma informação **nova**, ou seja, aquelas informações que aparecem pela primeira vez no texto. As informações novas, por sua vez, se dividem, de acordo com nossa taxonomia, em: *novíssimas, seminovas, apoiadas e eventuais*.

Já quando houver a introdução **ancorada** de algum elemento linguístico no texto, entendemos que este se encaixará no rol das informações **inferíveis**, que são aquelas informações passíveis de serem inferidas, mesmo não tendo sido grafadas textualmente, podendo ser essa informação: *inferível ancorada* ou *inferível não-ancorada*. Também da inserção ancorada de algum elemento no discurso, acreditamos que se originarão as informações **velhas**, que nada mais são que as informações já mencionadas no discurso, em ocasiões anteriores. Estas podem ser *velhas mencionadas* ou *velhas anafóricas*.

O esquema a seguir foi desenhado para ilustrar o que acabamos de dizer. Por meio dele pretendemos mostrar a relação que, de acordo com nosso entendimento, existe entre as formas de inserção de elementos linguísticos no discurso, proposta por Koch & Elias (2006) e as categorias de Fluxo Informacional propostas na taxonomia que criamos para esta pesquisa:

Figura 2 – Organograma de Inserção x Categorização de Elementos Linguísticos



Fonte: Elaborado pela autora

Agora que aprendemos sobre as formas de introdução de elementos linguísticos no discurso e vimos que as categorias do Fluxo Informacional parecem estar diretamente ligadas ao tipo de inserção pelo qual as informações são introduzidas no texto, apresentaremos, na próxima seção, uma abordagem sobre as estratégias de retomada referencial, segundo Koch & Elias (2006).

3.6.1 Estratégias de Retomada Referencial

Na seção anterior, vimos que a inserção de novos elementos linguísticos no discurso pode ser ancorada ou não-ancorada. Agora veremos que a inserção ancorada de novos objetos de discurso faz parte de um processo que aqui temos chamado de **estratégias de retomada referencial**, que consiste em procedimentos adotados para designar algum elemento já mencionado no discurso.

A retomada, segundo Koch & Elias (2006),

é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial no texto. Pelo fato de o objeto já se encontrar ativado no modelo textual, tal progressão pode realizar-se tanto por meio de recursos de ordem gramatical, como pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos, como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.).

Em nossas produções textuais, quando queremos nos referir a algum elemento já citado no campo discursivo, nos valemos de estratégias de retomada referencial, que, conforme citação apresentada, servem para novamente focalizar um elemento que já foi foco em outra ocasião. Essas estratégias se constituem por meio de **mecanismos anafóricos/catafóricos**, tais quais as que destacamos:

- **As nominalizações ou as rotulações:** que, de acordo com Koch & Elias (2006), ocorrem “quando se designa, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado expresso por uma proposição ou proposições precedentes ou subsequentes no texto”. Em outras palavras, a nominalização ou a rotulação é o fenômeno pelo qual enunciados anteriores são transformados em objetos de discurso. A seguir, apresentamos um exemplo de nominalização/rotulação, retirado do próprio *corpus* desta pesquisa, para melhor compreensão do que foi dito:

(1) Antes da reavaliação, revisaremos todo o conteúdo da disciplina.

Essa revisão se dará no último encontro *online* do semestre.

Podemos notar que o Sintagma Nominal “*essa revisão*” está ancorado numa proposição anterior, qual seja: “*revisaremos todo o conteúdo da disciplina*”. Nesse sentido, podemos dizer que essa proposição sofreu um processo de nominalização/rotulação que deu origem ao sintagma ‘*essa revisão*’, sendo este, portanto, um elemento referencial.

De acordo com categorias do Fluxo da Informação propostas em nossa taxonomia, quando ocorre esse processo de nominalização/rotulação, temos um tipo de informação *velha anafórica*, ou simplesmente VA, visto que estamos nos referindo a uma informação já mencionada no discurso.

- **A substituição:** que consiste na inserção de um elemento linguístico, no discurso, para substituir outro elemento ou uma oração inteira. Observe os dois exemplos abaixo, também retirados do nosso *corpus*:

(1) Renata Nunes será a tutora de nossa disciplina.

A mesma os auxiliará no que for preciso.

(2) Alguns alunos acham que é melhor nosso encontro online acontecer às 20h.

Eu também.

Podemos observar que, no exemplo (1), houve a substituição de apenas um elemento textual, no caso, “*Renata Nunes*”, que foi substituído pela expressão “*a mesma*”. Já no exemplo (2), o advérbio “*também*” serviu para substituir uma oração inteira, a saber “*é melhor nosso encontro online* acontecer às 20h”. Os advérbios, quando utilizados em situações como a que está posta, recebem o nome de *advérbios pronominais*.

Se fôssemos classificar esse tipo de construção de acordo com categorias do Fluxo Informacional, estaríamos diante de um tipo de informação *velha anafórica*, ou simplesmente VA, pois agem no discurso, retomando, via anáfora, referentes que já foram citados anteriormente.

- **A definitivização:** que ocorre quando um artigo definido é empregado no discurso para se referir a um elemento linguístico já citado no discurso. A sentença abaixo é um exemplo de definitivização.

- (1) Nosso cronograma já está disponível no AVA.

Recomendo que você o imprima para se organizar melhor.

O exemplo está claro. Aqui, o artigo definido masculino ‘*o*’ foi empregado para se referir ao elemento linguístico “*nosso cronograma*”.

Com base na taxonomia do Fluxo Informacional que criamos, esse exemplo também se encaixaria na categoria das informações *velhas anafóricas* (VA), pelas mesmas razões apresentadas no exemplo anterior.

- **A pronominalização:** Essa, talvez, seja uma das estratégias mais utilizadas para retomada de algum item lexical. Conforme o próprio nome sugere, ocorre quando um pronome é utilizado para se referir a algum elemento textual já mencionado discursivamente. A seguir apresentamos um exemplo desse fenômeno:

- (1) O professor fechará os diários no próximo sábado.

Ele sugere que todas as pendências relativas à entrega de trabalhos sejam solucionadas.

- (2) Caros alunos, não hesitem em tirar dúvidas dos pontos que lhes parecerem obscuros na matéria.

Também estes exemplos não nos deixam dúvidas. Tanto no exemplo (1), quanto no exemplo (2), temos casos em que um item lexical foi referenciado por um pronome. No primeiro caso, pelo pronome pessoal ‘*ele*’, empregado para substituir ‘*o professor*’. E no segundo caso, pelo pronome oblíquo ‘*lhes*’, que aparece no texto em referência ao elemento linguístico ‘*caros alunos*’.

Baseados nas categorias do Fluxo Informacional, dizemos que esse tipo de informação é *velha ancorada* (VA), pois se refere a um elemento linguístico já mencionado no discurso, que se vestiu, apenas, de uma ‘roupagem nova’, e que aqui temos chamado de pronominalização.

A seguir falaremos sobre a progressão textual, processo sob o qual os mecanismos anafóricos também estão presentes.

3.7 Progressão Textual

Sobre o tema que se coloca nesta seção, Gorski (1965) salienta que “um dos fatores mais importantes que caracterizam a coerência textual é, sem dúvida, a continuidade no discurso”, em outras palavras, a **progressão textual**.

Entendemos por **coerência** “algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto” (KOCH & TRAVAGLIA, 1999).

O que podemos apurar da definição de coerência que acaba de ser apresentada é que, essa é, sem dúvida, indispensável a um texto, quando o que se espera dele, é que seja compreendido de modo eficaz. Contudo, de acordo com Gorski (1965), um dos pré-requisitos para que se garanta esse elemento no âmbito textual, é a presença de uma continuidade discursiva. Mas como garantir essa continuidade?

Sabemos que todas as informações contidas em um texto passam por uma organização em torno do que até aqui temos chamado de Fluxo da Informação. Esse fluxo, por sua vez, é permeado por dois grandes processos que trabalham juntos em prol da continuidade discursiva e da progressão textual, que são: a *sequencialidade* e a *topicidade*.

A *sequencialidade*, de acordo com Koch e Marcuschi (1998), é entendida como uma progressão referencial e diz respeito a introdução, preservação, continuidade, identificação, retomada etc. de referentes textuais, tidas como estratégias de designação de referentes textuais. Já a *topicidade* é vista como uma progressão tópica, e diz respeito ao(s) assunto(s) ou ao(s) tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto.

Tanto a *sequencialidade*, quanto a *topicidade* são, ou devem ser, constituídas visando-se uma interação eficaz. Ambos os processos estão contemplados no Fluxo da Informação, que, dentre outras funções, prima por organizar as informações do discurso, propiciando a relação informação nova, velha e inferível. Nesse processo, as informações novas ou inferíveis, para que sejam consideradas assim, precisam estar ancoradas em outras informações já ditas textualmente, a fim de produzirem sentido. Caso contrário, isto é, se não houver esse ‘apoio’, tais informações ficarão descontextualizadas por não se relacionarem com outras e, por consequência, comprometerão o sentido global do texto.

A ausência dessa âncora entre os elementos do discurso compromete outro aspecto que também pode ser considerado indispensável à compreensão textual, que é a **coesão**, que, para Halliday & Hasan (1976), ocorre quando “a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da interpretação de outro elemento. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser decodificado, a não ser por recurso a outro”.

Ressalta-se, assim, a importância do Fluxo da Informação, pois é ele que garantirá a continuidade discursiva, elemento que, como vimos nesta seção, é considerado um dos responsáveis por aspectos como a coesão e a coerência, sem os quais, toda a semântica textual estaria comprometida.

Na próxima seção, passaremos à explicitação da metodologia adotada nesta pesquisa.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Para constituição do *corpus*, serão considerados, neste estudo, dois gêneros textuais que compõem os materiais didáticos voltados para a EaD, ambos de natureza escrita, a saber: *apresentações de disciplina e conteúdos de unidade*. Optamos por analisar somente gêneros escritos, pois o Fluxo Informacional é mais facilmente flagrado em materiais dessa natureza.

A amostra composta por 20 (vinte) conteúdos de unidade e 5 (cinco) apresentações será retirada de cinco disciplinas de graduação oferecidas pela UNAB/MG e que pertencem a áreas de conhecimentos distintas, quais sejam: Direito, Gerenciais, Letras, Saúde e Tecnologia¹².

A análise se dará nos materiais didáticos produzidos por professores das áreas acima apontadas e que foram postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem ao longo do 1º e 2º semestres de 2011.

Conforme anunciado em seções anteriores, para se proceder à análise do Fluxo Informacional, torna-se necessário selecionar algum elemento linguístico presente no discurso para servir de referente. Para tanto, elegemos os Sintagmas Nominais (SN's) para assumir essa função (de referente) e compor, assim, a base analítica desta pesquisa. Importa dizer que os sintagmas são aqui entendidos como segmentos linguísticos que contêm, em sua estrutura, um elemento núcleo que é determinado e outro que é determinante. Cada um desses elementos, dependentes entre si e subordinados um ao outro, constitui um sintagma individual. Os sintagmas nominais, por sua vez, se caracterizam por conter, como a própria nomenclatura sugere, um nome (substantivo ou adjetivo) em seu núcleo.

Uma vez identificados os Sintagmas Nominais presentes no *corpus* desta pesquisa, eles serão classificados de acordo a taxonomia do Fluxo Informacional que criamos com base nos modelos de Halliday (1967), Chafe (1976), Gorski (1985) e Prince (1981). Nossa taxonomia, a exemplo das demais, também foi dividida em categorias, quais sejam: *novas (novíssimas, seminovas, apoiadas e eventuais), inferíveis (ancoradas, não-ancoradas) e velhas (mencionadas, anafóricas)*.

Em seguida, esses dados serão tabulados quantitativamente, de acordo com cada uma das categorias citadas. Feito isso, procederemos à análise qualitativa dos dados, que se dará da seguinte forma: tomaremos os textos apresentados em cada uma das cinco disciplinas que

¹² A amostra se divide em: 4 (quatro) conteúdos de unidade e 1 (uma) apresentação de cada disciplina que será analisada.

compõem o nosso *corpus*, começando da apresentação da disciplina e partindo, depois, para cada uma das quatro unidades de ensino da respectiva disciplina.

Uma vez apontado o texto que será alvo de análise, naquele momento, faremos uma descrição do texto, baseando-nos no **objetivo geral** desta pesquisa, que é o de verificar como o Fluxo da Informação é constituído nos materiais didáticos produzidos por professores de uma instituição de Educação a Distância, que, ficticiamente, denominamos de UNAB/MG.

Em seguida, apresentaremos o resultado das categorizações realizadas naquele texto, com base nas categorias *novas* (*novíssimas, seminovas, apoiadas e eventuais*), *inferíveis* (*ancoradas e não-ancoradas*) e *velhas* (*mencionadas e anafóricas*) do Fluxo Informacional, ocasião em que pretendemos atingir o nosso primeiro **objetivo específico**, que é o de verificar se o docente consegue organizar o texto, propiciando a relação das informações nova, velha e inferível.

Feito isso, partiremos para a última etapa da análise, momento em que buscaremos alcançar o nosso segundo e último **objetivo específico**, que é o de verificar em que medida a preservação, ou não, de uma continuidade no Fluxo Informacional poderia influenciar a função mediadora desempenhada pelos materiais didáticos voltados para a EaD, no processo de ensino e de aprendizagem.

A partir dessa verificação, procederemos à análise textual e, a partir dela, teceremos considerações críticas sobre cada um dos textos.

Para construirmos nosso juízo acerca dos textos que serão analisados, levaremos em consideração, primeiramente, o modo como foi constituído o Fluxo Informacional, já que, conforme temos defendido até aqui, ele é o responsável por garantir a preservação de aspectos diretamente ligados ao sentido, nos materiais didáticos, sobretudo os voltados para a EaD. Depois, basearemos nossa avaliação nos critérios constantes no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos produzido pela UNAB/MG e disponibilizado a todos os docentes da instituição. Nele, constam orientações para elaboração dos mais diversos textos didáticos, inclusive *apresentações de disciplina e conteúdos de unidade*, que foram os gêneros textuais que escolhemos analisar. O trecho abaixo é retirado das orientações do manual:

[A apresentação da disciplina] “é o espaço para que o professor se apresente, demonstre a sua experiência, seus projetos, suas expectativas em relação ao desenvolvimento do aluno”. [...] (MANUAL DE ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS, UNAB/MG, 2012, p. 20).

No manual é possível verificar, ainda, alguns itens que devem estar presentes na apresentação, quais sejam: boas-vindas aos alunos, ementa e objetivos da disciplina, conteúdo de cada unidade, orientações de estudo e os critérios que serão adotados na avaliação.

Para elaboração dos conteúdos de unidade, o manual também oferece algumas orientações, como as que se seguem:

As unidades são as grandes áreas nas quais o conteúdo é dividido, enquanto as subunidades são as divisões menores das unidades. Ao selecionar o conteúdo a ser desenvolvido, devem-se considerar: os objetivos daquela unidade e da disciplina; os conceitos anteriores necessários à compreensão daquele conteúdo; os aspectos fundamentais e os tópicos de fácil e de difícil compreensão; a relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado. (MANUAL DE ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS, UNAB/MG, 2012, p. 27).

Resumindo: a constituição do Fluxo Informacional em consonância com os objetivos desta pesquisa, a adequação do texto segundo os fins a que se propõe e a conformidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos da UNAB/MG serão, portanto, os critérios que adotaremos para construção de nosso parecer crítico.

Com base nesses critérios, atribuiremos conceito A, B ou C a cada um dos textos analisados sendo que:

- **Conceito A** – Será atribuído ao material didático que, além de obedecer a todos, ou quase todos os critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos proposto pela UNAB/MG, teve o seu Fluxo da Informação constituído de tal modo, que o torna apto a cumprir sua função principal, que é a de servir de mediador entre professor e aluno.
- **Conceito B** – Será atribuído ao material didático em que foi acatada apenas uma parte dos critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos e em cuja constituição do Fluxo Informacional foram identificadas falhas que poderiam comprometer o seu papel mediador entre professor e aluno.
- **Conceito C** – Será atribuído ao material didático que não obedeceu a nenhum dos critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos proposto pela UNAB/MG e que, na constituição do Fluxo Informacional, apresentou problemas que o tornava inapto a cumprir sua função mediadora entre professor e aluno.

Antes, contudo, de passarmos para a análise propriamente dita, cabem aqui duas últimas observações: a primeira delas é que os textos que compõem o nosso *corpus* foram

expostos na seção de anexos, organizados em ordem alfabética segundo os nomes fictícios das disciplinas: Bases do Direito Administrativo, Custos Contábeis, Processos Interacionais: usuário X computador, SUS: processos organizacionais e Textos: leitura e interpretação. Porém, para facilitar a visualização, ao longo das análises, foram apresentados trechos desses textos, no intuito de ilustrar e fundamentar o que for dito. A segunda observação é que, para classificação dos dados conforme as categorias do Fluxo da Informação, adotamos, como critério, a separação das informações por cores, onde: as informações consideradas **novas** foram formatadas com fonte azul; as informações consideradas **inferíveis** foram formatadas com fonte verde e as informações consideradas **velhas** foram formatadas com fonte vermelha. Além disso, foram atribuídas siglas, entre parênteses, à frente de cada sintagma nominal, assim, as informações foram classificadas da seguinte forma:

(NN) Nova Novíssima	(IA) Inferível Ancorada	(VM) Velha Mencionada
(NSN) Nova Seminova	(INA) Inferível Não Ancorada	(VA) Velha Anafórica
(NA) Nova Apoiada		
(NE) Nova Eventual		

Ainda sobre o processo de análise dos textos, interessa também dizer, que levamos em consideração dois importantes aspectos: o primeiro deles, diz respeito às informações consideradas inferíveis. Isso porque sabemos que tais informações partem do conhecimento de língua e de mundo de cada um, fato que poderia imprimir um caráter subjetivo em nossas classificações. Por isso, nos atemos, estritamente, ao que foi grafado nos textos, procurando nos isentar, assim, de todo e qualquer compromisso oriundo de interpretações individuais. O segundo aspecto se refere à estratégia que adotamos de quantificar os dados desta pesquisa. A esse respeito, cabe ressaltar que a quantificação desses dados se deu no intuito de termos uma noção dos elementos novos, inferíveis e velhos presentes em cada texto analisado. Todavia, sabemos que a quantificação também pode conter traços de subjetividade e, por essa razão, uma análise qualitativa foi realizada.

Passaremos, então, a partir de agora, a apresentar o resultado das análises realizadas nos materiais didáticos de cada uma das cinco disciplinas que compuseram o nosso *corpus*.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises procedidas nos 25 textos que compõem o nosso *corpus*. *Corpus* esse que se divide em cinco apresentações de disciplina e 20 conteúdos de unidade. Os textos foram separados por disciplinas, sendo assim, os cinco subitens deste capítulo dizem respeito a cada uma das disciplinas analisadas e que, a partir de agora serão apresentadas obedecendo-se a seguinte ordem: *Bases do Direito Administrativo* (Disciplina da Área do Direito), *Custos Contábeis* (Disciplina da Área Gerencial), *Processos Organizacionais: Usuário X Computador* (Disciplina da Área de Tecnologia), *SUS: Processos Organizacionais* (Disciplina da Área de Saúde) e *Textos: Leitura e Interpretação* (Disciplina da Área de Letras).

5.1 Disciplina Bases do Direito Administrativo (Área de Direito)

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada nos materiais didáticos da disciplina **Bases do Direito Administrativo**. A seção foi subdividida em partes relativas a cada uma aos cinco textos analisados, quais sejam: Apresentação da Disciplina, Unidade I, Unidade II, Unidade III e Unidade IV.

5.1.1 Apresentação da Disciplina Bases do Direito Administrativo

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.1.1.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo (**Anexo A**) foi constituído em torno de 15 parágrafos. No primeiro deles, o professor se apresenta, dá boas-vindas aos alunos, faz a apresentação da tutora e informa que ambos estarão sempre à disposição para o que for preciso. O segundo parágrafo, embora bem curto, é utilizado pelo docente para criar uma atmosfera de proximidade com os alunos, uma vez que ele manifesta sua satisfação em recebê-los em sua disciplina, ao mesmo tempo em que almeja

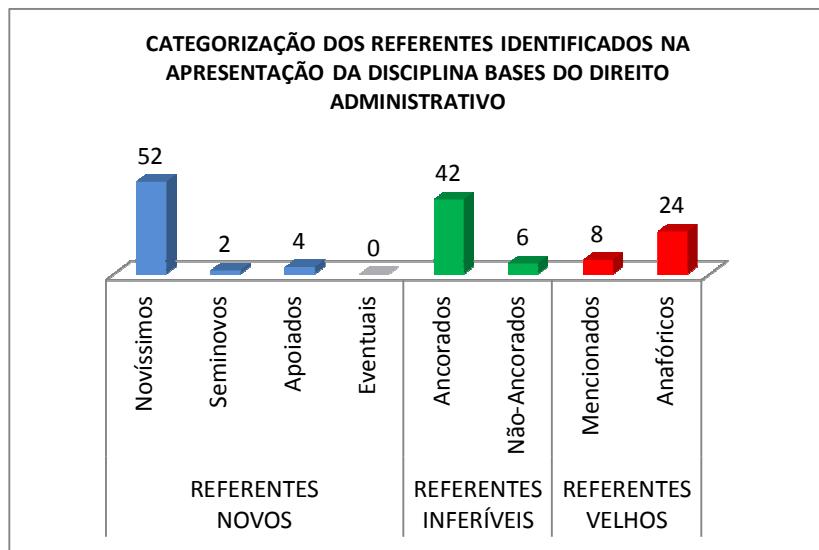
que o semestre seja proveitoso a todos. No terceiro parágrafo, o professor continua sua estratégia de envolvimento, quando afirma que a participação de todos é fundamental nos diversos tipos de atividades que serão propostas. Algo que nos chamou bastante a atenção é que, no 4º parágrafo, o professor, de uma maneira bem amistosa, informa aos alunos que a turma deles é marcada pela heterogeneidade, por isso ele reconhece que o nível de dificuldade frente à disciplina será diverso. Contudo, ao invés de se intimidar, ele encara essa realidade como um desafio e aproveita a oportunidade para incentivar a interação entre todos. O parágrafo seguinte é dedicado à apresentação da UNAB/MG e do seu Ambiente Virtual de Aprendizagem. Nos parágrafos que se seguem, o docente começa a apresentar os temas do Direito Administrativo que serão tratados em cada unidade. Essa apresentação vem acompanhada de um breve resumo de cada assunto. Feito isso, o professor insere um outro parágrafo em que chama a atenção do aluno para o compromisso que é preciso se ter ao cursar uma disciplina virtual. Ele ainda recomenda o acompanhamento criterioso do cronograma, bem como o cumprimento dos prazos nele estipulados. Já no parágrafo seguinte, ele, mais uma vez, cita o nome da tutora e reforça o compromisso de ambos ajudarem os alunos no que for preciso. O professor, então, encerra a apresentação de sua disciplina, citando as palavras de duas docentes que ele não identifica quem sejam, mas a mensagem central passada por elas é a construção partilhada do conhecimento.

5.1.1.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 52 sintagmas nominais novos novíssimos, dois novos seminovos, quatro novos apoiados, 0 novo eventual, 42 sintagmas nominais inferíveis ancorados, seis inferíveis não-ancorados, oito sintagmas nominais velhos mencionados e 24 velhos anafóricos.

**Gráfico 1 – Apresentação da disciplina
Bases do Direito Administrativo**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico nos sugere que cerca da metade das informações novas, aquelas inseridas pela primeira vez no discurso, foram retomadas no discurso, por meio das informações velhas. Todavia, se prestarmos atenção, veremos que houve certo equilíbrio entre as informações novas e inferíveis presentes no texto. Esses dados sugerem que pouco mais de 50% dos referentes novos foram efetivamente retomados ao longo do texto via referentes velhos, mas quase 100% desses foram, de algum modo, ao menos referenciados pelas informações inferíveis. Veremos se isso se confirma na análise textual a seguir.

5.1.1.3 Análise textual

O resultado analítico do gráfico acima, que sugeriu ter havido desenvolvimento, senão de todos, de quase todos os referentes inseridos pela primeira vez no texto de apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo, parece condizer com a realidade. Isso porque, ao leremos o texto, não identificamos qualquer referente que tenha se perdido ao longo do discurso. Ao contrário disso, o que vimos foi um texto claro, coerente, objetivo, que contemplou, com exceção dos critérios de avaliação, todos os elementos recomendados pelo Manual de Elaboração de Material Didáticos elaborado pela UNAB/MB, para uma apresentação de disciplina, tais como: boas-vindas, objetivos da disciplina, ferramentas de aprendizagem e conteúdos de cada unidade.

Em nossa análise, constatamos que os dois primeiros parágrafos foram utilizados pelo docente para se apresentar, apresentar a tutora e para dar boas-vindas aos alunos:

Bem vindos à disciplina Bases do Direito Administrativo (NA). Ao longo do curso vocês (VA) poderão contar comigo, Professor Daniel Borges (NN) e também como a tutora Raquel Riveres (NN). Estaremos à disposição para auxiliá-los (VA) durante os seus estudos (IA).

É uma enorme satisfação tê-los (VA) conosco (VA) este semestre (INA). Estamos certos que será um contato muito proveitoso (NN) para todos (VA).

No parágrafo seguinte, vemos um trecho em que o docente informa as ferramentas que seriam utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Nossa pretensão (IA) é construir o conhecimento (NN) mediante a participação de todos (IA), através de discussões (NSN) e debates(NSN) sobre os temas (IA) propostos, proporcionando o desenvolvimento da formação crítico-reflexiva do jurista (NN), o que tornará o estudo da disciplina (IA) mais agradável e interessante.

Logo depois a isso, segue outro parágrafo que muito nos chamou a atenção, por seu caráter interativo. Nele, o professor reconhece que a turma é marcada pela heterogeneidade, mas esse fato não é visto por ele como um entrave e, sim, como um desafio para o aprimoramento.

Nossa turma (IA) é marcada pela heterogeneidade (NN) o que significa que, provavelmente, alguns alunos (VA) terão mais dificuldades do que outros (IA) no estudo da disciplina Bases do Direito Administrativo (NA). No entanto, precisamos entender tal situação (VA) como um desafio para o aprimoramento (IA). E isso (VA) será possível mediante a interação (IA) e também a cooperação de todos (INA). Logo, caros alunos (VM), a participação e o interesse de todos (INA) são importantes. Respeitando a interpretação (NN) e os posicionamentos (NN) de cada um (VA), construiremos um curso proveitoso (NN) para todos (VA).

Também não podemos deixar de observar, ainda neste parágrafo, que o docente cita o termo ‘heterogeneidade’ pela primeira vez no discurso, mas, logo depois, tece uma breve explicação sobre ele. Essa é uma prova da hipótese prevista pela análise do gráfico, de que os referentes novos inseridos neste texto, foram desenvolvidos ao longo dele. E, consequentemente, um indício de que o Fluxo da Informação foi bem constituído.

Nos parágrafos seguintes, o docente apresenta os temas que serão tratados nas quatro unidades de ensino da disciplina.

Inicialmente, estudaremos, na Unidade I (NN), o tema (NN) envolvendo os Princípios do Direito Administrativo (NA). O conceito (IA), a aplicação (IA), as peculiaridades (IA) serão metas (NN)

buscadas na presente unidade (VA).

Em segundo lugar, na Unidade II (NN), estudaremos o Tema da Licitação (NN). Além do conceito (IA), da base jurídica (IA), dos princípios (IA) e das espécies (IA), estudaremos também a discussão (NN) envolvendo a dispensa (IA) e a inexigibilidade de Licitação (NN). Esse tema (VA), aliás, é muito importante para o atual momento vivido no Brasil (INA) em razão das obras para a Copa do Mundo de 2014 (NN).

Já na Unidade III (NN), estudaremos o tema da Improbidade Administrativa (NN). Vamos entender o que vem a ser a Improbidade (NN), sua base jurídica (IA), hipóteses (IA), além das sanções (IA) que a mesma (VA) acarreta ao agente público (NN).

Por fim, mas não menos importante, na Unidade IV (NN) abordaremos a Administração Pública Indireta (NN). Analisaremos o conceito (IA), a sua composição (IA), atribuições (IA), dentre outras questões (IA).

Neste trecho, é possível observar que, em todas as unidades, há a inserção do tema, que é classificado como referente novo novíssimo, e logo após ele seguem-se informações inferíveis que estão ancoradas ao termo anterior. Tal estratégia, segundo as teorias que versam sobre a referenciação e a progressão textual, serve para desenvolver os referentes inseridos pela primeira vez no discurso. Relacionando o fato à nossa análise, temos mais um indício de que houve uma constituição adequada do Fluxo da Informação.

Ainda sobre este trecho, vemos, em seu segundo parágrafo, um bom exemplo de ancoragem devido ao modo como o docente organizou as ideias nele contidas, isto é, listando uma série de conceitos (base jurídica, hipóteses, sanções) subjacentes a um elemento novo que havia sido recém-inserido no texto (a Improbidade). Nisso enxergamos um aspecto positivo no que se refere à constituição do Fluxo Informacional.

No trecho seguinte ao que acabamos de apresentar, o docente tece algumas recomendações, aos alunos, para o bom andamento da disciplina.

Aqui na Universidade Aberta de Minas Gerais (VM), para um bom desempenho na disciplina (IA), o aluno (VM) precisa assumir, efetivamente, o compromisso (NN) de levar a sério a disciplina (IA). E o primeiro passo para isso (VA) é ter o chamado “método” (NN). Ou seja, destinar parte do seu tempo de estudo (IA) para o acesso (NN) ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) (VM), ficar atento aos avisos (NN) e comunicados (NN) enviados, assim como acompanhar a disciplina (VA) pelos materiais (IA) indicados.

Podemos notar que toda a orientação gira em torno de um único termo, a palavra ‘método’, que é detalhadamente explicada pelo docente assim que o termo é citado. Aqui, mais uma vez, vemos uma informação nova sendo desenvolvida. Dessa forma, podemos dizer que o resultado da análise do gráfico não contraria a realidade, visto que houve, de fato, associação discursiva entre os referentes presentes no discurso.

Prosseguindo com nossa análise, chegamos aos últimos parágrafos da unidade, em que o professor faz algumas recomendações aos alunos acerca do cronograma da disciplina, alerta a estes que fiquem atentos aos prazos e, mais uma vez, se coloca à disposição para apoiá-los no que for preciso.

Considerando o que foi exposto até aqui, atribuiremos **Conceito A** ao texto de apresentação da disciplina Bases do Direito Administrativo.

5.1.2 Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.1.2.1 Descrição do texto

Na Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo (**Anexo B**) o Fluxo da Informação foi constituído da seguinte forma: o professor abre a unidade apresentando uma lista de 14 princípios que, acreditamos, estão ligados ao Direito Administrativo. Feito isso, ele insere um parágrafo informando aos alunos qual será o tema da unidade I – *Princípios do Direito Administrativo* – e segue dando algumas orientações de estudo. Ele ainda informa que os tópicos apresentados no início da unidade servirão para orientar os alunos na organização de seus estudos. Sugere que, ao longo da leitura, sejam feitos fichamentos, resumos e mapas conceituais. No parágrafo seguinte, o docente informa que grande parte da bibliografia indicada consta no acervo da biblioteca, depois se coloca à disposição dos alunos e encerra apresentando a bibliografia básica da unidade.

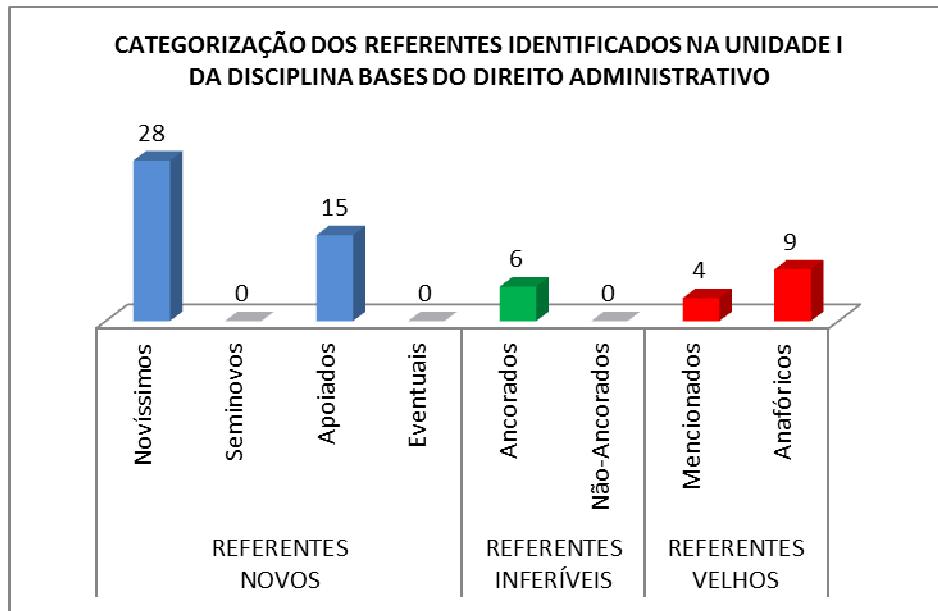
5.1.2.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 28 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 15 novos apoiados, nenhum novo eventual, seis sintagmas nominais inferíveis

ancorados, nenhum inferível não-ancorado, quatro sintagmas nominais velhos mencionados e dez velhos anafóricos.

**Gráfico 2 – Unidade I da disciplina
Bases do Direito Administrativo**



Analisando o gráfico, vemos que o número de referentes velhos representa pouco mais de $\frac{1}{4}$ dos referentes novos. Esse percentual subiria para quase 50% se em nossa comparação, considerássemos apenas as informações novas novíssimas, isto é, aquelas inseridas pela primeira vez no discurso e que, presume-se, são totalmente desconhecidas por parte do leitor. Em outras palavras, se considerarmos que as 13 informações velhas presentes no discurso estão retomando também 13 referentes novos novíssimos, isso nos permitiria concluir que cerca da metade das informações novas foram desenvolvidas ao longo do texto e a outra metade não. Contudo, não podemos deixar de considerar nessa interpretação, o número de informações novas apoiadas, que é significativo e poderia fazer pender o número de informações supostamente desenvolvidas. Isso, porém, foi evitado pelo número de informações inferíveis presentes no texto, que serviram para atenuar a discrepância entre os três níveis de informações, visto que elas representam cerca de 15% em relação ao número de informações novos. As informações inferíveis, embora não representem a retomada efetiva de referentes novos, indicam, ao menos, menção a eles.

Ainda assim, os dados nos fornecem indícios de que nem metade dos referentes novos foi desenvolvida ao longo do discurso. Contudo, só saberemos se houve falhas na constituição

do Fluxo da Informação que tenha comprometido o sentido global do texto, na análise textual apresentada a seguir.

5.1.2.3 Análise textual

A Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo é introduzida por uma lista de 14 princípios ligados ao direito administrativo.

Unidade I (VM)- PRINCÍPIOS DO DIREITO ADMINISTRATIVO (NA)

- Princípio da Supremacia do Interesse Público (NA)
- Princípio da Indisponibilidade do Interesse Público (NA)
- Princípio da Legalidade (NA)
- Princípio da Impessoalidade (NA)
- Princípio da Moralidade (NA)
- Princípio da Publicidade (NA)
- Princípio da Eficiência (NA)
- Princípio da Autotutela (NA)
- Princípio da Continuidade (NA)
- Princípio da Precaução (NA)
- Princípio da Razoabilidade (NA)
- Princípio da Proporcionalidade (NA)
- Outros princípios (NA)
- Súmulas e decisões interessantes. (NA)

Esses tópicos foram os responsáveis por causar o desequilíbrio no gráfico de categorização dos referentes identificados nesta unidade e que acabaram por sugerir que nem todas as informações inseridas pela primeira vez no discurso foram desenvolvidas ao longo dele. Isso porque, só nesta parte introdutória, foram inseridos 14 referentes novos. Todavia, se prestarmos atenção, veremos que esses referentes se enquadram na categoria dos referentes Novos Apoiados, isto é, aqueles que possuem traços de outro referente já mencionado discursivamente. Esse referente, sob o qual todos os outros se apoiaram, é ‘Princípios do Direito Administrativo’, que, por sua vez, trata-se do tema da unidade.

A hipótese de que o desequilíbrio entre as categorias de referentes deste texto veio dessa lista ganha maior força quando lemos o segundo parágrafo da unidade:

Os tópicos, anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Ou seja, o nosso estudo (IA) começará abordando os princípios denominados “basilares” do Direito Administrativo (NN). Na sequência (VA), estudaremos os princípios que estão expressamente previstos na Constituição Federal (NN), bem como outros que estão previstos (IA) em outros dispositivos que integram a legislação administrativa (NN).

Podemos observar que, de fato, não houve uma menção individual a cada um dos 14 princípios outrora apresentados, contudo, o docente os retoma de um modo genérico, explicando o propósito deles. Ou seja, todos os 14 referentes novos foram encapsulados em um só referente, igualmente novo novíssimo – “princípios denominados “basilares” do **Direito Administrativo**”. Nesse sentido, não consideramos que houve falhas na continuidade do Fluxo da Informação.

Prosseguindo com nossa análise, vemos, no parágrafo seguinte, algumas orientações ligadas à leitura da bibliografia básica da unidade.

Procure compreender a implicação de cada princípio no Direito Administrativo (NN). Além da leitura (IA), estruture seus estudos (IA) em fichamentos (NN), resumos (NN) e, se possível, desenvolva mapas conceituais (NN) para facilitar a compreensão do objeto estudado (VA).

Interessante observar que, nessa orientação, o professor incentiva os alunos a fazerem resumos, fichamentos e mapas conceituais a fim de facilitar a compreensão, contudo, mais importante do que isso, ele os encoraja a fazer associações a partir da leitura, à medida que sugere que os alunos ‘*procurem compreender a implicação de cada princípio no Direito Administrativo*’.

Apesar de essa ser uma estratégia interessante do ponto de vista pedagógico, o que concluímos com essa orientação é que a apreensão de tais princípios se dará de forma autônoma por parte dos alunos, visto que, na unidade, não observamos uma breve explanação proposta pelo professor, sobre cada um deles.

Já em relação à conformidade da unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, instituição pela qual a disciplina é ofertada, podemos dizer que houve falhas em obedecer ao modelo proposto. Isso porque, apesar de considerarmos que a unidade foi bem desenvolvida no que se refere à constituição do Fluxo da Informação, nela não foram encontrados os objetivos da unidade e da disciplina; os conceitos anteriores necessários à compreensão do conteúdo; os aspectos fundamentais e os tópicos de fácil e de difícil compreensão, nem a relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado.

Nesse sentido, atribuiremos **Conceito B** ao texto da Unidade I da disciplina Bases do Direito Administrativo.

5.1.3 Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.1.3.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo (**Anexo C**) foi assim constituído: o professor insere o tema da unidade – *Licitação*. Em seguida ele insere uma espécie de subtítulo – *Tópicos* – porém este não é seguido de qualquer texto. Logo depois, há outro subtítulo – *Conceito* - este, sim, vem acompanhado de três perguntas, todas ligadas ao tema ‘Licitação’. Na sequência, o professor apresenta um terceiro subtítulo – *Princípios* – e informa que, além dos princípios vistos na Unidade I, existem os princípios específicos aplicáveis à Legislação, que são elencados logo em seguida.

A partir daí, o professor enumera os objetivos da unidade que, curiosamente, vêm discriminados por meio de conceitos seguidos por perguntas a ele relativas. Feito isso, o professor insere um parágrafo em que se dirige aos alunos para explicar, de maneira breve, o que vem a ser ‘Licitação’. Ele, então, informa como fez na Unidade I, que os tópicos ora apresentados têm o objetivo de orientar os alunos na organização de seus estudos e explica que as perguntas propostas nos objetivos servirão de auxílio ao longo da unidade.

Feito isso, o docente pede aos alunos que as respondam com base nas leituras, bem como na interação com ele, a tutora e os demais colegas.

A unidade é encerrada com o professor se colocando à disposição dos alunos e apresentando a bibliografia básica da unidade.

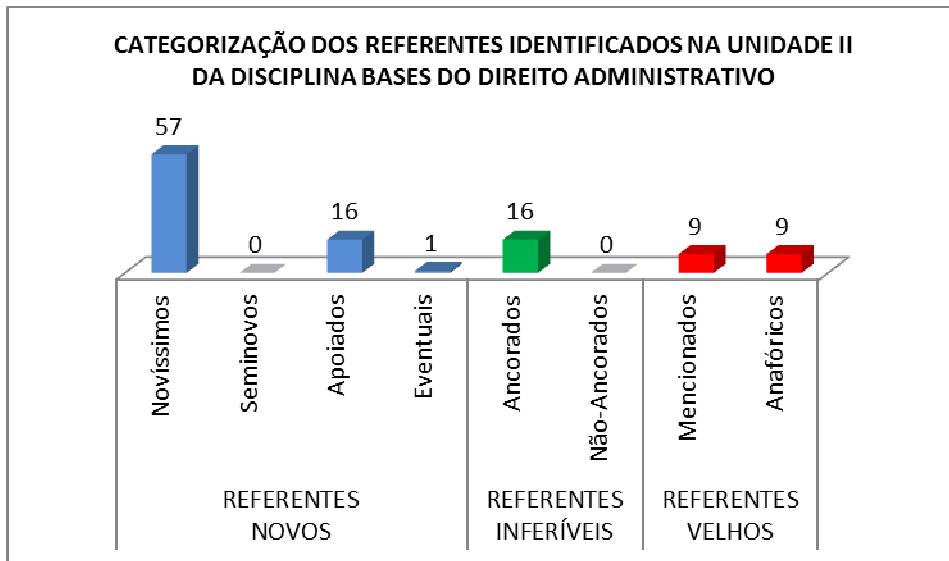
5.1.3.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 57 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 16 novos apoiados, um novo eventual, 16 sintagmas nominais inferíveis ancorados,

nenhum inferível não-ancorado, nove sintagmas nominais velhos mencionados e nove velhos anafóricos.

**Gráfico 3 – Unidade II da disciplina
Bases do Direito Administrativo**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à crítica do gráfico, vemos um desequilíbrio entre os três níveis de informação: nova, inferível e velha. Isso porque o número de informações novas é consideravelmente superior ao número de informações velhas e inferíveis. Isso sugere problemas na constituição do Fluxo da Informação, pois apenas 25% das informações novas foram retomadas via referentes velhos. Em outras palavras, 75% das informações que foram inseridas pela primeira vez no discurso não foram desenvolvidas ao longo dele. Os dados seriam menos preocupantes, se da totalidade de informações novas, fosse deduzido o percentual de informações inferíveis, também cerca de 22% em relação aos elementos recém-inseridos no discurso, visto que as informações inferíveis, embora não se prestem a retomar elementos já citados no texto, fazem menção a eles, o que poderia sugerir o desenvolvimento, pelo menos em certa medida, de alguns referentes novos. Veremos, porém, se tal constatação se confirma, na análise textual que será apresentada a seguir.

5.1.3.3 Análise textual

A Unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo, que versará sobre ‘Licitação’, começa, conforme vimos na apresentação inicial, de um modo bastante curioso, ou seja, com o professor apresentando três questões aos alunos. Quais sejam:

O que podemos entender **por Licitação (VM)**?
 Por que **ela (VA)** é importante?
 Em **termos legais (NN)**, quais seriam as **duas finalidades da Licitação (NA)**?

Essa foi uma estratégia adotada pelo docente para incentivar o aluno a refletir sobre o tema da unidade, construindo, assim, respostas individuais com base no conhecimento prévio de cada um. Tal medida interativa é, do ponto de vista didático-pedagógico, muito válida e eficaz.

Na sequência a essas questões que abrem a unidade, o docente, assim como procedeu na unidade anterior, apresenta uma lista de nove princípios aplicáveis ao tema da unidade, ou seja, à ‘Licitação’.

Legalidade (NN)
 Impessoalidade (NN)
 Moralidade (NN) (aqui também podemos incluir o princípio da Probidade Administrativa) (NA)
 Publicidade (NN)
 Igualdade entre os Licitantes (NN)
 Vinculação ao Instrumento Convocatório (NN)
 Julgamento Objetivo (NN)
 Sigilo de Proposta (NN)
 Procedimento Formal (NN)

Podemos notar que cada um desses princípios corresponde a uma informação nova e, como eles não foram desenvolvidos, de modo individual, ao longo do discurso, isso talvez explique como ponderamos, na análise textual da unidade I, a desigualdade observada no gráfico de categorização dos referentes desta unidade.

Também os objetivos da unidade foram apresentados de uma forma bastante interessante, com o professor propondo algumas perguntas, cada uma delas ligadas a um conceito específico, que, acreditamos, se relate em alguma medida ao tema da unidade, que, por sua vez, é ‘Licitação’.

Prosseguindo com nossa análise, vemos que tudo que foi apresentado até então trata apenas de uma parte introdutória da unidade. Isso porque só após essa apresentação inovadora dos objetivos da unidade é que o professor se dirige, efetivamente, aos alunos e anuncia o tema da unidade.

Prezados(as) Alunos(as), (NN)

Após os estudos a respeito dos Princípios do Direito Administrativo (NN), na presente unidade

(VA), estudaremos a Licitação (VM). Em linhas gerais (NN), a Licitação (VM) pode ser entendida, a partir das considerações do professor Celso Antônio Bandeira de Mello (IA), como sendo uma espécie de procedimento administrativo, de caráter obrigatório (IA), que deve ser observado pelas pessoas que integram tanto à Administração Pública Direta quanto a Administração Pública Indireta (IA). O mencionado procedimento (VA) tem por objetivo (IA), dentre outros (IA), a alienação (NN) e a locação de bens (NN), assim como a realização de serviços (NN). Enquanto um procedimento destinado à Administração Pública (NA) é preciso assegurar a ampla participação de interessados na apresentação das propostas (NN), de modo que seja possível selecionar, conforme previsão legal (NN), a “proposta mais vantajosa”. (NN)

Importante observar, ainda neste trecho, que as três questões que abriram a unidade são agora respondidas pelo docente. Nesse sentido, vemos uma coerência na organização do Fluxo Informacional.

Também no parágrafo que se segue, o docente faz uma retomada, de um modo generalizado, dos tópicos apresentados inicialmente, quando explica o propósito deles na unidade.

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Existem perguntas (NN) que servirão de auxílio ao longo da Unidade (IA). Procure respondê-las (VA) com base nas leituras (IA), bem como na interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA).

Observando esse trecho, chegamos à conclusão de que tais tópicos funcionam como uma espécie de *handout* para guiar a leitura dos textos indicados na bibliografia básica da unidade. Essa não deixa de ser, portanto, uma orientação de leitura, que, do ponto de vista pedagógico, é indispensável em todo e qualquer material didático, sobretudo, os voltados para a Educação a Distância.

Finalizando nossas considerações acerca da unidade II, falaremos, agora, sobre sua conformidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG. Dentre os critérios exigidos pelo referido manual para uma Unidade de Ensino, aqueles que observamos na presente unidade são os que dizem respeito à apresentação dos objetivos da unidade, à exposição de conceitos necessários à compreensão do conteúdo da unidade, bem como seus aspectos fundamentais. Os demais critérios, porém, não foram observados.

Diante disso, atribuiremos **Conceito A** ao texto da unidade II da disciplina Bases do Direito Administrativo.

5.1.4 Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo

Para a construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.1.4.1 Descrição do texto

Na Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo (**Anexo D**), o Fluxo da Informação foi constituído de modo bem parecido com o que foi feito na unidade anterior, em que o professor começa informando o tema da unidade – *Improbidade Administrativa*. Logo depois, ele apresenta uma lista de dez subtemas que, acreditamos, vão ao encontro do tema central da unidade.

Terminada essa parte, ele inicia um parágrafo em que afirma ser a *Improbidade Administrativa* um assunto de grande importância no Direito Administrativo e que este tem relações diretas com o princípio da Moralidade Administrativa, assunto tratado na Unidade I.

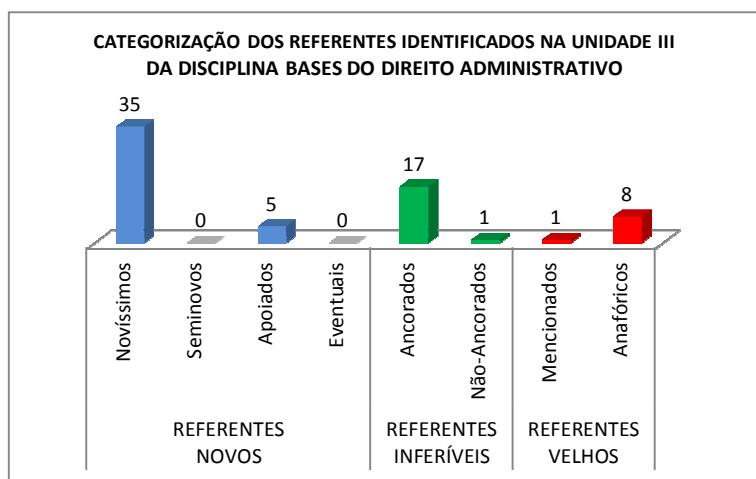
O que se segue a partir daí é uma breve explanação sobre o tema da unidade. O docente, assim como fez nas duas primeiras unidades, afirma que os tópicos apresentados no início do texto têm por objetivo orientar os alunos na organização de seus estudos. Também como procedeu nas unidades anteriores, o professor informa que grande parte da bibliografia indicada está disponível no acervo da biblioteca. Oportunamente ele se coloca à disposição dos alunos e o que vem na sequência é uma lista de referências que fazem parte da bibliografia básica da unidade.

5.1.4.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 35 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, cinco novos apoiados, nenhum novo eventual, 17 sintagmas nominais inferíveis ancorados, um inferível não-ancorado, um sintagma nominal velho mencionado e oito velhos anafóricos.

**Gráfico 4 – Unidade III da disciplina
Bases do Direito Administrativo**



Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando o gráfico, verificamos que houve uma forte discrepância entre o número de informações velhas, novas e inferíveis. Isso, por si só, já sugere problemas na constituição do Fluxo Informacional. Podemos observar que, em relação aos referentes novos presentes no discurso, pouco mais de 20% foram retomados por meio dos referentes velhos. Isso indica que, do montante total de informações novas, apresentadas pela primeira vez no discurso, 80% não foram desenvolvidas. Esse dado poderia ser amenizado, se considerarmos que as 18 informações inferíveis presentes no texto, estão ali, ainda que não retomando, fazendo ao menos menção a 45% das informações novas. Veremos se essas estatísticas comprometeram o sentido global do texto, na análise textual que se segue.

5.1.4.3 Análise textual

Assim como procedeu nas duas unidades anteriores, o docente dá início à Unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo apresentando uma lista de tópicos, dez no total, ligados ao tema da unidade, que é a ‘Improbidade Administrativa’.

- Evolução histórica e legislativa. (NN)
- A observância dos deveres do Administrador Público. (NN)
- Definição Jurídica. (NN)
- Sujeitos do Ato de Improbidade. (NN)
- Modalidades de Improbidade Administrativa. (NA)

- Processo (NN)
- Temas Correlatos: (NN)
- LIA X Lei de Responsabilidade Civil. (NN)
- LIA X Crimes de Responsabilidade – 1.079/1950. (NN)
- A questão da Prerrogativa de Foro. (NN)

Diante disso, somos levados a, mais uma vez, associar a inserção desses dez tópicos, que correspondem, respectivamente, a dez referentes novos, à discrepância observada no gráfico categorial dos referentes identificados nesta unidade.

Prosseguindo com nossa análise, o que vemos depois é um longo parágrafo em que o docente faz uma explanação sobre o tema da unidade.

Continuando o nosso curso (INA), abordaremos agora um assunto de grande importância no Direito Administrativo (NN).

Trata-se da temática relacionada à Improbidade Administrativa (NA), questão diretamente ligada ao princípio da Moralidade Administrativa (IA), objeto de estudo na Unidade I (IA). A bem da verdade (NN), a Ação de Improbidade Administrativa (NA) se nos (VA) apresenta como um mecanismo de considerável relevância em termos de Controle Judicial sobre os atos entendidos como de improbidade (IA). Nesse sentido (VA), precisamos compreender o (VA) que significa a Improbidade Administrativa (VM), bem como sua aproximação da ideia de moralidade (IA), conforme mencionado acima. Ademais, a leitura das disposições legais a respeito do tema (NA) será uma constante (IA) na presente unidade (VA). Ou seja, além dos textos indicados na Bibliografia Básica (NN), a Lei 8.429/99 de 02 de junho de 1992 (NN) também será objeto de leitura e interpretação (IA). Por meio da mencionada Lei (VA), veremos que sua estruturação parte da apresentação dos sujeitos envolvidos (passivo e ativo) (IA), bem como dos tipos de improbidade (IA), além das sanções aplicáveis (IA) e, ainda, dos procedimentos de cunho administrativo e judicial (IA).

Logo em seguida a esse trecho, há outro parágrafo em que o docente, do mesmo modo como vinha agindo nas unidades anteriores, retoma de forma geral todos os tópicos inicialmente apresentados, explicando, ainda, o objetivo deles na unidade.

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Não se esqueçam da interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA).

Essa estratégia de retomada, que vem sendo utilizada pelo docente nos mostra que a incompatibilidade numérica entre as três categorias do Fluxo da Informação (novas, inferíveis e velhas) nem sempre significa falta de desenvolvimento de referentes inseridos pela primeira vez no discurso. Ao contrário disso, vemos que os dez referentes novos inseridos no início do texto foram todos encapsulados em um único referente, que é ‘improbidade administrativa’, tema da unidade. Tal estratégia contribuiu para coerência do texto.

Um detalhe negativo, porém, que notamos ainda neste trecho, foi a ausência de um elemento articulador entre as duas sentenças. Isso porque o professor muda, drasticamente, o foco discursivo, quando alerta aos alunos sobre a importância da interação consigo e com a tutora, logo após apresentar o objetivo dos temas que seriam tratados na unidade.

Encerrando a Unidade III, o professor informa aos alunos que a maior parte da bibliografia básica indicada encontra-se disponível no acervo da biblioteca.

E por falar em bibliografia básica, no caso específico da unidade III, foram apresentadas 12 (doze) referências e cada uma delas foi classificada como sendo um referente novo. Essa pode ser considerada mais uma razão que explique a discrepância observada no gráfico categorial, entre os referentes novos, velhos e inferíveis, sobretudo se considerarmos que a citação de uma referência bibliográfica em um texto didático não depende de retomadas posteriores para compreensão de seu sentido.

Para terminar nossas considerações acerca da unidade III, avaliaremos, neste momento, a conformidade da unidade presente com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG. Dentre os critérios exigidos pelo referido manual para uma Unidade de Ensino, o único que observamos na unidade III foi o que diz respeito à apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo da unidade. Já os demais critérios não foram observados na unidade em questão.

Considerando o exposto, o texto da unidade III da disciplina Bases do Direito Administrativo receberá **Conceito A**.

5.1.5 Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.1.5.1 Descrição do texto

A constituição do Fluxo Informacional na quarta e última unidade da disciplina Bases do Direito Administrativo (**Anexo E**) não fugiu muito ao padrão que vinha sendo adotado pelo docente. Para começar, assim como fez nas três primeiras unidades, ele informa o tema que será tratado na unidade – *Administração Pública Indireta* – e segue com uma lista de dez

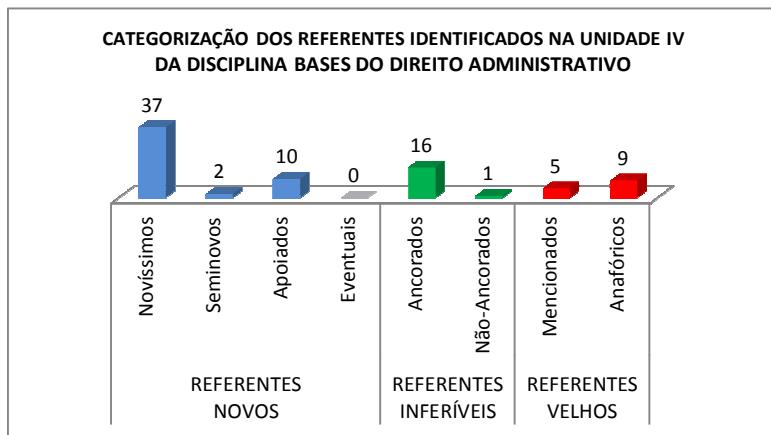
tópicos, todos eles, relacionados ao assunto central. Nos quatro parágrafos seguintes, o docente tece algumas considerações acerca da Organização da Administração Pública, logo depois informa que será feito um recorte nessa temática para, então, chegar ao real assunto da unidade, que tem por objetivo o estudo das pessoas administrativas integrantes da Administração Pública Indireta. Na sequência, o docente apresenta alguns conceitos e informa que estes serão esclarecidos ao longo da unidade. Nesse momento, assim como procedeu nas unidades I, II e III, o professor explica que os tópicos apresentados no início da unidade têm por objetivo orientar os alunos na organização de seus estudos. O docente também enfatiza a importância da interação constante entre professor, aluno e tutor sob a alegação de que “o conhecimento construído de forma participativa é muito mais interessante”. No parágrafo seguinte, o professor informa que o enfoque maior da disciplina será as Agências Reguladoras, mas acrescenta que as demais pessoas integrantes da administração pública também serão estudadas. Nesse último trecho, acreditamos que o termo ‘disciplina’ tenha sido usado equivocadamente, no lugar de unidade, já que o que se informava no momento, era exatamente sobre o conceito que seria foco na unidade em questão. Para finalizar a Unidade IV, o professor alerta aos alunos que fiquem atentos aos encontros *online* e, também como fez nas demais unidades, informa que grande parte da bibliografia indicada está disponível no acervo da biblioteca. O que segue, depois disso, é uma lista de referências ligadas à bibliografia básica da unidade.

5.1.5.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 37 sintagmas nominais novos novíssimos, dois novos seminovos, dez novos apoiados, nenhum novo eventual, 16 sintagmas nominais inferíveis ancorados, um inferível não-ancorado, cinco sintagmas nominais velhos mencionados e nove velhos anafóricos.

**Gráfico 5 – Unidade IV da disciplina
Bases do Direito Administrativo**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico nos revela um forte desequilíbrio entre as informações novas, velhas e inferíveis. Como se vê, o número de informações velhas não chega a 1/3 do número de informações novas. Isso pode indicar que a maior parte das informações inseridas no discurso pela primeira vez não foram retomadas ao longo do texto. As informações inferíveis presentes no texto, que correspondem a, aproximadamente, 35% das informações novas, podem contribuir para atenuar esse desequilíbrio, visto que elas, embora não retomem os referentes novos, como fazem os referentes velhos, fazem ao menos referência a esses, o que pode significar, em alguma medida, o desenvolvimento da informação nova. Todavia, mesmo que tal hipótese se confirme, a discrepância entre os três níveis de informação ainda seria grande. Isso pode nos sugerir, portanto, problemas na constituição do Fluxo Informacional. Na análise textual, que apresentaremos a seguir, veremos se essa perspectiva se confirma.

5.1.5.3 Análise textual

Conforme foi dito na descrição do texto, a Unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo não foge muito aos padrões que vinham sendo adotados nas unidades anteriores.

Como de costume, o docente dá início à unidade apresentando uma lista de tópicos, ao todo 10 (dez), ligados ao tema que nela será tratado, a saber, ‘Administração Pública Indireta’.

- Conceito. Composição. (NN)
- Considerações: Centralização de descentralização. (NN)
- Considerações: Concentração e Desconcentração. (NN)
- Princípios da Administração Pública Indireta. (NN)
- Integrantes da Administração Pública: (NN)
 - ✓ Autarquias. (NA)
 - ✓ Fundações Públicas. (NA)
 - ✓ Empresas Estatais ou governamentais. (NA)
 - ✓ Agências Reguladoras. (NA)
 - ✓ Agências Executivas. (NA)

Observe que, também nesta unidade, cada um dos tópicos apresentados corresponde a um referente novo. A retomada deles, também como foi feita nas três primeiras unidades, não se dá de modo individual, mas, sim, genérico, com o professor apresentando o propósito deles para a unidade.

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Não se esqueçam da interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA). O conhecimento construído de forma participada (NN) é muito mais interessante!

Tal estratégia, conforme já posto, juntamente com a indicação das referências bibliográficas, que também correspondem, cada uma, a um referente novo, não necessitando estes últimos de uma retomada para serem compreendidos, servem para explicar a discrepância observada no gráfico categorial, entre o número de informações novas, inferíveis e velhas. Isso nos mostra que nem sempre a disparidade numérica entre os três níveis categoriais significa problemas na constituição do Fluxo Informacional.

Antes deste trecho que acabamos de apresentar, há um parágrafo em que o professor tece uma breve explicação sobre o tema da unidade informa o objetivo do estudo do tema.

Em termos de **Organização da Administração Pública (NN)**, **nós (VA)** temos **a Administração Pública Direta (NA)**, **a Indireta (IA)** e também **as Entidades paraestatais (Entes de cooperação) (NN)**. Fizemos um recorte na temática (IA) e estudaremos **a Administração Pública Indireta (VM)**. Embora **toda a Organização da Administração Pública (VM)** se nos (VA) apresente de grande relevância (IA), o objetivo da presente Unidade (NA) consiste no estudo das pessoas administrativas integrantes da Administração Pública Indireta. (NA)

Podemos observar que, neste parágrafo, o professor parte da macro informação para a micro informação, à medida que vai afunilando os temas relacionados à Organização da Administração Pública, até chegar ao tema específico que será tratado na unidade. Em outras

palavras, o termo sublinhado no trecho serve para encapsular todos os tópicos apresentados no início do texto. Nesse sentido, vemos, além de um aspecto positivo no que se refere à coerência textual, uma preocupação, por parte do docente, em explicar como se originou o tema da unidade, o que pode ser considerado um ponto positivo da constituição do Fluxo Informacional.

Nos dois parágrafos que se seguem, é possível visualizar mais algumas considerações sobre o tema da unidade.

Neste sentido (VA), sabemos que a Administração Pública Indireta (VM) está vinculada à Administração Pública Direta (IA) e seus integrantes (IA) desempenham atividades de natureza administrativa (NN), mas que acontecem de maneira descentralizada (IA). Por exemplo, o INSS (NSN), o IBAMA (NSN) dentre outros Institutos (NN), como também Conselhos Federais (NN) etc., integram a Administração Pública Indireta (VM). Mas serão classificadas em que espécie (IA)? Seriam elas (VA) autarquias (NN), empresas públicas (NN)? Qual o critério diferenciador (NN)? E o caso da OAB (NN)?

Bom, *tais questões (VA)*, bem como *outras (IA)* serão esclarecidas ao longo *da presente Unidade (VM)*.

Verificamos que, nas linhas finais deste parágrafo, o docente lança algumas perguntas a seu leitor e, logo no parágrafo seguinte, ele afirma que '*tais questões, bem como outras serão esclarecidas ao longo da presente unidade*'. Todavia, o que foi prometido não pode ser verificado na unidade.

Também o parágrafo seguinte é utilizado pelo docente para enfatizar qual será o tema tratado na unidade.

Ressalto, preliminarmente, que *o enfoque maior da disciplina (NN)* será em relação às *Agências Reguladoras (NN)*. No entanto, *as demais pessoas integrantes da Administração Pública Indireta (NA)* também serão *estudadas (IA)*.

Contudo, nesse caso, também não vimos o cumprimento da promessa feita. Com base nisso, fomos levados a acreditar que todos esses conceitos seriam, sim, contemplados, contudo, somente nos textos da bibliografia básica da unidade, o que sugere um aprendizado autônomo por parte do aluno. Nesse sentido, observamos uma falha na constituição do Fluxo da Informação, visto que o professor promete desenvolver tais temas ainda na presente unidade, todavia, não o faz.

Já no que diz respeito à conformidade do texto da unidade IV com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, os critérios que observamos, foram obedecidos, são três, quais sejam: a menção aos objetivos da unidade, a

apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo e a exposição dos aspectos fundamentais ao tema da unidade. Os demais critérios não foram, todavia, obedecidos.

Com base nas considerações que acabamos de apresentar, a unidade IV da disciplina Bases do Direito Administrativo receberá **Conceito B**.

5.2 Disciplina Custos Contábeis (Área Gerencial)

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada nos materiais didáticos da disciplina **Custos Contábeis**. A seção foi subdividida em partes relativas cada uma aos cinco textos analisados, quais sejam: Apresentação da Disciplina, Unidade I, Unidade II, Unidade III e Unidade IV.

5.2.1 Apresentação da disciplina Custos Contábeis

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Apresentação da disciplina Custos Contábeis, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.2.1.1 Descrição do texto

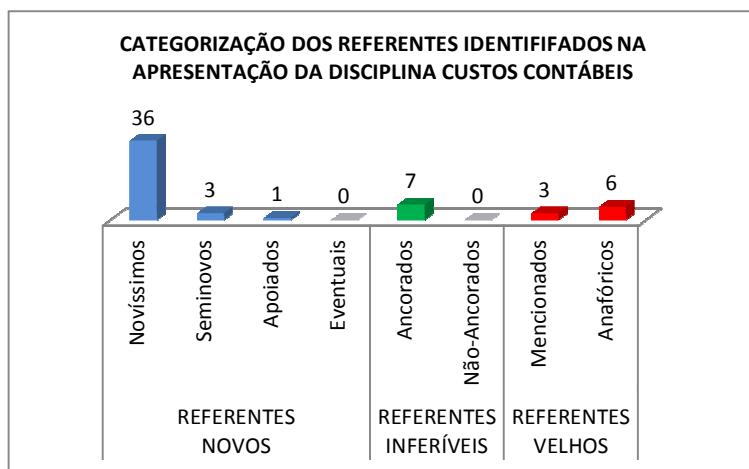
O Fluxo da Informação, na apresentação da disciplina Custos Contábeis (**Anexo F**), está estruturado em torno de três parágrafos. No primeiro deles, o docente começa apresentando o conceito de Contabilidade e Custos. Logo em seguida, no segundo parágrafo, o objetivo da disciplina é apresentado, bem como o tipo de expectativa que se tem em torno daquele que a cursa. O terceiro e último parágrafo da apresentação é usado pelo professor, para chamar a atenção dos alunos acerca de alguns aspectos que ele considera fundamentais para o bom desempenho da disciplina e para orientar os alunos, mesmo que brevemente, sobre alguns procedimentos que devem ser adotados. Depois disso, o professor finaliza, expressando expectativas de um bom trabalho ao longo do semestre.

5.2.1.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na apresentação da disciplina Custos Contábeis, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 36 sintagmas nominais novos novíssimos, três novos seminovos, um novo apoiado, nenhum novo eventual, sete sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, três sintagmas nominais velhos mencionados e seis velhos anafóricos.

Gráfico 6 – Apresentação da disciplina Custos Contábeis



Fonte: Dados da Pesquisa

Podemos observar que há um número bem superior de informações novas novíssimas, em relação aos outros tipos de informação. Esses dados revelam que há, nesta apresentação, muitos conceitos desconhecidos por parte do aluno e estes raramente são retomados, visto que o número de informações velhas, mencionadas ou anafóricas, é mínimo. Também o número de informações inferíveis nos chama a atenção, pois não chega a 1/3 das informações novas. Isso sugere que a maioria das informações ali apresentadas não é desenvolvida ou mesmo retomada. Essa disparidade entre o número de informações é um indício de que há problemas na constituição do Fluxo Informacional e isso pode ter impacto na leitura por parte do aluno de Educação a Distância. Veremos, a seguir, uma análise qualitativa do texto.

5.2.1.3 Análise textual

O resultado da categorização dos dados presentes na apresentação da disciplina Custos Contábeis já nos dá sinais de que o Fluxo da Informação não foi bem estabelecido nesse texto. Conforme já foi explicitado, a discrepância entre o número de informações constante em cada categoria indica problemas que dizem respeito a um aspecto considerado fundamental para a questão do sentido, que é a progressão textual, ou seja, a continuidade no desenvolvimento das ideias.

Um bom exemplo do que acabamos de dizer pode ser visualizado já no primeiro parágrafo da apresentação, onde lemos:

A contabilidade de custos (VM) apresenta-se como um segmento de trabalho da área financeira (NN) que acumula, identifica, analisa e traduz os custos dos produtos fabricados (NN), dos estoques (IA), dos diversos segmentos da organização (IA), das atividades de operacionalização (IA) e de distribuição (IA). Propondo-se, então, a coletar, classificar e registrar os dados operacionais das diversas atividades da entidade (NN), denominados de dados internos (NN), bem como, algumas vezes, coletar e organizar dados externos (NN), a contabilidade de custos (VM) auxilia a administração (NN) nas funções de determinação de desempenho (NN), e de planejamento e controle das operações (IA) e de tomada de decisões (IA).

Podemos observar, no trecho sublinhado, que o docente insere uma informação (NN), que é “os dados operacionais das diversas atividades da entidade” e explica que eles são chamados de “dados internos”. Contudo, logo em seguida, uma outra informação (NN) é apresentada - “dados externos” - , mas desta vez o professor não tece nenhum tipo de informação sobre ela. Ou seja, essa informação ficou ‘solta’ no texto e os alunos, provavelmente, ficarão sem entendê-la: podem se perguntar “o que seriam os ‘dados externos’?”.

Também no segundo parágrafo há um problema semelhante. Veja:

A disciplina **Custos Contábeis (NA)**, proposta na modalidade EAD (NN), por intermédio (NN) da Universidade Aberta de Minas Gerais (NN), ambiciona garantir ao aluno (VM) a apropriação de conceitos básicos da gestão de custos nas organizações (NN), para que ele (VA) possa avaliar criticamente nessas (VA), o processo de formação de custos (NN). Expectativa de formação (NN), portanto, de agentes econômicos responsáveis (NN) com habilidades (NN) para formular e gerenciar estratégias para o desenvolvimento da sociedade (NN). Profissionais conscientes e capazes (NN) de exercer, com ética (NSN) e proficiência (NSN), as atribuições (NN) que lhe (VA) são prescritas por meio de legislação específica (NN).

Ao analisarmos este fragmento, vimos que o primeiro trecho em destaque – ‘modalidade EAD’ – foi classificado como sendo um referente novo novíssimo, pois apareceu pela primeira vez no texto. Contudo, como se pode ver, esse referente não foi desenvolvido em outro momento do texto e isso pode ter contribuído para o comprometimento do seu sentido global, sobretudo pela presença de uma sigla – EAD – que pode não ser conhecida por parte do leitor.

Enxergamos outro problema no segundo trecho sublinhado, em que o docente expressa o objetivo de garantir, ao aluno, “*a apropriação de conceitos básicos da gestão de custos nas organizações*”, contudo, ele não menciona que conceitos são esses. Já no último trecho, em que o professor continua comentando sobre as expectativas que são criadas em torno do aluno que cursa sua disciplina, nós lemos:

[...] com **habilidades (NN)** para formular e gerenciar **estratégias para o desenvolvimento da sociedade (NN)**

Ao leremos esse trecho, algo que nos chamou a atenção foi a seleção lexical, que à primeira vista nos pareceu equivocada. Isso porque suspeitamos que estratégias não são passíveis de serem gerenciadas. Suspeita essa que se confirmou por meio do resultado que obtivemos quando buscamos em um dicionário *online*¹³, o significado do verbo gerenciar e este nos retornou: “organizar, planejar e executar atividades que facilitem o processo de trabalho [...] a gerência pode se dar sobre coisas, pessoas ou ambos”. Nesse sentido, enxergamos um equívoco de nível semântico no material didático em análise.

Já analisando o fragmento como um todo, o que percebemos é a ausência de elementos de articulação, e isso nos causou a impressão de que as ideias nele contidas estavam soltas e independentes. Acreditamos que se houvesse articuladores linguísticos entre essas ideias, estes poderiam criar um quadro em que os referentes apontados como novos na esfera textual, pudessem ser inferíveis, ação que provavelmente contribuiria para a compreensão global do texto.

No que diz respeito à conformidade da apresentação com o que está previsto no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos elaborado pela UNAB/MG, também encontramos problemas. Isso porque o documento orienta que, numa apresentação de disciplina, alguns itens são obrigatórios, tais quais: as boas-vindas ao aluno, a ementa e os

¹³ Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/gerenciar/>. Acesso em 28 de fevereiro de 2013.

objetivos da disciplina, o conteúdo que será tratado em cada unidade, uma orientação de estudo e os critérios que serão adotados na avaliação. Dentre esses itens, só conseguimos visualizar dois, que foram os objetivos da disciplina e algumas orientações de estudo.

Diante disso, atribuiremos **conceito B** à apresentação da disciplina Custos Contábeis.

5.2.2 Unidade I da disciplina Custos Contábeis

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade I da disciplina Custos Contábeis subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.2.2.1 Descrição do texto

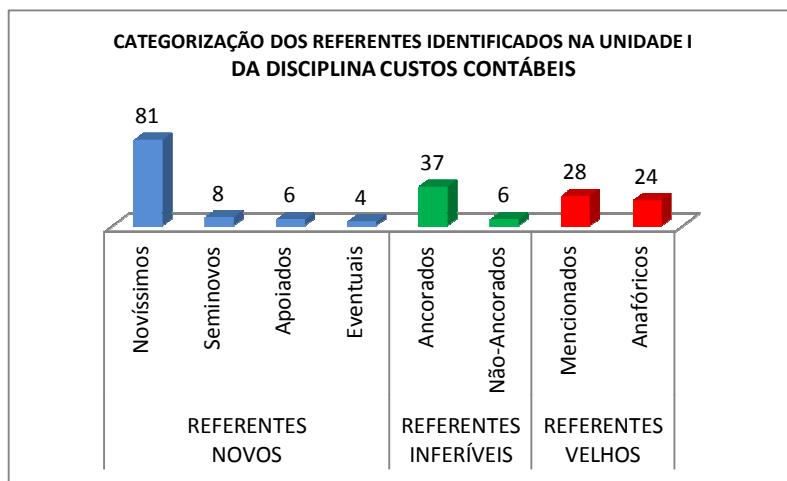
O Fluxo da Informação, na unidade I da disciplina Custos Contábeis (**Anexo G**), foi estruturado em torno de quatro partes. Na primeira delas, denominada “Fundamentos da Contabilidade e Custos”, são apresentados cinco tópicos relativos ao tema; na segunda parte, o professor apresenta os “Objetivos da Unidade”, que são três. Logo em seguida, vem a terceira parte, em que o professor apresenta um resumo composto de 10 parágrafos onde faz “Uma introdução sobre as organizações e o contexto atual”. Na sequência, o docente apresenta um subtítulo – “Contabilidade Financeira X Contabilidade Gerencial” - que acreditamos se tratar do segundo tema da unidade e, logo abaixo dele, há um quadro esquemático no qual é estabelecido um paralelo entre os dois tipos de contabilidade anunciados no subtítulo. Depois disso, o professor muda drasticamente o foco discursivo, ao inserir um parágrafo em que comenta sobre a “Gestão de Custos”, tema totalmente diferente dos demais que vinham sendo tratados. Em seguida, mais uma vez o foco discursivo é mudado de modo abrupto, quando o professor insere um parágrafo que versa sobre “Atividades e Processos”. Depois, o professor volta a comentar, nos dois parágrafos que se seguem, sobre a Contabilidade de Custos. Para finalizar, o docente ainda apresenta um último parágrafo em que fornece, aos alunos, algumas orientações de estudo, cita a referência de um livro, onde aponta algumas páginas para leitura e, assim, encerra a unidade de um modo que nos chamou muita atenção, afirmando que, caso os alunos tivessem dificuldades em encontrar o livro indicado, que estes não se preocupassem, pois “qualquer” outro que versasse sobre o mesmo assunto poderia substituí-lo.

5.2.2.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade I da disciplina Custos Contábeis, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 81 sintagmas nominais novos novíssimos, oito novos seminovos, seis novos apoiados, quatro novos eventuais, 37 sintagmas nominais inferíveis ancorados, seis inferíveis não-ancorados, 28 sintagmas nominais velhos mencionados e 24 velhos anafóricos.

Gráfico 7 – Unidade I da disciplina Custos Contábeis



Fonte: Dados da Pesquisa

Analizando o gráfico, o que podemos notar é que o número de informações novas novíssimas é significativamente superior aos demais tipos de informações. Somando-se, então, os quatro tipos de informações categorizadas como novas, a discrepância seria ainda maior. Contudo, diferentemente do que vimos na apresentação dessa mesma disciplina, o total de informações velhas corresponde a mais de 50% das informações novas. Isso indica que mais da metade das informações inseridas pela primeira vez no discurso, são retomadas em algum momento do texto. Esse percentual pode ser ainda maior, se considerarmos o número de referentes inferíveis, que, embora não signifiquem a retomada das informações novas, que é o papel prestado pelas informações velhas, pode-se dizer que a maior parte deles – referentes inferíveis ancorados – estão ali fazendo menção a algumas dessas informações que aparecem pela primeira vez no texto. Isso sugere que mais da metade das informações novas foram, em alguma medida, desenvolvidas. Contudo, não podemos deixar de considerar as

informações que não foram retomadas ao longo do texto. Nesse sentido, verificaremos, na análise textual, se houve comprometimento do sentido global do texto.

5.2.2.3 Análise textual

O resultado da análise do gráfico de categorização dos referentes quanto ao fluxo da informação encontrados na Unidade I da disciplina Custos Contábeis nos revelou que mais da metade dos conceitos propostos inicialmente foram desenvolvidos ao longo do texto. No entanto, nem todos o foram. Sendo assim, o que pretendemos, nesta análise textual, é mostrar os possíveis impactos que a falta de desenvolvimento desses conceitos pode ter acarretado no sentido global deste texto didático.

Conforme já explicitado, o docente começa a Unidade I apresentando uma lista de cinco temas que, presume-se, seriam objetos de estudo da unidade. Os temas são: “Conceituação e finalidades da Contabilidade de Custos”; “A Contabilidade de Custos, a Contabilidade Financeira e a Contabilidade Gerencial”; “Terminologia de Custos”; “Distinção entre custo industrial, comercial e de serviços” e “Princípios contábeis aplicáveis”.

Contudo, o que vemos é que o Fluxo da Informação não seguiu essa ordem. Ao invés disso, o professor sem nem ao menos inserir um breve parágrafo se dirigindo aos alunos, já começa a unidade fazendo a explanação de um assunto que não havia sido sinalizado inicialmente, qual seja, “as organizações e o contexto atual”. Considerando, porém, que esta foi uma forma encontrada pelo docente para introduzir os temas propostos, prosseguimos com nossa análise e, já nesta parte inicial, observamos alguns problemas inerentes ao Fluxo da Informação. Estes podem ser visualizados nos trechos que se seguem:

A prosperidade e a sobrevivência de uma organização (NA) no mundo capitalista (INA) nos dias atuais (INA) estão diretamente ligadas à criação de novas práticas organizacionais (NN), tanto no processo de produção e comercialização de seus produtos e serviços (NN) quanto no processo de gerenciamento e medição do seu desempenho (IA).

Já neste primeiro parágrafo da unidade, identificamos um problema na constituição do Fluxo Informacional, quando o docente insere, no trecho em destaque, o pronome déitico ‘seu’, causando, assim, uma ambiguidade. Afinal, o modo como o trecho foi construído, o termo ‘desempenho’ pode estar se referindo tanto aos ‘produtos e serviços’, quanto à ‘organização no mundo capitalista’.

No segundo parágrafo da unidade, também encontramos problemas:

É verdade que gerenciar uma organização (VM) nunca foi tarefa fácil (IA), haja vista as particularidades (IA) que envolvem todo o processo (VM): funcionários (NSN), clientes (NSN), processos internos (NSN), competição (NSN), concorrência (NSN), governo (NSN), acionistas (NSN), entre outros (IA), sobretudo, nos dias atuais (INA), quando estão passando por um acelerado processo de transformação (IA).

O primeiro problema que notamos neste trecho é que o docente apresenta uma lista de elementos linguísticos que, pelo modo como ele organizou o Fluxo Informacional, estão associados ao processo de gerenciamento de uma organização. Contudo, alguns desses elementos (funcionários, clientes, acionistas), são, na verdade, nomes de agentes que podem até atuar no processo de gerenciamento, mas não deveriam ser colocados em paralelo a outros itens, como “concorrência” e “competência”, que nos acenam para outros sentidos. Ou seja, o nome desses agentes foi colocado em paralelo ao ato de concorrer, ou ao efeito desse ato (concorrência) e, também ao lado do efeito oriundo do ato de competir (competição), e esses, a nosso ver, são elementos que fazem parte de outra categoria. Também dentre esses elementos linguísticos listados pelo docente como pertencentes ao processo de gerenciamento, está o termo ‘governo’, que pode tanto fazer referência a uma instância máxima no mundo, quanto à maneira como um líder desempenha suas funções.

Outro problema também identificado nesse trecho pode ser visualizado na última frase, onde lemos:

[...] quando estão passando por um acelerado processo de transformação (IA).

O que estaria passando por esse acelerado processo de transformação? Seriam os processos? Se sim, que transformações seriam essas e o que as estaria acarretando? Assim como surgiram em nossas mentes tais questionamentos, também podem surgir nas mentes dos alunos no momento da leitura, mas, no texto ora analisado, não encontramos nenhuma explicação plausível ao longo de todo o texto.

Ainda nesta parte introdutória da unidade, identificamos, nos dois parágrafos que se seguem, outro problema em relação ao Fluxo Informacional, desta vez ligado à questão da coerência:

Com a abertura do mercado nacional para a entrada de produtos estrangeiros (NN), o chamado

“comércio sem fronteiras” (IA), as organizações (VM) estão passando por grandes transformações (NN): a) aumento da concorrência (IA), b) exigência de produtos melhores a preços menores (IA), c) aumento da responsabilidade pelo fornecimento de produtos e serviços (IA), d) mudanças nas suas diretrizes (IA), quer sejam na área tecnológica, da força de trabalho ou na ordem social. (IA)

O contexto da era da informação (NN) exige novas habilidades (NN) para competir com sucesso (NN), tanto para empresas industriais (NSN) como para as de serviço (IA). A habilidade (NN) para mobilizar e explorar os ativos intangíveis ou intelectuais (NN) tem-se tornado imprescindível para empresas (NN) que investem e administram ativos físicos e tangíveis (NN).

Observe que o tema do primeiro parágrafo é totalmente diverso do tema do segundo. Com isso, este último rompe, de modo drástico, com o assunto que vinha sendo tratado anteriormente. Essa quebra no Fluxo da Informação pode ser explicada pela ausência de um elemento articulador entre os dois parágrafos, o que acabou comprometendo a linearidade discursiva do texto.

Pouco abaixo desses dois parágrafos, há outro trecho também problemático no que se refere à questão referencial:

Também é fundamental que a organização (VM) conheça melhor os seus processos internos (IA), melhorando-os (VA) e obtendo do ambiente externo (NN), maior número de informações possíveis (IA) com vistas a atender às necessidades dos gestores das organizações (NN) e, consequentemente, às mesmas (VA).

Ao lermos o trecho acima, vemos que o termo em destaque trata-se de um elemento anafórico, contudo, não foi possível identificar com precisão a que outro elemento linguístico ele se referia. O aluno poderia associá-lo a uma possível necessidade da organização, como também chegamos a cogitar, mas, ainda assim, a coerência estaria comprometida: afinal, que necessidades seriam essas?

Dando continuidade à nossa análise e, de acordo com o que havíamos previsto, esta parte inicial da Unidade I veio para introduzir os conceitos inicialmente anunciados. Isso porque, em seu último parágrafo, o docente apresenta qual seria a finalidade da contabilidade de custos:

[...] a contabilidade de custos (VA) se presta para contribuir no processo de tomada de decisão empresarial (NN).

Já no que diz respeito ao conceito de contabilidade de custos, conforme havia sido sinalizado no início da unidade, nada foi mencionado. Ao invés disso, o docente passa, após citar o trecho acima, a tratar do segundo tema apresentado no início da unidade, ou seja, “a

Contabilidade de Custos, a Contabilidade Financeira e a Contabilidade Gerencial". No entanto, o que vemos é um quadro comparativo em que o docente estabelece a diferença existente entre apenas duas dessas contabilidades, quais sejam: Gerencial e Financeira. A Contabilidade de Custos, porém, não entrou nesse paralelo.

Contabilidade Financeira (VA) versus Contabilidade Gerencial (VA)

Nesse sentido, flagramos uma quebra no Fluxo da Informação, pois o que se esperava, desta parte, era que, primeiramente, fossem apresentadas as definições de cada um desses três tipos de contabilidade e, só depois, fosse estabelecida uma comparação entre elas, contudo, isso não foi observado.

Ainda no quadro comparativo que foi proposto, também observamos problemas inerentes ao Fluxo da Informação. Esses problemas foram visualizados em dois dos quadros explicativos da Contabilidade Financeira:

<p>Controle patrimonial (NN) Contabilidade tributária (NN)</p> <p>Contabilidade de Custos (VM)</p> <p>Elaboração de demonstrações contábeis (NN) (BP (NN), DRE(NN), DMPL (NN), DOAR (NN), DFC(NN), DVA(NN) e outras (IA))</p>

<p>Não precisam e frequentemente não devem seguir <u>os PFC (VM)</u>. Utiliza-se de <u>outros campos de conhecimento</u> não circunscrito à contabilidade (NN) (administração da produção (VA), estrutura organizacional (VA), administração financeira (VA))</p>

Nota-se que, nesse primeiro quadro, são apresentadas algumas siglas que, conforme o Fluxo Informacional foi organizado, estão associadas ao termo 'demonstrações contábeis'. Essas siglas, porém, estão aparecendo pela primeira vez no discurso, por isso elas foram classificadas como informações novas novíssimas. Todavia, por se enquadrarem nessa categoria, estas deveriam vir acompanhadas de sua definição, já que este *status* categorial sugere que elas sejam totalmente desconhecidas por parte do leitor, contudo, não foi o que aconteceu. Ao contrário disso, o que vemos aqui, é que o docente insere alguns referentes pela primeira vez no discurso, mas não os desenvolve, em outras palavras, ele apresenta um conceito que é novo, mas o trata como se este já fosse conhecido de seu leitor. Nesse sentido, ficaram identificados dois outros significativos problemas referentes à constituição do Fluxo Informacional.

Em relação ao segundo quadro, é possível visualizar que o referente em destaque foi classificado como velho mencionado, ou seja, já havia sido citado textualmente, contudo,

trata-se esse referente de uma sigla e o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos recomenda que termos como esse que se apresenta sejam explicitados novamente no texto, a fim de auxiliar o processo de compreensão.

Prosseguindo com nossa análise, encontramos mais problemas no Fluxo da Informação no texto da Unidade I da disciplina Custos Contábeis. Um desses problemas foi diagnosticado logo após o quadro comparativo (veja **Anexo G**) que acabamos de analisar, quando o docente apresenta dois parágrafos, um falando sobre o que requer a gestão de custos e o outro versando sobre atividades e processos. Todavia, nenhum desses conceitos fora anunciado no início da unidade. Ademais, eles marcam uma mudança brusca no foco discursivo, já que, até então, não se havia tocado nesses assuntos. Essa é, portanto, mais uma evidência de quebra no Fluxo da Informação.

Concluídos esses dois parágrafos que nos pareceram descontextualizados, são inseridos outros três parágrafos, todos versando sobre o primeiro dos temas propostos no início da unidade, ou seja, a Contabilidade de Custos. Deste modo, o Fluxo da Informação mais uma vez é rompido, uma vez que esses conceitos estavam previstos para serem apresentados no início da unidade.

Quanto aos três últimos temas também anunciados na introdução da unidade, estes não foram abordados em nenhum momento. Esse rompimento revela, mais uma vez, falha na constituição do Fluxo Informacional.

Em relação à conformidade da Unidade de Ensino com o que está previsto no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos elaborado pela UNAB/MG, também encontramos alguns problemas. Isso porque o documento orienta que uma unidade de ensino deve apresentar os objetivos do conteúdo que nela serão tratados, os conceitos anteriores necessários à compreensão daquele conteúdo, os aspectos fundamentais e os tópicos de fácil e de difícil compreensão e a relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado. Dentre esses aspectos, o único que vimos contemplado na Unidade I da disciplina Custos Contábeis foi a apresentação de conceitos introdutórios que serviram de fundamentação para um dos temas que foi tratado na unidade.

Pelas razões explicitadas nesta seção, atribuiremos **conceito C** ao texto da Unidade I da disciplina Custos Contábeis.

5.2.3 Unidade II da disciplina Custos Contábeis

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade II da disciplina Custos Contábeis, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.2.3.1 Descrição do texto

A unidade II da disciplina Custos Contábeis (**Anexo H**), diferentemente da unidade I, é bem curta. Nela, o Fluxo da Informação foi constituído da seguinte forma: o professor inicia o primeiro parágrafo parabenizando os alunos por terem concluído “outra” etapa do curso, que acreditamos ser a primeira unidade. Em seguida, ele se coloca à disposição dos alunos para sanar possíveis dúvidas que eventualmente possam surgir e é enfático ao orientá-los que estes só devem prosseguir na disciplina, quando todos os itens tratados até ali tiverem sido compreendidos.

No segundo parágrafo da unidade, o professor relembra alguns conceitos abordados na unidade anterior e revela o tema da unidade II “A terminologia e a classificação em custos”, que, por sua vez, é dividido em dois tópicos: “Conceituação de custos, diferenciação entre custos, despesas, investimentos, perdas e desembolsos” e “Classificação de custos e despesas”.

No parágrafo seguinte, o professor apresenta o objetivo básico da unidade e completa, já no parágrafo seguinte, indicando a leitura de algumas páginas de um livro. Ele também sugere, num parágrafo logo abaixo, que o aluno vá anotando os pontos mais importantes da leitura e também as dúvidas que forem surgindo, para que, posteriormente, estas sejam sanadas via correio acadêmico.

Já no último parágrafo da unidade, o professor expressa o seu desejo de que fiquem claros, para os alunos, os conceitos de “custos, despesas, investimentos e gastos”, sob a alegação de que estes sempre serão usados daquele momento em diante. Todavia, o que nos chamou a atenção é que o professor não apresenta sequer uma breve noção sobre eles. Nem mesmo na indicação da leitura feita em ocasião anterior, há alguma menção de que serão esses os temas abordados no texto.

Para terminar, o docente ainda lança algumas perguntas aos alunos que, a nosso ver, são no mínimo curiosas, como quando ele questiona sobre qual é a importância dos conceitos

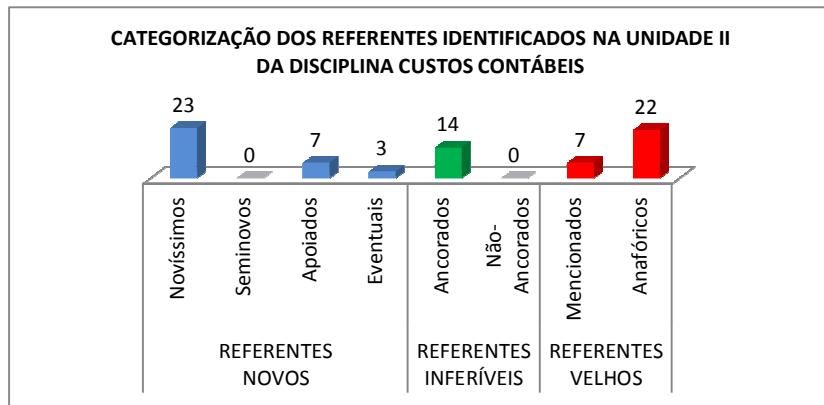
de “custos, despesas, investimentos e gastos” e se estes já são familiares aos alunos. E ainda encerra enfatizando que a compreensão deles ajudará nas próximas unidades.

5.2.3.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade II da disciplina Custos Contábeis, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 23 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, sete novos apoiados, três novos eventuais, 14 sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, sete sintagmas nominais velhos mencionados e 22 velhos anafóricos.

Gráfico 8 – Unidade II da disciplina Custos Contábeis



Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando o gráfico, vemos certo equilíbrio entre as informações novas e velhas. Diferentemente da discrepância que vimos na apresentação desta mesma disciplina, o número de informações velhas sugere que os conceitos inseridos pela primeira vez no discurso (referentes novos) foram quase todos retomados ao longo do texto. O número significativo de informações inferíveis também nos fornece indícios de que os referentes novos foram desenvolvidos discursivamente. Veremos, porém, se tais constatações se confirmam na análise textual que faremos a seguir.

5.2.3.3 Análise textual

O texto referente à unidade II da disciplina Custos Contábeis nos pareceu mais uma orientação de estudo da unidade, que uma unidade de ensino propriamente dita. Isso por pelo menos duas razões: a primeira delas tem a ver com a extensão do texto, conforme pode ser verificado no anexo, e a segunda, com o modo como o texto foi organizado, sobre o qual passaremos a explicitar.

Conforme adiantado na descrição do texto, o docente informa que o tema da unidade será “a terminologia e a classificação em custos”, contudo, em nenhum momento do texto analisado, observamos uma explicitação sobre esses conceitos. Nisso flagramos uma falha no Fluxo Informacional, visto que dois referentes novos foram inseridos no discurso, contudo não foram desenvolvidos ou retomados ao longo dele.

Outro fato que despertou nossa atenção foi o segundo parágrafo da unidade em que lemos:

Na última unidade (IA), nós (VA) conversamos sobre os fundamentos da contabilidade de custos (NA), explicamos os usos dos dados da contabilidade de custos (NA); além de descrevermos o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira (NA). Nesta unidade (VA) vamos discutir os conceitos básicos (NN), ou seja, a terminologia e a classificação em custos (NN) através dos seguintes tópicos (NN) [...]

O que nos chamou a atenção neste trecho foi a parte em que o professor afirma que, na unidade anterior, “*descrevemos o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira*”. Contudo, se bem nos lebrarmos, foi estabelecido um paralelo na Unidade I, todavia, entre a Contabilidade Financeira e a Contabilidade Gerencial (**ver Anexo G**). Essa falha observada no Fluxo da Informação pode gerar entendimentos equivocados por parte dos alunos, pois, se estes não estiverem bem atentos ao ocorrido, poderão associar certos conceitos a definições que não lhe pertencem.

Também no último parágrafo da unidade verificamos indícios de quebra no Fluxo da Informação. Podemos observem o que diz o parágrafo:

Ao final Ø (VM) gostaria que ficasse claro para você (VA) o (VA) que significa custos (VM), despesas (VM), investimentos (VM), gastos (VM), enfim todos esses conceitos (VA), pois sempre vamos usar esses (VA) daqui para frente (NN). Em outras palavras (NN): esses conceitos (VA) eram familiares para você (VA)? Para você (VA), qual a importância desses conceitos (VA)? A compreensão dos conceitos (IA) ajuda nas próximas unidades (NN).

Podemos nos indagar o que os conceitos de ‘custos’, ‘despesas’, ‘investimentos’ e ‘gastos’ têm a ver com a ‘terminologia e a classificação em custos’, temas propostos para a unidade? Acaso eles fariam parte dessa terminologia ou classificação? Se sim, essa informação não foi passada ao leitor. E mais: como tais conceitos, mesmo não fazendo parte desse tema, poderiam ficar claros para os alunos, se em nenhum momento da unidade houve qualquer menção a eles? Ao contrário disso, o que vimos foi apenas a indicação de algumas páginas de um texto. Com isso, ficou sugerido que tais conceitos deveriam ser compreendidos somente pela leitura do texto indicado, isto é, sem qualquer tipo de auxílio por parte do docente. Nesse sentido, consideramos que houve uma falha, principalmente a julgar pelo fato de que a leitura desse texto pressupunha a apreensão de conceitos que, de acordo com o docente, serviria de base para a compreensão dos temas que seriam tratados nas unidades subsequentes.

Ainda neste parágrafo, outro ponto que nos intrigou foi o salto temporal observado no discurso e que ficou caracterizado por uma quebra no Fluxo da Informação. Note que, no início do parágrafo, o docente destaca os pontos do texto que gostaria que ficassem claros para o aluno. Já a partir do meio do parágrafo, ele muda o seu discurso, situando este num tempo posterior, quando se dirige aos alunos fazendo-lhes perguntas sobre suas impressões acerca dos conceitos abordados no texto. Em outras palavras, ele se dirige aos alunos considerando que a leitura recomendada já foi feita.

Já no que diz respeito à conformidade da Unidade de Ensino com o que está previsto no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos elaborado pela UNAB/MG, o único critério acatado pelo docente foi no tocante à indicação dos objetivos do conteúdo. Em contrapartida, a unidade II não previu a apresentação de conceitos anteriores necessários à compreensão dos conteúdos, os aspectos fundamentais e os tópicos de fácil e de difícil compreensão e a relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado.

Sendo assim, atribuiremos **conceito C** ao texto da Unidade II da disciplina Custos Contábeis, em função das razões que acabamos de apresentar.

5.2.4 Unidade III da disciplina Custos Contábeis

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade III da disciplina Custos Contábeis, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.2.4.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação, na unidade III da disciplina Custos Contábeis (**Anexo I**), foi organizado em duas páginas, sendo que o primeiro parágrafo é idêntico ao parágrafo que abre a unidade anterior.

O segundo parágrafo também segue a mesma linha da unidade II, em que o professor relembra os conceitos tratados na unidade e anuncia o tema que será abordado na unidade em questão: “o sistema que a empresa usa para contabilizar os custos”.

No terceiro parágrafo, que vem logo em seguida, o professor apresenta um breve esclarecimento sobre o assunto da unidade.

No quarto e quinto parágrafos, o professor, mais uma vez, relembra os temas tratados nas unidades I e II, quando retoma, de modo breve, alguns deles. Feito isso, ele anuncia um novo assunto: “os três elementos de custos”, todavia, nenhum desses elementos é citado. Ao contrário disso, o que vem depois é um parágrafo bastante confuso, em que o professor reflete sobre “o custo total de um produto acabado” e termina dizendo que “registro de operações”, “custos com materiais”, “mão-de-obra” e “outros custos” serão os temas da próxima unidade. Depois disso, o professor conclui o parágrafo informando, enfim, o assunto da unidade III, que será “o custo com matéria-prima e com material direto”.

Na sequência, o professor apresenta uma espécie de título contendo dois temas, sendo um deles “Custos de Materiais” e o outro, que nos causou estranheza, “Registro de Operações”, visto que o próprio docente havia acabado de anunciar que tal tema só seria tratado na unidade IV. Após esse título, seguem-se seis tópicos que, acreditamos, estejam relacionados, em alguma medida, com os dois temas anunciados. Em seguida, os objetivos da unidade são apresentados e, no parágrafo seguinte, a leitura de algumas páginas de um livro é recomendada. Depois dessa indicação, o professor ainda sugere a existência de outras bibliografias relacionadas ao mesmo tema, contudo, assim como ele procede na unidade II, não cita nenhuma delas.

Para finalizar a unidade, o docente insere um parágrafo bastante parecido com o parágrafo que encerra a unidade anterior, porém, com algumas informações adicionais em que fornece orientações de leitura e se coloca à disposição para o esclarecimento de dúvidas.

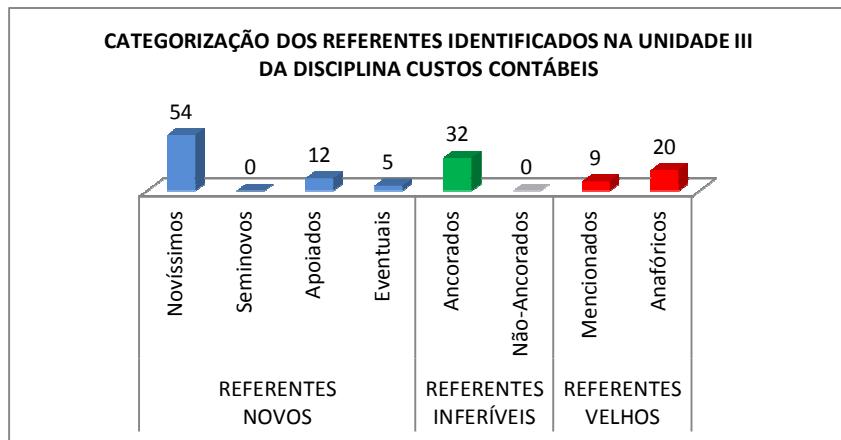
O último parágrafo da unidade, então, é encerrado com o professor informando aos alunos que, no Centro de Recursos (espaço que faz parte do Ambiente Virtual de Aprendizagem), foram postados diversos arquivos em *power point* que servirão de auxílio na compreensão dos temas inerentes à disciplina.

5.2.4.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade III da disciplina Custos Contábeis, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 54 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 12 novos apoiados, cinco novos eventuais, 32 sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, nove sintagmas nominais velhos mencionados e 20 velhos anafóricos.

Gráfico 9 – Unidade III da disciplina Custos Contábeis



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à análise do gráfico, vemos que o número de informações novas é superior aos demais tipos de informação. Se fizermos um paralelo entre os referentes novos e velhos, veremos que o número deste último corresponde a cerca de 1/3 do primeiro. Isso indica que cerca da terça parte dos referentes novos, ou seja, que aparecem pela primeira vez no discurso, foram retomados ao longo do texto. Contudo, não podemos deixar de considerar o número de referentes inferíveis que foram identificados, que corresponde a cerca da metade dos referentes novos. Esse é um indício de que alguns dos referentes novos, embora não tenham sido retomados, foram, ao menos, referidos. Veremos como isso se deu na análise textual que se segue.

5.2.4.3 Análise textual

A unidade III da disciplina Custos Contábeis, à primeira vista, pareceu-nos bastante confusa. Conforme adiantamos na descrição do texto, apresentada anteriormente, o professor dá início à unidade, orientando os alunos a sanarem todas as possíveis dúvidas antes de darem continuidade ao curso. Dito isso, ele insere um parágrafo, cujo conteúdo parecia versar sobre o assunto que seria tratado na unidade, contudo, mais adiante vimos que não. Observem:

Agora que temos um entendimento da terminologia básica de custos (NN) precisamos olhar mais atentamente para o sistema (NN) que a empresa (NN) usa para contabilizar os custos (VM). Em outras palavras (NN), Ø (VA) precisamos determinar como as operações (NN) se realizam no âmbito da empresa (IA) para que assim possamos separar os gastos (NN) nas suas mais variadas classificações (NN): Investimentos (IA), perdas (IA), custos (IA), despesas (IA).

O que nos levou a esse entendimento equivocado foi o modo como o Fluxo Informacional foi organizado. Isso porque, ao retomar o tema tratado na unidade anterior e, em seguida, apresentar um novo tema, o leitor é levado a acreditar que este será o assunto sobre o qual se discutirá dali em diante. Outro fato que também nos chamou a atenção no trecho, este, porém, como ponto positivo da constituição do Fluxo Informacional, foi a retomada dos conceitos de ‘investimentos’, ‘perdas’, ‘custos’ e ‘despesas’, que já haviam sido tratados na unidade anterior e que o professor alertou, dizendo que seriam revistos em unidades posteriores. Nesse sentido, compreendemos a preocupação do docente para que os alunos apreendessem tais conceitos.

Prosseguindo em nossa análise, o que vemos após esse trecho é um parágrafo em que o professor faz uma breve explanação sobre ‘sistema de contabilidade de custos’:

Em geral, uma empresa (VM) estabelece um sistema de contabilidade de custos (NN) para espelhar o processo de produção (NN). Um sistema de custo (NA) é modelado a partir do processo de produção (IA), permitindo assim que os seus gestores (IA) monitorem melhor o desempenho econômico da empresa (NN). Um processo de produção (VM) pode resultar em um produto tangível ou serviço (NN). Esses produtos ou serviços (NA) podem ser similares em natureza (IA), ou singulares (IA). Essas características do processo de produção (VA) determina a melhor abordagem no desenvolvimento de um sistema de contabilidade de custos (NN).

Lendo o parágrafo acima, temos a nítida impressão de que o ‘sistema de contabilidade de custos’ será o tema da unidade, contudo, como já adiantamos que não, nossa hipótese de que houve falha na constituição do Fluxo Informacional vem ganhando força.

Também no trecho grifado, vemos um problema, desta vez inerente à referenciação. Isso porque se observarmos o termo classificado como novo apoiado ‘*esses produtos ou serviços*’, veremos que este foi inserido no intuito de retomar o termo anterior ‘*um produto tangível ou serviço*’, contudo, o segundo termo está no plural e seu antecedente no singular. Daí outra falha no Fluxo Informacional.

O que segue, após esse parágrafo, é um trecho em que o professor relembra quais foram os assuntos tratados nas unidades anteriores. Nele, observamos a mesma incoerência observada na unidade I (**ver anexo G**), em que o professor afirma ter estabelecido um paralelo entre a ‘Contabilidade de Custos’ e a ‘Contabilidade Financeira’, quando, na verdade, o que vimos foi um quadro comparativo entre as contabilidades financeira e gerencial. Ainda nesse trecho, o docente reafirma que o tema tratado na unidade II foi ‘a terminologia e a classificação em custos’, todavia sabemos que, embora tenha sido anunciado, tal assunto não foi desenvolvido na referida unidade.

Conforme sinalizamos, o tema da unidade III não corresponde ao que foi apresentado no segundo parágrafo, isto é, ‘sistemas de contabilidade de custos’. Tal constatação se revelou no seguinte trecho:

Agora que temos **um entendimento desses conceitos fundamentais (IA)** vamos começar a discutir **os três elementos de custos (NN)**.

O custo total para um produto acabado (NN) consiste **nos gastos feitos em matérias prima (IA), mão-de-obra direta (IA) e custos indiretos de fabricação (IA)** gerados pelas **atividades de produção (IA)**. Assim, **nas próximas unidades (NN) iremos discutir: Registro de Operações (NN), Custos com Materiais (NN), mão-de-obra (NN), e outros custos (IA)**. **Nesta unidade (VA), especificamente, iremos discutir o custo com matéria prima e material direto (NA)**.

Observe que o tema da unidade – ‘o custo com matéria prima e material direto’ - é apresentado na última frase do trecho, ou seja, a proposta de lançar ‘*um olhar mais atento para o sistema que a empresa usa para contabilizar os custos*’ (2º §) foi descartada nesse momento. Isso evidencia uma quebra na continuidade do Fluxo Informacional. Porém, as incoerências encontradas nesta unidade não acabam por aqui, visto que, conforme veremos que ainda neste trecho, o docente adianta quais seriam os temas das unidades seguintes, a saber: ‘Registro de operações; Custos com materiais; Mão de obra e outros custos’. Contudo, logo em seguida a este parágrafo o que vemos é:

Unidade 3 (VM) - Registro de Operações (VM) e Custos com Materiais (VM)

- Matérias-primas (NA) e componentes diretos: aquisição, estocagem e consumo. (NN)
- Tratamento contábil dos impostos na compra de matérias-primas. (NN)
- Critérios de avaliação (NN) e custeio de estoques. (NN)
- Composição do custo industrial, produção e a venda de produtos industriais. (NN)
- Contabilização (NN). Tratamento legal dos impostos na venda de produtos acabados (NN). Apuração do resultado (NN).
- Formação do preço de venda de produtos industriais. (NN)

Ora, se ‘Registro de operações’ e ‘Custos com Materiais’ trata-se de temas que somente serão tratados nas unidades subsequentes, por que razão eles estariam, no trecho em destaque, associados à unidade III? Nisso, flagramos mais um problema relativo ao Fluxo da Informação.

Quando no início desta análise dissemos que a unidade nos pareceu confusa, nos baseamos nas ocorrências apresentadas até aqui. Outro fato que também contribuiu para tal impressão é que, logo após o trecho que acabamos de ver, o professor apresenta alguns objetivos, estes, sim, relacionados à ‘matéria prima’ e ao ‘material direto’, que são, por sua vez, os reais temas da unidade. Podemos notar, porém, que eles só foram apresentados ao final da unidade. Isso do ponto de vista didático-pedagógico é prejudicial para efeitos de compreensão, sendo, ainda, mais uma evidência de problemas na constituição do Fluxo Informacional.

Para terminar a unidade, o docente, assim como procedeu na unidade II, indica a leitura de algumas páginas de um texto. Contudo, essa leitura vem desacompanhada de qualquer tipo de orientação aos alunos, seja destacando os principais pontos que devem ser observados ao longo da leitura, seja incentivando-os a fazer associações a partir dela. Em caráter complementar a tal indicação, o professor ainda afirma que essas são apenas “*bibliografias recomendadas, entretanto, existem outras que podem ser utilizadas por você*”. Todavia, nenhuma outra sugestão equivalente é apresentada.

Por fim, em relação à conformidade da Unidade III com o que está previsto no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos elaborado pela UNAB/MG, os critérios que foram obedecidos, são os que dizem respeito à indicação dos objetivos inerentes aos temas da unidade e à apresentação, mesmo que breve, de alguns conceitos necessários à compreensão dos conteúdos tratados. Os demais critérios, porém, não foram observados na unidade.

Nesse sentido, atribuiremos **conceito C** ao texto da Unidade III da disciplina Custos Contábeis pelas razões aqui explicitadas.

5.2.5 Unidade IV da disciplina Custos Contábeis

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade IV da disciplina Custos Contábeis, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

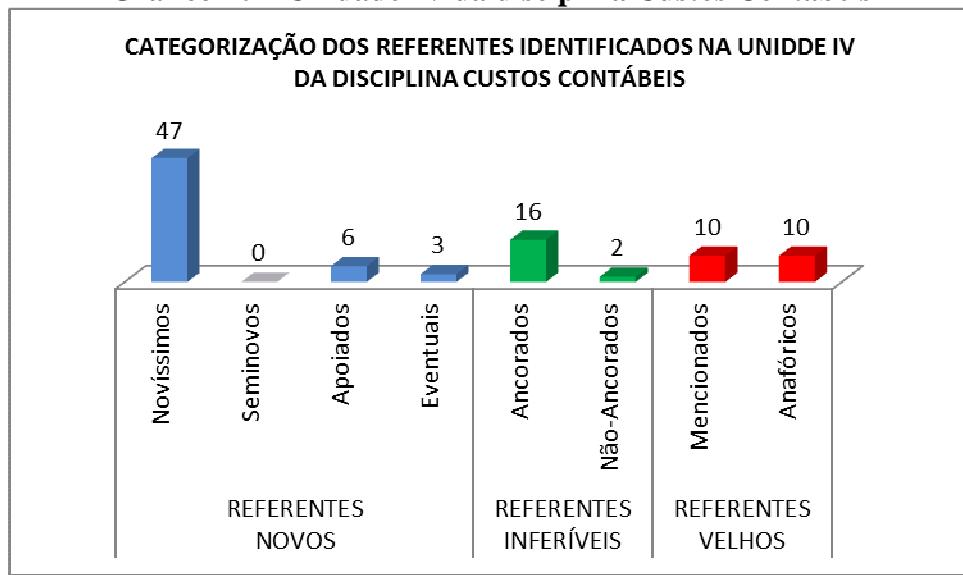
5.2.5.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na quarta e última unidade da disciplina Custos Contábeis (**Anexo J**) foi constituído do seguinte modo: a unidade é introduzida pelo mesmo estilo de parágrafo das três primeiras unidades, em que o professor relembraria os temas nas tratados e anuncia o assunto da unidade IV, assunto que, desta vez, condiz com o anúncio feito na unidade anterior. No parágrafo seguinte, consta uma breve explicação acompanhada de alguns tópicos sobre o tema da unidade. Depois, são apresentados os objetivos da unidade, que vêm seguidos da indicação de leitura de algumas páginas de um livro. Também nessa unidade o professor menciona que, caso o aluno encontre dificuldades em localizar o título sugerido, outras bibliografias poderão ser utilizadas, contudo, mais uma vez ele não cita nenhum exemplo alternativo. Os três últimos parágrafos também são bem semelhantes aos parágrafos que encerram as unidades anteriores, em que o professor fornece algumas orientações de estudo e finaliza incentivando a interação entre os alunos e solicitando que estes façam a atividade 4, relativa à unidade de mesmo número.

5.2.5.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade IV da disciplina Custos Contábeis, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 47 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, seis novos apoiados, três novos eventuais, 16 sintagmas nominais inferíveis ancorados, dois inferíveis não-ancorados, dez sintagmas nominais velhos mencionados e dez velhos anafóricos.

Gráfico 10 – Unidade IV da disciplina Custos Contábeis

Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico nos revela que, das 56 informações novas presentes no discurso, 20 foram retomadas via referentes velhos e 18 foram, senão desenvolvidas, ao menos referidas via referentes inferíveis. Como se vê, o número de referentes inferíveis e velhos corresponde a cerca da metade dos referentes novos. Não podemos, entretanto, ter a garantia de que os referentes novos retomados por meio dos referentes velhos não se tratam dos mesmos referentes novos referenciados via referentes inferíveis, pois, se assim fosse, saberíamos que mais da metade dos referentes novos foram novamente mencionados no texto. Na próxima seção averiguaremos se tais hipóteses se confirmam.

5.2.5.3 Análise textual

Conforme adiantamos na descrição do texto, a unidade IV da disciplina Custos Contábeis tratará de dois temas, quais sejam: ‘Registro de Operações’ e ‘Custos com mão-de-obra’.

Nesta unidade, assim como de costume, o docente insere um parágrafo introdutório em que relembra os temas já tratados em unidades anteriores e anuncia qual será o tema da unidade em questão.

Até **aqui (INA)** **você (VM)** que realizou **todas as atividades (INA)** está de parabéns. Vamos lá!!! Já estamos iniciando a **unidade 4 (VM)**. Na **unidade 1 (NN)**, **nós (VA)** conversamos sobre **os fundamentos da contabilidade de custos (NN)**, explicamos **os usos dos dados da contabilidade de custos (NN)**; além de descrevermos **o relacionamento entre a contabilidade de custos e a**

contabilidade financeira (NN). Na unidade 2 (NN) discutimos os conceitos básicos (NN), ou seja, a terminologia e classificação em custos (NN). Já na unidade 3 (NN) discutimos o custo de transformação (NN), começamos a discutir os três elementos de custos (NN), quando discutimos o material direto (NN), o registro de Operações e Custos com Materiais (NN), mão de obra direta (NN) e custos indiretos de fabricação (NN) gerados pelas atividades de produção (NN).

Interessante observar, porém, que nem todos os temas que ele diz já terem sido tratados em suas unidades correspondentes, parecem condizer com a realidade. A unidade 1, de fato, abordou ‘os fundamentos da contabilidade de custos’. Contudo, mais uma vez o docente afirma que, nesta unidade, foi estabelecido um paralelo entre a ‘contabilidade e custos’ e a ‘contabilidade financeira’. Sabemos, porém, que o quadro comparativo apresentado, na ocasião, tratava das diferenças entre a ‘contabilidade financeira’ e a ‘contabilidade gerencial’¹⁴.

Quanto à Unidade II, também há uma incoerência em relação a seu tema. Vimos, na unidade em questão, que ‘a terminologia e a classificação de custos’ foram realmente anunciadas como temas da unidade, todavia, o que realmente se viu foi uma forte ênfase aos termos ‘custos’, ‘despesas’, ‘investimentos’ e ‘gastos’, termos esses que não sabemos em que medida se relacionam com o tema proposto.

Já no que diz respeito à Unidade III, o docente afirma ter trabalhado os conceitos de ‘custo de transformação’, ‘os três elementos de custos’, ‘o material direto’, o ‘registro de operações e custos com materiais e mão de obra direta’ e ‘custos indiretos de fabricação gerados pelas atividades de produção’. Sabemos, porém, que, dentre todos esses, somente um foi tratado na unidade III, o de ‘material direto’. E mais, a ‘matéria prima’ foi outro tema abordado na referida unidade, contudo este não foi sequer lembrado nesse parágrafo inicial da unidade IV. A questão ganha ainda outros contornos, quando observamos, que, dentre esses supostos temas da unidade III, há dois – ‘registro de operações’ e ‘custos com mão-de-obra’ – que são, na verdade, temas que supostamente ainda seriam tratados aqui, na unidade IV. E isso é anunciado logo em seguida:

Nesta última unidade (VA) iremos discutir o registro de Operações (NN) e Custos com mão-de-obra (NN).

¹⁴ O tema ‘contabilidade e custos’, previsto para ser tratado nesta unidade, mas que em nossa análise não pudemos visualizar, talvez tenham sido contemplados nos estudos em livros. Todavia, nesta pesquisa, estamos considerando somente o que está expresso nos textos relativos às unidades.

Todas essas incoerências observadas no nível da informação podem configurar-se em problemas na constituição do Fluxo Informacional.

Prosseguindo com nossa análise, vemos que, logo após o anúncio dos temas da unidade, há um parágrafo em que o docente faz uma breve explanação sobre um desses temas, isto é, ‘os custos de mão-de-obra’. Nisso, vemos que houve desenvolvimento de um dos referentes inseridos pela primeira vez no discurso. Quanto ao segundo tema da unidade, ‘registro de operações’, este não foi em mais nenhum momento retomado ao longo do texto, ou seja, o conceito foi inserido no discurso, mas ficou limitado a uma única menção, se perdendo, assim, ao longo dele. O que foi dito pode ser comprovado pelos objetivos da unidade, onde lemos:

Os objetivos básicos desta última unidade (NA) são:

- Especificar os procedimentos de controle de custos de mão-de-obra (NA);
- Contabilizar os custos de mão-de-obra (VM) e os encargos sobre folha de pagamento (NA);
- Contabilizar os problemas especiais do custeio de mão-de-obra (NA).

Observamos que, nos três objetivos, só houve referência aos custos de mão-de-obra. Com isso, fica evidenciado um rompimento da progressão textual. Em outras palavras, houve quebras na continuidade do Fluxo da Informação que podem comprometer o sentido global do texto, gerando prováveis confusões interpretativas por parte dos leitores.

Na sequência da unidade, vemos uma indicação de leitura de algumas páginas de um livro. Todavia, esta vem desacompanhada de qualquer tipo de orientação. A única observação que pudemos observar em relação ao texto indicado é um trecho em que o professor sugere aos alunos que anotem os principais pontos e, caso surjam dúvidas, que essas sejam encaminhadas a ele ou ao tutor, via correio acadêmico.

Nos dois últimos parágrafos da unidade, o docente orienta os alunos que façam a atividade 4 e incentiva a interação entre os sujeitos participantes da disciplina em um Fórum. Não há, todavia, qualquer explicação sobre o que viria a ser esse fórum. Mais um caso, portanto, de um referente inserido pela primeira vez no discurso que não foi desenvolvido ao longo dele.

Quanto à conformidade da unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos elaborado pela UNAB/MG, os únicos critérios que forma observados foram: indicação dos objetivos inerentes aos temas da unidade, breve apresentação dos conceitos necessários à compreensão dos conteúdos tratados. Já no que se refere à apresentação dos

aspectos fundamentais, aos tópicos de fácil e de difícil compreensão e à relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado, nada disso foi observado.

Diante disso, a Unidade IV da disciplina Custos Contábeis receberá **Conceito C**, devidas as razões aqui apresentadas.

5.3 Disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (Área de Tecnologia)

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada nos materiais didáticos da disciplina **Processos Interacionais: Usuário X Computador**. A seção foi subdividida em partes relativas cada uma aos cinco textos analisados, quais sejam: Apresentação da Disciplina, Unidade I, Unidade II, Unidade III e Unidade IV.

5.3.1 Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.3.1.1 Descrição do texto

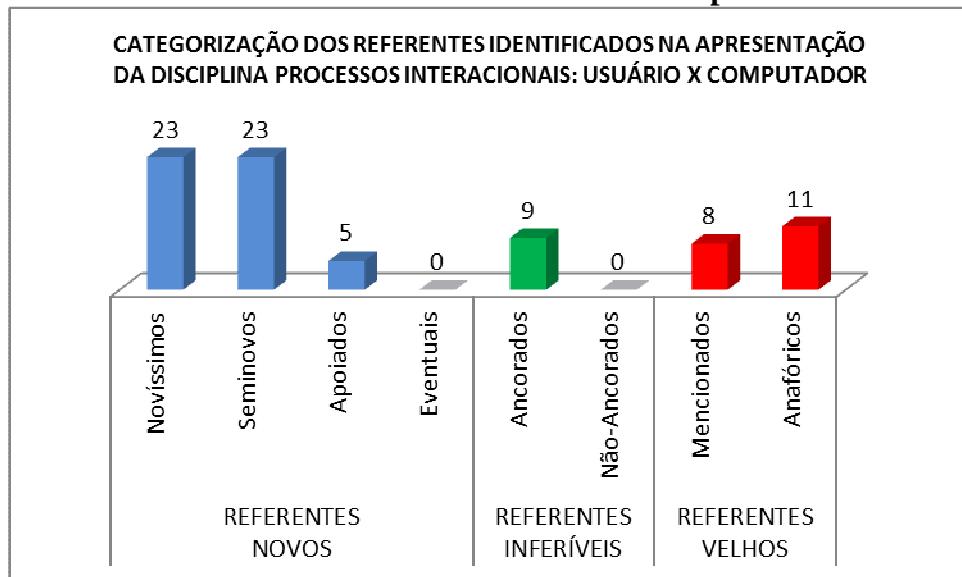
O Fluxo Informacional na Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (**Anexo K**) foi constituído em torno de quatro parágrafos. No primeiro deles, o professor dá boas-vindas aos alunos e cita alguns conceitos que serão tratados na unidade, a qual gira em torno com projetos de interfaces homem-máquina. Nos dois parágrafos seguintes, o professor tece algumas considerações sobre o conceito de *interface*. Já o último parágrafo é utilizado pelo docente para expressar as expectativas que ele tem para com o aluno que cursa sua disciplina, como a capacidade para desenvolvimento de qualquer tipo de interface. O professor encerra a unidade afirmando que, para isso, o comprometimento por parte do corpo discente é essencial.

5.3.1.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 23 sintagmas nominais novos novíssimos, 23 novos seminovos, cinco novos apoiados, nenhum novo eventual, nove sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, oito sintagmas nominais velhos mencionados e 11 velhos anafóricos.

**Gráfico 11 – Apresentação da disciplina
Processos Interacionais: Usuário X Computador**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico sugere, a princípio, uma forte discrepância entre os três níveis de informações do discurso: novas, inferíveis e velhas. O que evidenciaria problemas na constituição do Fluxo Informacional. Se tomarmos como parâmetro o número de referentes novos, em comparação ao número de referentes velhos, teríamos um percentual de apenas cerca de 38% de informações, sendo retomadas ao longo do discurso, via referentes velhos. Em outras palavras, 62% dos conceitos introduzidos pela primeira vez no texto não teriam sido desenvolvidos. Contudo, temos que considerar que, dentre a totalidade de informações novas identificadas na apresentação desta disciplina, quase metade trata-se de informações seminovas, isto é, aquelas que fazem parte do senso comum, e que, portanto, não necessariamente precisam de uma retomada para serem compreendidas. Esse fato, associado

ao número de informações inferíveis, cerca de 10% em relação às informações novas, traria certo equilíbrio às ideias contidas no texto. Contudo, esta é apenas uma análise otimista que só veremos se se confirma, na análise textual que será apresentada a seguir.

5.3.1.3 Análise textual

O texto de apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador que à primeira vista nos pareceu bem sucinto, começa com o professor dando boas-vindas aos alunos e apresentando alguns conceitos básicos que serão tratados na disciplina.

Seja bem-vindo à disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (NA), em que estudaremos alguns conceitos básicos (NSN) do projeto de interfaces homem-máquina (NA), isto é, do projeto dos mecanismos de interação (NN) entre o usuário (homem) (NSN) e o computador (máquina) (NSN). Esses mecanismos (VA) incluem telas (NSN), relatórios (NSN), sistemas de ajuda (NSN), formulários (NSN) e muito mais.

Em seguida a este parágrafo, seguem outros dois em que o docente tece algumas considerações sobre o conceito de ‘interface’.

Saber projetar boas interfaces (NA) é fundamental, pois a interface (NA) é a parte mais importante de qualquer sistema de computador (IA). Para a maioria dos usuários (NN), ela (VA) é o sistema (NN). Composta por textos (NSN), ícones (NSN), menus (NSN), campos de formulários (NSN), botões (NSN), tabelas (NSN) e muito mais, a interface (VM) é o (VM) que o usuário (VM) vê ou controla nos softwares (NN). Para esse controle (NA), usa os dispositivos de entrada (NN) (teclado (NSN), mouse (NSN), microfone (NSN), etc.) e os dispositivos de saída (NN) (monitores (NSN), caixas de som (NSN), impressoras (NSN), etc.). O resto (IA) é abstrato, invisível, automático. Um usuário (VM) nem sempre sabe ao certo o que acontece entre o momento (NN) em que pressiona um botão (NN) e o momento (VM) em que o resultado dessa ação (VA) é apresentado, mas a qualidade das representações na interface (NN) deve levá-lo (VA) a compreender se seu objetivo (IA) foi alcançado.

Mas saber projetar boas interfaces (VM) é algo muito mais complexo (IA) do que saber desenhar elegantes telas de softwares (NN). Além de contar com uma boa dose de criatividade (NN) e bom gosto (NSN), o projetista (NN) deve conhecer as diretrizes de programação visual (NN), de usabilidade (IA) e de acessibilidade (IA) e as restrições tecnológicas (NN). E, é claro, também deve conhecer a fundo o processo de interação (NN) planejado para o software a ser desenvolvido (NN). Como criatividade (VM) e bom gosto (VM) levam mais tempo (NSN) para serem desenvolvidos, nos (VA) concentraremos nesta disciplina (VA) nas tais diretrizes (VA) e no processo de interação (VM).

Interessante observar que, apesar da quantidade de informações novas presentes nesses dois trechos, a maior parte delas trata-se de informações Novas Apoiadas ou Novas Seminovas, isto é, ou são informações que, como o próprio nome sugere, se apoia em outras já mencionadas no discurso, ou são informações que fazem parte do senso comum. Esses

dois tipos de informações, conforme já explicado em outra ocasião, não necessariamente exigem uma retomada posterior para fazerem sentido. Contudo, ainda assim, não podemos garantir que os alunos, ao lerem esse texto, não apresentaram nenhum tipo de dúvida relativa a esses referentes classificados como novos seminovos ou novos apoiados. Apesar disso, vemos que a análise do gráfico apresentado na seção anterior, que trouxe, a princípio, resultados otimistas no que se refere à constituição do Fluxo Informacional, de fato, condizia com a realidade, afinal, a coerência pode ser observada ao longo de todo o texto.

Prosseguindo com nossa análise, chegamos ao último parágrafo da apresentação. Nele, o professor expressa suas expectativas em relação à disciplina e alerta os alunos dizendo que, para alcançá-las, a participação e o comprometimento de todos serão essenciais.

Já no que se refere à conformidade do texto de apresentação com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, não foram observados alguns elementos como: apresentação do professor, objetivo da disciplina, conteúdo de cada unidade, orientações de estudo e os critérios que seriam adotados na avaliação.

Por essa razão, atribuiremos **Conceito B** à apresentação da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador.

5.3.2 Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.3.2.1 Descrição do texto

Na Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (**Anexo L**), o Fluxo da Informação foi assim constituído: o professor inicia a unidade apresentando uma lista de tópicos com os conceitos que serão abordados na unidade, todos relacionados ao tema *design de interação*, quais sejam: *os conceitos, as metas e o processo do Design de Interação*. O que vem depois é um título – *Os conceitos de Design de Interação* – e, logo após, um resumo, de nove parágrafos, sobre o tema. Ao longo desse resumo, são citados *links* que remetem a outros textos complementares. Nos dois últimos parágrafos, ainda desse resumo, constam dois *links* e estes remetem a dois vídeos, um sobre o conceito de *usabilidade*

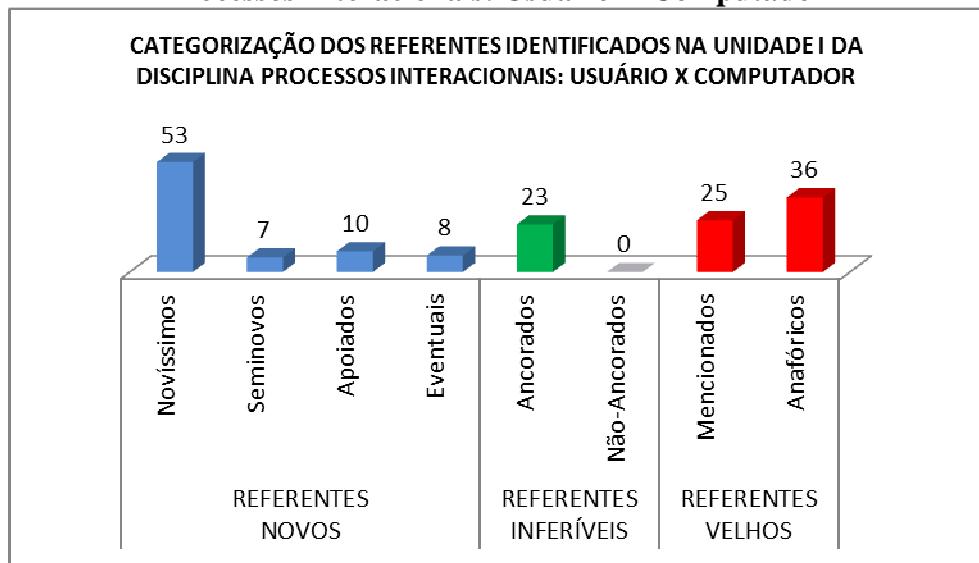
e o outro sobre *as metas da usabilidade*. Logo depois, já no parágrafo seguinte, o professor ‘recapitula’ (termo usado pelo professor) as principais ideias contidas nos vídeos. Interessante observar que, entre o parágrafo em que o professor faz a indicação dos vídeos e o parágrafo em que ele menciona os principais pontos nele contidos, há um intervalo temporal, posto que o professor, ao elencar esses pontos mais importantes, parte do pressuposto de que os vídeos já foram assistidos pelos alunos. Na sequência, o docente retoma suas reflexões acerca do *Design de Interação*, desta vez, explicando sobre *as metas* ligadas a esse conceito. Logo depois, o que se segue é uma lista de dez características de um produto interativo e, depois, mais um *link* de outro texto complementar. Em seguida, o professor apresenta outro título – *O processo do design de interação* – e, abaixo deste, ele elenca quatro atividades básicas desse processo. E assim como aconteceu na primeira parte da unidade, seguem-se quatro parágrafos sobre o tema e, em meio a esses, a indicação de *links* que irão remeter a textos e vídeos que servirão para complementar o estudo do tema. Para finalizar a unidade, o professor faz ainda uma última indicação, desta vez de um livro, mas também sobre *Design de Interação*. E, com isso, encerra a Unidade I.

5.3.2.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 53 sintagmas nominais novos novíssimos, sete novos seminovos, dez novos apoiados, oito novos eventuais, 23 sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, 25 sintagmas nominais velhos mencionados e 36 velhos anafóricos.

**Gráfico 12 – Unidade I da disciplina
Processos Interacionais: Usuário X Computador**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico nos mostra que o número de referentes novos, todos somados, é superior em relação aos referentes inferíveis e velhos. Os referentes inferíveis correspondem a 30% das informações novas e os referentes velhos, a aproximadamente 75%. Levando-se em consideração que os referentes velhos atuam no discurso, retomando referentes que ora foram novos e os referentes inferíveis, embora não os retomem, fazem menção a eles, os dados nos sugerem que, no texto em questão, todos os conceitos apresentados pela primeira vez no discurso foram, pelo menos em alguma medida, desenvolvidos ao longo dele. Esse é, portanto, um indício de que o Fluxo da Informação foi bem constituído neste material. Contudo, só veremos se tais constatações procedem, na análise textual, que será apresentada a seguir.

5.3.2.3 Análise textual

O texto da Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, a princípio, impressiona pela extensão, três páginas. Contudo, veremos, nesta análise textual, que a unidade foi bem elaborada, sobretudo, no que diz respeito à constituição do Fluxo Informacional.

Conforme já explicitado na descrição do texto, o docente inicia o texto se dirigindo aos alunos para apresentar os assuntos que seriam abordados na unidade.

Nesta unidade (VA), abordaremos:

- Os conceitos do design de interação (NN)
- As metas do design de interação (NA)
- O processo do design de interação (NA)

O que se segue após esses tópicos, são três resumos, cada um deles versando sobre um desses assuntos. Nisso vemos a preocupação do docente em desenvolver conceitos que foram apresentados pela primeira vez no discurso. Esse desenvolvimento, por sua vez, se dá de modo bem detalhado, com o professor apresentando a definição de cada um deles, tecendo considerações adicionais sobre cada um deles e ainda indicando *links* como forma de complementar a compreensão dos mesmos. Abaixo selecionamos alguns trechos que mostram como tais conceitos foram desenvolvidos ao longo do discurso.

O primeiro deles versa sobre o ‘conceito de *design de interação*’, primeiro assunto da unidade:

O termo *design de interação* (NN) foi criado na década de 80 por Bill Moggridge (NN), mas a idéia de produtos interativos (NN) é muito mais antiga. Para alguns profissionais da área (IA), a década de 60 (NN) é a marca do início dos projetos de interação (VA), pois foi quando começaram a ser criados os produtos digitais (NN). Outros (IA) preferem datas bem mais antigas (IA), pois entendem que o *design de interação* (VM), mesmo que ainda não fosse reconhecido como uma disciplina (VA), existe desde que as pessoas (VM) começaram a se preocupar com a facilidade de uso das coisas (NN).

Para entender mais sobre *design de interação* (VM), veja a apresentação dos professores Karine Drumond e Leandro Alves (NN) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo//material_pr/design/00/02/index.html). (NE)

O segundo trecho versa sobre as ‘metas do *design de interação*’, segundo assunto da unidade:

Enquanto o engenheiro de produto (NN) (ou engenheiro de software no caso da informática (VA)) se (VA) preocupa com as funcionalidades do produto (NN), ou seja, com a sua utilidade (IA), cabe ao designer de interação (VM), se (VA) preocupar com a forma de uso (IA), ou seja, com a usabilidade (IA).

Podemos entender a utilidade de um produto (NN) por o (VA) que ele (VA) faz, isto é, pelo conjunto de recursos (NN) que oferece. Já a usabilidade (VM) implica no como os recursos (NN) são usados – por quem (IA), quando (IA), onde (IA), etc. Um produto (VM) para ser bem aceito pelo mercado (IA) deve ser tanto útil quanto usável.

Para conhecer um pouco mais sobre usabilidade (NA), recomendo a apresentação do professor Caio César (NN) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo//material_pr/design/00/05/index.html). (NE).

Interessante observar que, mesmo quando indica um texto ou vídeo em caráter complementar, o docente se preocupa em tecer comentários sobre ele, auxiliando, assim, o processo de aprendizagem do aluno. Podemos observar isso em:

Recapitulando o (VA) que está apresentado no vídeo (VA), a usabilidade (VM) pode ser entendida como a facilidade de uso (NN) e, para ser fácil de ser usado, um produto (VM) deve ser:

- Eficiente
- Fácil de ser aprendido
- Fácil de lembrar como deve ser usado
- Seguro

O último trecho da unidade que apresentaremos a seguir se refere ao terceiro assunto da unidade, ou seja, o ‘processo de *design* de interação’.

Partindo da especificação das funcionalidades esperadas (NA), o processo de design de interação (VM) envolve quatro atividades básicas (NN):

1. Estabelecer os requisitos de interação (VA)
2. Elaborar as modelagens conceitual e física (VA)
3. Prototipar
4. Avaliar

Assista ao vídeo (em inglês) do projeto de um novo carrinho de compras pela IDEO (NN) (Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=M66ZU2PCIcM>) (NE) e tente identificar no filme (VA) cada uma das quatro etapas do processo de interação (VA).

Diante dessa bem estruturada unidade de ensino, o resultado da análise do gráfico de categorização desta unidade, que sugeriu uma adequada constituição do Fluxo Informacional, posto que todos os referentes inseridos pela primeira vez no discurso foram desenvolvidos em alguma medida, estava, de fato, correto.

Já no que se refere à consonância do texto desta unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, apenas alguns critérios foram obedecidos, quais sejam: apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo e a delimitação de aspectos fundamentais.

Considerando o que foi exposto nesta seção, a Unidade I da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador receberá **Conceito A**.

5.3.3 Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.3.3.1 Descrição do texto

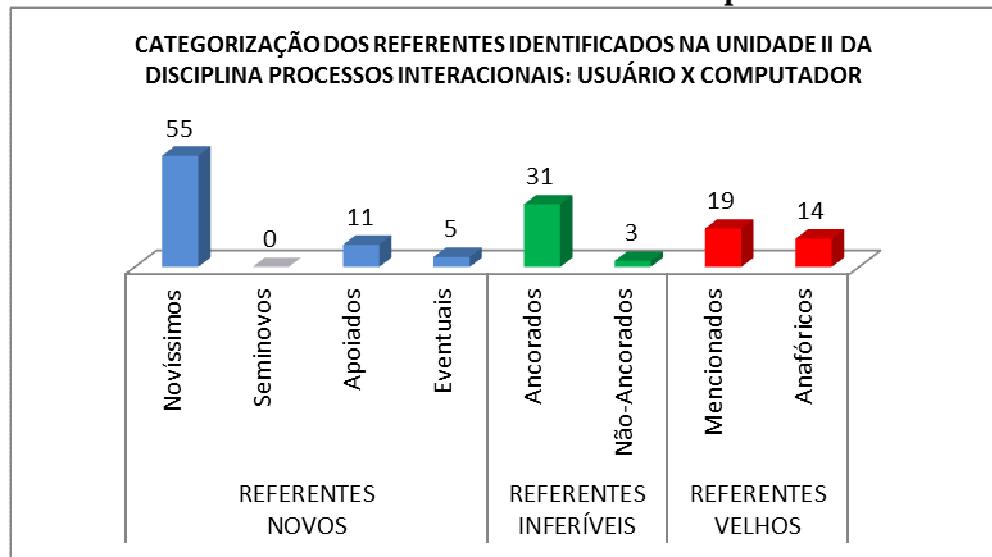
Na Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (**Anexo M**), o Fluxo da Informação foi constituído da seguinte forma: o professor começa apresentando uma lista com três tópicos dos temas que serão abordados na unidade, a saber: *Design centrado no usuário; Análise de contexto; Estabelecimento de Requisitos*. Uma vez anunciados os objetos de estudo da unidade, o que se segue são três pequenos resumos, cada um deles ligado a um dos temas citados anteriormente. Em meio a esses resumos, são indicados *links* que remetem a textos e/ou vídeos para enriquecimento do estudo. Na sequência, há ainda a indicação de um livro, como leitura complementar, junto a qual há a informação de que este pode ser encontrado na biblioteca da UNAB/MG. Depois disso, o professor informa que, “ao longo do curso os alunos deverão desenvolver um projeto de interface para aplicação de seus novos conhecimentos e habilidades”. E diz ainda que o tema do projeto será “a falta de memória eleitoral do brasileiro”. Após essa informação, o docente orienta que esse trabalho deverá ser realizado por grupos de 4 a 6 alunos e que este só terá início na próxima unidade de ensino. E desse modo a unidade é encerrada.

5.3.3.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 55 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 11 novos apoiados, cinco novos eventuais, 31 sintagmas nominais inferíveis ancorados, três inferíveis não-ancorados, 19 sintagmas nominais velhos mencionados e 14 velhos anafóricos.

**Gráfico 13 – Unidade II da disciplina
Processos Interacionais: Usuário X Computador**



Fonte: Dados da Pesquisa

Analizando o gráfico, o que percebemos logo à primeira vista é que só a barra correspondente aos referentes novos novíssimos, sem considerar as outras categorias de referentes novos, já é superior, em número, às demais. O percentual de referentes velhos, em relação aos referentes novos, não chega a 50%. Os referentes inferíveis, por sua vez, também não chegam à metade dos referentes novos.

Essa disparidade entre o número de informações presentes no discurso poderia sugerir, a princípio, problemas na constituição do Fluxo Informacional. É curioso observar, porém, que, se somarmos o número de informações velhas ao número de informações inferíveis, esse montante quase alcançaria o número de informações novas. E levando-se em consideração que os referentes velhos representam informações novas sendo retomadas e que os referentes inferíveis, apesar de não retomar as informações novas, fazem menção a elas em alguma medida, poderíamos dizer que quase 100% dos referentes novos foram desenvolvidos neste texto.

Tal estimativa só poderá ser confirmada se no texto em análise - Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuários X Computador - não for observado nenhum tipo de comprometimento semântico, isto é, problemas relacionados ao sentido global do texto. Isso é o que apuraremos na análise textual a seguir.

5.3.3.3 Análise textual

O texto da unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador não foge muito ao padrão que foi apresentado na unidade I. Isto é, com a apresentação de tópicos sobre os assuntos que serão abordados na unidade que vêm seguidos de resumos sobre cada um deles.

Nesta unidade (VA), abordaremos:

- Design centrado no usuário (NN)
- Análise de contexto (NN)
- Estabelecimento de Requisitos (NN)

Como se vê, cada um desses tópicos corresponde a um referente novo. Contudo, conforme já adiantamos, todos eles foram muito bem desenvolvidos ao longo do discurso, por meio de resumos que, além de conter a definição sobre cada um dos conceitos, trazem informações adicionais e sugestões leituras e ou vídeos, que servirão para consolidar o aprendizado. Para ilustrar o que acabamos de dizer, abaixo serão apresentados três trechos retirados desses resumos, cada qual referente a um dos assuntos da unidade.

O primeiro trecho versa sobre o ‘design centrado no usuário’:

Como foi apresentado na unidade I (NA), o design de interação (NN) tem como objetivo (NN) projetar a forma como as pessoas (IA) usarão os produtos interativos (IA). Para isso, os designers de interação (NA) devem compreender as necessidades e as características das pessoas (NN), além dos contextos em que usarão o produto (IA), ou seja, os designers (VM) devem conduzir todo o projeto com o foco no usuário (NN).

Essa forma de trabalhar (VA) foi formalmente chamada de **Design Centrado no Usuário (VM)** por Donald Norman na década de 80 (NN). De acordo com ele (VA), o Design Centrado no Usuário (VM) é “uma filosofia baseada nas necessidades e interesses do usuário (NN), com ênfase (NN) em “fazer produtos usáveis e inteligíveis(NN)” (NORMAN, Donald. *The Design of Everyday Things*. Nova York: Basic Books, 1988). (NE)

Veja algumas outras definições de Design Centrado no Usuário no blog de Marcello Cardoso (NN) (Disponível em: <http://www.mcardoso.com.br/design-centrado-no-usuario/>) (NE). Veja também a explicação da importância do Design Centrado no Usuário no artigo de Robson Santos para o Webinsider (NN) (Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2003/10/15/a-necessidade-do-design-centrado-no-usuario/>). (NE)

Podemos observar que, neste trecho, o docente vê a necessidade de voltar a falar sobre o tema tratado na unidade anterior, para situar o leitor acerca de um dos temas que será

tratado nesta unidade. Essa estratégia, do ponto de vista pedagógico, é bastante interessante, uma vez que leva os alunos a fazerem associações com objetos de estudo que já foram vistos.

O trecho que apresentaremos a seguir trata da ‘análise de contexto’, segundo assunto da unidade:

Devemos realizar **duas atividades (NN)** antes de começar a projetar **um produto interativo qualquer (NN)**. **A primeira (IA)** “consiste em entender o máximo possível **os usuários (NA)**, seu **trabalho (IA)** e **o contexto** desse trabalho **(NA)**, de forma **(NN)** que o sistema em desenvolvimento **(NN)** possa fornecer-lhes **(VA)** suporte na realização dos objetivos traçados **(NN)**” (PREECE (VM), ROGERS (VM), SHARP, 2005 (VM), p.222). **A segunda (IA)** consiste em estabelecer **um conjunto de requisitos (NN)** para que se possa pensar **o design da interação (VM)** e, em seguida, **da interface (IA)**. Trataremos **da primeira atividade aqui (NA)** e **da segunda (IA)** na **próxima unidade (INA)**.

Para entender melhor o que se espera num **estudo (NN)** assim, leia **o documento Análise de Contexto (NN) desta unidade (VA)** antes de prosseguir para **o estudo dos requisitos (NA)**. **Você (VA)** também encontrará **um artefato disponível (NN)** para realizar **esse trabalho (VA)**.

Podemos notar que o Fluxo Informacional nesta unidade foi muito bem estruturado, visto que o professor encerra um tema já fazendo menção ao tema seguinte. Essas são estratégias que, além de envolver o leitor no texto, servem para situá-lo acerca dos temas já trabalhados e daqueles que ainda estão para ser vistos.

O trecho abaixo diz respeito ao terceiro e último assunto da unidade, ou seja, o ‘estabelecimento de requisitos’.

Com **o conhecimento das necessidades dos usuários (NN)**, **das suas características (IA)**, **das suas tarefas (IA)** e **do contexto (IA)**, é possível estabelecer **os requisitos para o produto (NA)**. **Essa (VA)** é **uma atividade crítica para o sucesso do produto (NN)**, pois **os requisitos (VA)** definem como **o produto (VM)** será – o que fará e como fará.

Leia **o texto Requisitos desta unidade (NN)** e, em seguida, preencha **o artefato de requisitos (NN)**. **Esse artefato (VA)** é **uma simples listagem dos requisitos pensados e de alguns de seus atributos (NN)**. Deixaremos a descrição dos casos de uso para a **próxima unidade (NN)**.

Todas as considerações feitas até aqui reforçam a ideia de que o Fluxo Informacional foi bem constituído no texto desta unidade. Nesse sentido, o resultado da análise gráfica que sugeria o desenvolvimento de todos os referentes novos, seja retomando-os, seja apenas fazendo menção a eles, realmente procede.

Em relação à consonância do texto desta unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, observamos que apenas dois dos critérios determinados no manual foram efetivamente obedecidos. São eles: apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo e a delimitação de aspectos fundamentais.

Considerando o que foi exposto nesta seção, a Unidade II da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador receberá **Conceito A**.

5.3.4 Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.3.4.1 Descricao do texto

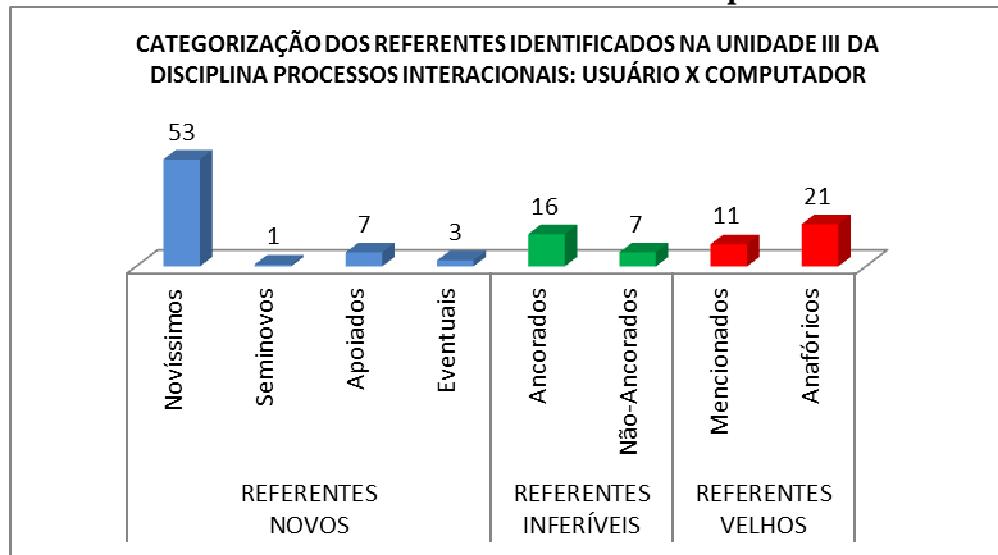
O Fluxo da Informação na unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (**Anexo N**) foi constituído de modo muito parecido com o que vimos nas duas primeiras unidades. O professor começa apresentando uma lista de tópicos com os temas que serão tratados na unidade. No caso da Unidade III, são dois temas: *Modelagem Conceitual* e *Modelagem Física*. Logo após, o docente insere um parágrafo em que retoma sua última fala na unidade II, ao relembrar os alunos do trabalho que deverá ser realizado. Nesse sentido, o docente orienta que o primeiro passo para o desenvolvimento do projeto é a realização da ‘modelagem conceitual de interação’ e o segundo, a realização da ‘modelagem física’. O que se segue depois disso são dois breves resumos, cada qual refletindo sobre um dos tipos de modelagem. Ainda nesses resumos, o último parágrafo de cada um deles é utilizado pelo professor para fornecer orientações aos alunos, sobre como devem ser realizados os modelos conceitual e físico, no projeto a ser desenvolvido por cada grupo. Depois disso, uma lista de quatro referências bibliográficas é apresentada e, para finalizar a unidade, são apresentadas mais algumas orientações para execução do referido projeto, como, por exemplo, o tipo de artefato que deverá ser usado e as vias pelas quais o trabalho deverá ser entregue. E, assim, a unidade III é encerrada.

5.3.4.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 53 sintagmas nominais novos novíssimos, um novo seminovo, sete novos apoiados, três novos eventuais, 16 sintagmas nominais inferíveis ancorados, sete inferíveis não-ancorados, 11 sintagmas nominais velhos mencionados e 21 velhos anafóricos.

**Gráfico 14 – Unidade III da disciplina
Processos Interacionais: Usuário X Computador**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à crítica do gráfico, a primeira observação que fazemos é a superioridade do número de referentes novos, em relação aos demais. Mesmo os referentes velhos, que são superiores em número, aos referentes inferíveis, correspondem a apenas 50% dos referentes novos. Já se somarmos o número de referentes velhos ao número de referentes inferíveis teremos, em comparação ao número de informações novas, certo equilíbrio. Isso considerando que as informações velhas e inferíveis servem para desenvolver, em alguma medida, as informações novas, seja retomando-as, seja, simplesmente, fazendo menção a elas. Na análise textual que será apresentada a seguir, veremos se tais constatações se confirmam.

5.3.4.3 Análise textual

O texto da unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador seguiu a mesma estrutura das duas primeiras unidades, ou seja, primeiramente os temas da unidade são apresentados em forma de tópicos e, logo depois, seguem-se resumos sobre cada um desses temas.

O único diferencial observado nesta unidade é que, antes de serem apresentados os resumos dos dois temas que nela seriam tratados - ‘Modelagem Conceitual’ e ‘Modelagem

Física’ – foi inserido um parágrafo introdutório com explicações sobre um projeto que deveria ser desenvolvido pelos alunos. Na unidade anterior, o docente já havia sinalizado a respeito.

A partir da especificação de requisitos (NN), já é possível começarmos a pensar no projeto (NN). A primeira atividade (NN) que devemos fazer é a modelagem conceitual da interação (NA), que é a transformação dos requisitos (NA) em uma descrição (NN) de como deve ser a interação do usuário com o sistema (NN). A segunda atividade (NN) é a modelagem física (VM), que é o projeto das telas (NN) e outros elementos de interface (NN) através dos quais (VA) ocorrerá a interação (NA).

Interessante observar o modo como o docente vai organizando as ideias, garantindo um bom Fluxo Informacional. Observamos que, mesmo na orientação do trabalho, ele retoma alguns conceitos já trabalhados em unidades anteriores, a fim de situar o aluno. Com isso, o docente acaba estimulando a fixação daquele conteúdo já visto.

Outro fato que também nos chamou a atenção foi que as propostas da primeira e da segunda atividades condizem, exatamente, com os temas da unidade. Desse modo, o aluno é levado a aprender os conceitos e, logo, a aplicá-los.

Ainda neste trecho, cabe observar, também, que o docente insere dois referentes novos, quando propõe a execução dos dois tipos de modelagem, mas logo em seguida ele explica o que viria a ser cada um deles.

Todos esses fatores nos levam a crer que a constituição do Fluxo Informacional se deu de forma adequada nesta unidade.

Abaixo, selecionamos dois trechos, cada qual retirado de um dos dois resumos presentes na unidade. O primeiro deles versa sobre a ‘modelagem conceitual’:

Adotaremos o Modelo de Casos de Uso (NN) como forma de modelagem conceitual (NA). Acredito que a maior parte dos alunos (NN) já tenha estudado casos de uso (VM), mas, se isso (VA) não for o seu caso (IA), você (VA) deve ler sobre o assunto (IA) no livro de Eduardo Bezerra, “Princípio de Análise e Projeto de Sistemas com UML” (NN), (disponível na biblioteca ou qualquer outro de UML (NE)). Há também muita informação pública na Web sobre Casos de Uso (NE).

Ø (VA) Recomendo que, mesmo que você (VA) já tenha trabalhado com casos de uso (VM), leia o texto “Casos de Uso” (NN) desta unidade (VA), para refrescar a memória (NSN).

Notamos que, neste trecho, o docente insere um referente pela primeira vez no discurso – o modelo de casos de uso – e este é classificado como Novo Novíssimo, pois parte-se do pressuposto que seja totalmente desconhecido por parte do leitor. Podemos observar que não há um desenvolvimento efetivo desse referente, no sentido de apresentar uma definição sobre o mesmo, contudo o docente não se limita a apenas citá-lo. Ao contrário disso, ele

orienta os alunos que ainda não conhecem o conceito, a buscarem informações sobre este em duas fontes de consulta por ele recomendadas. Olhando por este prisma, podemos dizer que o referente foi, sim, desenvolvido, não evidenciando, portanto, falhas na continuidade do Fluxo Informacional.

O trecho abaixo foi retirado do segundo resumo da unidade e versa sobre ‘modelagem física’:

Basicamente, o (VA) que discutiremos sobre **modelagem física (VM)** é **uma série de recomendações (IA)** sobre como desenhar **telas (VM)**.

O modelo físico do seu projeto (NA) deve ser apresentado através do “Artefato 5 – Modelo Físico de Interação” (NN). Note que ainda não **Ø (VA) estamos** falando de **implementação (NN)**. **Você (VA)** precisará apenas apresentar o desenho das telas (NA), que pode ser feito através de **qualquer software de desenho (NN)**. **De posse desse modelo físico (VA)**, poderemos, na **próxima unidade (INA)**, construir o **primeiro protótipo do sistema (NN)**.

Neste trecho, vemos que o referente ‘modelagem física’ foi classificado como Velho Mencionado, visto que já havia sido citado no discurso. Contudo, vemos que, apesar de o conceito de ‘modelagem física’ já ter sido explicitado na parte introdutória da unidade, o docente ainda fornece mais algumas informações sobre ele ao dizer que se trata de ‘*uma série de recomendações sobre como desenhar telas*’.

Baseados no que vimos até aqui, podemos dizer que, apesar de o resultado analítico do gráfico de categorização dos referentes desta unidade ter apontado desequilíbrio entre os três níveis de informações, isso não comprometeu o sentido global do texto. Ao contrário disso, o que vimos foi um texto claro, bem organizado que cuidou em preservar a continuidade no Fluxo da Informação.

Uma possível explicação para o desequilíbrio observado no gráfico entre as informações novas, velhas e inferíveis presentes neste texto, já foi aqui sinalizada, quando comentamos sobre o segundo excerto que apresentamos. Nele, vimos um conceito novo novíssimo sendo apresentado, contudo o seu desenvolvimento se deu de forma atípica, ou seja, com o professor orientando os alunos a buscarem informações sobre este em outras fontes, isso por acreditar que tal conceito não seria totalmente desconhecido por parte do aluno. Com isso, as próprias fontes recomendadas pelo docente foram classificadas, também, como referentes novos e isso contribuiu para elevar o número de referentes dessa categoria. Ademais, as referências bibliográficas da unidade também são classificadas como novas novíssimas, entretanto, como se sabe, estas dispensam desenvolvimento posterior. Todos

esses fatores reunidos talvez sejam suficientes para explicar a discrepância numérica entre as categorias de informações.

No tocante à conformidade do texto desta unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, o que pudemos verificar foi a observância de dois dos critérios determinados no manual, quais sejam: apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo e a delimitação de aspectos fundamentais.

Diante do que aqui foi dito, a Unidade III da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador receberá **Conceito A**.

5.3.5 Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.3.5.1 Descrição do texto

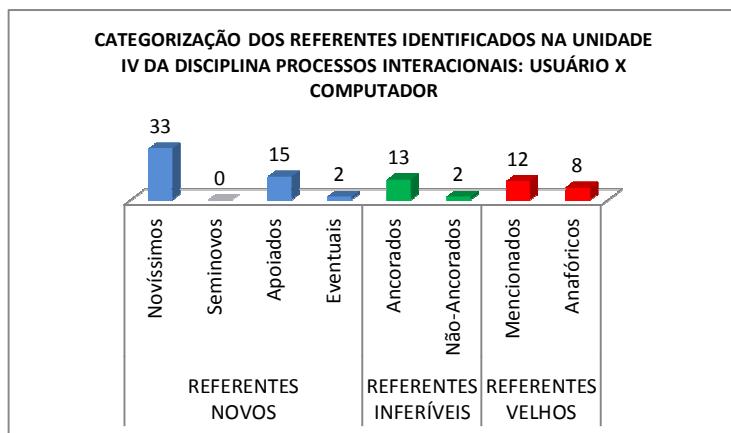
Na quarta e última unidade da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (**Anexo O**), o Fluxo da Informação foi constituído de modo muito semelhante ao que se viu nas três primeiras unidades. O professor, como de costume, inicia a Unidade IV apresentando uma lista com os dois temas que serão nela trabalhados, quais sejam: *Prototipação* e *Avaliação*. Nesta unidade, o professor também apresenta dois breves resumos dos temas objeto de estudo da unidade. Ao final do primeiro resumo, sobre *Prototipação*, ele ainda indica a leitura do capítulo de um livro, como forma de complementação de estudos. Logo depois, são apresentadas duas referências bibliográficas e, por último, dois parágrafos contendo orientações sobre a conclusão do projeto que vinha sendo desenvolvido pelos alunos, bem como sobre sua postagem no ambiente virtual de aprendizagem. A Unidade IV é, então, encerrada.

5.3.5.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 33 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 15 novos apoiados, dois novos eventuais, 13 sintagmas nominais inferíveis ancorados, dois inferíveis não-ancorados, 12 sintagmas nominais velhos mencionados e oito velhos anafóricos.

**Gráfico 15 – Unidade IV da disciplina
Processos Interacionais: Usuário X Computador**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à análise do gráfico, vemos que apenas 40% das informações novas foram retomadas, ao longo do discurso, pelos referentes velhos. Percentual ainda menor que esse, é o dos referentes inferíveis, que sugerem terem sido desenvolvidos, ao longo do texto, apenas 30% das informações novas. Esses dados são preocupantes do ponto de vista pedagógico, pois, mesmo considerando a soma das informações velhas e inferíveis, que presumimos, foram inseridas no texto para o desenvolvimento – pelo menos em alguma medida - dos referentes novos, esse percentual não chegaria a 70%. O que, em outras palavras, significaria dizer que cerca de 30% dos referentes apresentados pela primeira vez no discurso não foram desenvolvidos ao longo dele. Esse fato evidencia prováveis problemas na constituição do Fluxo Informacional e, consequentemente, um possível comprometimento no

sentido global do texto. Essas constatações poderão ou não ser comprovadas, na análise textual que veremos a seguir.

5.3.5.3 Análise textual

O texto da unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, como já era esperado, também seguiu a mesma estrutura das demais unidades.

O professor abre a unidade apresentando, em forma de tópicos, os dois assuntos que serão abordados, a saber, ‘prototipação’ e ‘avaliação’. Logo abaixo, seguem-se dois breves resumos, cada qual sobre um dos temas da unidade.

Como procedemos nas unidades anteriores, aqui também selecionamos dois trechos de cada um desses resumos, a fim de mostrar o modo como os temas da unidade foram desenvolvidos.

Um protótipo (NN) é uma simulação ou uma versão inacabada do produto ou sistema (IA), útil para se transmitir uma ideia (NN) ou se validar uma proposta (NN). Protótipos (VM) devem ser criados durante todo o processo de desenvolvimento do software (IA), seja para esclarecer os requisitos (NN), validar o design conceitual (NN) ou experimentar a interação no design físico (NN).

Leia, nesta unidade (VM), o texto sobre prototipação (NN) e também veja a seção 8.2 do livro de Design de Interação de Preece, Rogers e Sharp (2005) (NN).

Podemos observar que o docente destina um parágrafo para explicar o que vem a ser ‘prototipação’. Além disso, ele recomenda a leitura de um texto complementar para auxiliar os alunos a apreenderem aquele conceito. Sendo assim, vimos que o conceito de ‘prototipação’, que foi classificado como um referente novo novíssimo, foi efetivamente desenvolvido ao longo do discurso.

A avaliação de usabilidade de uma interface (NA) permite assegurar que o produto (VM) é usável (IA). No texto sobre avaliação (NN), você (VA) verá três abordagens para a avaliação (NA):

- Avaliação por listas de conferência (NA)
- Avaliação com especialistas (NA)
- Testes com os usuários (NA)

Cada forma de avaliação (NA) tem suas vantagens (IA) e suas aplicações (IA) e elas (VA) são técnicas complementares (NA), de tal forma (VM) que dificilmente uma (IA) substitui a outra (IA).

Interessante observar nesse trecho que, à medida que o docente vai inserindo um referente novo no discurso, ele imediatamente procura tecer algum tipo de comentário sobre este. Foi o que aconteceu quando os três tópicos foram inseridos no texto, já no intuito de

explicar um conceito anterior. Nesse sentido, vemos como o texto dessa unidade é bem articulado, o que configura uma adequada constituição do Fluxo Informacional.

Em relação à análise gráfica, que sugeriu não terem sido desenvolvidas 40% das informações presentes neste texto, temos uma possível explicação. Se observarmos o primeiro trecho que apresentamos como exemplo, veremos pelo menos três informações novas novíssimas que não foram retomadas posteriormente, quais sejam: ‘os requisitos’, o ‘design conceitual’ e a ‘interação no *design* físico’. Cabe aqui observar que, embora tais conceitos não tenham sido retomados em outro momento do texto, devemos nos lembrar, ainda que o docente não o tenha dito, que estes foram objetos de estudo de unidades anteriores. Sendo assim, apesar de terem sido classificados como informações novas novíssimas, visto que o processo de categorização que fizemos se pautou na individualidade de cada texto, não considerando seu diálogo com textos anteriores e/ou posteriores, tais conceitos já eram conhecidos por parte dos alunos. Acreditamos, portanto, residir aí a explicação para a discrepância numérica observada entre os três níveis de informações presentes nesta unidade.

No que se refere à consonância do texto desta unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, também, aqui, o que pudemos verificar foi a observância de dois dos critérios determinados no manual. Estes dizem respeito à apresentação de conceitos necessários à compreensão do conteúdo e à delimitação de aspectos fundamentais.

Diante disso, atribuiremos **Conceito A** ao texto da Unidade IV da disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador.

5.4 Disciplina SUS: Processos Organizacionais (Área da Saúde)

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada nos materiais didáticos da disciplina **SUS: Processos Organizacionais**. A seção foi subdividida em partes relativas cada uma aos cinco textos analisados, quais sejam: Apresentação da Disciplina, Unidade I, Unidade II, Unidade III e Unidade IV.

5.4.1 Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais, subdividimos esta seção em três partes, quais

sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.4.1.1 Descrição do texto

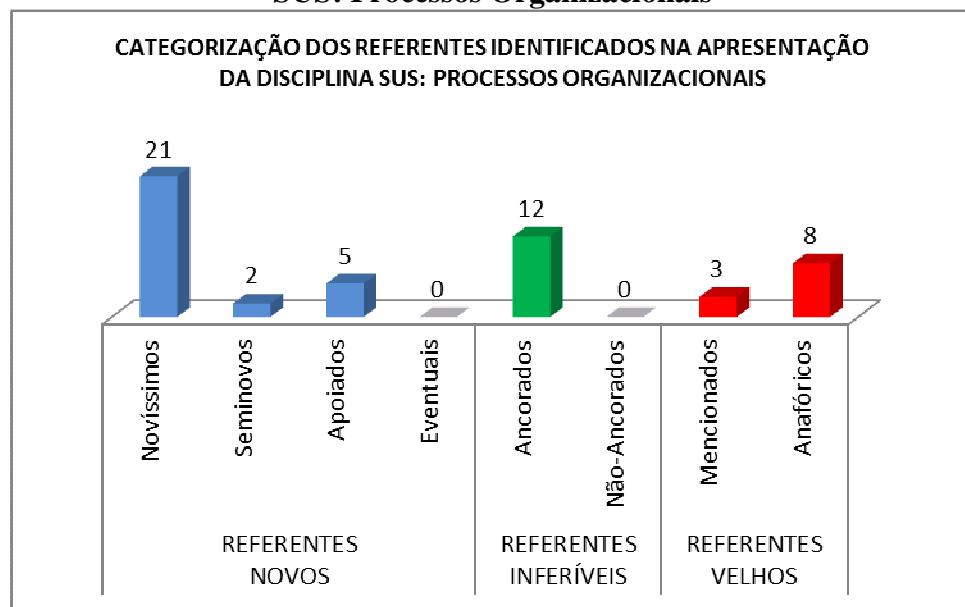
O Fluxo Informacional na Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais (**Anexo P**) foi constituído em torno de oito parágrafos. No primeiro deles, a professora dá boas-vindas aos alunos e informa que esta é uma disciplina ofertada pelo curso de Enfermagem. O segundo parágrafo é destinado à apresentação dos objetivos da disciplina. Nos três parágrafos seguintes, o que se vê é uma breve reflexão sobre o serviço de saúde pública brasileiro. Em seguida, a professora lança o desafio de criar, com a participação de todos, sobretudo com os profissionais da enfermagem, um sistema [que acreditamos, seja de saúde] mais justo e democrático. No parágrafo seguinte, a professora adota uma estratégia de interação, ao afirmar que conta com a colaboração de todos, no sentido de trazerem seus relatos de experiência, como profissional, usuário ou cidadão que faz parte desse sistema. O último parágrafo da unidade pareceu-nos um pouco confuso, uma vez que a professora menciona que seu desejo ao final do curso, é que haja mais defensores do Sistema Único de Saúde. Porém, logo após essa fala, ela parece entrar em contradição, ao afirmar: “não é o que esperamos, mas é o reflexo de uma nação que busca justiça e igualdade social”. Percebemos que a sentença não ficou bem formulada, mas, talvez, o que se pretendia dizer no trecho em questão era que esses novos defensores do SUS que se almeja conquistar ao final do curso não o façam motivados pela necessidade de uso ao sistema, mas, sim, como reflexo de uma nação que busca justiça e igualdade social. Contudo, a interpretação desse trecho ficou a cargo dos leitores, pois, logo em seguida, a unidade foi encerrada.

5.4.1.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 21 sintagmas nominais novíssimos, dois novos seminovos, cinco novos apoiados, nenhum novo eventual, 12 sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, três sintagmas nominais velhos mencionados e oito velhos anafóricos.

**Gráfico 16 – Apresentação da disciplina
SUS: Processos Organizacionais**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à análise do gráfico, observamos certo desequilíbrio entre o número de informações inferíveis e velhas, em relação ao número de informações novas. Contudo, se somarmos o número de informações velhas e inferíveis, que são as responsáveis pelo desenvolvimento das informações novas, seja retomando-as, seja fazendo menção a elas, o resultado dessa soma corresponderia a cerca de 85% em relação ao número de informações novas e isso sugeriria certo equilíbrio nas informações presentes neste texto. Contudo, não podemos deixar de considerar o restante das informações que, possivelmente, não foram desenvolvidas ao longo do discurso, visto que esse fato pode indicar problemas na continuidade do Fluxo Informacional. Na próxima seção, momento em que teceremos uma última consideração sobre o texto em análise, veremos se tais constatações se comprovam.

5.4.1.3 Análise textual

O texto de apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais à primeira vista nos chamou a atenção por sua extensão, apenas 8 (oito) parágrafos, conforme já havíamos adiantado na descrição do texto.

No primeiro deles, a docente dá as boas-vindas aos alunos:

É com alegria (NN) que damos boas-vindas (NN) à segunda turma do curso virtual (NN) oferecido pelo curso de Enfermagem (NN).

Já neste primeiro trecho, observamos uma falha no Fluxo da Informação em relação aos dois últimos referentes novos ‘segunda turma do curso virtual’ e ‘curso de enfermagem’. Entendemos, aqui, que a docente se referia a uma segunda oferta da disciplina SUS: Processos Organizacionais, que, por sua vez, faz parte da grade curricular do curso de Enfermagem e, diferentemente do que foi dito, não é ofertada por ele, mas, sim, pela Universidade Aberta de Minas Gerais. Contudo, a seleção lexical feita pela docente alterou o sentido da mensagem que se pretendia passar, uma vez que transferiu para o curso de enfermagem a responsabilidade da oferta da disciplina, excluindo a UNAB/MG desse processo. Tal exclusão, embora não signifique um problema relativo ao Fluxo Informacional, sugere um comprometimento de nível semântico.

O segundo parágrafo da apresentação é utilizado pela docente para expor o objetivo da disciplina.

Nosso objetivo (IA) é oferecer a você (VA) a oportunidade (NN) de, ao longo deste curso (VA), aumentar sua visão crítica (IA) a respeito de temáticas (NN) que abordem o sistema de saúde pública no Brasil (NN) representado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (NSN), além de lhe (VA) apresentar a estrutura organizacional desse sistema (VA).

Observe que tanto neste trecho, quanto no apresentado anteriormente há uma referência ao curso que está sendo ofertado, contudo, em nenhum dos dois momentos o nome dele é mencionado. Também em relação ao termo ‘curso’, empregado em ambas as ocasiões, acreditamos que seria mais adequado se este fosse substituído por ‘disciplina’, isso porque a palavra ‘curso’ é muito mais genérica que ‘disciplina’, além disso, não podemos deixar de observar a hierarquia existente entre esses dois termos, já que um está contido no outro, a considerar que são nos cursos que se abrigam as disciplinas.

Prosseguindo com nossa análise, nos cinco parágrafos que se seguem, vemos uma breve explanação acerca do sistema de saúde pública e dos sujeitos nele envolvidos. Neste trecho, não foram observados problemas relacionados ao Fluxo da Informação.

O mesmo, porém, não pode ser dito, em relação ao último parágrafo da apresentação, conforme já mencionado, onde lemos:

Desejamos que, ao final do curso (NA), tenhamos conseguido mais defensores do Sistema Único de Saúde (NN), que ainda não é o (VA) que esperamos, mas é o reflexo de uma nação (NN) que busca justiça (NN) e igualdade social (NN).

Dois aspectos nos chamaram a atenção neste trecho: o primeiro deles, quando a docente afirma que espera, ao final do curso, ter conseguido ‘mais defensores do Sistema

Único de Saúde'. Isso, porque tal expectativa destoa do objetivo da disciplina, já que, a princípio, a pretensão era apenas despertar, nos alunos, uma visão mais crítica acerca do sistema de saúde pública. Já, aqui, a docente abertamente se posiciona em defesa desse sistema, induzindo os alunos a fazerem o mesmo. Em nossa visão, esse tipo de posicionamento enfático deveria ser evitado em um texto didático. Ao contrário disso, mais adequado seria se a docente levasse os alunos a perceberem os pontos positivos e negativos do SUS, mesmo porque, é esse o objetivo que se anunciou no início da disciplina: desenvolver uma visão crítica nos alunos acerca do sistema de saúde pública brasileiro. O segundo ponto que nos chamou a atenção foi quando a docente afirmou '*ainda não é o que esperamos*', se referindo ao SUS, '*mas é o reflexo de uma nação que busca justiça e igualdade social*'. Notamos que, do modo em que as informações foram organizadas nessa sentença, nos leva a entender que é da nação que busca justiça e igualdade social, a responsabilidade do SUS não estar do modo em que todos esperam. Nisso enxergamos um problema relativo ao Fluxo Informacional.

Em relação ao resultado apontado pela análise do gráfico, que sugeriu o desenvolvimento de quase todas as informações novas presentes no discurso, vemos que este procede. Isso porque, exceto os problemas por nós apontados, não observamos nenhuma outra falha relativa à continuidade do Fluxo Informacional.

Já no que se refere à conformidade do texto de apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, instituição pela qual a disciplina é ofertada, podemos dizer que houve mais falhas, visto que não observamos a presença de alguns elementos recomendados pelo manual, tais quais, a apresentação do professor(a), a ementa da disciplina, o conteúdo que seria abordado em cada unidade de ensino, as orientações de estudo e os critérios que seriam adotados na avaliação.

Diante disso, atribuiremos **Conceito B** à apresentação da disciplina SUS: Processos Organizacionais.

5.4.2 Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.4.2.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais (**Anexo Q**) foi assim constituído: nos três primeiros parágrafos da unidade, a professora leva os alunos a refletirem sobre o Sistema Único de Saúde, por meio de algumas perguntas, como por exemplo: “*O que é saúde?; Todos temos direito? Sempre foi assim?*”. Ainda nessa parte introdutória, a professora explica que é normal, nos dias atuais, ouvir reclamações sobre o sistema brasileiro de saúde pública, inclusive vindas dos próprios profissionais da área da saúde. A partir daí, a docente passa a conduzir sua reflexão num sentido que nos pareceu ser de defesa do SUS, sob a alegação de que muitos desconhecem as suas reais funcionalidades. No parágrafo que vem após isso, a professora informa qual será o objeto de estudo da Unidade I – *O processo de formação histórica do SUS* - e também o objetivo da unidade, que, de um modo geral, é o de mostrar como as políticas públicas do passado influenciaram a atual política de atenção à saúde. Dito isso, a professora explica que, ao aprofundarem seus conhecimentos sobre o tema da unidade, os alunos começarão a perceber que “os questionamentos e reclamações acerca do SUS devem ser usados no sentido de seu fortalecimento”, considerando-se o modelo de assistência pública que vigorava no passado. No último parágrafo dessa primeira parte, a professora parece assumir sua defesa ao sistema brasileiro de saúde pública, ao reforçar que, conhecendo o processo de formação histórica do SUS, os alunos entenderão a importância de defendê-lo. Para encerrar a unidade, é sugerida a leitura de quatro textos, dois deles disponíveis na biblioteca virtual e os outros dois, de domínio público, os quais podem ser acessados por um *link* que é apresentado. Já no último parágrafo da unidade, a professora informa que a atividade 1 encontra-se disponível no ambiente virtual da disciplina e que ela será usada como forma de avaliação do processo de aprendizagem da Unidade I. A professora então se despede desejando bons estudos aos alunos e, assim, encerra a unidade.

5.4.2.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 20 sintagmas nominais novos novíssimos, dois novos seminovos, sete novos apoiados, quatro novos eventuais, 13 sintagmas nominais inferíveis ancorados,

nenhum inferível não-ancorado, seis sintagma(s) nominai(s) velhos mencionados e 11 velhos anafóricos.

**Gráfico 17 – Unidade I da disciplina
SUS: Processos Organizacionais**



Fonte: Dados da Pesquisa

Cientes de que os referentes velhos agem no discurso retomando as informações novas e os referentes inferíveis, embora não as retomem, fazem menção a elas, chegamos à conclusão que um dos pré-requisitos para que o Fluxo Informacional esteja bem constituído é a equivalência, pelo menos em certa medida, entre os referentes novos e os outros dois tipos de referentes presentes no discurso. Analisando o gráfico acima, chegamos à conclusão que, se somarmos o número de informações velhas ao número de informações inferíveis, o resultado corresponderia a quase 100% das informações novas. Isso sugere que também quase todos os referentes inseridos pela primeira vez no discurso tenham sido desenvolvidos em alguma medida, o que seria ideal, do ponto de vista didático-pedagógico. Contudo, veremos se os dados por nós interpretados condizem com a realidade do texto, na análise textual que apresentaremos a seguir.

5.4.2.3 Análise textual

O texto da Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais começa com algumas perguntas que foram lançadas aos alunos.

Antes de começarmos **nosso curso (VA)** pense: “O que é **saúde (NN)**?”; “Como é organizado **o atendimento (NN)**?”; “Todos (IA) temos **direito a saúde (IA)**, sempre foi assim?”.

Algo que nos chamou a atenção neste trecho foi a frase ‘*antes de começarmos nosso curso*’. Isso porque aquele não era o primeiro contato que a docente estava tendo com os alunos, visto que a apresentação já havia sido disponibilizada no ambiente virtual de aprendizagem, ou seja, o curso, ou a disciplina, já havia sido iniciado. Talvez mais adequado seria dizer ‘*antes de darmos início à unidade*’ ou ‘*antes de começarmos a tratar os temas propostos em nossa disciplina*’, pois, do modo como está posto, o aluno pode ser levado a entender que a leitura dos materiais disponibilizados anteriormente é irrelevante.

Prosseguindo com nossa análise, outro trecho que nos chamou a atenção foi este que apresentamos abaixo:

Essas falas (VA) podem realmente ter embasamento (IA). Entretanto, é frequente o usuário (IA) não saber qual a via de acolhimento e procedimento (NN) deve realizar para ter acesso ao serviço de que necessita (NN) e de não saber o que realmente é o SUS (VM) e sua forma de trabalho (IA).

Quando a docente diz que o usuário muitas vezes não sabe qual ‘*procedimento deve realizar para ter acesso ao serviço de que necessita*’, não restam dúvidas aos leitores sobre a interpretação desta sentença, contudo, o mesmo não pode ser dito quando a docente se refere à ‘*via de acolhimento*’. Talvez este seja um termo muito familiar para os profissionais da saúde, mas se considerarmos um leitor que não faça parte dessa área, dificilmente ele o entenderá. Afinal, que via de acolhimento seria essa? Ao longo do material, não vimos qualquer tipo de explicação sobre esse referente. Nesse sentido, flagramos uma falha na constituição do Fluxo Informacional que pode comprometer o sentido global do texto.

Ainda sobre este excerto, a última frase, em destaque, também despertou nossa atenção, visto que, mais uma vez, vemos a docente se posicionar favoravelmente ao Sistema Único de Saúde, desta vez, de modo mais sutil, contudo, ainda não recomendado para um texto didático.

Outro trecho que nos chamou a atenção foi o seguinte:

Após entendermos um pouco do processo de formação histórica do SUS (VM) começamos a perceber que os questionamentos e reclamações (IA) devem ser usados no sentido do fortalecimento do SUS, para que o modelo de assistência do passado (IA), onde a população (VM) tinha pouco acesso ao serviço de saúde pública (VA) e, quando tinha, esse atendimento (VA) muitas vezes não supria a necessidade do paciente (VA), seja visto como algo (VA) que a população (VM) não quer ver de volta.

No trecho que está grifado, nesse parágrafo, podemos observar um problema de redação que impede a fluidez na leitura. Isso porque muitos elementos foram inseridos entre

um tópico que foi apresentado no início do parágrafo ‘o modelo de assistência do passado’ e o seu comentário ‘seja visto como algo que a população não quer ver de volta’, que só apareceu no fim.

Já o parágrafo seguinte a este trecho foi destinado à apresentação do tema e do objetivo da unidade.

Começaremos na Unidade 1(VM) estudando o processo de formação histórica do SUS (NN) e teremos como objetivo (IA) determinar como as políticas passadas influenciaram a formação de uma política pública de atenção à saúde baseada em princípios democráticos e de atendimento integral das demandas dos usuários em todo o território nacional de forma plenamente gratuita (VA).

Após compreendermos esse processo de formação (VA) ficarão mais claras as necessidades que demandaram as diretrizes (IA) que hoje são os princípios de funcionamento do SUS (VA). E a importância (NN) de compreender e defender o Sistema de Único de Saúde (VA).

Neste trecho a docente diz ‘ficarão mais claras as necessidades que demandaram as diretrizes’. Ficou claro que tais diretrizes deram origem aos princípios de funcionamento do SUS, mas que diretrizes são essas? Como essa questão não foi esclarecida, visto que a unidade termina com este parágrafo, enxergamos, também, aqui, outra falha na constituição do Fluxo Informacional.

Para finalizar, vemos, ainda neste trecho, mais um posicionamento favorável da docente em relação ao SUS. Posicionamento este que vai contra o objetivo da disciplina que é o de ‘aumentar a visão crítica dos alunos em relação às temáticas que abordem o sistema de saúde pública no Brasil, [apenas] representado pelo SUS’. Ou seja, o SUS é apenas um instrumento em meio a esse grande processo e não o responsável pela viabilização dele, conforme está posto.

A unidade I termina com a docente apresentando uma lista de quatro referências bibliográficas e, em seguida, recomendando a realização da atividade 1, disponível no ambiente virtual. Com isso, concluímos que as respostas às três questões lançadas no início da unidade deveriam ser buscadas, por cada aluno, individualmente, por meio da leitura dos textos recomendados. Textos esses que vieram desacompanhados de qualquer tipo de orientação de leitura, o que confirma nossa hipótese de que a apreensão do conteúdo proposto na unidade se daria de modo autônomo. Nesse sentido também enxergamos problemas no que se refere à constituição do Fluxo Informacional, já que, como se pôde perceber, conceitos foram apresentados no discurso, mas não foram desenvolvidos ao longo dele.

Em relação ao resultado apontado pela análise do gráfico, que sugeriu terem sido desenvolvidos todos os referentes novos inseridos no texto, vimos que este não é totalmente procedente.

Quanto à adequação do texto da unidade com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, instituição pela qual a disciplina é ofertada, o único critério que foi obedecido é o que se refere à apresentação dos objetivos da unidade. Os demais, contudo, não foram observados.

Nesse sentido, atribuiremos **Conceito B** ao texto da Unidade I da disciplina SUS: Processos Organizacionais.

5.4.3 Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.4.3.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais (**Anexo R**) foi constituído da seguinte forma: há uma pequena parte introdutória estruturada em torno de quatro parágrafos. No primeiro deles, a professora relembra os tópicos estudados na unidade I.

Já no segundo, ela anuncia os temas que serão tratados na Unidade II – *lei orgânica da saúde e normas operacionais básicas da saúde*. No terceiro parágrafo, a docente informa que, a seguir, serão apresentadas orientações relativas às leituras e às atividades a serem realizadas.

O último parágrafo dessa parte inicial foi utilizado, pela professora, para sugerir aos alunos que criem uma rotina de estudos e mantenham a disciplina. Ela ainda alerta que atrasos no cronograma devem ser evitados. Algo que nos chamou a atenção nesta unidade foi que as orientações de leitura anunciadas anteriormente pela professora não foram dadas. Ao invés disso, o que vemos são referências de quatro textos e de um vídeo, alguns disponibilizados no ambiente virtual da disciplina, outros seguidos de *links* que remeterão o aluno a páginas na internet, contudo, essas indicações vêm desacompanhadas de qualquer tipo de orientação.

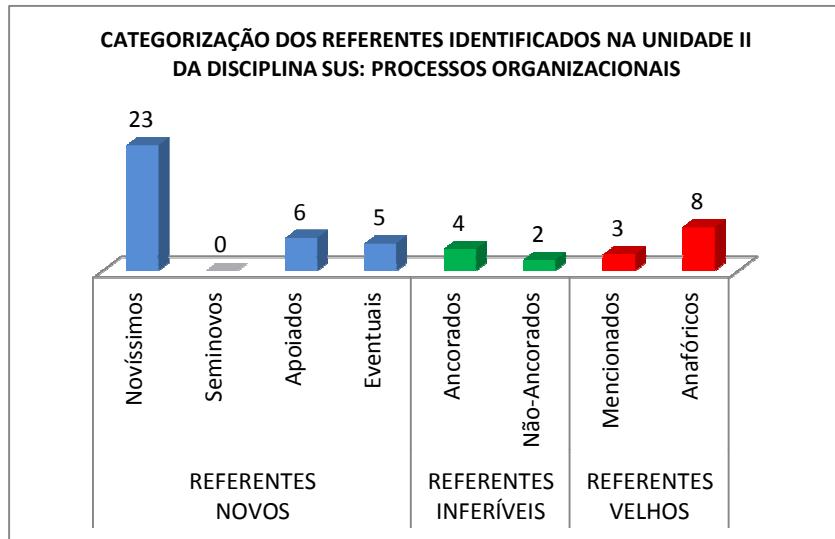
Nos dois últimos parágrafos da unidade, são apresentadas algumas orientações sobre a atividade avaliativa ligada à unidade, como, por exemplo, sua localização no ambiente virtual. Logo em seguida, a unidade é encerrada com a professora desejando bons estudos aos alunos.

5.4.3.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 23 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, seis novos apoiados, cinco novos eventuais, quatro sintagmas nominais inferíveis ancorados, dois inferíveis não-ancorados, três sintagmas nominais velhos mencionados e oito velhos anafóricos.

**Gráfico 18 – Unidade II da disciplina
SUS: Processos Organizacionais**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico acima revelou que os referentes novos superam, em números, tanto os referentes velhos, quanto os referentes inferíveis. E isso sugere problemas na constituição do Fluxo Informacional, sobretudo, se considerarmos que o desenvolvimento das informações novas ocorre quando os referentes velhos as retomam, ou quando os referentes inferíveis fazem menção a elas. Nos casos em que não há a retomada ou, sequer, uma menção posterior no texto, as informações que aparecem pela primeira vez no discurso ficam

limitadas a uma única aparição, não dialogando, portanto, com o restante do texto e esse tipo de situação pode comprometer o seu sentido global. Os números do gráfico acima sugerem que isso aconteceu na Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais, visto que o percentual de informações velhas, mesmo somado ao percentual de informações inferíveis, não alcançam 60% das informações novas, indicando, com isso, que mais de 40%, ou seja, cerca de 12 informações novas, não foram desenvolvidas ao longo do discurso. Veremos como isso aconteceu na análise textual que será apresentada a seguir.

5.4.3.3 Análise textual

A Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais, à primeira vista, nos chamou a atenção pela extensão, apenas quatro parágrafos.

No primeiro e segundo, a docente relembrava o assunto abordado na unidade anterior e anuncia o tema da unidade presente:

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Nesta segunda unidade (VA), que começa agora, iremos refletir sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Essa estratégia de retomada de conteúdos que foram objeto de estudo em ocasiões anteriores é interessante, do ponto de vista didático-pedagógico, pois, além de induzir o leitor a fazer associações entre um conteúdo e outro, serve para situá-lo.

Prosseguindo com nossa análise, chegamos ao terceiro parágrafo da unidade, onde, adiantamos, foram encontrados problemas relativos ao Fluxo Informacional.

Como forma de dar início (NN) ao estudo desses importantes assuntos (VA), apresento-lhes (VA), a seguir, orientações relativas às leituras (NN) e às atividades (IA) a serem realizadas nesto momento do curso (INA).

Os problemas que identificamos dizem respeito ao trecho em destaque. O primeiro deles, mais genérico, também foi observado na unidade anterior e tem a ver com a proposta de aprendizado individual. Isso porque a docente reconhece que os assuntos da unidade são importantes, mas não faz sequer uma breve síntese sobre eles. Ao contrário disso, apenas recomenda a leitura de alguns textos, que, por sua vez, não vêm acompanhados de nenhuma

orientação, contrariando o que foi prometido pela docente. E nisso reside o segundo problema por nós identificado. Assim, fica caracterizada uma quebra no Fluxo da Informação.

Nesse sentido, vimos que o resultado da análise do gráfico que sugeriu que nem todas as informações inseridas pela primeira vez no discurso foram desenvolvidas realmente procede.

Já no que diz respeito à consonância do texto da Unidade II com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, instituição pela qual a disciplina é ofertada, o problema é ainda maior, pois nenhum dos critérios recomendados pelo manual foi obedecido.

Nesse sentido, atribuiremos **Conceito B** ao texto da Unidade II da disciplina SUS: Processos Organizacionais.

5.4.4 Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.4.4.1 Descrição do texto

A Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais (**Anexo S**) teve o seu Fluxo da Informação assim constituído: no primeiro parágrafo, a professora relembra qual foi o objeto de estudo da Unidade I. Já no segundo parágrafo que, do modo como foi empregado, nos pareceu estar descontextualizado. Ele versa sobre o movimento político social ocorrido nas décadas de 70 e 80, momento em que, segundo a docente, buscou-se “definir uma nova forma de pensar a saúde no mundo e no Brasil”. Na sequência a essa informação, já no terceiro parágrafo da unidade, a professora volta a relembrar os temas estudados anteriormente, desta vez, na unidade II. Somente no quarto parágrafo, último desta parte introdutória, a docente anuncia quais serão os temas da Unidade III, quais sejam: *o processo de reorganização do sistema e os mecanismos legais* (contudo, não se sabe a quais mecanismos legais a professora se refere, visto que, no texto, não há nenhuma informação adicional ao termo). Após esta primeira parte, seguem relacionadas referências de alguns textos para leitura, sendo três deles vinculadas ao tema “Norma operacional de assistência à

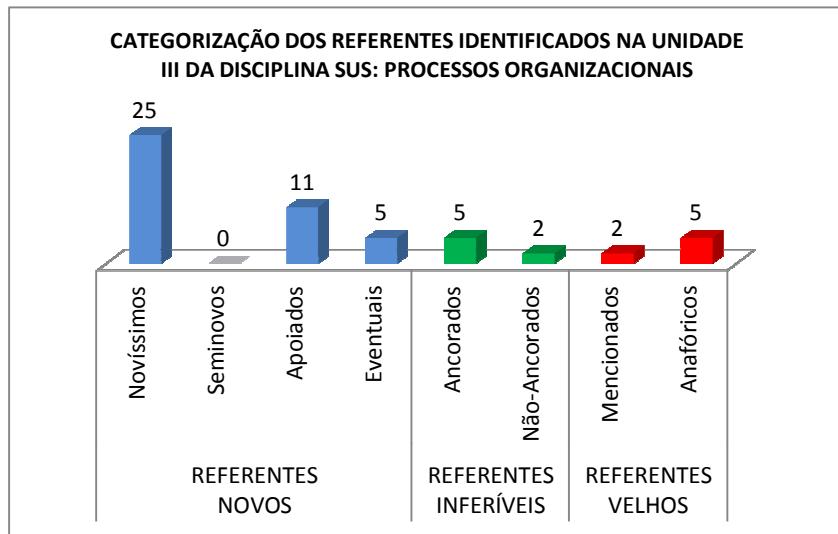
saúde” e outros dois, relacionados ao “Pacto pela saúde”. Os três últimos parágrafos da unidade seguem o mesmo padrão adotado na unidade anterior, ou seja, são destinados às orientações acerca da atividade avaliativa 3, que tem por finalidade avaliar o processo de aprendizagem da unidade de mesmo número e também de lembrar aos alunos sobre a necessidade de se manter uma rotina de estudos pautada na disciplina. E assim a unidade é encerrada.

5.4.4.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 25 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 11 novos apoiados, cinco novos eventuais, cinco sintagmas nominais inferíveis ancorados, dois inferíveis não-ancorados, dois sintagmas nominais velhos mencionados e cinco velhos anafóricos.

**Gráfico 19 – Unidade III da disciplina
SUS: Processos Organizacionais**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à crítica do gráfico, algo que primeiro nos chama a atenção é a discrepância numérica que existe entre os referentes novos e os outros dois tipos de referentes. Mais alarmante, ainda, seria comparar esses números em termos percentuais, visto que a

porcentagem de informações velhas não chega a 20% de informações novas. O mesmo ocorre com as informações inferíveis. Esses dados, do ponto de vista didático-pedagógico são verdadeiramente preocupantes, visto que eles sugerem que mais de 60% dos referentes inseridos pela primeira vez no texto não tiveram qualquer tipo de retomada, via referentes velhos, ou sequer foram mencionados, via referentes inferíveis, ao longo do discurso. Com isso, podemos dizer que houve problemas na constituição do Fluxo Informacional, o que sugere comprometimento semântico (de sentido) em algum nível textual. Veremos como isso se deu na análise textual, apresentada a seguir.

5.4.4.3 Análise textual

A Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais foi estruturada de modo muito parecido com o que vimos na unidade anterior, ou seja, uma unidade relativamente pequena.

O primeiro parágrafo foi utilizado pela docente para relembrar, assim como procedeu na segunda unidade, o assunto tratado na primeira.

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Tal estratégia, conforme já havíamos ponderado, é, sob a ótica pedagógica, muito válida e eficaz, pois serve para estimular o aluno a fazer associações entre um conteúdo e outro e também para situá-lo em relação aos conteúdos que já o foram, e os que ainda serão trabalhados.

O segundo parágrafo, porém, nos chamou bastante a atenção. Nele lemos:

Todo movimento político e social nas décadas de 70 e 80 (INA), busca definir uma nova forma (NN) de pensar a saúde no mundo e no Brasil (NA), quebrando com a prática assistencialista (NN), com a centralização dos recursos (NN) e com as ações de saúde fragmentadas (NN).

Podemos observar que o conteúdo do parágrafo parece versar sobre a temática abordada na unidade I, ou seja, ‘o processo de formação histórica do SUS’. Ora, se nossa hipótese de fato procede, e tudo indica que sim, qual seria o propósito de inserir tais informações na terceira unidade de ensino? A nosso ver, este trecho deveria ter sido apresentado na primeira unidade, até mesmo como forma de atender a um dos critérios previstos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG que

estabelece a apresentação de conceitos anteriores necessários à compreensão do conteúdo da unidade. Isso, contudo, não foi feito. Nesse sentido, identificamos uma importante falha na constituição do Fluxo Informacional.

Prosseguindo com nossa análise, chegamos ao terceiro parágrafo da unidade, onde lemos:

Na segunda unidade (NN) aprendemos sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Lendo este trecho, nossa hipótese de que o segundo parágrafo estava deslocado ganha maior força. Isso porque, aqui, a docente prossegue com sua estratégia de retomada, relembrando, aos alunos, que temas foram objeto de estudo das unidades anteriores. Isso, por sua vez, também evidencia problemas no Fluxo Informacional.

Chegando ao quarto e último parágrafo da unidade é que, enfim descobrimos, o tema que nela será abordado.

Nesta terceira unidade (VA) que Ø (VA) começamos agora iremos refletir sobre [o processo de reorganização do sistema \(NN\)](#), [os mecanismos legais \(NN\)](#) para que [os princípios de equidade \(NN\)](#), [universalidade \(IA\)](#) e [integralidade \(IA\)](#) fossem amplamente difundidos entre [os gestores, trabalhadores e usuários do sistema \(IA\)](#), com vistas à melhoria dos indicadores de saúde brasileiros (NN).

Ainda neste parágrafo, identificamos três problemas. O primeiro deles, que já sinalizamos, reside no fato de que só no último parágrafo da unidade o seu tema é revelado. Pedagogicamente falando, a unidade não deveria terminar neste ponto. Ao contrário disso, deveria ser feita ao menos uma breve explanação sobre o tema da unidade, até mesmo como forma de desenvolvê-lo, já que este foi classificado com um referente novo, necessitando, portanto, de uma retomada posterior.

O segundo problema observado diz respeito ao próprio tema que exige, do leitor, a realização de inferências para que este seja compreendido. Notamos que o tema da unidade é ‘o processo de reorganização do sistema’, mas não se esclarece a natureza desse sistema. Seria o sistema de saúde pública brasileiro ou o Sistema Único de Saúde?

O terceiro e último problema observado está relacionado aos ‘mecanismos legais’, outro termo em destaque no trecho. Isso porque não ficou claro se esse referente estava se ligando ao referente anterior, isto é, ao ‘processo de reorganização do sistema’, ou se este tinha a ver com o que foi dito posteriormente, ou seja, ‘para que os princípios de equidade, universalidade... fossem amplamente difundidos...’. Caso a última opção fosse, de fato, a

pretendida, certamente estaria faltando algum elemento linguístico entre as duas ideias. Elemento esse que, em nossa tentativa de atribuir sentido ao trecho, acreditamos, poderia ser a palavra ‘adotados’, ficando assim a frase: “*refletir sobre o processo de reorganização do sistema e os mecanismos legais adotados para que os princípios de equidade, universalidade e integralidade fossem amplamente difundidos...*”. A interpretação deste trecho, portanto, ficou a cargo de cada leitor.

Com base no exposto, ficam configuradas mais três falhas no Fluxo da Informação. Nesse sentido, o resultado da análise do gráfico que apontou um forte desequilíbrio entre os três níveis de informações presentes neste texto – novas, velhas e inferíveis – sugerindo, inclusive, comprometimento semântico (de sentido) em algum nível textual, realmente procede.

Já no que se refere à adequação do texto da Unidade III com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG, o problema é ainda maior, pois nenhum dos critérios recomendados pelo manual foi obedecido.

Pelas razões aqui expostas, o texto da Unidade III da disciplina SUS: Processos Organizacionais receberá **Conceito B**.

5.4.5 Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.4.5.1 Descrição do texto

A quarta e última unidade da disciplina SUS: Processos Organizacionais (**Anexo T**) teve seu Fluxo Informacional assim constituído: os três primeiros parágrafos foram respectivamente utilizados pela docente para relembrar, aos alunos, quais foram os temas estudados nas unidades I, II e III. No quarto parágrafo, é então anunciado qual será o objeto de estudo da unidade IV: “*Ferramentas de gerenciamento do sistema de saúde*”. No parágrafo seguinte, a professora tece alguns comentários acerca do tema central da unidade e, mais uma vez, salienta a importância de se defender o Sistema Único de Saúde. O que se segue, depois disso, são indicações de textos ou vídeos para estudo, disponibilizados por meio

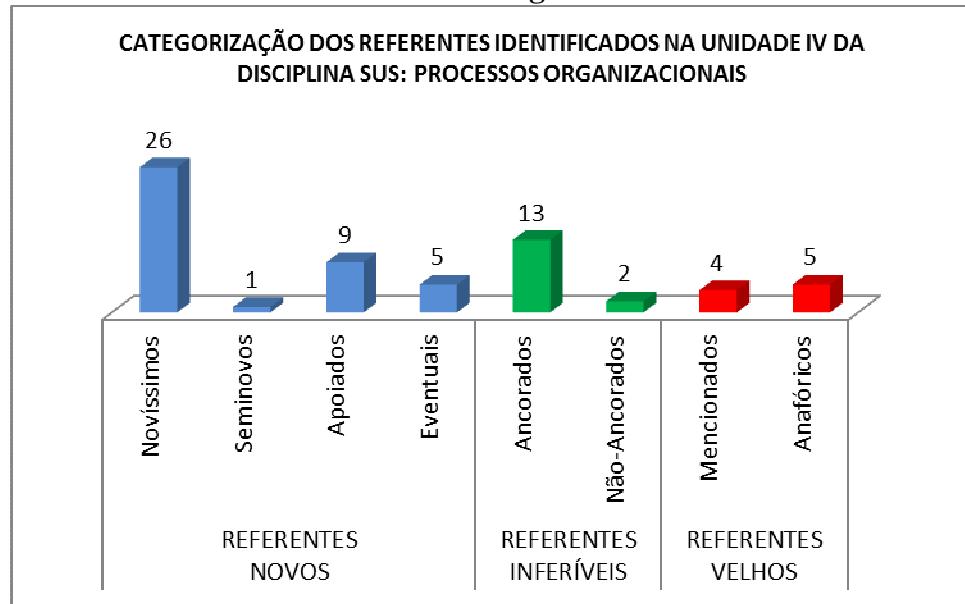
de *links* eletrônicos. A última parte da unidade IV seguiu os mesmos padrões das unidades anteriores, ou seja, foi utilizado, pela professora, para fornecer orientações acerca da atividade avaliativa 4, vinculada à unidade de ensino em questão. A unidade é finalizada, assim como fez nas três primeiras unidades, com a professora reiterando sobre a importância de se manter uma rotina disciplinar de estudos.

5.4.5.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 26 sintagmas nominais novos novíssimos, um novo seminovo, nove novos apoiados, cinco novos eventuais, 13 sintagmas nominais inferíveis ancorados, dois inferíveis não-ancorados, quatro sintagma(s) nominais velhos mencionados e cinco velhos anafóricos.

**Gráfico 20 – Unidade IV da disciplina
SUS: Processos Organizacionais**



Fonte: Dados da Pesquisa

Fazendo um balanço geral do gráfico, o primeiro dado que nos chama a atenção é a barra de referentes novos novíssimos, consideravelmente superior às demais. Se somarmos, então, o número de todas as informações novas, a discrepância em relação às informações inferíveis e velhas seria ainda maior. Considerando que as informações velhas têm a função

de retomar, ao longo do texto, informações que ora foram novas, para assim desenvolvê-las, os dados preocupam. Isso porque apenas 20%, aproximadamente, das informações novas foram retomadas via informações velhas. Um pouco maior seria esse percentual, se o somássemos aos quase 40% de informações inferíveis presentes no texto, considerando que estas, embora não retomem informações novas, fazem ao menos menção a elas, sugerindo, por isso, o seu desenvolvimento em alguma medida. Contudo, do ponto de vista didático-pedagógico, esses dados são preocupantes, pois indicam que, do total de informações novas, cerca de 40% não foram desenvolvidas ao longo do texto, limitando-se, portanto, a uma menção única no discurso. Caso tal estimativa se confirme, estaremos diante de problemas de constituição do Fluxo Informacional. Apuraremos isso na análise textual que será apresentada a seguir.

5.4.5.3 Análise textual

A Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais seguiu a mesma estrutura adotada nas três primeiras unidades, ou seja, texto sucinto organizado em torno de quatro parágrafos. Neste caso específico, cinco, sendo que, nos três primeiros deles, ocorre a retomada dos temas estudados nas unidades anteriores.

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Na segunda unidade (NN) aprendemos sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Na terceira unidade (NN) refletimos sobre o processo de reorganização do sistema (NN), os mecanismos legais (NN) para que os princípios de equidade (NN), universalidade (IA) e integralidade (IA) fossem amplamente difundidos entre os gestores, trabalhadores e usuários do sistema (IA), com vistas à melhoria dos indicadores de saúde brasileiros (NN).

Cabe aqui lembrar, porém, que, embora esses temas tenham sido apontados como objetos de estudo em suas respectivas unidades, em nenhuma delas houve um desenvolvimento efetivo de tais temáticas. Ao invés disso, o que se viu foram sugestões de leitura relacionadas a cada um dos temas. No entanto, a menção desses temas no início unidade IV, conforme vemos no trecho acima, é uma estratégia de retomada dos conceitos supostamente trabalhados em unidades anteriores. Tal estratégia, embora não esteja sendo considerada nesta pesquisa, visto que a análise que estamos desenvolvendo se baseia na individualidade de cada texto, é um aspecto positivo no que se refere à progressão textual.

Já em relação aos problemas identificados nestes trechos, relativos ao Fluxo da Informação, os mesmos já foram delineados na análise de suas devidas unidades.

Prosseguindo, portanto, com nossa análise, chegamos ao quarto parágrafo, onde o tema da unidade foi apresentado.

Nesta quarta e última unidade (VA), vamos refletir sobre algumas ferramentas de gerenciamento do sistema de saúde, na perspectiva da construção de um processo de organização de uma rede regionalizada de atenção à saúde (NN) com vistas à consolidação dos princípios de universalidade (NN), equidade (IA) e integralidade das ações de saúde (IA). Também iremos conhecer a carta dos usuários da saúde (NN), que busca empoderar a população na busca de uma assistência de qualidade (IA).

Notamos que a proposta da unidade é a de levar o aluno a refletir sobre ‘algumas ferramentas de gerenciamento do sistema de saúde’. Aqui, mais uma vez, não sabemos se a docente se referia ao sistema de saúde, numa esfera mais ampla, que englobe os serviços públicos ou privados, ou se ao Sistema Único de Saúde, que, como vimos em outra ocasião, atua como representante do sistema de saúde pública brasileiro. Diante de tal fato, o aluno é levado a realizar inferências para atribuir sentido ao trecho, situação que pode comprometer o real sentido pretendido, caso a associação realizada seja inadequada. Nisso, encontramos uma falha na constituição do Fluxo da Informação.

Prosseguindo com a leitura do trecho, vemos que, na unidade III, o tema proposto visava a difundir os princípios de universalidade, equidade e integralidade das ações de saúde, entre os sujeitos envolvidos no sistema de saúde pública brasileiro. Já aqui na Unidade IV, o objetivo não é mais o de difundir esses princípios, mas, sim, o de consolidá-los. Nesse sentido, observamos uma continuidade das ideias, entre uma unidade e outra, o que pode ser entendido como um ponto positivo da constituição do Fluxo Informacional.

Ainda neste parágrafo, porém, visualizamos um problema de ordem linguística, quando a docente explica que, também na unidade IV, os alunos conhecerão ‘a carta dos usuários da saúde’, que, por sua vez, foi classificada como uma informação nova. Até aí, não há incoerências, o problema, porém, aparece quando a docente tenta explicar o que viria a ser esta carta, ao dizer que ela ‘*busca empoderar a população na busca de uma assistência de qualidade*’.

Primeiramente, a palavra ‘empoderar’ significa dar poder. Contudo, o que nos chamou a atenção foi que o termo foi associado a uma carta, que, em nossas pesquisas, apuramos não concede poder a quem quer que seja, visto que apenas versa sobre os direitos dos usuários do Sistema Único de Saúde. Desse modo, mais adequado seria dizer que tal documento busca

conscientizar os usuários do SUS sobre os seus direitos. Contudo, os problemas não param por aí, uma vez que após o referente ‘assistência de qualidade’ foi observado um hiato. Afinal, a que tipo de assistência a docente estaria se referindo?

Nesse sentido, observamos mais duas falhas relativas à constituição do Fluxo Informacional.

Partindo para o quinto e último parágrafo da unidade, o que vemos é o seguinte:

É importante destacar **aqui (VA)** que, **neste momento do curso (INA)**, iremos refletir sobre **o esforço das esferas de governo na instrumentalização do funcionamento do SUS (NN)**, **mas também é necessário percebermos que precisamos defender o Sistema Único de Saúde (NSN)**, que ainda possui muitas falhas (IA), mas que por **sua trajetória (IA)**, pode ser considerado **um ganho para a população brasileira (IA)** e que, **como cidadãos (NN)**, devemos conhecer **o SUS (VM)** para defender que **seus propósitos (IA)** sejam implementados e respeitados pelos **governantes (IA)**.

Neste trecho, o que nos chamou a atenção, mais uma vez, foi o posicionamento de defesa da docente ao Sistema Único de Saúde. Já havíamos apontado esse problema nas três primeiras unidades. Sabemos que o docente pode defender uma ideia, o problema porém, reside no fato de que essa postura de defesa vai de encontro ao objetivo da disciplina, que é criar, nos alunos, uma visão crítica acerca desse sistema. Nesse sentido, o que antes era só uma hipótese, lendo este trecho, se tornou uma certeza, visto que, com o modo como as ideias foram organizadas, a necessidade de defesa do SUS passou a ser o segundo objetivo da unidade. Isso caracteriza, portanto, outra importante falha no Fluxo da Informação.

Quanto ao resultado da análise do gráfico de categorização dos referentes identificados nesta unidade, que sugeriu não terem sido desenvolvidas cerca de 40% das informações novas inseridas no discurso, vemos que este procede. Isso porque não houve desenvolvimento efetivo de nenhum dos conceitos relativos ao tema da unidade. O que houve, na verdade, foram algumas sugestões de leitura sobre esses temas, o que nos levou a crer que a apreensão deles deveria ser feita de modo individual, por cada um dos alunos.

Os problemas são ainda maiores, quando o assunto é a conformidade do texto da Unidade IV com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos desenvolvido pela UNAB/MG. Isso, porque, nesta unidade também não foram observados nenhum dos critérios recomendados pelo referido manual.

Diante disso, atribuiremos **Conceito C** ao texto da Unidade IV da disciplina SUS: Processos Organizacionais.

5.5 Disciplina Textos: Leitura e Interpretação (Área de Letras)

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada nos materiais didáticos da disciplina **Textos: Leitura e Interpretação**. A seção foi subdividida em partes relativas cada uma aos cinco textos analisados, quais sejam: Apresentação da Disciplina, Unidade I, Unidade II, Unidade III e Unidade IV.

5.5.1 Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.5.1.1 Descrição do texto

A Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação (**Anexo U**) teve o Fluxo da Informação constituído da seguinte forma: há uma parte inicial, composta por dois parágrafos, em que a professora dá boas-vindas aos alunos, apresenta o objetivo da disciplina e manifesta suas expectativas em relação às habilidades leitoras que ela espera, sejam desenvolvidas nos alunos, ao longo do semestre. Ainda nesta primeira parte, os conceitos que serão discutidos na disciplina são apresentados sequencialmente, obedecendo à ordem em que serão tratados. Interessante observar que, junto a esses conceitos, quase sempre segue uma justificativa do porquê de estudá-lo. Terminada essa primeira parte, a professora, de um modo muito organizado, inicia outra seção onde fornece orientações sobre como o aluno poderá ser bem sucedido nos estudos. Essa seção é dividida em três partes, cada uma delas introduzida por uma pergunta. Na primeira parte a pergunta é: “*Por onde começar?*”. Seguem-se a ela, três parágrafos em que, resumidamente, a professora orienta os alunos que façam a capacitação tecnológica; acessem e imprimam o cronograma da disciplina e que se habituem a uma rotina diária de estudos. Sobre essa rotina, a docente ainda sugere um passo a passo detalhado que, dentre outras ações, inclui: a abertura da página do curso, a leitura dos avisos e das instruções publicadas no ambiente virtual da disciplina, o estudo dos materiais disponibilizados, o desenvolvimento das atividades avaliativas e, por último, uma sugestão

para que os alunos não acumulem dúvidas, e que sempre tentem elucidá-las por meio do correio acadêmico ou dos encontros *online*.

A segunda parte é introduzida pela seguinte questão: “*Como estudar os conteúdos que serão abordados nesta disciplina?*” Na tentativa de respondê-la, a professora sugere que, primeiro, os alunos façam uma leitura geral de todo o conteúdo. Depois, que seja realizada uma segunda leitura, assinalando os pontos que julgarem mais relevantes. A terceira medida sugerida é que os alunos busquem inferir, pelo contexto, o sentido das palavras desconhecidas. Contudo, caso isso não seja possível, que eles recorram ao dicionário.

Em seguida, a professora ainda sugere uma última leitura, desta vez apenas dos pontos assinalados como mais importantes e, com base neles, os alunos são induzidos a responder algumas questões, como: *O que eles puderam compreender desse estudo?*; *Que tipo de aplicação esse conteúdo lhes permitiria fazer?*; *Que pontos necessitam a intervenção da tutora/professora?*, dentre outras. Outra sugestão que é dada aos alunos é que estes recorram a materiais extras, como dicionários e *sites* confiáveis, para que verifiquem se conseguirão avançar sozinhos. Isso a professora sugere, sob a alegação de que tal modo de estudar proporcionará, aos alunos, o avanço em suas ideias e o desenvolvimento de suas autonomias de estudo. Em sequência a essa parte, a professora orienta: caso as dúvidas persistam, mesmo depois de tomadas essas medidas, que os alunos não hesitem em recorrer ao auxílio dela e da tutora sob a forte alegação de que estes nunca estarão sozinhos. Ela ainda dá o passo a passo sobre como deverá ser feito esse contato.

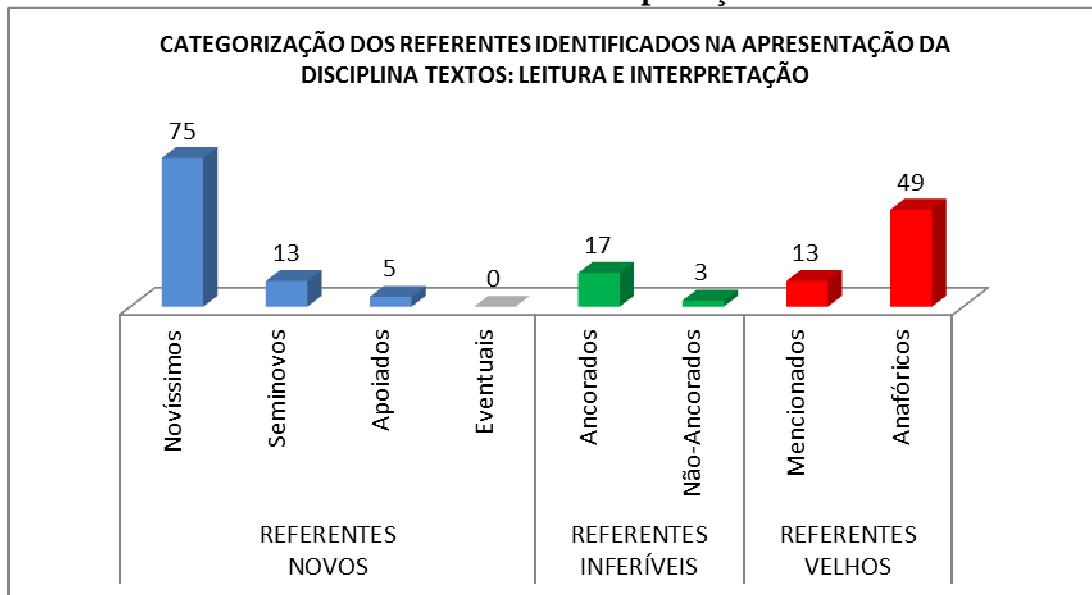
A última parte da apresentação é introduzida pela seguinte questão: “*O que é essencial para que você seja bem-sucedido nesta e nas demais disciplinas do curso?*”. A resposta da professora, de um modo geral, gira em torno de uma única palavra: *disciplina*. Procedimento que, segundo ela, deve estar presente na busca por informações, na dedicação aos estudos, na leitura do material sugerido, no esclarecimento de dúvidas e na interação com os colegas, a professora e a tutora. A docente finaliza a apresentação da disciplina se dirigindo aos alunos de modo muito amistoso, para pedir-lhes que não se assustem com o que encontrarão pela frente. E garante que, aos poucos, eles incorporarão novos hábitos considerados por ela essenciais para quem deseja estudar em cursos a distância. A professora, então, encerra a apresentação estimando sucesso aos alunos e desejando bons estudos a todos.

5.5.1.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 75 sintagmas nominais novos novíssimos, 13 novos seminovos, cinco novos apoiados, nenhum novo eventual, 17 sintagmas nominais inferíveis ancorados, três inferíveis não-ancorados, 13 sintagmas nominais velhos mencionados e 49 velhos anafóricos.

**Gráfico 21 – Apresentação da disciplina
Textos: Leitura e Interpretação**



A análise do gráfico nos mostra que mais da metade das informações novas inseridas no discurso, foram retomadas em algum ponto do texto, por meio das informações velhas. Esse número tende a ser ainda maior, se considerarmos que as informações inferíveis, pouco menos de $\frac{1}{4}$ das informações novas, se referem aos outros 50% de informações novas que não foram retomadas. Se essa estimativa se confirmasse, teríamos a garantia de que mais de 80% das informações novas foram desenvolvidas ao longo do texto. Mas o que dizer dos outros 20%? Se paramos para observar, veremos que quase 1/6 dos referentes novos, correspondem a informações novas seminovas, ou seja, aquele tipo de informação que, parte-se do pressuposto, façam parte do senso comum. O que dispensaria, em certa medida, uma retomada posterior para serem compreendidas. Todos esses dados sugerem que o Fluxo da

Informação foi bem constituído neste material. Veremos se tal constatação se confirma, a seguir, na análise textual.

5.5.1.3 Análise textual

O que mais nos chamou a atenção no texto de apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação foi a riqueza de detalhes com que o texto foi produzido. O texto também é marcado pela interatividade do início ao fim, conforme já havíamos ponderado na descrição do texto. Todas as ideias nele apresentadas são claras e detalhadamente desenvolvidas ao longo do discurso. O modo amistoso como o Fluxo Informacional foi constituído deu origem a um texto didático, envolvente e de fácil leitura. Além disso, todos os critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos produzido pela UNAB/MG, instituição pela qual a disciplina é ofertada, foram devidamente acatados.

Nesse sentido, o resultado da análise do gráfico de categorização dos referentes identificados na apresentação desta disciplina, que sugeriu um equilíbrio entre os três níveis de informações – novas, inferíveis e velhas – e, consequentemente, uma adequada constituição do Fluxo Informacional, realmente procede.

Diante do exposto, só nos resta apresentar alguns excertos retirados desse material, no intuito de ilustrar o que foi dito.

- Texto com riqueza de detalhes:

Habite-se a [uma rotina diária \(NN\)](#):

- abra [a página do curso \(NN\)](#);
- leia [os avisos publicados \(NN\)](#), [as instruções apresentadas \(NN\)](#) e tome [conhecimento das novidades \(IA\)](#);
- leia/estude, com afinco, [o material disponibilizado \(NN\)](#), antes de dedicar-se às [atividades avaliativas virtuais \(NN\)](#). Normalmente, [o\(a\) aluno\(a\) \(VM\)](#) tenta realizar [as atividades \(VA\)](#) sem [esse importante passo \(VA\)](#) e muitas [dúvidas \(NN\)](#) surgem;
- após o estudo dos [textos básicos \(NN\)](#), inicie [as atividades virtuais \(VM\)](#), desenvolvendo-as [\(VA\)](#) um pouco a cada dia. [Esse procedimento \(VA\)](#) [o\(a\) \(VA\)](#) ajudará a realizar [um trabalho de melhor qualidade \(NN\)](#) e permitirá a [distribuição de seu tempo de estudo diário \(IA\)](#) entre as demais disciplinas [\(NN\)](#);
- não acumule [dúvidas \(NSN\)](#): faça [perguntas \(NSN\)](#), por meio do [Correio Acadêmico \(NN\)](#) e nos [Encontros On Line \(NN\)](#).

Notamos que todos esses tópicos estão relacionados à orientação dada pela professora para que os alunos ‘se habituem a uma rotina diária’. Ora, a docente poderia ter se limitado a

apenas sugerir o hábito de uma rotina diária, mas, ao contrário disso, ela preferiu dar dicas de como o fazê-lo.

- Texto interativo:

Releia, por fim, apenas os pontos assinalados (VM) por você (VA) como os mais relevantes (VM) e pergunte-se (VA):

- * O que pude compreender desse estudo (VA)?
- * Que aplicação esse conteúdo (VA) me (VA) permite fazer?
- * Que contribuições/depoimentos (NN) Ø (VA) posso partilhar com meus colegas, minha professora e tutora (IA)?

Observe que, neste trecho que selecionamos, a docente vinha apresentando uma série de orientações sobre como estudar os conteúdos da disciplina. Ao sugerir, porém, a releitura dos pontos destacados pelo aluno como sendo os mais relevantes no material didático, ela passa a estabelecer, com ele, um diálogo, que veio caracterizado pelas quatro questões que vemos no excerto. Tal estratégia, do ponto de vista didático-pedagógico, é extremamente relevante, pois leva o aluno a seguir exatamente a linha de raciocínio pretendida pela docente.

- Texto com ideias claras e detalhadamente desenvolvidas:

Acesse e imprima o cronograma da disciplina (NN), pois ele (VA) é seu principal norteador (VA) quanto às datas e aos prazos de entrega de trabalhos e de realização das atividades avaliativas presenciais (NN). Caso haja nesse cronograma (VA) alguma alteração (IA), você (VA) receberá um e-mail (NN) avisando das mudanças (IA) feitas. Por isso, mantenha sua caixa de e-mail com espaço (INA) para receber os comunicados de sua professora e de seu tutor (NN) e mantenha seu endereço eletrônico atualizado (INA) no cadastro da Universidade Aberta de Minas Gerais (NN).

Note que a docente começa este parágrafo orientando os alunos a imprimirem o cronograma da disciplina, cronograma esse que foi classificado como um referente novo, visto que foi inserido pela primeira vez no discurso. Também neste caso, a orientação poderia ser finalizada ali, contudo, o que se percebe é uma preocupação por parte da docente em explicar, ao aluno, o propósito daquela recomendação. Além disso, ela também fornece algumas informações extras, já prevendo situações excepcionais que eventualmente possam acontecer. Nisso vemos um efetivo e detalhado desenvolvimento de uma das informações recém-inseridas no discurso.

- Texto amistoso:

Não se (VA) assuste! Aos poucos, com perseverança (NSN) e serenidade (NSN), você (VA)

abandonará *velhos hábitos (NN)* e passará a incorporar *novos hábitos (NN)*, essenciais para aquele(a) (VA) que deseja estudar em *cursos a distância (NN)*.

Ø (VA) Espero que tenhamos *um bom trabalho ao longo do curso (NN)*.

Neste trecho que fecha a unidade, vemos mais uma vez a preocupação da docente, desta vez com o bem-estar do aluno frente ao desenvolvimento da disciplina. Sob a ótica didático-pedagógica, esse procedimento também é considerado bastante positivo.

Diante do que aqui foi exposto, atribuiremos **Conceito A** ao texto de apresentação da disciplina Textos: Leitura e Interpretação.

5.5.2 Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.5.2.1 Descrição do texto

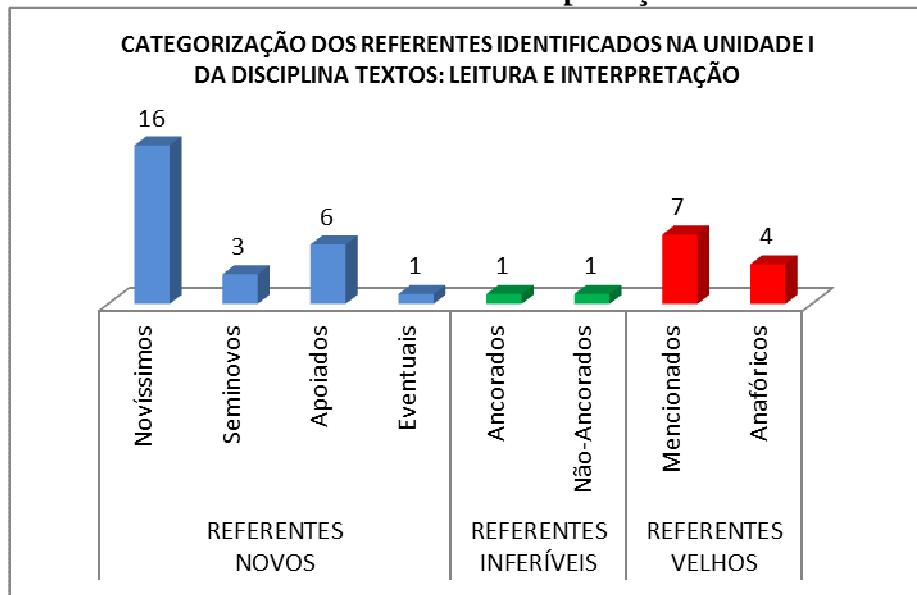
Na unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação (**Anexo V**), o Fluxo da Informação foi assim constituído: a professora começa a unidade apresentando o tema geral – *Leitura, texto e sentido* – da disciplina. Logo depois, são apresentados dois subtemas – *Concepção de Leitura e Intereração autor-leitor*. Na sequência, a professora insere um parágrafo em que faz uma breve explanação sobre os objetos de estudo e o objetivo da unidade. Ela ainda reafirma, ao final desse parágrafo, que os dois subtemas anteriormente apresentados serão focos desta primeira unidade. Feito isso, a docente indica a leitura de dois textos, como forma de sistematização dos conceitos estudados, e propõe aos alunos que realizem atividades de leitura orientada. Contudo, não há nenhuma orientação se tais atividades já se encontrariam, ou não, disponíveis, nem de onde elas estariam. Diferente disso, a única orientação presente é em relação aos textos indicados, que a professora informa estarem disponíveis na biblioteca física da UNAB/MG. Depois disso, a unidade é encerrada com a professora desejando bons estudos a todos.

5.5.2.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 16 sintagma(s) nominai(s) novos novíssimos, nenhum novo seminovo, seis novos apoiados, um novo eventual, um sintagma(s) nominai(s) inferível ancorado, um inferível não-ancorado, dez sintagma(s) nominai(s) velhos mencionados e quatro velhos anafóricos.

**Gráfico 22 – Unidade I da disciplina
Textos: Leitura e Interpretação**



Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando o gráfico, notamos que o número de informações velhas corresponde a cerca de 40% em relação ao número de informações novas. Isso sugere que quase metade das informações inseridas pela primeira vez no texto didático foram desenvolvidas ao longo do discurso. Em relação às informações inferíveis, foram localizadas duas, ou seja, quase 10% das informações novas. Em uma análise mais genérica, esses dados corresponderiam a um percentual aproximado de 50% de informações novas que, em algum ponto do discurso, foram retomadas ou, ao menos, referenciadas. Embora seja um número representativo, sob o ponto de vista pedagógico, isso indicaria problemas na constituição do Fluxo Informacional, visto que os outros 50% de referentes novos, o que corresponderia a 13 informações, teriam sido apresentadas em algum momento do discurso, mas não foram desenvolvidas ao longo

dele. Esse fator pode significar um possível comprometimento do sentido global do texto didático. É o que apuraremos na seção seguinte.

5.5.2.3 Análise textual

A Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação é bastante curta e começa com a apresentação do tema que nela será abordado, a saber, ‘*Leitura, texto e sentido*’. Logo abaixo, são apresentados dois subtemas, quais sejam: ‘*Concepção de leitura*’ e ‘*A interação autor-texto-leitor*’.

Somente após essa parte introdutória, a docente se dirige efetivamente aos alunos, ao inserir um parágrafo em que apresenta o objetivo da unidade e faz uma breve explanação sobre o modo como esta será conduzida.

Nesta unidade (VA), como já Ø (VA) disse, estudaremos os conceitos que tratam do domínio do curso (NN): leitura (VM), texto (VM), sentido (VM), autor (NA), texto (NA) e leitor (NA). A partir de leituras e análises de diferentes textos (NN), confrontaremos as noções do senso comum (NN) com os conceitos científicos (NN) em relação aos referidos conceitos (VA). O objetivo desta unidade (NA) é apresentar uma concepção de processamento textual (NN) que leve em consideração a situação de produção e de leitura dos textos (NN), tendo em vista nossos objetivos comunicativos (INA).

Sobre este parágrafo, chamamos a atenção para o trecho em destaque cujo sentido, a princípio, nos pareceu obscuro. Observe que, quando lemos, no material, o termo ‘referidos conceitos’, o leitor é levado a associá-lo ao termo imediatamente anterior, ou seja, aos ‘conceitos científicos’. Contudo, tal associação não produziria sentido na sentença. Desse modo, concluímos, por meio de associações, que o trecho onde se lê ‘em relação aos referidos conceitos’ se referia, na verdade, aos conceitos de leitura, texto, sentido, autor e leitor.

Prosseguindo com nossa análise, chegamos a um parágrafo da unidade, em que a docente recomenda a leitura de alguns textos como forma de sistematizar os conceitos estudados.

Para que você (VM) sistematize os conceitos estudados (VA), você lerá os textos abaixo (NN) e realizará atividades de leitura orientada (NN).

Por meio da leitura deste breve trecho, é possível observar que a docente se refere aos conceitos da unidade, como se estes já houvessem sido estudados. Contudo, vimos que na unidade não houve uma explanação sobre eles. Isso nos levou a concluir que a apreensão

desses conceitos deveria acontecer individualmente, somente pela leitura dos textos indicados, em um processo de aprendizado autônomo.

Outro ponto que também nos chamou a atenção, ainda neste curto parágrafo, é que a docente informa que os alunos deverão realizar atividades de leitura orientada, todavia, ela não fornece nenhum detalhe a mais sobre tais atividades, como, por exemplo, onde os alunos poderão encontrá-la, qual é o prazo para sua realização, se estas serão avaliadas ou não, etc. Nisso também fica evidenciada uma falha no Fluxo Informacional, pois, como se pode perceber, o sintagma nominal ‘atividades de leitura orientada’ foi classificado com um referente novo novíssimo, isto é, que exige uma retomada posterior para que faça sentido. No entanto, como vimos, essa retomada não foi feita.

Todas essas constatações servem para comprovar o resultado apontado pela análise do gráfico de categorização dos referentes desta unidade, que sugeriu não terem sido desenvolvidas todas as informações novas, isto é, aquelas inseridas pela primeira vez no discurso.

Já em relação à conformidade do texto da Unidade I com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos produzido pela UNAB/MG, o único critério que efetivamente foi acatado, diz respeito à apresentação dos objetivos da unidade. Os demais critérios, porém, não puderam ser observados na unidade.

Diante do exposto, o texto da Unidade I da disciplina Textos: Leitura e Interpretação receberá **Conceito B**.

5.5.3 Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.5.3.1 Descrição do texto

O Fluxo da Informação na Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação (**Anexo W**) foi constituído da seguinte forma: a professora dá início à Unidade II de um modo bem genérico, isto é, tecendo algumas considerações sobre a que sua disciplina se propõe. A docente alega que, para se entender qual seja seu objetivo, será necessário, antes, entender o

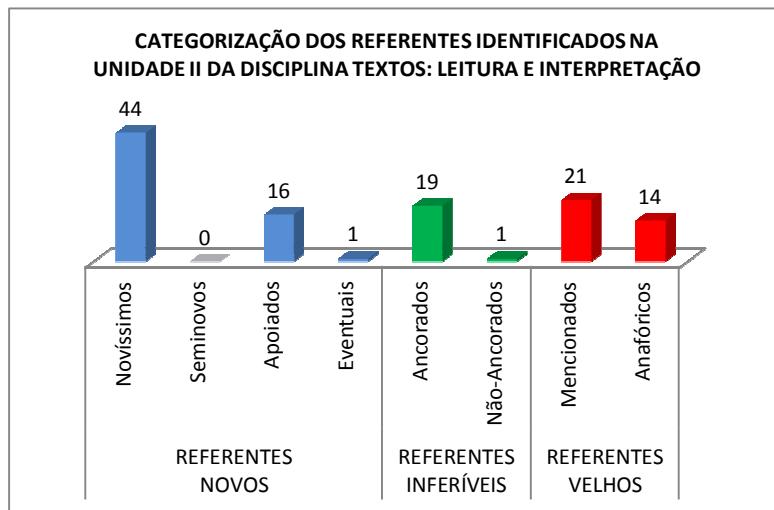
significado de *interação*, que, de acordo com ela, só é possível com a presença de, pelo menos, dois elementos se relacionando. No caso de sua disciplina, especificamente, ela menciona três desses elementos: *autor*, *texto* e *leitor*. A partir daí, nos sete parágrafos que se seguem, a professora faz uma explanação sobre estratégias de leitura e os processos nela envolvidos ressaltando-se, sempre, os três elementos citados. Já no final da unidade, a docente incentiva os alunos a cultivarem o hábito da leitura, mas sempre recorrendo a estratégias que, segundo ela, será o objeto de estudo da Unidade II. Logo em seguida a esse anúncio, a professora apresenta uma lista de três passos que devem ser seguidos para que se acompanhem as discussões da Unidade II, quais sejam: leitura dos *slides* disponibilizados no AVA; leitura do texto-base da unidade (que vem acompanhado de sua referência bibliográfica e de uma orientação informando que este pode ser encontrado, tanto na biblioteca física da UNAB, quanto no ambiente virtual da disciplina); realização das atividades de aplicação da leitura do texto-base. Quanto a essa atividade, nenhuma orientação foi disponibilizada pela professora, visto que a unidade foi encerrada logo em seguida.

5.5.3.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 44 sintagmas nominais novos novíssimos, nenhum novo seminovo, 16 novos apoiados, um novo eventual, 19 sintagmas nominais inferíveis ancorados, um inferível não-ancorado, 21 sintagmas nominais velhos mencionados e 14 velhos anafóricos.

**Gráfico 23 – Unidade II da disciplina
Textos: Leitura e Interpretação**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à análise do gráfico, vemos que pouco mais da metade das informações inseridas pela primeira vez no discurso foram retomadas ao longo dele, via referentes velhos. Se considerarmos, porém, que o número de informações inferíveis corresponde à outra metade dos referentes novos que não foram retomados, a probabilidade de que tenha havido problemas na constituição do Fluxo da Informação diminui. Isso porque o número de informações velhas, somado ao número de informações inferíveis, corresponderia a aproximadamente 90% das informações novas. O que sugere que quase todas as informações inseridas pela primeira vez no discurso foram desenvolvidas ao longo desse texto didático. A seguir, na análise textual, veremos se tal constatação se confirma.

5.5.3.3 Análise textual

A Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Interpretação começa com o seguinte parágrafo:

O que se pretende, **em linhas gerais (NN)**, na disciplina **Textos: Leitura e Interpretação (NA)** é descrever a **leitura como um processo de interação (NN)**. Para entender o **objetivo maior da disciplina (NA)** é preciso saber, então, o que é **uma interação (NN)**.

Neste trecho é possível observar que a docente, antes de introduzir o tema da unidade, relembra aos alunos o propósito da disciplina. Essa é uma medida positiva, sob o ponto de

vista pedagógico, pois demonstra articulação e coerência no que se refere à organização discursiva. O que vemos após este parágrafo inicial é uma longa explanação, muito bem construída, digamos, sobre os processos envolvidos na interação.

Dando continuidade ao nosso trabalho analítico, chegamos a pensar, baseados na extensa explanação feita sobre ‘interação’, que este seria o tema da unidade. Contudo, já nos últimos parágrafos, vimos que não, pois o real objeto de estudo da segunda unidade foi anunciado mais abaixo:

Por isso (VA), cultive o hábito da leitura (NN). Mas, não leia simplesmente. Recorra, sempre, a estratégias (NN). É dessas estratégias (VM) que a Unidade II (VM) vai tratar.

Para acompanhar as discussões da Unidade II (NA), siga os seguintes passos (NN):

1. Leia os slides do Power Point, disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem (NN);
2. Em seguida, leia o texto-base (NN) que fundamentará nossa discussão (IA) - Leitura, sistemas de conhecimento e processamento textual (KOCH. I. V. e ELIAS, V. M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006. p. 39-56). (NA) (Ele (VA) encontra-se (VA) na biblioteca física da UNAB e no Centro de Recursos (NE));
3. E, por fim, realize as atividades de aplicação da leitura do texto-base (NA).

Podemos notar que o tema da Unidade II será ‘estratégias [de leitura]’. Observamos, pelo trecho, que este termo foi classificado como um referente novo. Considerando que a unidade é encerrada logo em seguida, poderíamos dizer que tal referente não foi discursivamente desenvolvido. No entanto, se prestarmos atenção, veremos que, como forma de consolidação dos conteúdos da unidade, a docente faz algumas recomendações de leitura. Dentre essas, há a indicação de alguns *slides* produzidos pela própria docente e que versam sobre tais estratégias. Considerando que os textos indicados nas unidades de ensino não compõem nosso *corpus* e, consequentemente, não fazem parte do nosso objeto de análise, tais *slides* não foram por nós analisados. Contudo, em breve consulta ao referido material, vimos que, apesar de não haver uma síntese sobre o tema da unidade II em seu texto de introdução, podemos dizer que este foi efetivamente desenvolvido nos *slides* mencionados.

Com base nisso, podemos dizer que o resultado da análise do gráfico de categorização dos referentes identificados nesta unidade que revelou terem sido desenvolvidas quase todas as informações novas nela inseridas, de fato, procede.

Quanto à conformidade do texto da Unidade II desta disciplina com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos, produzido pela UNAB/MG, estes são os critérios que nós observamos, foram efetivamente obedecidos: exposição do objetivo da disciplina e

apresentação de conceitos anteriores necessários à compreensão do conteúdo da unidade, os demais critérios, porém, não foram observados.

Diante disso, atribuiremos **Conceito A** ao texto da Unidade II da disciplina Textos: Leitura e Compreensão.

5.5.4 Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.5.4.1 Descrição do texto

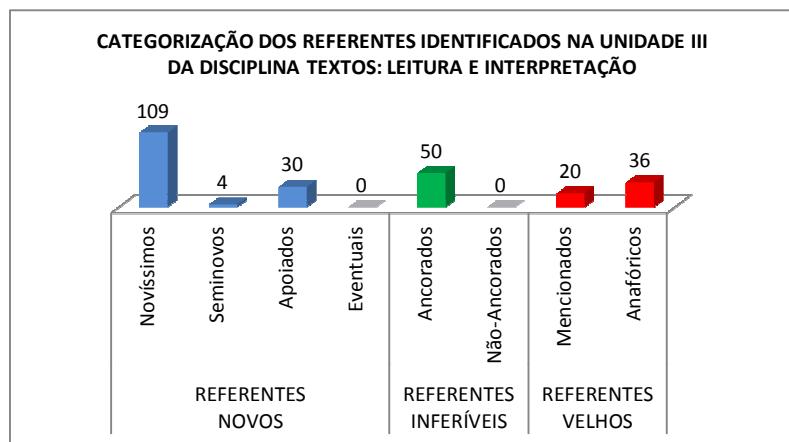
Na unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação (**Anexo X**), o Fluxo da Informação começa com a professora divulgando o tema da unidade – *Processo de constituição da textualidade* – e informando que o texto que guiará as discussões encontra-se disponível na biblioteca física da UNAB/MG. Logo a seguir, a docente anuncia que apresentará uma síntese dos conceitos tratados no texto e pede aos alunos que não deixem de ler o texto-base da unidade e de realizarem a atividade objetiva 8. Basicamente, a orientação relativa a esta unidade termina neste ponto, já que o que vem depois, conforme anunciado, é um resumo esquemático, produzido pela professora, para auxiliar a compreensão dos alunos em relação ao texto base da unidade. Esse resumo é composto de aproximadamente três páginas. Nele são apresentados os conceitos de texto e de textualidade. Logo depois, seguem algumas considerações sobre os fatores responsáveis pela textualidade, que, de acordo com o texto, podem ser: pragmáticos (situacionalidade, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade) e/ou linguísticos (coerência e coesão). Para finalizar o resumo, são apresentados quatro elementos que, também de acordo com o texto, são os responsáveis por garantir a coesão e coerência, que são: continuidade, progressão, não-contradição e articulação. Depois disso, o resumo é encerrado por um breve parágrafo, seguido de outras três referências textuais e, em seguida, a unidade é encerrada.

5.5.4.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 109 sintagmas nominais novos novíssimos, quatro novos seminovos, 30 novos apoiados, nenhum novo eventual, 50 sintagmas nominais inferíveis ancorados, nenhum inferível não-ancorado, 20 sintagmas nominais velhos mencionados e 36 velhos anafóricos.

**Gráfico 24 – Unidade III da disciplina
Textos: Leitura e Interpretação**



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao procedermos à análise do gráfico, o primeiro aspecto que notamos é a superioridade no número de informações novas em relação às informações velhas e inferíveis. Isso, a princípio, já sugeriria problemas na constituição do Fluxo da Informação. Observando, porém, o número de informações velhas, mencionadas ou anafóricas, vemos que elas correspondem a quase 40% das informações novas. Bem próximas a esse número, as informações inferíveis giram em torno de 34% das informações novas. Considerando que tanto as informações inferíveis, quanto as informações velhas agem, senão retomando, ao menos fazendo menção às informações citadas pela primeira vez no discurso, teríamos um percentual de 74% de informações novas sendo desenvolvidas ao longo do texto. Esse percentual poderia ainda aumentar, se considerarmos que, dentre as informações novas, temos duas que são seminovas, não exigindo, necessariamente, retomadas ao longo do discurso para

fazerem sentido, pois já fazem parte do senso comum do leitor. Embora os dados sinalizem que quase todos os referentes inseridos no texto foram desenvolvidos, temos que verificar se aqueles que não o foram ficaram soltos em meio ao discurso, comprometendo, assim, o sentido global do texto. É o que veremos na análise textual apresentada a seguir.

5.5.4.3 Análise textual

A Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Interpretação foi estruturada de um modo que nos pareceu bastante adequado. Explicaremos a seguir o porquê.

A docente dá início à unidade apresentando o tema que nela será tratado e justificando o propósito de estudá-lo:

Chegamos à **unidade III (VM)**! Nesta **unidade (VA)**, discutiremos **o processo de constituição da textualidade (NN)**. Entender **esse processo (VA)** contribuirá para **a construção de suas habilidades leitoras (IA)**. O **texto (NN)** que guiará **nossas discussões (IA)** encontra-se(**VA**) na Biblioteca física da **UNAB (NN)**.

Interessante observar que a unidade, embora pareça extensa, tem seu texto de apresentação bem curto, se resumindo precisamente a dois parágrafos, sendo o primeiro deles o que apresentamos acima. Mas é exatamente no segundo parágrafo da unidade que reside um dos fatores que consideramos adequado, conforme sinalizamos no início desta análise.

A seguir, encontra-se (**VA**) uma síntese dos conceitos tratados no texto (**NA**). Não deixe de ler **o texto-base (NN)** e em seguida realize a atividade objetiva 08 (**NN**).

Podemos observar que a docente apresenta uma síntese do texto indicado. Essa medida é bem vista sob a ótica pedagógica, pois orienta a leitura do aluno sob o viés necessário para compreensão daquele conteúdo.

A análise realizada nesta síntese não revelou problemas relativos à constituição do Fluxo Informacional. Diante disso, o resultado da análise gráfica, que revelou um relativo equilíbrio entre os três níveis de informações identificadas no texto desta unidade, sugerindo ainda que quase todas as informações inseridas pela primeira vez no discurso foram desenvolvidas, estava, de fato, correto. Em relação ao número de referentes que o gráfico apontou não terem sido desenvolvidos, pode-se dizer que estes não comprometeram o sentido global do texto.

No que diz respeito à consonância do texto da Unidade III desta disciplina com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos, produzido pela UNAB/MG, com exceção da

relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado e a apresentação dos tópicos de fácil e difícil compreensão, todos os demais critérios foram observados.

Nesse sentido, o texto da Unidade III da disciplina Textos: Leitura e Compreensão receberá **Conceito A**.

5.5.5 Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação

Para construção de um parecer crítico acerca do texto referente à Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação subdividimos esta seção em três partes, quais sejam: descrição do texto, categorização dos dados e análise textual, cada uma delas, conforme já explicitado, relacionada a um dos objetivos desta pesquisa.

5.5.5.1 Descrição do texto

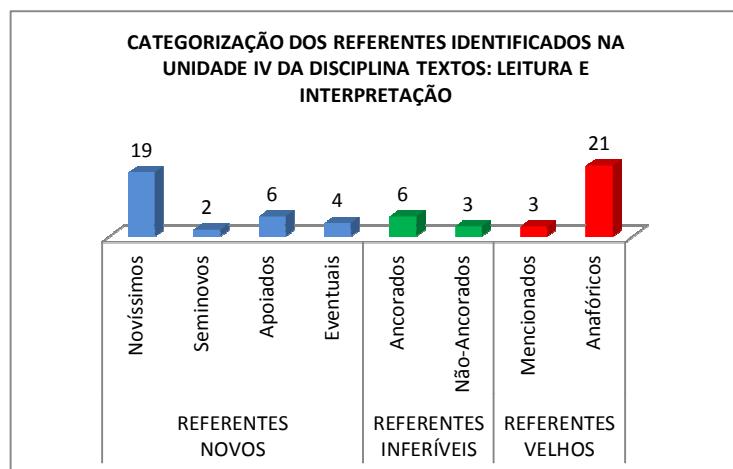
Na quarta e última unidade da disciplina Textos: Leitura e Interpretação (**Anexo Y**), o Fluxo Informacional foi assim estruturado: a professora começa a unidade retomando algumas questões tratadas em unidades anteriores, acerca dos processos envolvidos no ato da leitura. Ao término dessa reflexão, a docente explica que será necessário, aos alunos, dominar, ainda, alguns princípios básicos da construção textual. E é nesse momento que ela anuncia o tema da unidade IV: *a construção da argumentação*. Na sequência, são feitas três indicações de leitura: a primeira delas, de um texto que, segundo a professora, encontra-se disponível na biblioteca física da UNAB/MG. A segunda, de alguns *slides* que, acreditamos, foram preparados pela própria docente e que estão disponíveis no ambiente virtual da disciplina. E a última indicação feita por meio de um *link* que remeterá os alunos a outro texto, este de domínio público. Feitas essas indicações, a professora pede aos alunos que realizem a atividade objetiva disponível no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Antes de concluir a unidade, ela ainda deixa um convite aos alunos para que estes leiam o conto “O amor é uma falácia”, de M. Sulman, e disponibiliza outro *link* de acesso a ele. A indicação da professora vem acompanhada de uma breve sinopse do assunto que será abordado no texto. E, assim, a unidade é encerrada.

5.5.5.2 Categorização dos Dados

O gráfico que se segue mostra o resultado da classificação dos referentes (sintagmas nominais) identificados na Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, segundo as categorias do Fluxo Informacional.

Foram identificados: 19 sintagmas nominais novos novíssimos, dois novos seminovos, seis novos apoiados, quatro novos eventuais, seis sintagmas nominais inferíveis ancorados, três inferíveis não-ancorados, três sintagmas nominais velhos mencionados e 21 velhos anafóricos.

**Gráfico 25 – Unidade IV da disciplina
Textos: Leitura e Interpretação**



Fonte: Dados da Pesquisa

A análise do gráfico nos revela certo equilíbrio entre as informações novas, inferíveis e velhas. Se observarmos, veremos que foram encontrados 31 referentes novos no texto didático. Desses 31, dois são referentes novos seminovos, ou seja, aqueles que, pressupõe-se, já fazem parte do senso comum do leitor, e que, portanto, não exigem uma retomada posterior para fazerem sentido. Sendo assim, das outras 28 informações inseridas pela primeira vez no discurso, 24 supostamente foram retomadas ao longo dele, via referentes velhos. Essa é uma indicação de que quase 80% dos referentes novos não se limitaram a uma única citação, permanecendo isolados, mas foram desenvolvidas, em alguma medida, ao longo do texto. Esse percentual ultrapassaria o número de informações novas, se fossem considerados os referentes inferíveis, que não necessariamente retomam um referente novo, como fazem os referentes velhos, mas fazem ao menos menção a esses. Estratégia que também pode ter sido

adotada, para o desenvolvimento de alguma informação apresentada pela primeira vez. Na análise textual, apresentada a seguir, veremos se tais estimativas se confirmam.

5.5.5.3 Análise textual

A Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Interpretação, apesar de bastante sucinta, reuniu todos os elementos para que pudéssemos considerá-la adequada do ponto de vista pedagógico. Vejamos a seguir como isso se deu.

O primeiro parágrafo da unidade é utilizado pela docente, para retomar alguns conceitos já trabalhados em unidades anteriores.

Ø (VA) Vimos que quando você (VA) entra em contato com um texto (NN) você (VA) lê enunciados (NN) que se (VA) relacionam entre si (IA), veiculando informações (NN) - novas ou já conhecidas (IA) - e que passam a fazer sentido porque você (VA) as (VA) interpreta de acordo com suas experiências (INA), com seus conhecimentos prévios (INA).

Essa é uma estratégia didática considerada positiva, pois, conforme já foi exposto em outras ocasiões, leva o aluno a fazer associações entre os conteúdos já trabalhados e os que ainda estão por ser.

No segundo parágrafo, esses conceitos seguem sendo apresentados e, ao final dele, o tema da unidade é, então, anunciado.

Ainda que inconscientemente, você (VA) relaciona o texto (NA) que está lendo a outros textos (NA), faz inferências (NSN) e levanta hipóteses (NSN). Se o texto (VM) está bem elaborado, você (VA) é capaz de construir um sentido (NN) para ele (VA), caso contrário, você (VA) o (VA) rejeita, em parte ou totalmente. Até este momento da disciplina (INA), Ø¹⁵ (VA) procurei mostrar justamente isso (VA). Mas, é preciso também dominar alguns princípios básicos de construção textual (NN). Nesta última unidade da disciplina (VA), vamos discutir um desses princípios (VA) - a construção da argumentação (NA).

Notamos que o modo como as ideias foram organizadas, o excerto que antes representava apenas uma retomada de assuntos já tratados passou a funcionar também como fundamento para se justificar o estudo do tema da unidade. Isso revela uma perfeita articulação entre os conceitos de ambas as unidades e, consequentemente, uma preocupação em se preservar a linearidade, elemento indispensável para que o Fluxo da Informação seja bem constituído.

¹⁵ Ø = Símbolo representativo de ‘Sujeito Nulo’

Contudo, como se os argumentos apresentados até neste parágrafo não fossem suficientes, a professora ainda apresenta mais uma justificativa para explicar o estudo do tema:

A importância (IA) de conhecer [a estrutura da argumentação](#) (NN) reside no fato (NN) de que, de posse desse conhecimento (VA), você (VA) será capaz de compreender, de modo mais consciente, como a linguagem (NN) se (VA) atualiza [nos textos](#) (IA), o (VA) que o (VA) tornará um leitor mais proficiente. (NN)

Como é possível ver, o tema da unidade IV é ‘a estrutura da argumentação’. Levando em consideração que, após este parágrafo, apenas algumas indicações de leitura são feitas e, logo em seguida, a unidade é encerrada, poderíamos dizer que não houve um efetivo desenvolvimento do tema da unidade. Contudo, como procedeu na segunda unidade, há, dentre as leituras recomendadas, um material produzido pela própria docente com o intuito de dar continuidade ao tema aqui anunciado. Trata-se, como é possível ver pelo trecho em destaque, de alguns *slides* de *power point*.

Para realizarmos a unidade IV (VM), leia os seguintes textos (NN):

“Tipos de argumento, de Koch”. (NA) (Disponível na biblioteca física da UNAB.) (NE)
[“Slides sobre a noção de argumentação”](#). (NA) (Disponível no centro de recursos) (NE)

Ressaltamos aqui, assim como fizemos na ocasião da Unidade II, que os textos indicados para leitura não compõem o *corpus* desta pesquisa, por essa razão, os referidos *slides* não foram por nós analisados. No entanto, apenas em caráter complementar à nossa análise, procuramos ter acesso a esse material a fim de verificar se o tema desta unidade havia, de fato, sido desenvolvido nele. Em nossa busca, tal informação pôde, enfim, ser confirmada. Diante disso, vemos que é procedente o resultado apontado pela análise do gráfico, que revelou um equilíbrio entre os três níveis de informações identificados no texto desta unidade, sugerindo ainda o desenvolvimento, senão de todas, de quase todas as informações inseridas pela primeira vez no discurso.

No que se refere à adequação do texto da Unidade IV com o Manual de Elaboração de Materiais Didáticos produzido pela UNAB/MG, com exceção da apresentação dos tópicos de fácil e de difícil compreensão e da relação entre o volume de conteúdos a ser trabalhado e o tempo a ele dedicado, todos os demais critérios foram acatados.

Com base nisso, atribuiremos **Conceito A** à Unidade IV da disciplina Textos: Leitura e Compreensão.

6. DISCUSSÃO GERAL DOS DADOS

É do conhecimento de todos que a Educação a Distância passou e, ainda vem passando, por um acelerado processo de transformação desde que surgiu no mundo. Segundo Golvêa & Oliveira (2006), alguns compêndios citam as epístolas de São Paulo às comunidades cristãs da Ásia Menor, registradas na Bíblia, como a origem histórica dessa modalidade de ensino. Desde então, o modelo educacional antes mediado por correspondências passou por um largo desenvolvimento, chegando a utilizar emissoras de rádio para suas transmissões, mais adiante surgiram iniciativas que ofereceram cursos pela televisão e, atualmente, a mediação tem se dado, essencialmente, via internet.

Entretanto, na busca de aperfeiçoar seus processos, a Educação a Distância tem andado lado a lado com a modernidade trazida pelas novas tecnologias, o que tem possibilitado, já nos dias atuais, a utilização de simuladores *online* com grande interação entre o aprendiz e o centro produtor, chegando a fazer uso, inclusive, da inteligência artificial para promover uma comunicação síncrona e mais próxima entre os sujeitos envolvidos.

Diante de tantos avanços no cenário educacional, novas demandas foram surgindo, como por exemplo, a necessidade de se estabelecer uma linguagem diferenciada no ensino mediado pela máquina, que fosse capaz, além de cumprir seus propósitos comunicacionais, de promover uma interação mais amistosa e humanizada nos ambientes virtuais de aprendizagem. E foi pensando nisso, conforme já explicitado ao longo de toda esta dissertação, que decidimos desenvolver este estudo, onde buscamos investigar como o Fluxo Informacional se constituía em materiais didáticos voltados para a Educação a Distância.

Para tanto, achamos por bem eleger dois gêneros textuais como nossos objetos de análise, o primeiro deles, a **apresentação de disciplina**, que é a ocasião em que o docente tem o primeiro contato com seus alunos. Nesse texto, ele se apresenta, anuncia os conteúdos que serão trabalhados, explicita a metodologia que será adotada e tem a oportunidade de estabelecer, pela linguagem, uma relação de proximidade com seus alunos. O segundo gênero que selecionamos para análise foi a **unidade de ensino**. Isso porque ele é o ponto de contato entre professor e aluno, para explicitação de todo o conteúdo programático previsto no curso ou disciplina.

Elegemos esses materiais para análise, pois enxergamos neles um campo propício para mostrarmos a importância de se contemplar, em textos didáticos, sobretudo os voltados para o ensino virtual, aspectos interacionais como os propostos na Teoria dos Atos de Fala, uma das bases teóricas que usamos em nossa pesquisa e que, a grosso modo, versa sobre o *ato*

locucionário (que se caracteriza pelo que literalmente é dito/escrito), *o ato ilocucionário* (que é o que pretendo que meu ouvinte/leitor reconheça) e *o efeito perlocucionário* (que é o modo como as pessoas recebem os atos e determinam as consequências deste ato para futuras interações). Cientes da importância de que tais noções perpassam a elaboração de materiais didáticos voltados para a EaD, partimos, então, para as análises.

Nosso objetivo principal era o de verificar como o Fluxo da Informação era constituído em materiais didáticos voltados para a modalidade virtual de ensino. Como objetivo mais específico, investigamos se os docentes conseguiram organizar seus textos, propiciando a relação entre os três níveis de informação - *nova, inferível e velha* – que são a base do Fluxo Informacional. Para tal, elaboramos nossa própria taxonomia desse fluxo, que foi desenvolvida sob os cuidados de cercear as particularidades observadas em nosso *corpus*. E assim, após um longo e intenso trabalho investigativo, chegamos ao término de nossa pesquisa.

Os resultados da nossa pesquisa nos revelaram que, nem sempre, o(s) professor(es) ancoram, em informações já conhecidas, as informações novas ou mesmo aquelas que preveem que os alunos possam inferir. Do ponto de vista linguístico-pedagógico, tal resultado, algumas vezes, acenou para um comprometimento significativo do processo de ensino-aprendizagem, a considerar que, na modalidade virtual de ensino, o material didático é o principal mediador entre o professor e o aluno, ampliando, por isso, a possibilidade de compreensões equivocadas.

Por outro lado, tivemos casos em que os gráficos apontaram um significativo desequilíbrio entre os três níveis de informações – *novas, inferíveis e velhas* – sugerindo, com isso, que certas informações inseridas pela primeira vez no discurso, se limitaram a uma única aparição no plano textual, não tendo sido desenvolvidas ao longo dele. Entretanto, ao procedermos à análise qualitativa desse material, não foram observados comprometimentos semânticos que interferissem no papel mediador por ele prestado. Ou seja: uma análise puramente quantitativa não seria suficiente para constatarmos como se deu o Fluxo da Informação nos materiais analisados.

Uma segunda constatação que fizemos é que, em quase todos os materiais analisados, pudemos observar uma preocupação do docente em manter uma linearidade entre as ideias apresentadas entre uma e outra unidade de ensino, cuidando, ainda, por retomar, no início de uma nova unidade, mesmo que de modo breve, os conceitos abordados na unidade anterior. Embora tenhamos optado por analisar cada texto em sua individualidade, não considerando, portanto, possíveis articulações existentes entre eles, verificamos, em alguns casos, que houve

uma linearidade no Fluxo da Informação, entre os textos das diversas unidades, correspondentes às disciplinas analisadas, o que, do nosso ponto de vista, é bastante positivo, pois propicia a coesão textual.

Ainda no que se refere ao tamanho das apresentações de disciplina e unidades de ensino, o que pudemos apurar é que este não é um aspecto que interfere na qualidade textual. Isso porque houve casos de materiais bastante extensos, mas que não continham os elementos necessários para serem bem avaliados mediante os critérios pedagógicos e linguísticos que estabelecemos para esta pesquisa. Em contrapartida, houve casos de materiais extremamente sucintos, mas cujo conteúdo contemplava todos os requisitos essenciais para ser avaliado com conceito A. Tal constatação diz respeito, inclusive, aos critérios estabelecidos pelo Manual de Elaboração de Materiais Didáticos produzido pela UNAB/MG.

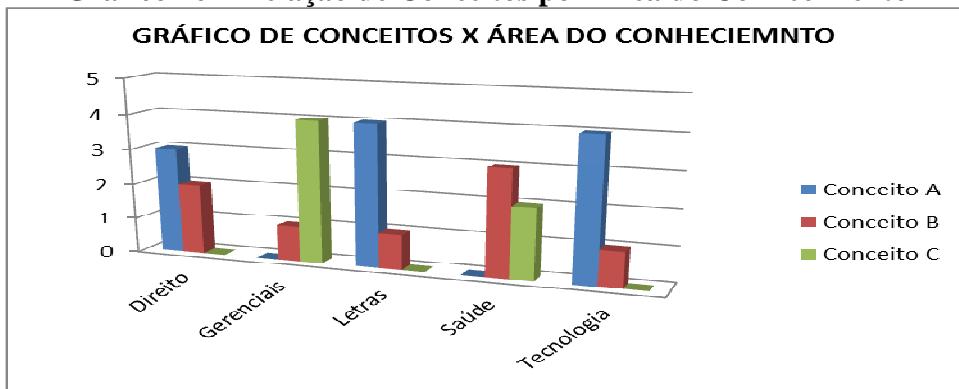
No tocante aos materiais de cada uma das cinco áreas do conhecimento analisadas, decidimos atribuir conceitos de acordo com alguns critérios, que, com fins didáticos, serão aqui repetidos:

- a) Ao material didático que, além de obedecer a todos, ou quase todos os critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos proposto pela UNAB/MG, teve o seu Fluxo da Informação constituído de tal modo, que o torna apto a cumprir sua função principal, que é a de servir de mediador entre professor e aluno, foi atribuído **conceito A**.
- b) Ao material didático em que foi acatada apenas uma parte dos critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos e em cuja constituição do Fluxo Informacional foram identificadas falhas que poderiam comprometer o seu papel mediador entre professor e aluno, atribuímos **conceito B**.
- c) Ao material didático que não obedeceu a nenhum dos critérios estabelecidos no Manual de Elaboração de Materiais Didáticos proposto pela UNAB/MG e que, na constituição do Fluxo Informacional, apresentou problemas que o tornava inapto a cumprir sua função mediadora entre professor e aluno, avaliamos com **conceito C**.
- A disciplina Bases do Direito Administrativo, de um modo geral, foi avaliada com **conceito A**.

- A disciplina Custos Contábeis, de um modo geral, foi avaliada com **conceito C**.
- A disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador, de um modo geral, foi avaliada com **conceito A**.
- A disciplina SUS: Processos Organizacionais, de um modo geral, foi avaliada com **conceito B**.
- A disciplina **Textos: Leitura e Interpretação**, de um modo geral, foi avaliada com **conceito A**.

O gráfico abaixo foi elaborado no intuito de ilustrar a relação entre as áreas de conhecimento e a quantidade de conceitos A, B ou C que cada uma delas recebeu.

Gráfico 26 – Relação de Conceitos por Área do Conhecimento



Fonte: Dados da Pesquisa

Para finalizar, podemos dizer que este estudo mostrou que o Fluxo da Informação, quando bem constituído, dá origem a materiais didáticos de altíssima qualidade. Nesse sentido, seus produtores, devem estar cientes de que este é, senão o principal, um dos principais elementos que deve ser considerado em seu processo de elaboração.

Refletindo sobre tudo que vimos até aqui, ponderamos que a Educação a Distância tem inúmeras vantagens, conforme apontamos no início deste trabalho, tais como permitir a inclusão, e mesmo dar autonomia ao aluno, que irá estudar quando e onde quiser. Entretanto, a modalidade virtual de ensino também pode nos acenar para prováveis dificuldades, tais como o isolamento físico e a falta de interação face a face, que pode desencadear a falta de atenção do aluno e, consequentemente, o fracasso escolar, seja pela não compreensão dos saberes, seja mesmo pela desistência do processo educacional analisado. Assim, chegamos à conclusão de que um texto em que o fluxo da informação esteja bem feito pode ser um bom elemento para garantir-se um eficaz processo do ensino e da aprendizagem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou verificar como o Fluxo da Informação se constituía em materiais didáticos destinados à Educação a Distância. O Fluxo da Informação funciona como uma espécie de espinha dorsal de todo e qualquer discurso, visto que é em torno dele que se organizam todas as ideias contidas em um texto, seja este oral, seja escrito.

Como forma de fundamentar nosso estudo, buscamos aporte teórico na Gramática Funcional, que concebe a língua como um instrumento de comunicação, isso devido ao caráter interativo impresso nessa corrente linguística que, como se sabe, é a base de todo o processo de ensino e de aprendizagem, sobretudo, quando se fala em Educação a Distância. E foi refletindo sobre a importância dessa interação na modalidade virtual de ensino, que ponderamos sobre o papel mediador prestado pelo material didático, que é servir como principal meio de contato entre o professor e o aluno.

Nesse sentido, um dos objetivos específicos de nossa pesquisa foi o de verificar os possíveis impactos que a (des)continuidade no Fluxo da Informação traria à função mediadora desempenhada por esses materiais. Para tanto, elaboramos uma taxonomia do Fluxo da Informação, que se baseou nos modelos propostos por Halliday (1967), Chafe (1976), Prince (1981) e Gorsky (1985), pesquisadores de renome no estudo do tema.

Em nossa taxonomia, propusemos uma subdivisão categórica nos três níveis de informação, quais sejam: as informações **novas** foram subdivididas em: novas novíssimas, novas seminovas, novas apoiadas e novas eventuais. As informações **inferíveis** foram subdivididas em: inferíveis ancoradas e inferíveis não-ancoradas e as informações **velhas** foram subdivididas em: velhas mencionadas e velhas anafóricas. Feito isso, buscamos verificar se o modo como os referentes novos, inferíveis e velhos iam sendo organizados ao longo do discurso, propiciavam, ou não, a textualidade e, por conseguinte, um texto coerente, coeso, capaz de agregar valor à formação do aluno da modalidade de ensino à distância.

A análise se deu em cinco disciplinas de graduação ofertadas por uma instituição de ensino de Minas Gerais, especializada em Educação a Distância e que ficticiamente chamamos de UNABMG. Cada uma dessas disciplinas pertencente a uma área do conhecimento distinta, quais sejam: Direito, Gerenciais, Letras, Saúde e Tecnologia.

Dentre os materiais didáticos das disciplinas eleitas, selecionamos dois gêneros textuais, a saber: apresentações de disciplina e unidades de ensino. Nossa *corpus*, composto ao todo por 25 textos, se dividiu em cinco grandes blocos, sendo uma apresentação de disciplina e quatro unidades de ensino de cada uma das cinco disciplinas analisadas. Todos

esses materiais foram postados no Ambiente Virtual de Ensino da UNAB/MG, durante o primeiro e segundo semestres de 2011.

De um modo geral, os resultados de nossa pesquisa revelaram que nem sempre o docente consegue manter uma continuidade no Fluxo da Informação. Percebemos, também, que a ausência dessa continuidade pode gerar grandes impactos nos materiais didáticos, inclusive no que se refere à sua função mediadora. Em contrapartida, constatamos que o Fluxo Informacional, quando bem constituído, dá origem a materiais didáticos de significativa qualidade, o que do ponto de vista pedagógico é bastante positivo, pois contribui com o processo de autoaprendizagem, que é a proposta maior da Educação a Distância.

Chegando ao término de nossas considerações, fica-nos a sensação de que estudos como o que se apresenta merecem investimento. Isso porque a Educação a Distância, embora tenha passado, e ainda passa, por muitos avanços, necessita ainda que alguns de seus processos sejam aperfeiçoados. Dentre esses, destacamos, por exemplo, a necessidade de se buscarem medidas de envolvimento que visem a atenuar o caráter mecânico imposto pela tecnologia, no processo de ensino e de aprendizagem mediado pelo computador. É necessário investir em estratégias que busquem humanizar esse processo. Afinal, como diria Paulo Freire (2005, p. 33), “*transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador*”.

Fica, portanto, a sugestão para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ARCOVERDE, R.; CABRAL, A.L.T. **Linguagem e naveabilidade: uma leitura crítica de três sites de ensino de língua portuguesa**. In: Collins, H.; Ferreira, A. (orgs.) *Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de línguas na Internet*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 185-212.
- AUSTIN, J. L. **How to do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1975.
- BAZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J.C. (Org.). **Gêneros Textuais, Tipificação a Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BECHARA, E. **Gramática Funcional: natureza, funções e tarefas**. In: M. H. M. NEVES (orgs.). *Descrição do Português II*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Ano V, n. 1, UNESP – Campus de Araraquara, 1991.
- BRASIL. **Decreto no. 2.494**, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei no. 9394/96). LEX, Coletânea de legislação e jurisprudência, São Paulo, ano 62, p.469-70, jan/fev, 1998.
- _____. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lex: Leis de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB), Brasília, 1996.
- CASAL. Resultado de busca *online* de imagem, 14 dez. 2012. Disponível em: www.ilafox.com.br. Acesso em 14 de dezembro de 2012.
- CHAFE, W. **Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View**. In: Charles N. Li (ed.), *Subject and Topic*, 25-55. New York: Academic Press, 1976.
- COSTA VAL, Maria da Graça da. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DANES, F. on **Prague School Functionalism in Linguistics**. In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987.
- DIK, C. S. **Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Cinnaminson. EUA: Foris Publications, 1978.
- FONSECA, J. J. S. **Referências para escrita de material didático**. In: Revista Eletrônica Educação e Cidadania. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GARCIA, E. **Discourse without Syntax**. In: T. GIVON (ed.). *Syntax and Semantics*, V. 12, Nova York: Academic Press, 1979.

GERBRUERS, S. C. **Dik's Functional Grammar: A pilgrimage to Prague?** In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

GIVON, T. **Syntax I**. Nova York: Academic Press, 1984.

GLOBO, Dicionário Online de Português. Disponível em <http://www.dicio.com.br/globo/>. Acesso em 12 de março de 2012.

GOUVÊA, G.; C. I. OLIVEIRA. **Educação a Distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent. 2006.

GORSKI, E. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Notes on Transitivity AND Theme in English**. *Journal of Linguistics*, v. 3, 1967.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HERMONT, Arabie Bezri. **Revisar materiais didáticos destinados à Educação a Distância**. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagem, usos e ensino*, nº. 43. 2011.

_____. Arabie Bezri. **Fluxo da Informação: alfabetizandos adultos e alfabetização crianças**. In: VII Congresso: Estudos da Linguagem: Atualidade e Paradoxos. Rio de Janeiro, 1998.

HOPPER, P. J. **Emergent Grammar**. Berkeley Linguistic Society, v. 13, 1987.

HOYOS-ANDRADE, Rafael. **Funcionalismo vs. Gerativismo: algumas reflexões de epistemologia linguística**. São Paulo: Alfa, 1982.

ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.

JAKOBSON, R. **Linguística e poética**. In: *Linguística e comunicação*. Trad. De Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969, pp. 118-162.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciamento na produção discursiva**. *Revista Eletrônica Delta*. Vol. 14, São Paulo: 1998.

_____. Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KUNO, S. **Functional Syntax: anaphora, discourse and empathy.** Chicago: Chicago University Press, 1987

LÉ, Jaqueline Barreto. **Hipertexto e fluxo informacional: considerações sobre o dado e o novo na web.** Revista Eletrônica Hipertexto. Trabalho apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, 2009.

LITTO, Fredric Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Coleção Educação para todos. LACED/Museu Nacional, 2006.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciamento.** São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Clássicos da Linguística).

MARTINET, A. **Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle?** Alfa, v. 38, 1994.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo.** Série Ideias n. 28, São Paulo: FDE, 1997. p. 111-122. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf

MICHAELLIS, Dicionário Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 12 de março de 2012.

MANUAL DE ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS. Desenvolvido pela Universidade Aberta de Minas Gerais, 2012.

MODESTO, Artarixerxes Tiago Tácito. **Abordagens Funcionalistas.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 03, n.04, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Estudos Funcionalistas no Brasil.** Revista Eletrônica Delta. Vol. 15, São Paulo: 1999.

_____. Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NICHOLS, J. **Functional Theories of Grammar.** Annual Review of Anthropology, v. 43, 1984.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, pp 69-70.

PARKER, A. **Interaction in Distance Education: the critical conversation.** AACE Journal: Charlottesville, VA. 1999. v. 1(12), p. 13-17.

POSSARI, Lucia Helena Vendrúsculo; NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **Material Didático para a EaD: processo de produção.** Cuiabá: EdUFMT, 2009.

PRIDEAUX, G. D. **Processing Strategies: a psycholinguistic neo-functionalism?** In: R. DIRVEN & FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.

PRINCE, E. F. **On the given/new distinction.** In W. Hanks, C. Hofbauer, and P. Clyne (Eds.), *Papers from the Fifteenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Department of Linguistics, University of Chicago: 1981.

SANTOS, Edméa Oliveira; SILVA, M. **Avaliação Online: O modelo de suporte tecnológico do Projeto TelEduc (2003).** In: *Avaliação em Educação Online*, Edições Loyola.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução Antônio Chelini et al. 25^a edição. São Paulo: Cultrix, 1996.

SILVA, Alena Ciulla. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos.** Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Ler, leitura, compreensão: “sempre falamos da mesma coisa?”.** In: Teberosky, Ana et al. *Compreensão de leitura: a língua como procedimento*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

THOMPSON, S. **That-Deletion from a Discourse Perspective.** Berkeley Linguistics Society, V. 13, 1987.

VAN VALIN, R. D. **Functionalism, Anaphora and Syntax.** Review Article on Susumu Kuno: *Functional Syntax: Anaphora, Discourse and Empathy*.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PLANILHA DE CLASSIFICAÇÃO DE DADOS SEGUNDO AS CATEGORIAS DO FLUXO DA INFORMAÇÃO

DISCIPLINAS	ÁREA	CONTEÚDO	FLUXO DA INFORMAÇÃO				INFERÍVEL		VELHA	
			NOVA				Ancorada	Não-Ancorada	Mencionada	Anafórica
			Novíssima	Seminova	Apoiada	Eventual				
Bases do Direito Administrativo	Direito	Apresentação	52	2	4	0	42	6	8	24
		Unidade I	28	0	15	0	6	0	4	9
		Unidade II	57	0	16	1	16	0	9	9
		Unidade III	35	0	5	0	17	1	1	8
		Unidade IV	37	2	10	0	16	1	5	9
Custos Contábeis	Gerenciais	Apresentação	36	3	1	0	7	0	3	6
		Unidade I	81	8	6	4	37	6	28	24
		Unidade II	23	0	7	3	14	0	7	22
		Unidade III	54	0	12	5	32	0	9	20
		Unidade IV	47	0	6	3	16	2	10	10
Processos Interacionais: Usuário X Computador	Tecnologia	Apresentação	23	23	5	0	9	0	8	11
		Unidade I	53	7	10	8	23	0	25	36
		Unidade II	55	0	11	5	31	3	19	14
		Unidade III	53	1	7	3	16	7	11	21
		Unidade IV	33	0	15	2	13	2	12	8
SUS: Processos Organizacionais	Saúde	Apresentação	21	2	5	0	12	0	3	8
		Unidade I	20	2	7	4	13	0	6	11
		Unidade II	23	0	6	5	4	2	3	8
		Unidade III	25	0	11	5	5	2	2	5
		Unidade IV	26	1	9	5	13	2	4	5
Textos: Leitura e Interpretação	Letras	Apresentação	75	13	5	0	17	3	13	49
		Unidade I	16	3	6	1	1	1	7	4
		Unidade II	44	0	16	1	19	1	21	14
		Unidade III	109	4	30	0	50	0	20	36
		Unidade IV	19	2	6	4	6	3	3	21

ANEXOS

ANEXO A – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA BASES DO DIREITO ADMINISTRATIVO

APRESENTAÇÃO (NN)

Bases do Direito Administrativo (NN)

Caro(a) aluno(a) (NN),

Bem vindos à disciplina Bases do Direito Administrativo (NA). Ao longo do curso **vocês (VA)** poderão contar **comigo**, Professor Daniel Borges (NN) e também como a **tutora Raquel Riveres (NN)**. Estaremos à disposição para auxiliá-los (VA) durante **os seus estudos (IA)**.

É uma enorme satisfação **tê-los (VA) conosco (VA) este semestre (INA)**. Estamos certos que **será um contato muito proveitoso (NN) para todos (VA)**.

Nossa pretensão (IA) é construir o conhecimento (NN) mediante a participação de todos (IA), através de **discussões (NSN)** e **debates (NSN)** sobre **os temas (IA)** propostos, proporcionando o desenvolvimento da formação crítico-reflexiva do jurista (NN), o que tornará o estudo da disciplina (IA) mais agradável e interessante.

Nossa turma (IA) é marcada pela **heterogeneidade (NN)** o que significa que, provavelmente, **alguns alunos (VA) terão mais dificuldades do que outros (IA)** no estudo da disciplina Bases do Direito Administrativo (NA). No entanto, precisamos entender **tal situação (VA)** como **um desafio para o aprimoramento (IA)**. E isso (VA) será possível mediante a **interação (IA)** e também a **cooperação de todos (INA)**. Logo, **caros alunos (VM)**, a participação e o interesse de todos (INA) são importantes. Respeitando a **interpretação (NN)** e os **posicionamentos (NN)** de **cada um (VA)**, construiremos **um curso proveitoso (NN) para todos (VA)**.

Dito isso (VA), neste momento (NN) iniciamos o estudo da disciplina Bases do Direito Administrativo (VM), que certamente será muito útil (NN) em sua formação jurídica (IA). Esta disciplina (VA) será ofertada pela Universidade Aberta de Minas Gerais (NN), que conta com **um dinâmico e interativo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA (NN)**, um dos melhores do país (IA). Com a Informática cada vez mais presente (NN) em nossa vida (INA), esta modalidade de ensino (VA) objetiva ao atendimento (NN) das demandas oriundas da globalização (INA).

A disciplina Bases do Direito Administrativo (VM) pretende discutir assuntos relevantes do Direito Administrativo (NA).

Inicialmente, estudaremos, na **Unidade I (NN)**, o tema (NN) envolvendo os **Princípios do Direito Administrativo (NA)**. O conceito (IA), a aplicação (IA), as peculiaridades (IA) serão metas (NN) buscadas na presente unidade (VA).

Em segundo lugar, na **Unidade II (NN)**, estudaremos o **Tema da Licitação (NN)**. Além do conceito (IA), da base jurídica (IA), dos princípios (IA) e das espécies (IA), estudaremos também a discussão (NN) envolvendo a dispensa (IA) e a inexigibilidade de Licitação (NN).

Esse tema (VA), aliás, é muito importante para o atual momento vivido no Brasil (INA) em razão das obras para a Copa do Mundo de 2014 (NN).

Já na Unidade III (NN), estudaremos o tema da Improbidade Administrativa (NN). Vamos entender o que vem a ser a Improbidade (NN), sua base jurídica (IA), hipóteses (IA), além das sanções (IA) que a mesma (VA) acarreta ao agente público (NN).

Por fim, mas não menos importante, na Unidade IV (NN) abordaremos a Administração Pública Indireta (NN). Analisaremos o conceito (IA), a sua composição (IA), atribuições (IA), dentre outras questões (IA).

Aqui na Universidade Aberta de Minas Gerais (VM), para um bom desempenho na disciplina (IA), o aluno (VM) precisa assumir, efetivamente, o compromisso (NN) de levar a sério a disciplina (IA). E o primeiro passo para isso (VA) é ter o chamado “método” (NN). Ou seja, destinar parte do seu tempo de estudo (IA) para o acesso (NN) ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) (VM), ficar atento aos avisos (NN) e comunicados (NN) enviados, assim como acompanhar a disciplina (VA) pelos materiais (IA) indicados.

Outro ponto importante (NN), caros juristas (NN): não se esqueçam de seguir o cronograma (IA). Atenção no cumprimento dos prazos (NN) quando da realização das atividades (NN). Além disso (VA), a participação nos encontros *on line* (NN) e o envio de dúvidas pelo correio acadêmico (NN) são exemplos de atitudes exitosas na Educação a Distância (EAD) (VA).

Além de minhas explicações (IA), você (VA) contará com o apoio (NN) da tutora Raquel Riveres (VM), formada em Direito (VA) e que foi selecionada para auxiliá-lo(a) (VA) em suas atividades (IA). Sinta-se a vontade para questionar e fazer sugestões (NN) que visem ao desenvolvimento satisfatório de nosso trabalho (IA) durante a dinâmica de todo o processo de ensino e de aprendizagem (NN).

Para concluir, veja as palavras das professoras Márcia Moreno e Sayonara Brandão (NN):

“Essa (VA) não é uma tarefa fácil (NN), mas trata-se do cerne do processo educacional (NN). O importante (NN) é que sintam sempre à vontade para comentar, criticar, questionar e fazer sugestões no decorrer de nosso trabalho (IA). Nossa empenho (IA), durante todo o tempo, incidirá numa interação (NN) que propicie a construção prazerosa de conhecimento (NN) o que pressupõe, naturalmente, o seu desenvolvimento efetivo nos trabalhos (IA), a libertação dos temores e receios (IA) relativos à exposição de suas ideias (IA), sugestões (IA) e experiências (IA).”

Bons estudos a todos (IA)!

Professor Daniel Borges (VM).

ANEXO B – UNIDADE I DA DISCIPLINA BASES DO DIREITO ADMINISTRATIVO

UNIDADE I (NN) Bases do Direito Administrativo (NN)

UNIDADE I (VM) – PRINCÍPIOS DO DIREITO ADMINISTRATIVO (NA)

Tópicos (NN):

- Princípio da Supremacia do Interesse Público (NA)
- Princípio da Indisponibilidade do Interesse Público (NA)
- Princípio da Legalidade (NA)
- Princípio da Impessoalidade (NA)
- Princípio da Moralidade (NA)
- Princípio da Publicidade (NA)
- Princípio da Eficiência (NA)
- Princípio da Autotutela (NA)
- Princípio da Continuidade (NA)
- Princípio da Precaução (NA)
- Princípio da Razoabilidade (NA)
- Princípio da Proporcionalidade (NA)
- Outros princípios (NA)
- Súmulas e decisões interessantes. (NA)

Prezado(a) Aluno(a) (NN),

Nesta primeira Unidade (VA) estudaremos os princípios do Direito Administrativo (VM). Nesse sentido (VM), será de grande importância (NN) o estudo das disposições presentes no Texto Constitucional a respeito da Administração Pública (NN), bem como as indicações constantes em sede da Legislação Infraconstitucional (NN).

Os tópicos, anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Ou seja, o nosso estudo (IA) começará abordando os princípios denominados “basilares” do Direito Administrativo (NN). Na sequência (NN), estudaremos os princípios (VM) que estão expressamente previstos na Constituição Federal (NN), bem como outros que estão previstos (IA) em outros dispositivos que integram a legislação administrativa (NN).

Procure compreender a implicação de cada princípio no Direito Administrativo (NN). Além da leitura (IA), estruture seus estudos (IA) em fichamentos (NN), resumos (NN) e, se possível, desenvolva mapas conceituais (NN) para facilitar a compreensão do objeto estudado (VA).

Quanto à Bibliografia indicada (VA), acredito (VA) que você (VA) não terá dificuldades em termos de acesso (NN), visto que grande maioria daquilo que foi indicado está disponível no Acervo da Biblioteca (VA).

Não se esqueça que estaremos à sua disposição (IA).

Bons estudos, (NN)

Professor Daniel Borges (NN)

Bibliografia Básica (NN) para esta unidade (VA):

ALEXANDRINO, Marcelo Lopes. **Direito Administrativo Descomplicado.** 14 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2007. (NN)

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de Direito Administrativo.** 21 ed. Rio de Janeiro: *Lumen Iuris*, 2009. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo.** 21. ed., São Paulo: Atlas, 2008. (NN)

GARCIA, Emerson et. al. **Improbidade Administrativa.** 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. (NN)

GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo.** 18 ed. São Paulo: Atlas, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Curso de Direito Administrativo.** São Paulo: Saraiva, 2005. (NN)

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro.** 33 ed. São Paulo: Malheiros, 2007. (NN)

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo.** 21. ed., São Paulo: Malheiros, 2006. (NN)

**ANEXO C – UNIDADE II DA DISCIPLINA BASES DO DIREITO
ADMINISTRATIVO**

UNIDADE II (NN)

Bases do Direito Administrativo (NN)

UNIDADE II (VM) – LICITAÇÃO (NN)

Tópicos: (NN)

Conceito (NN)

O que podemos entender por Licitação (VM)?

Por que ela (VA) é importante?

Em termos legais (NN), quais seriam as duas finalidades da Licitação (NA)?

- Princípios (NN)

Além dos princípios vistos na Unidade I (NA), existem princípios específicos aplicáveis à Licitação (NA):

Legalidade (NN)

Impessoalidade (NN)

Moralidade (NN) (aqui também podemos incluir o princípio da Probidade Administrativa) (NA)

Publicidade (NN)

Igualdade entre os Licitantes (NN)

Vinculação ao Instrumento Convocatório (NN)

Julgamento Objetivo (NN)

Sigilo de Proposta (NN)

Procedimento Formal (NN)

- Objetivo (NN)

“Alcançar a proposta mais vantajosa para a Administração Pública (NN).” – (previsão do art. 3º da Lei 8.666/93) (NE). Portanto, podemos afirmar que o objetivo da Licitação (NA) é a obtenção do menor preço (IA)?

- Base Jurídica (NN)

Em termos legais (VM), onde encontramos o regramento a respeito da Licitação (NN)? As disposições (NN) existem apenas no plano infraconstitucional (IA)? Quem é competente para legislar sobre a licitação (VM)?

Qual vem a ser a principal fonte legal (plano infraconstitucional) da Licitação (NA)?

Será que as Agências Reguladoras (NN), como a ANP (NA) precisam licitar? Qual seria o fundamento (NA)?

- Sujeitos à Licitação (NA)

Segundo a Lei 8.666/93 (VM), quais entidades (NN) precisam licitar?

- Pressupostos (NN)

Para a efetivação (NN) do procedimento em análise (NN) existem alguns pressupostos (NN).

Quais são os três pressupostos para a realização do procedimento licitatório (NA)?

- Fases da Licitação (NA)

Quais são as fases da Licitação (VM)? Em que consiste cada uma delas (VA)?

- Modalidades (NN)

Quais são as modalidades de licitação (NA)? Atenção: modalidade (VM) é diferente de tipo de licitação (NA).

- Dispensa e Inexigibilidade. (NN)

Ambas (VA) existem em termos de Licitação (NA)? Em que sentido?

Prezados(as) Alunos(as), (NN)

Após os estudos a respeito dos Princípios do Direito Administrativo (NN), na presente unidade (VA), estudaremos a Licitação (VM). Em linhas gerais (NN), a Licitação (VM) pode ser entendida, a partir das considerações do professor Celso Antônio Bandeira de Mello (IA), como sendo uma espécie de procedimento administrativo, de caráter obrigatório (IA), que deve ser observado pelas pessoas que integram tanto a Administração Pública Direta quanto à Administração Pública Indireta (IA). O mencionado procedimento (VA) tem por objetivo (IA), dentre outros (IA), a alienação (NN) e a locação de bens (NN), assim como a realização de serviços (NN). Enquanto um procedimento destinado à Administração Pública (NA) é preciso assegurar a ampla participação de interessados na

apresentação das propostas (NN), de modo que seja possível selecionar, conforme previsão legal (NN), a “proposta mais vantajosa”. (NN)

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Existem perguntas (NN) que servirão de auxílio ao longo da Unidade (IA). Procure respondê-las (VA) com base nas leituras (IA), bem como na interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA).

Quanto à Bibliografia indicada (NN), acredito que vocês (VA) não terão dificuldades em termos de acesso (IA), visto que a grande maioria das nossas indicações (IA) está disponível no Acervo da Biblioteca (IA).

Estaremos à sua disposição (IA).

Bons estudos (NN),

Professor Daniel Borges (NN)

Bibliografia Básica para esta unidade (NA):

ALEXANDRINO, Marcelo Lopes. **Direito Administrativo Descomplicado**. 14 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2007. (NN)

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de Direito Administrativo**. 21 ed. Rio de Janeiro: *Lumen Iuris*, 2009. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo**. 21. ed., São Paulo: Atlas, 2008. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia; RAMOS, Dora Maria de Oliveira. SANTOS, Márcia Walquiria Batista dos; D'AVILA, Vera Lúcia Machado. **Temas Polêmicos sobre Licitações e Contratos**. 3^a ed. rev. e ampl. São Paulo: Malheiros, 1998. (NN)

FIGUEIREDO, Lúcia Valle e FERRAZ, Sérgio. **Dispensa e inexigibilidade de licitação**. 2^a ed. São Paulo: RT, 1992. (NN)

GARCIA, Emerson et. al. **Improbidade Administrativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. (NN)

GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 18 ed. São Paulo: Atlas, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Curso de Direito Administrativo**. São Paulo: Saraiva, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Comentários à Lei de Licitações e Contratos Administrativos**. 10 ed. São Paulo: Dialética, 2004. (NN)

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro**. 33 ed. São Paulo: Malheiros, 2007. (NN)

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo**. 21. ed., São Paulo: Malheiros, 2006. (NN)

TOLOSA FILHO, Benedicto. **Contratando sem licitação: comentários teóricos e práticos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998. (NN)

VERRI JR, Armando; TAVOLARO, Luís Antonio; e WAMBIER, Teresa Arruda Alvim Wambier (coord.). **Licitações e Contratos Administrativos: Temas atuais e controvertidos**. São Paulo: RT, 2002. (NN)

ANEXO D – UNIDADE III DA DISCIPLINA BASES DO DIREITO ADMINISTRATIVO

UNIDADE III (NN) Bases do Direito Administrativo (NN)

Improbidade Administrativa (NN)

Tópicos (NN):

- Evolução histórica e legislativa. (NN)
 - A observância dos deveres do Administrador Público. (NN)
 - Definição Jurídica. (NN)
 - Sujeitos do Ato de Improbidade. (NN)
 - Modalidades de Improbidade Administrativa. (NA)
 - Processo (NN)
 - Temas Correlatos: (NN)
- >> LIA X Lei de Responsabilidade Civil. (NN)
 >> LIA X Crimes de Responsabilidade – 1.079/1950. (NN)
 >> A questão da Prerrogativa de Foro. (NN)

Prezados(as) Alunos(as), (NN)

Continuando o nosso curso (INA), abordaremos agora um assunto de grande importância no Direito Administrativo (NN).

Trata-se da temática relacionada à Improbidade Administrativa (NA), questão diretamente ligada ao princípio da Moralidade Administrativa (IA), objeto de estudo na Unidade I (IA). A bem da verdade (NN), a Ação de Improbidade Administrativa (NA) se nos (VA) apresenta como um mecanismo de considerável relevância em termos de Controle Judicial sobre os atos entendidos como de improbidade (IA). Nesse sentido (VA), precisamos compreender o (VA) que significa a Improbidade Administrativa (VM), bem como sua aproximação da ideia de moralidade (IA), conforme mencionado acima. Ademais, a leitura das disposições legais a respeito do tema (NA) será uma constante (IA) na presente unidade (VA). Ou seja, além dos textos indicados na Bibliografia Básica (NN), a Lei 8.429/99 de 02 de junho de 1992 (NN) também será objeto de leitura e interpretação (IA). Por meio da mencionada Lei (VA), veremos que sua estruturação parte da apresentação dos sujeitos envolvidos (passivo e ativo) (IA), bem como dos tipos de improbidade (IA), além das sanções aplicáveis (IA) e, ainda, dos procedimentos de cunho administrativo e judicial (IA).

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Não se esqueçam da interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA).

Quanto à Bibliografia indicada (NN), acredito que vocês (VA) não terão dificuldades em termos de acesso (IA), visto que a grande maioria das nossas indicações (IA) está disponível no Acervo da Biblioteca (IA).

Estaremos à sua disposição (IA).

Bons estudos (NN),
Professor Daniel Borges (NN)

Bibliografia Básica para esta unidade (NA):

ALEXANDRINO, Marcelo Lopes. **Direito Administrativo Descomplicado.** 14 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2007. (NN)

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de Direito Administrativo.** 21 ed. Rio de Janeiro: *Lumen Juris*, 2009. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo.** 21. ed., São Paulo: Atlas, 2008. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia; RAMOS, Dora Maria de Oliveira. SANTOS, Márcia Walquiria Batistados; D'AVILA, Vera Lúcia Machado. **Temas Polêmicos sobre Licitações e Contratos.** 3^a ed. rev. e ampl. São Paulo: Malheiros, 1998. (NN)

FIGUEIREDO, Lúcia Valle e FERRAZ, Sérgio. **Dispensa e inexigibilidade de licitação.** 2^a ed. São Paulo: RT, 1992. (NN)

GARCIA, Emerson et. al. **Improbidade Administrativa.** 2.ed. Rio de Janeiro: *Lumen Juris*, 2004. (NN)

GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo.** 18 ed. São Paulo: Atlas, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Curso de Direito Administrativo.** São Paulo: Saraiva, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Comentários à Lei de Licitações e Contratos Administrativos.** 10 ed. São Paulo: Dialética, 2004. (NN)

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro.** 33 ed. São Paulo: Malheiros, 2007. (NN)

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo.** 21. ed., São Paulo: Malheiros, 2006. (NN)

TOLOSA FILHO, Benedicto. **Contratando sem licitação: comentários teóricos e práticos.** Rio de Janeiro: Forense, 1998. (NN)

ANEXO E – UNIDADE IV DA DISCIPLINA BASES DO DIREITO ADMINISTRATIVO

UNIDADE IV (NN) Bases do Direito Administrativo (NN)

Administração Pública Indireta (NN)

Tópicos: (NN)

- Conceito. Composição. (NN)
- Considerações: Centralização de descentralização. (NN)
- Considerações: Concentração e Desconcentração. (NN)
- Princípios da Administração Pública Indireta. (NN)
- Integrantes da Administração Pública: (NN)
 - ✓ Autarquias. (NA)
 - ✓ Fundações Públicas. (NA)
 - ✓ Empresas Estatais ou governamentais. (NA)
 - ✓ Agências Reguladoras. (NA)
 - ✓ Agências Executivas. (NA)

Prezados(as) Alunos(as), (NN)

Continuando o nosso curso (INA), abordaremos agora outro assunto de grande importância no Direito Administrativo (NN).

Em termos de Organização da Administração Pública (NN), nós (VA) temos a Administração Pública Direta (NA), a Indireta (IA) e também as Entidades paraestatais (Entes de cooperação) (NN). Fizemos um recorte na temática (IA) e estudaremos a Administração Pública Indireta (VM). Embora toda a Organização da Administração Pública (VM) se nos (VA) apresente de grande relevância (IA), o objetivo da presente Unidade (NA) consiste no estudo das pessoas administrativas integrantes da Administração Pública Indireta. (NA)

Neste sentido (VA), sabemos que a Administração Pública Indireta (VM) está vinculada à Administração Pública Direta (IA) e seus integrantes (IA) desempenham atividades de natureza administrativa (NN), mas que acontecem de maneira descentralizada (IA). Por exemplo, o INSS (NSN), o IBAMA (NSN) dentre outros Institutos (NN), como também Conselhos Federais (NN) etc., integram a Administração Pública Indireta (VM). Mas serão classificadas em que espécie (IA)? Seriam elas (VA) autarquias (NN), empresas públicas (NN)? Qual o critério diferenciador (NN)? E o caso da OAB (NN)?

Bom, tais questões (VA), bem como outras (IA) serão esclarecidas ao longo da presente Unidade (VM).

Os tópicos anteriormente apresentados (VA) têm por objetivo (IA) orientá-los (VA) na organização do estudo (NN). Não se esqueçam da interação com o professor (NN), com a tutora (IA), assim como com os demais colegas (IA). O conhecimento construído de forma participada (NN) é muito mais interessante!

Ressalto, preliminarmente, que o enfoque maior da disciplina (NN) será em relação às Agências Reguladoras (NN). No entanto, as demais pessoas integrantes da Administração Pública Indireta (NA) também serão estudadas (IA).

Ademais, fiquem atentos ao próximo encontro *on line* (NN).

Quanto à Bibliografia indicada (NN), acredito que vocês (VA) não terão dificuldades em termos de acesso (IA), visto que a grande maioria das nossas indicações (IA) está disponível no Acervo da Biblioteca (IA).

Estaremos à sua disposição (IA).

Bons estudos (NN),
Professor Daniel Borges (NN)

Bibliografia Básica para esta unidade: (NA)

ALEXANDRINO, Marcelo Lopes. **Direito Administrativo Descomplicado**. 14 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2007. (NN)

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de Direito Administrativo**. 21 ed. Rio de Janeiro: *Lumen Iuris*, 2009. (NN)

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo**. 21. ed., São Paulo: Atlas, 2008. (NN)

GARCIA, Emerson et. al. **Improbidade Administrativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. (NN)

GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 18 ed. São Paulo: Atlas, 2005. (NN)

JUSTEN FILHO, Marçal. **Curso de Direito Administrativo**. São Paulo: Saraiva, 2005. (NN)

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro**. 33 ed. São Paulo: Malheiros, 2007. (NN)

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo**. 21. ed., São Paulo: Malheiros, 2006. (NN)

ANEXO F – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA CUSTOS CONTÁBEIS

APRESENTAÇÃO (NN)

Custos Contábeis (NN)

Prezado(a) aluno(a) (NN),

A contabilidade de custos (VM) apresenta-se como um segmento de trabalho da área financeira (NN) que acumula, identifica, analisa e traduz os custos dos produtos fabricados (NN), dos estoques (IA), dos diversos segmentos da organização (IA), das atividades de operacionalização (IA) e de distribuição (IA). Propondo-se, então, a coletar, classificar e registrar os dados operacionais das diversas atividades da entidade (NN), denominados de dados internos (NN), bem como, algumas vezes, coletar e organizar dados externos (NN), a contabilidade de custos (VM) auxilia a administração (NN) nas funções de determinação de desempenho (NN), e de planejamento e controle das operações (IA) e de tomada de decisões (IA).

A disciplina **Custos Contábeis (NA)**, proposta na modalidade EAD (NN), por intermédio (NN) da Universidade Aberta de Minas Gerais (NN), ambiciona garantir ao aluno (VM) a apropriação de conceitos básicos da gestão de custos nas organizações (NN), para que ele (VA) possa avaliar criticamente nessas (VA), o processo de formação de custos (NN). Expectativa de formação (NN), portanto, de agentes econômicos responsáveis (NN) com habilidades (NN) para formular e gerenciar estratégias para o desenvolvimento da sociedade (NN). Profissionais conscientes e capazes (NN) de exercer, com ética (NSN) e proficiência (NSN), as atribuições (NN) que lhe (VA) são prescritas por meio de legislação específica (NN).

Vale destacar que, nesta disciplina (VA), para se ter um bom desempenho (NSN), é fundamental que exista, de sua parte como aluno (NN), um compromisso efetivo com os estudos (NN). O segredo (NN) é ter método (NN), estabelecer uma sistemática de acesso ao ambiente virtual de aprendizagem (NN) e ler todos os avisos e comunicados (NN), além, obviamente, de ler todo o material didático (NN). Além disso, fique sempre atento (IA) ao cronograma do curso (NN), faça as atividades propostas dentro dos prazos estipulados (NN), consulte a resolução dessas atividades (VA), assim que estas (VA) forem disponibilizadas, tire dúvidas, por meio de correios acadêmicos (NN) e encontros on-line (NN).

Espero que tenhamos um bom trabalho ao longo do curso (NN)!

Abraços (NN),
Professor José Pedro Sampaio (NN).

ANEXO G – UNIDADE I DA DISCIPLINA CUSTOS CONTÁBEIS

UNIDADE I (NN) Custos Contábeis (NN)

Unidade I (VM) - Fundamentos da Contabilidade de Custos (NA)

- Conceituação e finalidades da Contabilidade de Custos (NA).
- A Contabilidade de Custos (VM), a Contabilidade Financeira (NN) e a Contabilidade Gerencial(NN).
- Terminologia de custos (NN).
- Distinções entre custo industrial, comercial e de serviços (NN).
- Princípios contábeis aplicáveis (NN).

Objetivos (NN):

- Explicar os usos dos dados da contabilidade de custos (NA);
- Descrever o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira (NA);
- Ilustrar os procedimentos básicos da contabilidade de custos (NA);

Orientações (NN): As organizações e o contexto atual: Uma introdução (NN)

A prosperidade e a sobrevivência de uma organização (NA) no mundo capitalista (INA) nos dias atuais (INA) estão diretamente ligadas à criação de novas práticas organizacionais (NN), tanto no processo de produção e comercialização de seus produtos e serviços (NN) quanto no processo de gerenciamento e medição do seu desempenho (IA).

É verdade que gerenciar uma organização (VM) nunca foi tarefa fácil (IA), haja vista as particularidades (IA) que envolvem todo o processo (VM): funcionários (NSN), clientes (NSN), processos internos (NSN), competição (NSN), concorrência (NSN), governo (NSN), acionistas (NSN), entre outros (IA), sobretudo, nos dias atuais (INA), quando estão passando por um acelerado processo de transformação (IA).

Com a abertura do mercado nacional para a entrada de produtos estrangeiros (NN), o chamado “comércio sem fronteiras” (IA), as organizações (VM) estão passando por grandes transformações (NN): a) aumento da concorrência (IA), b) exigência de produtos melhores a preços menores (IA), c) aumento da responsabilidade pelo fornecimento de produtos e serviços (IA), d) mudanças nas suas diretrizes (IA), quer sejam na área tecnológica, da força de trabalho ou na ordem social. (IA)

O contexto da era da informação (NN) exige novas habilidades (NN) para competir com sucesso (NN), tanto para empresas industriais (NSN) como para as de serviço (IA). A habilidade (NN) para mobilizar e explorar os ativos intangíveis ou intelectuais (NN) tem-se

tornado imprescindível para empresas (NN) que investem e administram ativos físicos e tangíveis (NN).

Captar e compreender essas mudanças (VA) exige dos seus gestores (IA) um olhar para o futuro (INA); não necessariamente adivinhá-lo (VA), mas entender essas mudanças (VA) e como as mesmas (VA) pode afetar as organizações (VM) sob sua gestão (IA). Esse (VA) é o desafio. Não seria nenhum absurdo (NN) afirmar que, quanto mais a organização (VM) estiver sintonizada com essas mudanças (VA) e compreender os contextos político, social, econômico, tecnológico e competitivo (NN), melhor será o seu desempenho (IA) e a sua própria sobrevivência (IA).

Esse processo de transformação (VA) interfere na forma de gerenciamento das organizações (NN), objetivando a sua perpetuação (IA) nesse novo cenário globalizado (INA) que está se desenvolvendo, exigindo delas (VA), ou melhor, de seus gestores (VM), uma postura realmente competitiva (IA).

Também é fundamental que a organização (VM) conheça melhor os seus processos internos (IA), melhorando-os (VA) e obtendo do ambiente externo (NN), maior número de informações possíveis (IA) com vistas a atender às necessidades dos gestores das organizações (NN) e, consequentemente, às mesmas (VA).

O avanço tecnológico (NN), o processo de globalização da economia (NN) e a mudança comportamental do consumidor (NN) passa a exigir produtos cada vez melhores com maior valor agregado (NN) e a preços competitivos (IA), ou seja, um mercado mais seletivo e competitivo (NN) traz mudanças significativas no ambiente organizacional (IA), além de revelar um aumento considerável da complexidade (IA).

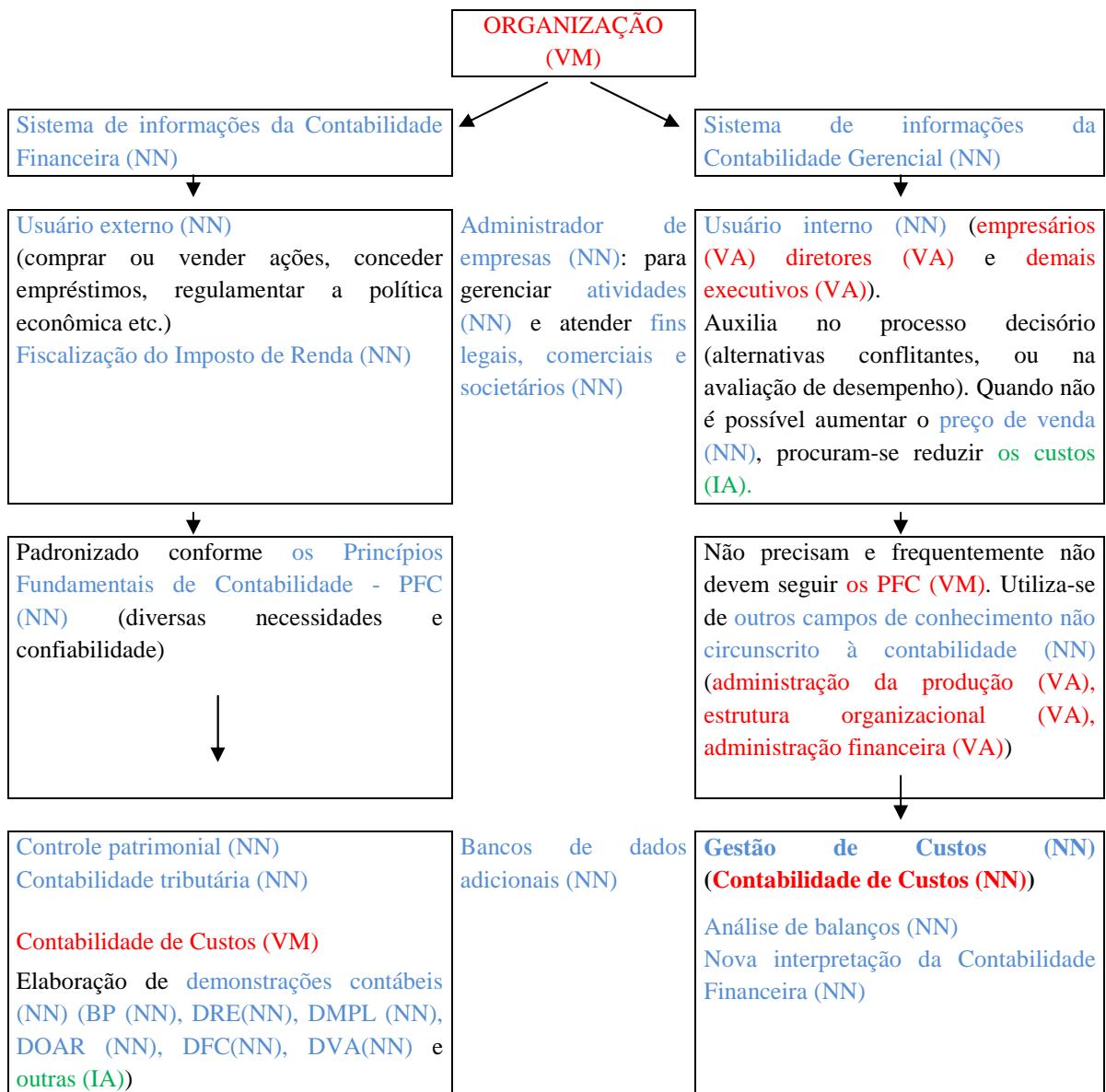
Então, mais do que nunca se deve buscar a excelência empresarial (NN) sob todos os aspectos, principalmente no que se refere à tarefa empresarial (IA) de criar produtos de valor (IA), captar e manter clientes satisfeitos e rentáveis (IA), atrair e manter talentos, usar recursos produtivamente (NN) e obter lucro razoável (NN), beneficiando-se de informações financeiras e não financeiras atuais e cada vez mais precisas (NN) com intuito de antecipar as novas tendências (IA) de maneira eficaz e influenciar os resultados organizacionais (NN).

Só assim acredita-se que as organizações (VA) continuaram a sobreviver nesses tempos atuais (INA).

Nesse sentido (VA), a contabilidade de custos (VA) se presta para contribuir no processo de tomada de decisão empresarial (NN).

Contabilidade Financeira (VA) versus Contabilidade Gerencial (VA)

O quadro abaixo apresenta uma diferença entre essas (VA).



❖ A gestão de custos (VM) requer:

- Conhecimento da estrutura de custos de uma empresa (NN)
- Determinar os custos a longo e a curto prazos (NN) para: atividades (NN) processos (NN), produtos(NN), serviços(NN) e outros objetos de interesse (IA) (por exemplo, clientes (IA))

Atividades e processos (VM): não aparecem nas demonstrações contábeis (NN) e é fundamental para melhoria contínua (NN), administração da qualidade total (NN), gestão ambiental(NN), realce da produtividade(NN) e a gestão estratégica (NN).

A contabilidade de custos (VM) surgiu da contabilidade financeira (VM). Muitas vezes são necessários bancos de dados adicionais (NN) para satisfazer mais completamente as necessidades dos usuários internos (NN) (por exemplo: rentabilidade total(IA) versus rentabilidade parcial(IA)). A contabilidade de custos (VM), muitas vezes é direcionada pelas necessidades da Contabilidade Financeira (NN)

A contabilidade de custos (VM) tenta satisfazer os objetivos de custeio (NN) para a contabilidade financeira (VM) e gerencial (IA). Para a contabilidade financeira (VM), mensurando e avaliando custos de acordo com os PFC (VM) e a contabilidade gerencial (VM) informação de custos sobre produtos, clientes (VM), serviços (VM), projetos (VM), atividades (VM) e outros detalhes (IA). Não precisam e freqüentemente não devem seguir os PFC (VM).

Para compreender os conceitos básicos da Contabilidade de Custos (VM), e, assim, começar a aprender o conteúdo de nossa disciplina (IA), leia atentamente as páginas indicadas, no livro-texto (NE). Será interessante que você faça um pequeno resumo do que leu (NE), para tentar garantir a compreensão e a aprendizagem. Lembre-se: a disciplina para o estudo é fundamental (NE).

MARTINS, Eliseu. Contabilidade de Custos. 9^a ed. São Paulo: Atlas, 2003
Páginas 17 a 23 e Páginas 31 a 42 (NN)

Essa (VA) é apenas uma indicação de bibliografia (NE). Não encontrado-a (VA), não se preocupe. Qualquer outra serve que tenha esse assunto (IA).

Bons estudos! (NN)
Professor José Pedro Sampaio (NN)

ANEXO H – UNIDADE II DA DISCIPLINA CUSTOS CONTÁBEIS

UNIDADE II (NN) Custos Contábeis (NN)

Caro(a) Aluno(a) (NN),

Parabéns! Você (VA) concluiu outra etapa deste curso (IA). Que tal? Aprendeu muito? Temos muito que discutir ainda. Se ainda lhe (VA) restarem dúvidas (NN), encaminhe suas questões (IA) que \emptyset ¹⁶ (VA) terei o maior prazer (NN) em responder. Só prossiga no curso (VA) quando você (VA) ver que estão completamente esclarecidos e compreendidos todos os itens tratados (IA). Você (VA) já sabe que poderá retornar ao ambiente do curso na internet (NN). Para localizar o assunto e a unidade desejada (NN) é muito fácil (IA). Se mesmo assim continuar com dúvidas (IA) acesse os recursos disponíveis (NN), retorne ao **Guia do aluno (NN)** e releia-o (VA).

Na última unidade (IA), nós (VA) conversamos sobre os fundamentos da contabilidade de custos (NA), explicamos os usos dos dados da contabilidade de custos (NA); além de descrevermos o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira (NA). Nesta unidade (VA) vamos discutir os conceitos básicos (NN), ou seja, a terminologia e a classificação em custos (NN) através dos seguintes tópicos (NN):

Unidade II (VM) - Terminologia e Classificação em Custos (VM)

- Conceituação de custos (NA); diferenciação entre custos (NA), despesas (NN), investimentos (NN), perdas (NN) e desembolsos (NN)
- Classificações de custos e despesas (NA).

O objetivo básico desta unidade (NA) é fazer com que você (VA) possa definir e descrever custos fixos (NN), variáveis (IA) e mistos (IA) e compreender a diferenciação entre os diversos conceitos envolvidos no processo de mensuração dos custos (NN).

Para que o seu entendimento (IA) seja completo recomendo que você (VA) leia: MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de Custos*. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 1998. (NE)

- a) pág. 63 até a 76; (NE) b) pág. 105 até a 115 (NE)

À medida que você (VA) for lendo vá anotando os principais pontos (IA), suas dúvidas (IA), seus questionamentos (IA). Tome nota de suas dúvidas (VM), e faça perguntas (IA), por meio do correio acadêmico (NN), endereçadas ao professor/tutor (NN). Estaremos prontos a ajudá-lo (VA) no que for necessário.

Ao final \emptyset (VA) gostaria que ficasse claro para você (VA) o (VA) que significa custos (VM), despesas (VM), investimentos (VM), gastos (VM), enfim todos esses conceitos (VA), pois sempre vamos usar esses (VA) daqui para frente (NN). Em outras palavras (NN): esses conceitos (VA) eram familiares para você (VA)? Para você (VA), qual a importância desses conceitos (VA)? A compreensão dos conceitos (IA) ajuda nas próximas unidades (NN).

¹⁶ \emptyset = Símbolo representativo de ‘Sujeito Nulo’.

ANEXO I – UNIDADE III DA DISCIPLINA CUSTOS CONTÁBEIS

UNIDADE III (NN) Custos Contábeis (NN)

Caro(a) Aluno(a), (NN)

Parabéns! Você (VA) concluiu outra etapa deste curso (IA). Que tal? Aprendeu muito? Temos muito que discutir ainda. Se ainda lhe (VA) restarem dúvidas (NN), encaminhe suas questões (IA) que \emptyset ¹⁷ (VA) terei o maior prazer (NN) em responder. Só prossiga no curso (VA) quando você (VA) ver que estão completamente esclarecidos e compreendidos todos os itens tratados (IA). Você (VA) já sabe que poderá retornar ao ambiente do curso na internet (NN). Para localizar o assunto e a unidade desejada (NN) é muito fácil (IA). Se mesmo assim continuar com dúvidas (IA) acesse os recursos disponíveis (NN), retorne ao **Guia do aluno (NN)** e releia-o (VA).

Agora que temos um entendimento da terminologia básica de custos (NN) precisamos olhar mais atentamente para o sistema (NN) que a empresa (NN) usa para contabilizar os custos (VM). Em outras palavras (NN), \emptyset (VA) precisamos determinar como as operações (NN) se realizam no âmbito da empresa (IA) para que assim possamos separar os gastos (NN) nas suas mais variadas classificações (NN): Investimentos (IA), perdas (IA), custos (IA), despesas (IA).

Em geral, uma empresa (VM) estabelece um sistema de contabilidade de custos (NN) para espelhar o processo de produção (NN). Um sistema de custo (NA) é modelado a partir do processo de produção (IA), permitindo assim que os seus gestores (IA) monitorem melhor o desempenho econômico da empresa (NN). Um processo de produção (VM) pode resultar em um produto tangível ou serviço (NN). Esses produtos ou serviços (NA) podem ser similares em natureza (IA), ou singulares (IA). Essas características do processo de produção (VA) determina a melhor abordagem no desenvolvimento de um sistema de contabilidade de custos (NN).

Estamos iniciando a unidade 3 (VM). Na unidade 1 (NN), nós conversamos sobre os fundamentos da contabilidade de custos (NN), explicamos os usos dos dados da contabilidade de custos (NA); além de descrevermos o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira (NA). Na unidade 2 (NN) discutimos os conceitos básicos (NN), ou seja, a terminologia e a classificação em custos (NN).

Já sabemos que a primeira preocupação da Contabilidade de Custos (NA) é o cálculo do custo do produto (NN) para avaliarmos estoques (NN) e para apurar o lucro por ocasião das vendas do produto (NN). Além, é claro, esse cálculo do custo por produto (VM) proporciona o estabelecimento do preço final (IA), entre outras funções da contabilidade de custos (IA) já discutidas na primeira unidade (VA).

¹⁷ \emptyset = Símbolo representativo de ‘Sujeito Nulo’.

Agora que temos um entendimento desses conceitos fundamentais (IA) vamos começar a discutir os três elementos de custos (NN).

O custo total para um produto acabado (NN) consiste nos gastos feitos em matérias prima (IA), mão-de-obra direta (IA) e custos indiretos de fabricação (IA) gerados pelas atividades de produção (IA). Assim, nas próximas unidades (NN) iremos discutir: Registro de Operações (NN), Custos com Materiais (NN), mão-de-obra (NN), e outros custos (IA). Nesta unidade (VA), especificamente, iremos discutir o custo com matéria prima e material direto (NA).

Unidade 3 (VM) - Registro de Operações (VM) e Custos com Materiais (VM)

- Matérias-primas (NA) e componentes diretos: aquisição, estocagem e consumo. (NN)
- Tratamento contábil dos impostos na compra de matérias-primas. (NN)
- Critérios de avaliação (NN) e custeio de estoques. (NN)
- Composição do custo industrial, produção e a venda de produtos industriais. (NN)
- Contabilização (NN). Tratamento legal dos impostos na venda de produtos acabados (NN). Apuração do resultado (NN).
- Formação do preço de venda de produtos industriais. (NN)

Os objetivos básicos desta unidade (NA) são:

- Reconhecer os aspectos básicos de controle de materiais (NA);
- Especificar os procedimentos de controle interno para materiais (NA);
- Contabilizar materiais (NA) e relacionar a contabilidade de materiais com o razão geral (NA).

Para que o seu entendimento (IA) seja completo (IA) recomendo que você (VA) leia:

Martins, Eliseu. *Contabilidade de Custos*. 9^a. ed. São Paulo: Atlas, 2003. P. 116 a 131; (NE)
 Megliorini, Evadir: Custos: Analise e Gestão. São Paulo: Pearson, 2006. Pgs. 20 a 31 (NE)
 Bruni, Adriano Leal; Fama , Rubens. Gestão de Custos e Formação de Preços. São Paulo: Atlas, 2002. Paginas 49 a 91 (NE)

Quero enfatizar que essas (VA) são as bibliografias recomendadas (NE), entretanto, existem outras (IA) que podem ser utilizadas por você (VA).

A medida que você for lendo vá anotando os principais pontos (IA), suas dúvidas (IA), seus questionamentos (IA). Tome nota (NN) de suas dúvidas (IA), e faça perguntas (IA), por meio do correio acadêmico (NN), endereçadas ao professor/tutor (NN). Ø (VA) Estaremos prontos a ajudá-lo (VA) no que for necessário. Feito isso vá até a Atividade 3 (NN) e responda, sempre com a mesma vibração e alegria (NN). Use o Fórum (NN) (entre no ambiente do curso na Internet (VM) e clique na indicação dessa ferramenta (IA)) e aproveite para trocar ideias com seus colegas (NN). Com certeza, todos (VA) serão beneficiados. Encaminhe suas questões (IA) que terei o maior prazer (NN) em responder. No espaço virtual (NN) existe um recurso chamado “Centro de Recursos” (NN), lá (VA) estão postados vários arquivos em PPT (NE) que poderão te (VA) ajudar a compreender melhor nossa disciplina (VA).

ANEXO J – UNIDADE IV DA DISCIPLINA CUSTOS CONTÁBEIS

UNIDADE IV (NN) Custos Contábeis (NN)

Caro(a) Aluno(a), (NN)

Até aqui (INA) você (VM) que realizou todas as atividades (INA) está de parabéns. Vamos lá!!! Já estamos iniciando a unidade 4 (VM). Na unidade 1 (NN), nós (VA) conversamos sobre os fundamentos da contabilidade de custos (NN), explicamos os usos dos dados da contabilidade de custos (NN); além de descrevermos o relacionamento entre a contabilidade de custos e a contabilidade financeira (NN). Na unidade 2 (NN) discutimos os conceitos básicos (NN), ou seja, a terminologia e classificação em custos (NN). Já na unidade 3 (NN) discutimos o custo de transformação (NN), começamos a discutir os três elementos de custos (NN), quando discutimos o material direto (NN), o registro de Operações e Custos com Materiais (NN), mão de obra direta (NN) e custos indiretos de fabricação (NN) gerados pelas atividades de produção (NN).

Nesta última unidade (VA) iremos discutir o registro de Operações (NN) e Custos com mão-de-obra (NN).

Os custos da mão-de-obra (VM) para os empregados (NN) que trabalham diretamente no produto fabricado (IA) como os operadores de máquinas (NN) ou trabalhadores da linha de montagem (NN) é classificado como sendo custo de mão-de-obra direta (NA). Os ordenados e salários de empregados (NN) que são necessários para o processo de manufatura (IA), mas que não trabalham diretamente nas unidades em fabricação (NN) são considerados como custos de mão-de-obra indireta (NA). Essa classificação (VA) inclui os ordenados (NN) e salários dos chefes de departamentos (NN), inspetores (NN), pessoal de manuseio de material (NN), entre outros (IA).

Assim nesta última unidade (VM) vamos discutir:

Unidade IV (VM) - Registro de Operações (VM) e Custo com Mão-de-obra (VM)

- O cálculo de salários (NN), a elaboração de folha de pagamento (NN) e a contabilização (NN).
- O cálculo dos encargos sociais (NN), das provisões (IA) e a contabilização (VM)
- A determinação do custo da mão-de-obra (NN).
- A produtividade (NN), a eficiência (NN) e o rendimento da mão-de-obra (NN).
- O impacto no custo homem/hora referente à concessão de benefícios (NN) para aumento da motivação e da produtividade da mão-de-obra (IA).

Os objetivos básicos desta última unidade (NA) são:

- Especificar os procedimentos de controle de custos de mão-de-obra (NA);

- Contabilizar os custos de mão-de-obra (VM) e os encargos sobre folha de pagamento (NA);
- Contabilizar os problemas especiais do custeio de mão-de-obra (NA).

Para que o seu entendimento (IA) seja completo (IA) recomendo que você (VA) leia:

MARTINS, Eliseu. *Contabilidade de Custos*. 9^a ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 133 até a 143; (NE)

Quero enfatizar que essas (VA) são as bibliografias recomendadas (NE), entretanto, existem outras (IA) que podem ser utilizadas por você (VA).

A medida que você for lendo vá anotando os principais pontos (IA), suas dúvidas (IA), seus questionamentos (IA). Tome nota (NN) de suas dúvidas (IA), e faça perguntas (IA), por meio do correio acadêmico, endereçadas ao professor/tutor (NN). Estaremos prontos a ajudá-lo (VA) no que for necessário.

Feito isso vá até a Atividade 4 (NN) e responda, sempre com a mesma vibração e alegria (NN). Use o Fórum (NN) (entre no ambiente do curso na Internet (VM) e clique na indicação dessa ferramenta (IA)) e aproveite para trocar ideias com seus colegas (NN). Com certeza, todos (IA) serão beneficiados. Encaminhe suas questões (IA) que terei o maior prazer (NN) em responder.

No espaço virtual (NN) existe um recurso chamado “Centro de Recursos” (NN), lá (VA) estão postados vários arquivos em PPT (NE) que poderão te (VA) ajudar a compreender melhor nossa disciplina (VA).

ANEXO K – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA PROCESSOS INTERACIONAIS: usuário X COMPUTADOR

APRESENTAÇÃO (NN) Processos Interacionais: Usuário X Computador (NN)

BOAS-VINDAS (NN)

Caro(a) aluno(a) (NN),

Seja bem-vindo à disciplina Processos Interacionais: Usuário X Computador (NA), em que estudaremos alguns conceitos básicos (NSN) do projeto de interfaces homem-máquina (NA), isto é, do projeto dos mecanismos de interação (NN) entre o usuário (homem) (NSN) e o computador (máquina) (NSN). **Esses mecanismos (VA)** incluem telas (NSN), relatórios (NSN), sistemas de ajuda (NSN), formulários (NSN) e muito mais.

Saber projetar **boas interfaces (NA)** é fundamental, pois **a interface (NA) é a parte mais importante de qualquer sistema de computador (IA)**. Para a maioria dos usuários (NN), **ela (VA)** é o sistema (NN). Composta por **textos (NSN)**, ícones (NSN), menus (NSN), campos de formulários (NSN), botões (NSN), tabelas (NSN) e muito mais, **a interface (VM)** é o (VM) que o usuário (VM) vê ou controla nos softwares (NN). Para esse **controle (NA)**, usa os **dispositivos de entrada (NN)** (teclado (NSN), mouse (NSN), microfone (NSN), etc.) e os **dispositivos de saída (NN)** (monitores (NSN), caixas de som (NSN), impressoras (NSN), etc.). **O resto (IA)** é abstrato, invisível, automático. **Um usuário (VM)** nem sempre sabe ao certo o que acontece entre o momento (NN) em que pressiona um botão (NN) e o momento (VM) em que o resultado dessa ação (VA) é apresentado, mas a qualidade das representações na interface (NN) deve levá-lo (VA) a compreender se seu objetivo (IA) foi alcançado.

Mas saber projetar **boas interfaces (VM)** é **algo muito mais complexo (IA)** do que saber desenhar **elegantes telas de softwares (NN)**. Além de contar com **uma boa dose de criatividade (NN)** e **bom gosto (NSN)**, o **projetista (NN)** deve conhecer **as diretrizes de programação visual (NN)**, de **usabilidade (IA)** e de **acessibilidade (IA)** e **as restrições tecnológicas (NN)**. E, é claro, também deve conhecer a fundo o **processo de interação (NN)** planejado para o **software a ser desenvolvido (NN)**. Como **criatividade (VM)** e **bom gosto (VM)** levam mais tempo (NSN) para serem desenvolvidos, nos (VA) concentraremos nesta disciplina (VA) nas **tais diretrizes (VA)** e no **processo de interação (VM)**.

Espero que ao **final do semestre (NSN)**, você (VA) esteja apto a fazer **qualquer tipo de interface (NN)**, seja **de um software para desktop (IA)**, **de uma aplicação web (IA)** ou **de um aplicativo mobil (IA)**, mas para chegarmos lá, **sua participação (VA)** e **seu comprometimento (VA)** são essenciais (NSN).

Um abraço (NN),

Professor Douglas Ritch(NN)

ANEXO L – UNIDADE I DA DISCIPLINA PROCESSOS INTERACIONAIS: USUÁRIO X COMPUTADOR

UNIDADE I (NN) Processos Interacionais: Usuário X Computador (NN)

CONTEÚDO DA UNIDADE (NA)

Caro(a) aluno(a) (NN),

Nesta unidade(VA), abordaremos:

- Os conceitos do design de interação (NN)
- As metas do design de interação (NA)
- O processo do design de interação (NA)

OS CONCEITOS DE DESIGN DE INTERAÇÃO (VM)

Design de interação (VM) é o projeto da forma (NN) como as pessoas (NN) usarão produtos e serviços interativos (NN). A partir de uma especificação (NN) do que o produto ou serviço (NN) deve fazer, o designer de interação (NA) projetará a melhor forma desse produto ou serviço (VA) ser usado, considerando as características (IA), desejos (IA) e restrições dos seres humanos (NN). O objetivo final (NN) é tornar o produto ou serviço (VM) fácil de ser usado e, por que não, também prazeroso.

O termo design de interação (NN) foi criado na década de 80 por Bill Moggridge (NN), mas a idéia de produtos interativos (NN) é muito mais antiga. Para alguns profissionais da área (IA), a década de 60 (NN) é a marca do início dos projetos de interação (VA), pois foi quando começaram a ser criados os produtos digitais (NN). Outros (IA) preferem datas bem mais antigas (IA), pois entendem que o design de interação (VM), mesmo que ainda não fosse reconhecido como uma disciplina (VA), existe desde que as pessoas (VM) começaram a se preocupar com a facilidade de uso das coisas (NN).

Para entender mais sobre design de interação (VM), veja a apresentação dos professores Karine Drumond e Leandro Alves (NN) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo//material_pr/design/00/02/index.html). (NE)

O design de interação (VM) é parte do design de experiências (NN). Jesse James Garret (NN) criou um diagrama (NN) que apresenta as relações entre as diversas atividades relacionadas ao design de experiências (NA) e, entre elas (VA), o design de interação (VM) e o design de interfaces (VM) (Disponível em: http://www.jjg.net/elements/translations/elements_pt.pdf) (NE). Observe no diagrama (VA), em particular, como o design de interação (VM) é realizado a partir das especificações funcionais (IA) e como é a base para o design de interfaces (IA).

Como o diagrama de Jesse James Garret (VM) sugere, é impossível que o design de experiências (VM), e mesmo o design de interação (VM), seja realizado por uma só pessoa (NN). São necessários profissionais de diferentes áreas (NN), com diferentes conhecimentos (IA) e habilidades (IA), para se realizar um bom projeto (NN). Algumas das áreas desses

profissionais (IA) são: informática (NSN), design gráfico (NSN), ergonomia (NSN), psicologia (NSN), sociologia (NSN), antropologia (NSN) e gestão de projetos (NSN).

AS METAS DO DESIGN DE INTERAÇÃO (VM)

Enquanto o engenheiro de produto (NN) (ou engenheiro de software no caso da informática (VA)) se (VA) preocupa com as funcionalidades do produto (NN), ou seja, com a sua utilidade (IA), cabe ao designer de interação (VM), se (VA) preocupar com a forma de uso (IA), ou seja, com a usabilidade (IA).

Podemos entender a utilidade de um produto (NN) por o (VA) que ele (VA) faz, isto é, pelo conjunto de recursos (NN) que oferece. Já a usabilidade (VM) implica no como os recursos (NN) são usados – por quem (IA), quando (IA), onde (IA), etc. Um produto (VM) para ser bem aceito pelo mercado (IA) deve ser tanto útil quanto usável.

Para conhecer um pouco mais sobre usabilidade (NA), recomendo a apresentação do professor Caio César (NN) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo/material_pr/design/00/05/index.html) (NE).

Assista também ao vídeo (NN) em que o professor Caio César (VM) detalha as metas da usabilidade (NA) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo//material_pr/design/00/04/index.html). (NE)

Recapitulando o que está apresentado no vídeo (VA), a usabilidade (VM) pode ser entendida como a facilidade de uso (NN) e, para ser fácil de ser usado, um produto (VM) deve ser:

- Eficiente
- Fácil de ser aprendido
- Fácil de lembrar como deve ser usado
- Seguro

Um segundo conjunto de metas do design de interação (NN) está relacionado à qualidade da experiência do usuário (NN). Esse conjunto de metas (VA) deriva da meta satisfação do usuário (NN) que completa o conjunto anterior (VA), mas que diversos autores (NN) preferem abordar separadamente, dada a quantidade de formas de interpretação do que seja satisfação do usuário (NN). De acordo com Jennifer Preece, Yvonne Rogers e Helen Sharp (NN), um produto interativo (NN), para oferecer uma boa experiência ao usuário (NN), deve ser:

- Satisfatório
- Agradável
- Divertido
- Interessante
- Útil
- Motivador
- Esteticamente apreciável
- Incentivador de criatividade
- Compensador

- Emocionalmente adequado

Veja um pouco mais sobre as metas do design de interação na apresentação dos professores Karine Drumond e Leandro Alves (http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo/material_pr/actualizacao/design_intera/00/03/index.html). Mais ao fim do curso, veremos como avaliar se as metas de usabilidade, mesmo as mais subjetivas, foram alcançadas por um produto interativo. (NE)

O PROCESSO DO DESIGN DE INTERAÇÃO (VM)

Partindo da especificação das funcionalidades esperadas (NA), o processo de design de interação (VM) envolve quatro atividades básicas (NN):

5. Estabelecer os requisitos de interação (VA)
6. Elaborar as modelagens conceitual e física (VA)
7. Prototipar
8. Avaliar

As principais características desse processo (VA) são: (1) o processo é interativo (IA), ou seja, a cada ciclo (VA), detalhamos e ampliamos cada etapa (VA), criando protótipos cada vez mais completos (VA), e (2) os usuários (VM) devem estar envolvidos em todo o processo (VA).

Na primeira etapa do processo, **estabelecimento de requisitos (VA)**, fazemos uma análise dos usuários (NN) e de suas tarefas (IA) para estabelecermos os requisitos de usabilidade e de experiência do usuário (NN) (ligados às metas apresentadas anteriormente (VA)). Esses requisitos (VA) servirão como um contrato com o cliente sobre a forma de uso do produto (VA). Na segunda etapa, **modelagem conceitual e física (VA)**, criamos o design conceitual (NN), que diz como será a interação com o produto (VA), e o design físico (VA), que é a interface com o produto (VA). As duas últimas etapas, **prototipação e a avaliação (VA)**, são interdependentes (VA). Os protótipos (NN) são versões funcionais do produto utilizadas para avaliação do trabalho até então realizado (NN). Os protótipos (VM) são desenvolvidos já se tendo em mente o que deve ser avaliado.

Assista ao vídeo (em inglês) do projeto de um novo carrinho de compras pela IDEO (NN) (Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=M66ZU2PClC>) (NE) e tente identificar no filme (VA) cada uma das quatro etapas do processo de interação (VA). Você também pode ver a apresentação dos professores Karine Drumond e Leandro Alves sobre o processo de interação (NN) (Disponível em: http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo/material_pr/actualizacao/design_intera/00/02/index.html) (NE), mas na sua abordagem (IA), direcionada a designers (IA), eles (VA) trabalham com apenas três etapas no processo de interação (NA), entendendo que a modelagem (NN) é parte da prototipação (ou vice-versa) (NA). Porém, tentando evitar o risco (NN) de se programar algo ainda mal modelado (NN) (isso (VA) é comum entre os profissionais da área de informática (IA)), estudaremos o processo (VM) com quatro etapas (IA).

LEITURA COMPLEMENTAR (NN)

Capítulo 1 do livro: PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. **Design de interação: além da interação homem-computador** . Porto Alegre, RS: Bookman, 2005 (NN) (disponível na biblioteca da UNAB). (NE)

ANEXO M – UNIDADE II DA DISCIPLINA PROCESSOS INTERACIONAIS: USUÁRIO X COMPUTADOR

UNIDADE II (NN) Processos Interacionais: Usuário X Computador (NN)

CONTEÚDO DA UNIDADE (NA)

Caro(a) aluno(a) (NN),

Nesta unidade (VA), abordaremos:

- Design centrado no usuário (NN)
- Análise de contexto (NN)
- Estabelecimento de Requisitos (NN)

DESIGN CENTRADO NO USUÁRIO (VM)

Como foi apresentado na unidade I (NA), o design de interação (NN) tem como objetivo (NN) projetar a forma como as pessoas (IA) usarão os produtos interativos (IA). Para isso, os designers de interação (NA) devem compreender as necessidades e as características das pessoas (NN), além dos contextos em que usarão o produto (IA), ou seja, os designers (VM) devem conduzir todo o projeto com o foco no usuário (NN).

Essa forma de trabalhar (VA) foi formalmente chamada de **Design Centrado no Usuário (VM)** por Donald Norman na década de 80 (NN). De acordo com ele (VA), o Design Centrado no Usuário (VM) é “uma filosofia baseada nas necessidades e interesses do usuário (NN), com ênfase (NN) em “fazer produtos usáveis e inteligíveis(NN)” (NORMAN, Donald. *The Design of Everyday Things*. Nova York: Basic Books, 1988). (NE)

Veja algumas outras definições de Design Centrado no Usuário no blog de Marcello Cardoso (NN) (Disponível em: <http://www.mcardoso.com.br/design-centrado-no-usuario/>) (NE). Veja também a explicação da importância do Design Centrado no Usuário no artigo de Robson Santos para o Webinsider (NN) (Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2003/10/15/a-necessidade-do-design-centrado-no-usuario/>). (NE)

Jennifer Preece (NN), Yvonne Rogers (NN) e Helen Sharp (2005) (NN) enfatizam que a base da abordagem centrado no usuário (NN) é o foco no usuário e nas tarefas desde o princípio (IA). Isso significa entender quem serão os usuários (NA), estudando suas características cognitivas (IA), comportamentais (IA), antropomórficas (IA) e suas atitudes (IA). E o primeiro passo para isso (VA) é um pouco de entendimento acerca dos fatores humanos (IA).

Assim (VA), antes de prosseguir, leia o texto sobre fatores humanos (NN). Em seguida, assista à apresentação da Profa. Simone Nogueira sobre sentidos, ações e reações (NN) (http://ead13.virtual.unabmg.br:8080/conteudo/material_pr/atualizacao/design_intera/02/01/index.html). (NE)

ANÁLISE DE CONTEXTO (VM)

Devemos realizar **duas atividades (NN)** antes de começar a projetar **um produto interativo** qualquer (NN). A primeira (IA) “consiste em entender o máximo possível **os usuários (NA)**, seu **trabalho (IA)** e **o contexto desse trabalho (NA)**, de forma (NN) que o sistema em desenvolvimento (NN) possa fornecer-lhes (VA) suporte na realização dos objetivos traçados (NN)” (PREECE (VM), ROGERS (VM), SHARP, 2005 (VM), p.222). A segunda (IA) consiste em estabelecer **um conjunto de requisitos (NN)** para que se possa pensar **o design da interação (VM)** e, em seguida, da **interface (IA)**. Trataremos da primeira atividade aqui (NA) e da segunda (IA) na próxima unidade (INA).

Se não houver **uma compressão clara** dos usuários e suas tarefas (NN), há **um grande risco (NN)** de o produto (NN) não atender às necessidades dos usuários (NN) ou de ser **ignorado** pelos usuários (IA) (talvez pela existência de um produto concorrente melhor (NN)). Em qualquer caso, **o esforço de desenvolvimento (NN)** é desperdiçado, a **equipe (NN)** fica frustrada e, eventualmente, têm **sua competência (IA)** questionada.

Preece (VM), Rogers (VM) e Sharp (2005) (VM) acreditam que se **os usuários (VM)** forem ouvidos e compreendidos, especialmente se levarmos em consideração **o contexto em que realizam suas tarefas (IA)** – as **pressões (IA)**, as **interferências (IA)**, os **recursos disponíveis (IA)**, etc (IA). –, teremos **uma chance maior (NN)** de sermos **bem sucedidos** em nossos projetos (IA).

Para entender melhor o que se espera num **estudo (NN)** assim, leia o documento **Análise de Contexto (NN)** desta unidade (VA) antes de prosseguir para o **estudo dos requisitos (NA)**. Você (VA) também encontrará **um artefato disponível (NN)** para realizar **esse trabalho (VA)**.

ESTABELECIMENTO DE REQUISITOS (VM)

Com **o conhecimento** das necessidades dos usuários (NN), **das suas características (IA)**, **das suas tarefas (IA)** e **do contexto (IA)**, é possível estabelecer **os requisitos** para o **produto (NA)**. **Essa (VA)** é **uma atividade crítica** para o **sucesso** do **produto (NN)**, pois **os requisitos (VA)** definem como o **produto (VM)** será – o que fará e como fará.

Leia **o texto Requisitos** desta unidade (NN) e, em seguida, preencha **o artefato de requisitos (NN)**. **Esse artefato (VA)** é **uma simples listagem** dos requisitos pensados e de alguns de seus **atributos (NN)**. Deixaremos a descrição dos casos de uso para a próxima unidade (NN).

LEITURA COMPLEMENTAR (NN)

Capítulo 7 do livro: PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. **Design de interação**: além da interação homem-computador. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005 (NN) (disponível na biblioteca da UNAB) (NE).

PRIMEIRA ETAPA DO PROJETO APLICATIVO (NN)

Ao longo do curso, **os alunos (VM)** devem desenvolver **um projeto de interface (NN)** para aplicar **seus novos conhecimentos e habilidades (IA)**. O tema do projeto (NA) é a falta de “Memória Eleitoral” do brasileiro (IA).

Cada grupo (INA) deverá produzir o projeto de interface (VM) para um site (preferencialmente *mobile*) (IA) para tentar resolver/minimizar o problema (IA).

Este projeto (VA) será feito em grupos de 4 a 6 alunos (NN) e começará com a próxima unidade (VM). Até o início do projeto (NA), recomendo que você (VA) faça duas coisas (NN):

(1) Busque constituir um grupo de trabalho com seus colegas (INA). Isso poderá ser feito através do fórum de preparação do projeto (NN).

(2) Obtenha um pouco mais de informação sobre o tema (IA). Converse com amigos, familiares e colegas (NN) e veja como se comportam diante do problema (IA).

Através do fórum de preparação do projeto (VM) e do primeiro chat (NN), tentaremos tirar as eventuais dúvidas (NN) que surgirem.

ANEXO N – UNIDADE III DA DISCIPLINA PROCESSOS INTERACIONAIS: usuário x computador

UNIDADE III (NN) Processos Interacionais: Usuário X Computador (NN)

CONTEÚDO DA UNIDADE (NA)

Caro(a) aluno(a), (NN)

Nesta unidade (VA), abordaremos:

- Modelagem Conceitual (NN)
- Modelagem Física (NN)

INTRODUÇÃO (NN)

A partir da especificação de requisitos (NN), já é possível começarmos a pensar no projeto (NN). A primeira atividade (NN) que devemos fazer é a modelagem conceitual da interação (NA), que é a transformação dos requisitos (NA) em uma descrição (NN) de como deve ser a interação do usuário com o sistema (NN). A segunda atividade (NN) é a modelagem física (VM), que é o projeto das telas (NN) e outros elementos de interface (NN) através dos quais (VA) ocorrerá a interação (NA).

MODELAGEM CONCEITUAL (VM)

Adotaremos o Modelo de Casos de Uso (NN) como forma de modelagem conceitual (NA). Acredito que a maior parte dos alunos (NN) já tenha estudado casos de uso (VM), mas, se isso (VA) não for o seu caso (IA), você (VA) deve ler sobre o assunto (IA) no livro de Eduardo Bezerra, “Princípio de Análise e Projeto de Sistemas com UML” (NN), (disponível na biblioteca ou qualquer outro de UML (NE)). Há também muita informação pública na Web sobre Casos de Uso (NE).

Ø¹⁸ (VA) Recomendo que, mesmo que você (VA) já tenha trabalhado com casos de uso (VM), leia o texto “Casos de Uso” (NN) desta unidade (VA), para refrescar a memória (NSN).

Nosso modelo (VA), porém, conterá uma modificação em relação ao modelo clássico de casos de uso (IA) – definiremos qual paradigma de interação (NN), qual modo de interação (NN) e quais metáforas de interação (NN) adotaremos. Para entender um pouco mais sobre o que é isso (VA), leia o texto “Modelo Conceitual” (NN) desta unidade (VM).

O seu modelo conceitual (VA) deve ser apresentado através do “Artefato 4 – Modelo Conceitual de Interação” (NN). Como habitual, esse artefato (VA) é acompanhado de um roteiro de preenchimento (NN).

MODELAGEM FÍSICA (VM)

¹⁸ Ø – Símbolo indicativo de ‘sujeito nulo’.

A modelagem conceitual (VM) nos dará uma descrição completa e detalhada (NN) de como será a interação do usuário com as diversas funções do sistema (NN). A partir disso (VA), podemos já projetar as telas e outros elementos de interface (NN).

Basicamente, o (VA) que discutiremos sobre modelagem física (VM) é uma série de recomendações (IA) sobre como desenhar telas (VM). Nossa abordagem (VA) está dividida em três partes:

- Diretrizes de usabilidade (NN) – conjunto de recomendações sobre a apresentação de informação ao usuário (IA), de tal forma a garantir a facilidade de uso (NN), a redução de erros (NN), o aumento de produtividade (NN) e, por que não, a satisfação do usuário (NN).
- Princípios de design gráfico (NN) – regras básicas sobre a composição visual (IA), que nos permitem criar uma percepção (NN) de que as coisas (NN) estão relacionadas ou separadas (IA), além de algumas dicas sobre o uso de cores, de fontes e de imagens (NN).
- Componentes de interface (NN) – elementos utilizados na construção de telas (IA), como botões (IA), campos de texto (IA), rótulos (IA), calendários (IA), etc. (IA).

O modelo físico do seu projeto (NA) deve ser apresentado através do “Artefato 5 – Modelo Físico de Interação” (NN). Note que ainda não Ø (VA) estamos falando de implementação (NN). Você (VA) precisará apenas apresentar o desenho das telas (NA), que pode ser feito através de qualquer software de desenho (NN). De posse desse modelo físico (VA), poderemos, na próxima unidade (INA), construir o primeiro protótipo do sistema (NN).

BIBLIOGRAFIA (NN)

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. **Design de interação: além da interação homem-computador**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. (NN) (disponível na biblioteca da Universidade Aberta de Minas Gerais (NE)).

NIELSEN, Jakob. **Usability Engineering**. San Francisco: Morgan Kaufmann, 1993. (NN)

BEZERRA, Eduardo. **Princípios de Análise e Projeto de Sistemas com UML**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. (NN)

WILLIAMS, Robin. **Design para Quem Não é Designer**. 2.ed. São Paulo: Callis, 2005. (NN)

ETAPA 2 DO PROJETO APLICATIVO (NN)

Cada grupo (INA) deve apresentar agora os modelos conceituais e físicos (VM) de seus projetos (INA), através dos artefatos 4 e 5 (VM), respectivamente.

A entrega dos trabalhos (IA) será feita usando o recurso de grupos do Moodle (NN), para que a correção (IA) seja visível automaticamente (IA) a todos os membros do grupo (INA). Caso você (VA) ainda não tenha seu grupo formado (INA), entre em contato com a tutora (NN), pois o acesso à atividade (NN) será restrito a grupos cadastrados (INA).

Se você (VA) não fez a primeira etapa do projeto (artefatos 1, 2 e 3) (NN), você (VA) pode continuar. a partir dos gabaritos publicados (INA). Da mesma forma que anteriormente, teremos um fórum específico para discussão (NN) dessa etapa do projeto (VA).

Bom trabalho a todos (NN).

ANEXO O – UNIDADE IV DA DISCIPLINA PROCESSOS INTERACIONAIS: usuário x computador

UNIDADE IV (NN) Processos Interacionais: Usuário X Computador (NN)

CONTEÚDO DA UNIDADE (NA)

Caro(a) aluno(a), (NN)

Nesta unidade (VA), abordaremos:

- Prototipação (NN)
- Avaliação (NN)

PROTOTIPAÇÃO (VM)

Um protótipo (NN) é uma simulação ou uma versão incompleta do produto ou sistema (IA), útil para se transmitir uma ideia (NN) ou se validar uma proposta (NN). Protótipos (VM) devem ser criados durante todo o processo de desenvolvimento do software (IA), seja para esclarecer os requisitos (NN), validar o design conceitual (NN) ou experimentar a interação no design físico (NN).

Também são com os protótipos (VM) que fazemos os testes com os usuários (NN). Como os protótipos (VM) são rápidos e baratos (IA), ainda é possível fazer, no projeto (NN), os ajustes sugeridos pelos testes (NN). Se estivéssemos com a versão acabada do produto (NN), isso (VA) seria, no mínimo, mais caro (IA).

Leia, nesta unidade (VM), o texto sobre prototipação (NN) e também veja a seção 8.2 do livro de Design de Interação de Preece, Rogers e Sharp (2005) (NN).

AVALIAÇÃO (NN)

A avaliação de usabilidade de uma interface (NA) permite assegurar que o produto (VM) é usável (IA). No texto sobre avaliação (NN), você (VA) verá três abordagens para a avaliação (NA):

- Avaliação por listas de conferência (NA)
- Avaliação com especialistas (NA)
- Testes com os usuários (NA)

Cada forma de avaliação (NA) tem suas vantagens (IA) e suas aplicações (IA) e elas (VA) são técnicas complementares (NA), de tal forma (VM) que dificilmente uma (IA) substitui a outra (IA). Além disso, estabelecemos no início da disciplina (INA) que o Design de Interação (NN) é uma forma de Design Centrado no Usuário (NA). Isso (VA) significa que devemos manter sempre o usuário envolvido (NN), inclusive na avaliação (VM), ou seja, os testes com os usuários (VM) são indispensáveis (IA).

Devemos fazer **as avaliações (VM)** o tempo todo, **desde o início do projeto (NA)**, quando estabelecemos **os requisitos (VM)**, e passando pelos **modelos de design (NA)**. **Dessa forma (VA)**, estaremos sempre seguros para passarmos à **etapa seguinte (NN)**.

Apenas tome cuidado para não confundir **avaliação de usabilidade (NA)** com **testes de softwares (NN)**, onde o que se procura não é avaliar **a usabilidade (NN)**, mas encontrar **erros (bugs) de software (NN)**.

BIBLIOGRAFIA (NN)

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. **Design de interação**: além da interação homem-computador . Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. (NN) (disponível na biblioteca da UNAB (NE)).

NIELSEN, Jakob. **Usability Engineering**. San Francisco: Morgan Kaufmann, 1993. (NN)

TRABALHO FINAL (NN)

No ambiente virtual (NN) **você (VA)** encontrará **um protótipo (VM)** que criei para **o sistema proposto na disciplina – Memória Eleitoral (NN)**. **Seu grupo (INA)** deve fazer **uma avaliação desse protótipo (VA)** usando **o conjunto de listas de conferência ErgoList (NN)** (disponível em <http://www.labiutil.inf.ufsc.br/ergolist/check.htm> (NE)).

Os resultados da sua avaliação (NA) devem ser transcritos para **o formulário disponibilizado no ambiente virtual (NN)**, para que possamos fazer **a correção (IA)**, mas **todas as informações necessárias (IA)** sobre como responder **cada uma das 18 listas de conferência (NA)** e **suas diversas questões (IA)** estão disponíveis **no site do Ergolist (NA)**.

ANEXO P – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA SUS: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

APRESENTAÇÃO (NN)

SUS: Processos Organizacionais (NN)

Prezado(a) aluno(a) (NN),

É com alegria (NN) que damos boas-vindas (NN) à segunda turma do curso virtual (NN) oferecido pelo curso de Enfermagem (NN).

Nosso objetivo (IA) é oferecer a você (VA) a oportunidade (NN) de, ao longo deste curso (VA), aumentar sua visão crítica (IA) a respeito de temáticas (NN) que abordem o sistema de saúde pública no Brasil (NN) representado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (NSN), além de lhe (VA) apresentar a estrutura organizacional desse sistema (VA).

O Brasil (NSN) é hoje um dos mais importantes países (VA), que oferta serviços de saúde (público e privado) (NN), à sua população (IA).

Veremos que o serviço de saúde pública brasileiro (NN) oferece uma proposta complexa (NN): oferecer a todos os cidadãos (IA), sem exceção, uma política de atenção (NN) que cumpra, gratuitamente, todas as suas necessidades (IA).

Veremos que esta meta (VA) é desafiadora e, para sua realização (IA), se faz necessária a participação de todos os envolvidos no processo (NN): usuários (NA), profissionais (NA), gestores (NA) e cidadãos (NA).

Nosso desafio (IA) é demonstrar aqui a participação de todos (IA), em especial do profissional da enfermagem (NN), na busca e na construção de um sistema mais justo e democrático (IA).

Contamos com a colaboração de todos (IA) para trazerem às discussões sua experiência (IA): como profissional (VM), como usuário (VM) ou como cidadão (VM) que faz parte deste sistema (VA).

Desejamos que, ao final do curso (NA), tenhamos conseguido mais defensores do Sistema Único de Saúde (NN), que ainda não é o (VA) que esperamos, mas é o reflexo de uma nação (NN) que busca justiça (NN) e igualdade social (NN).

Obrigado a todos (IA).

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

ANEXO Q – UNIDADE I DA DISCIPLINA SUS: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

UNIDADE I (NN) SUS: Processos Organizacionais (NN)

Prezado (a) Aluno (a) (NN),

Antes de começarmos **nosso curso (VA)** pense: “O que é **saúde (NN)?**”; “Como é organizado o **atendimento (NN)?**”; “**Todos (IA)** temos **direito a saúde (IA)**, sempre foi assim?”.

É comum observarmos **nas ruas (NSN)**, **nas unidades de atendimento (NN)** e **na mídia (NSN)** diferentes críticas a respeito do Sistema Único de Saúde (SUS)(NA), **sua abrangência e metodologia de atendimento ao usuário (IA)**.

Observamos frequentemente que a **população e mesmo o corpo de profissionais da saúde (NN)** reclamam que o **SUS (VM)** “é **ruim (IA)**”; “**só funciona no papel (IA)**” ou que “**não tem médico para atender as pessoas (IA)**”.

Essas falas (VA) podem realmente ter **embasamento (IA)**. Entretanto, é freqüente o **usuário (IA)** não saber qual a **via de acolhimento e procedimento (NN)** deve realizar para ter **acesso ao serviço de que necessita (NN)** e de não saber o que realmente é o **SUS (VM)** e sua forma de trabalho (IA).

Começaremos na **Unidade 1(VM)** estudando o **processo de formação histórica do SUS (NN)** e teremos como **objetivo (IA)** determinar como **as políticas passadas influenciaram a formação de uma política pública de atenção à saúde baseada em princípios democráticos e de atendimento integral das demandas dos usuários em todo o território nacional de forma plenamente gratuita (VA)**.

Após compreendermos esse processo de formação (VA) ficarão mais claras as necessidades que demandaram as **diretrizes (IA)** que hoje são os **princípios de funcionamento do SUS (VA)**. E a importância (NN) de compreender e defender o **Sistema de Único de Saúde (VA)**.

Após compreendermos esse processo de formação (VA) ficarão mais claras as necessidades que demandaram as **diretrizes (IA)** que hoje são os **princípios de funcionamento do SUS (VA)**. E a importância (NN) de compreender e defender o **Sistema de Único de Saúde (VA)**.

Textos de Estudo (NN)

TEXTO 1.1: HISTÓRIA DAS POLÍTICAS DE SAÚDE NO BRASIL (NA)

Uma pequena revisão. Marcus Vinícius Polignano (NA)

Disponível em: www.medicina.ufmg.br/internorural/arquivos/mimeo-23p.pdf (NE)

TEXTO 1.2: Lei 8080 de 19 de setembro de 1990. Presente no texto “Coletânea de Normas para o Controle Social no Sistema Único de Saúde”. (NA) (Disponível na área “Centro de Recursos” no ambiente virtual da disciplina). (NE)

TEXTO 1.3: Ministério da Saúde, Brasil. **SUS: Princípios e Conquistas**. Brasília. 2000. 43 p. (NA). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf (NE)

TEXTO 1.4: PASCHE, Dário Frederico e VASCONCELOS, Cipriano Maia de. **O Sistema Único de Saúde**. In : CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). Tratado de saúde coletiva. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. 871p. Capítulo 16, p. 531-562. (NA) (Disponível na biblioteca da Universidade Aberta de Minas Gerais). (NE)

Atividades Avaliativas (NN)

Como forma de avaliação do processo de aprendizagem na Unidade 1 (NN), **você (VA)** deverá realizar **a atividade 1 (NA)**, que estará disponível **na Internet (NN)**, no ambiente virtual (NN), em **data específica (NN)** de acordo com **o cronograma do curso (NN)**.

Bom estudo! (NN)

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

ANEXO R – UNIDADE II DA DISCIPLINA SUS: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

UNIDADE II (NN) SUS: Processos Organizacionais (NN)

Prezados alunos e alunas, (NN)

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Nesta segunda unidade (VA), que começa agora, iremos refletir sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Como forma de dar início ao estudo desses importantes assuntos (VA), apresento-lhes (VA), a seguir, orientações relativas às leituras (NN) e às atividades (IA) a serem realizadas neste momento do curso (INA).

Para garantia de sucesso (NN) em seu percurso acadêmico (IA), sugiro que você (VA) crie e mantenha uma disciplina de estudos (NN). Para isso (VA), determine, na rotina de seus dias (INA), tempo para dedicar-se às nossas leituras (IA). Evite ATRASAR seu cronograma de estudo (IA).

Bons Estudos!!!! (NN)

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

TEXTOS PARA ESTUDO (NN)

LEI ORGÂNICA DA SAÚDE (VM)

Lei 8142 de 28 de dezembro de 1990, presente no texto “Coletânea de Normas para o Controle Social no Sistema Único de Saúde” (NN) (Disponível no “Centro de Recursos”) (NE).

NORMA OPERACIONAL BASICA

NOB/93 (NA) (Disponível em: portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/port_ms_545-93.pdf) (NE)

NOB/96 (NA) (Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1996/prt2203_05_11_1996.html) (NE)

LEVCOVITZ, Eduardo; LIMA, Luciana Dias de e MACHADO, Cristiani Vieira. **Política de saúde nos anos 90: relações intergovernamentais e o papel das Normas Operacionais Básicas.** Ciênc. saúde coletiva [online]. 2001, vol.6, n.2, pp. 269-291. ISSN 1413-8123. (NN) (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n2/7003.pdf>) (NE)

FILME: “POLÍTICAS DE SAÚDE NO BRASIL: UM SÉCULO DE LUTA PELO DIREITO À SAÚDE” Ministério da Saúde do Brasil. (NN) (Disponível no “Centro de Recursos”) (NE)

Atividades Avaliativas (NN)

Como forma de avaliação do processo de aprendizagem (NN) na Unidade II (VM), você (VA) deverá realizar a atividade avaliativa 2 disponível no ambiente virtual de aprendizagem(NA), em data específica (NN) de acordo com o cronograma do curso (NN), sendo esta (VA):

Uma atividade individual (VA) localizada no ambiente “Atividades Fechadas” (NN) conforme cronograma do curso (VM).

Bons Estudos!!!! (NN)

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

ANEXO S – UNIDADE III DA DISCIPLINA SUS: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

UNIDADE III (NN) SUS: Processos Organizacionais (NN)

Prezados alunos e alunas, (NN)

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Todo movimento político e social nas décadas de 70 e 80 (INA), busca definir uma nova forma (NN) de pensar a saúde no mundo e no Brasil (NA), quebrando com a prática assistencialista (NN), com a centralização dos recursos (NN) e com as ações de saúde fragmentadas (NN).

Na segunda unidade (NN) aprendemos sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Nesta terceira unidade (VA) que Ø (VA) começamos agora iremos refletir sobre o processo de reorganização do sistema (NN), os mecanismos legais (NN) para que os princípios de equidade (NN), universalidade (IA) e integralidade (IA) fossem amplamente difundidos entre os gestores, trabalhadores e usuários do sistema (IA), com vistas à melhoria dos indicadores de saúde brasileiros (NN).

TEXTOS DE ESTUDO (NN)

TEXTO: NORMA OPERACIONAL DE ASSISTENCIA A SAÚDE (NA)

Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/01. (NA) (Disponível em: http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/02_0017_M.pdf) (NE)

Norma Operacional da Assistência à Saúde/Sus – NOAS-SUS 01/02. (NA) (Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/noas_2002.pdf) (NE)

GUIMARAES, Raul Borges. **Regiões de saúde e escalas geográficas.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 2005, vol.21, n.4, pp. 1017-1025. ISSN 0102-311X. (NA) (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000400004&lng=pt&nrm=iso)(NE)

TEXTO: PACTO PELA SAÚDE (NA)

Resolução 399 de 22 de fevereiro de 2006. Divulga o Pacto pela Saúde 2006 – Consolidação do SUS e aprova as diretrizes operacionais do referido pacto. (NA) (Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0399_22_02_2006.html) (NE)

Dialogando sobre o pacto pela saúde. (NN) (Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/dialogando_sobre_pacto_pela_saude.pdf) (NE) Atividades Avaliativas (NN)

Como forma de avaliação do processo de aprendizagem (NN) na Unidade III (VM), você (VA) deverá realizar a atividade avaliativa 3 disponível no ambiente virtual de aprendizagem(NA), em data específica (NN) de acordo com o cronograma do curso (NN), sendo esta (VA):

Uma atividade individual (VA) localizada no ambiente “Atividades Fechadas” (NN) conforme cronograma do curso (VM).

Mantenha uma disciplina de estudo e leitura (NN), determine na rotina de seus dias (INA) tempo para dedicação as nossas leituras (IA). Evite ATRASAR seu cronograma de estudo (IA).

Bons Estudos!!!! (NN)

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

ANEXO T – UNIDADE IV DA DISCIPLINA SUS: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

UNIDADE IV (NN) SUS: Processos Organizacionais (NN)

Prezados alunos e alunas, (NN)

Na primeira unidade (NN) conhecemos um pouco da história das políticas de saúde (NA), a evolução da assistência (NA) e a construção do sistema único de saúde brasileiro (NA).

Na segunda unidade (NN) aprendemos sobre a lei orgânica da saúde (NN) e sobre as normas operacionais básicas da saúde (NN).

Na terceira unidade (NN) refletimos sobre o processo de reorganização do sistema (NN), os mecanismos legais (NN) para que os princípios de equidade (NN), universalidade (IA) e integralidade (IA) fossem amplamente difundidos entre os gestores, trabalhadores e usuários do sistema (IA), com vistas à melhoria dos indicadores de saúde brasileiros (NN).

Nesta quarta e última unidade (VA), vamos refletir sobre algumas ferramentas de gerenciamento do sistema de saúde, na perspectiva da construção de um processo de organização de uma rede regionalizada de atenção à saúde (NN) com vistas à consolidação dos princípios de universalidade (NN), equidade (IA) e integralidade das ações de saúde (IA). Também iremos conhecer a carta dos usuários da saúde (NN), que busca empoderar a população na busca de uma assistência de qualidade (IA).

É importante destacar aqui (VA) que, neste momento do curso (INA), iremos refletir sobre o esforço das esferas de governo na instrumentalização do funcionamento do SUS (NN), mas também é necessário percebermos que precisamos defender o Sistema Único de Saúde (NSN), que ainda possui muitas falhas (IA), mas que por sua trajetória (IA), pode ser considerado um ganho para a população brasileira (IA) e que, como cidadãos (NN), devemos conhecer o SUS (VM) para defender que seus propósitos (IA) sejam implementados e respeitados pelos governantes (IA).

TEXTOS DE ESTUDO (NN)

TEXTOS SOBRE: FERRAMENTAS DE GESTÃO (NA)

POLITICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO. (NA)

(Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf) (NE)

REGIONALIZAÇÃO solidária e cooperativa. (NA)

(Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/volume_3_completo.pdf) (NE)

FILME “PACTO PELA SAÚDE” do Ministério da Saúde do Brasil. (NA)

(Disponível em: <http://www.aids.gov.br/tags/estrutura-de-videos/reunioes/palestras>) (NE)

Carta dos Direitos dos usuários da saúde. (VM)

(Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_direito_usuarios_2ed2007.pdf) (NE)

A humanização sob o ponto de vista do Gestor de saúde. Sérgio Braga de Mello. (NA) (Disponível em: <http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/view/19/82>) (NE)

Atividades Avaliativas (NN)

Como forma de avaliação do processo de aprendizagem (NN) na Unidade IV (VM), você (VA) deverá realizar a atividade avaliativa 4 disponível no ambiente virtual de aprendizagem(NA), em data específica (NN) de acordo com o cronograma do curso (NN), sendo esta (VA):

Uma atividade individual (VA) localizada no ambiente “Atividades Fechadas” (NN) conforme cronograma do curso (VM).

Mantenha uma disciplina de estudo e leitura (NN), determine na rotina de seus dias (INA) tempo para dedicação as nossas leituras (IA). Evite ATRASAR seu cronograma de estudo (IA).

Bons Estudos!!!! (NN)

Professora Ana Maria Vasconcelos (NN)

ANEXO U – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA TEXTOS: LEITURA E INTERPRETAÇÃO

APRESENTAÇÃO (NN)

Textos: Leitura e Interpretação (NN)

Boas-vindas!(NN)

Caro(a) aluno(a), (NN)

É com muita satisfação (NN) que desejo a você (VA) boas-vindas (VM) à disciplina **Textos: Leitura e Interpretação (NA)** que, acredito, será bastante útil (IA) tanto para sua formação acadêmica (IA), quanto para suas atividades comunicativas diárias (INA). Essa disciplina (VA) objetiva ajudá-lo(a) (VA) a superar dificuldades (NN) que encontra na leitura de textos diversos (NN), sobretudo de textos acadêmico-científicos (IA). Para alcançar esse objetivo (VA), estudaremos os diferentes fatores (NN) envolvidos na atividade de leitura e na produção de textos (NN). Espero, ao longo da disciplina (VA), que você (VA) desenvolva habilidades e estratégias de leitura necessárias à compreensão de textos de naturezas diferentes (NN).

Iniciaremos a disciplina (VA) discutindo conceitos e noções usuais (NN) que tratam do domínio do curso (NN): leitura (NSN), texto (NSN), sentido (NSN), autor (NSN) e leitor (NSN). Em um segundo momento (NN), confrontaremos as noções do senso comum com os conceitos científicos (NN). Em seguida, estudaremos os tipos de conhecimentos necessários à compreensão dos textos (NN). Uma vez construídos conhecimentos (NA) sobre o (VA) que se previu anteriormente, analisaremos o modo como os textos se constroem (NN), visando perceber os mecanismos de conexão entre os vários enunciados (NN) que compõem um texto (NN) e do texto com outros textos (NN). Ao final da disciplina (VA), refletiremos de maneira teórica e prática sobre a construção da argumentação nos textos (NN), a fim de ampliar suas possibilidades de leitura e interpretação (IA).

A seguir, você encontrará orientações (NSN) que poderão ajudá-lo(a) (VA) a ser bem sucedido em seus estudos (IA).

→ **Por onde começar?**

1. Faça a capacitação tecnológica (NN), mesmo que esteja acostumado a usar o computador (NSN) em suas tarefas diárias (VA). Somente dessa maneira (VA) você (VA) saberá de todos os recursos disponíveis (NN) para esclarecer suas dúvidas (IA), bem como em que ambientes (NN) encontrará as atividades e os textos (NN) referentes a esta disciplina (VA).
2. Acesse e imprima o cronograma da disciplina (NN), pois ele (VA) é seu principal norteador (VA) quanto às datas e aos prazos de entrega de trabalhos e de realização das atividades avaliativas presenciais (NN). Caso haja nesse cronograma (VA) alguma alteração (IA), você (VA) receberá um e-mail (NN) avisando das mudanças (IA) feitas. Por isso, mantenha sua caixa de e-mail com espaço (INA) para receber os comunicados de sua professora e de seu tutor (NN) e mantenha seu endereço

eletrônico atualizado (INA) no cadastro da Universidade Aberta de Minas Gerais (NN).

3. Habitue-se a uma rotina diária (NN):

- abra a página do curso (NN);
- leia os avisos publicados (NN), as instruções apresentadas (NN) e tome conhecimento das novidades (IA);
- leia/estude, com afinco, o material disponibilizado (NN), antes de dedicar-se às atividades avaliativas virtuais (NN). Normalmente, o(a) aluno(a) (VM) tenta realizar as atividades (VA) sem esse importante passo (VA) e muitas dúvidas (NN) surgem;
- após o estudo dos textos básicos (NN), inicie as atividades virtuais (VM), desenvolvendo-as (VA) um pouco a cada dia. Esse procedimento (VA) o(a) (VA) ajudará a realizar um trabalho de melhor qualidade (NN) e permitirá a distribuição de seu tempo de estudo diário (IA) entre as demais disciplinas (NN);
- não acumule dúvidas (NSN): faça perguntas (NSN), por meio do Correio Acadêmico (NN) e nos Encontros On Line (NN).

- Como estudar os conteúdos (NN) que serão abordados nesta disciplina (VA)?

1. Leia, como um todo, cada um dos textos (NA) indicados em cada atividade (NA) proposta, sem parar em palavras desconhecidas (NN) ou trechos incomprensíveis (NN). Essa primeira leitura (VA) o (VA) levará a uma visão ampla do conteúdo (NN) a ser estudado;

2. Faça uma segunda leitura (NN), agora, assinalando os pontos (NN) que julgar mais relevantes (NN) – de uma cor diferente ou destaque (NN) – e suas dúvidas (quanto ao vocabulário, entendimento etc.) (IA) – de uma cor ou destaque diferente (VM) do item anterior (VA);

3. Procure, agora, inferir o sentido das palavras desconhecidas (NN) pelo contexto (NSN) em que estão inseridas. Se isso não for possível, use o dicionário (NSN);

4. Releia, por fim, apenas os pontos assinalados (VM) por você (VA) como os mais relevantes (VM) e pergunte-se (VA):

* O que pude compreender desse estudo (VA)?

* Que aplicação esse conteúdo (VA) me (VA) permite fazer?

* Que contribuições/depoimentos (NN) Ø (VA) posso partilhar com meus colegas, minha professora e tutora (IA)?

* Que pontos precisam de esclarecimento e intervenção da professora e da tutora (IA)?

Nesse momento, é preciso que você (VA) consulte outros materiais – dicionários, sites confiáveis (NN), por exemplo – para verificar se pode avançar sozinho mediante essas novas leituras (VA). Com essa ação (VA), você (VA) avança em seu processo de autonomia intelectual (IA).

Essa forma (VA) de “estudar” lhe permitirá atender, tal qual (VA) explicitado anteriormente, ao que se espera de você (VA) nesta disciplina (VA): avanço em suas ideias iniciais (IA) e desenvolvimento da autonomia de estudos (NN) na área de conhecimento (NN) em que a disciplina (VA) fará investimentos (NN).

→ E se, mesmo assim, restarem dúvida (VM)? O que fazer?

Lembre-se sempre de que você (VA) não está sozinho!

Não hesite em solicitar a mediação da professora e da tutora (NA), dirigindo-se ao espaço “Comunicações e Atividades” (NN) - “Correio Acadêmico” (NN) - “Nova questão” (NN). Não lhe daremos respostas prontas (NN), mas, sim, “pistas” (NN) para que você (VA) dê um passo à frente (NN) em relação ao seu conhecimento sobre os fenômenos da linguagem (IA). Afinal, não é isso que se espera de uma formação em nível superior (NN)?

→ **O que é essencial para que você (VA) seja bem-sucedido nesta (VA) e nas demais disciplinas do Curso (NN)?**

Sem dúvida alguma: DISCIPLINA (NN)!

- Disciplina (VM) para buscar informações (NN);
- Disciplina (VM) para dedicar-se aos estudos (VM) e reservar o tempo certo para as atividades (NN);
- Disciplina (VM) para ler e reler o material sugerido (NN);
- Disciplina (VM) para entrar em contato em caso de dúvidas (NN);
- Disciplina (VM) para interagir, respeitosamente, com os colegas, a professora e a tutora (IA).

Não se (VA) assuste! Aos poucos, com perseverança (NSN) e serenidade (NSN), você (VA) abandonará velhos hábitos (NN) e passará a incorporar novos hábitos (NN), essenciais para aquele(a) (VA) que deseja estudar em cursos a distância (NN).

Ø (VA) Espero que tenhamos um bom trabalho ao longo do curso (NN).

Sucesso (NN) e bons estudos (NN)!

Professora Carolina Siqueira (NN)

ANEXO V – UNIDADE I DA DISCIPLINA TEXTOS: LEITURA E INTERPRETAÇÃO

UNIDADE I (NN)

Textos: Leitura e Interpretação (NN)

UNIDADE 1 (VM). Leitura, texto e sentido (NA)

- 1.1. *Concepção de leitura (NA)*
- 1.2. *A interação autor-texto-leitor (NN)*

Caro(a) aluno(a), (NN)

Nesta unidade (VA), como já Ø (VA) disse, estudaremos os conceitos que tratam do domínio do curso (NN): leitura (VM), texto (VM), sentido (VM), autor (NA), texto (NA) e leitor (NA). A partir de leituras e análises de diferentes textos (NN), confrontaremos as noções do senso comum (NN) com os conceitos científicos (NN) em relação aos referidos conceitos (VA). O objetivo desta unidade (NA) é apresentar uma concepção de processamento textual (NN) que leve em consideração a situação de produção e de leitura dos textos (NN), tendo em vista nossos objetivos comunicativos (INA).

- 1.1. *Concepção de leitura (VM)*
- 1.2. *A interação autor-texto-leitor (VM)*

Para que você (VM) sistematize os conceitos estudados (VA), você lerá os textos abaixo (NN) e realizará atividades de leitura orientada (NN).

Textos para estudo (NN)

Texto 1. LIBERATO, Y. e FULGÊNCIO, L. Um modelo de descrição da leitura. In: LIBERATO, Y. e FULGÊNCIO, L. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro.** 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 13-29. (NA)

Texto 2. KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. A interação: autor, texto-leitor. In: KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 12-37.) (NA)

OBS.: Os textos indicados na bibliografia (NA) estão disponíveis na biblioteca física da Universidade Aberta de Minas Gerais. (NE)

Bons estudos (NN)

Professora Carolina Siqueira (NN)

ANEXO W – UNIDADE II DA DISCIPLINA TEXTOS: LEITURA E INTERPRETAÇÃO

UNIDADE II (NN) Textos: Leitura e Interpretação (NN)

Caro(a) aluno(a),(NN)

O que se pretende, em linhas gerais (NN), na disciplina **Textos: Leitura e Interpretação (NA)** é descrever a leitura como um processo de interação (NN). Para entender o objetivo maior da disciplina (NA) é preciso saber, então, o que é uma **interação (NN)**. Parte-se do princípio de que para haver **interação (VM)** é necessário que haja pelo menos **dois elementos (NN)** e que **esses elementos (VA)** se relacionem de alguma maneira. **No nosso caso (IA)**, há, em princípio, **três elementos (NA)** que se interrelacionam:



No processo da leitura (NN), podemos considerar, ainda, o **leitor (VM)** e as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor (NN), como **conhecimento de mundo (NN)** e **conhecimento linguístico (NN)**, ou, além disso, o **leitor (VM)** e os outros leitores (NA). No momento em que, **cada um desses elementos (VA)** se relaciona **com o outro (IA)**, **no processo de interação (VM)**, ele (VA) se modifica em função **desse outro (VA)**. Em resumo (NN), podemos dizer que quando lemos **um texto (NN)**, provocamos **uma mudança em nós mesmos (IA)**, e que **essa mudança (VA)**, por sua vez, pode provocar **uma mudança no mundo (NN)**.

Ler, conforme estamos estudando, deixa de ser, assim, **uma atividade individual (NN)** ser **um comportamento social (NN)**, em que o **significado (NN)** não está **nem no texto nem no leitor (IA)**, mas **na situação de interação social (NN)** em que ocorre o **ato da leitura (NN)**. Qualquer texto (NA) equivale a **um documento legal (NN)** cujo **efeito (IA)** está circunscrito às pessoas nomeadas ou pressupostas no próprio documento, com direitos e deveres claramente determinados (IA). **Uma certidão de casamento (NN)** ou **uma escritura de posse de terras (NN)** só têm valor, por exemplo, se forem produzidas pelas pessoas legitimadas pela sociedade para produzir tais documentos (NA), nas **circunstâncias (NN)** em que devem ser produzidos, seguindo rigorosamente o **ritual previsto (NN)**, envolvendo as pessoas preparadas para o **ritual (NA)** conforme as **convenções impostas pela comunidade (NN)**.

A leitura (VM) pode, também, ser vista como **um processo de interação (VM)**, quer seja entre o **leitor (VM)** e o **texto (VM)**, ou o **leitor (VM)** e o **autor (VM)**. Ao produzir o **texto (VM)**, o **autor (VM)** tem em mente **um determinado leitor (NN)** e escreve baseado nas **pressuposições (IA)** que faz **desse leitor (VA)**. O **leitor (VM)**, por sua vez, reage ao **texto (VM)** baseado na **visualização (IA)** que faz do **autor (VM)**, nos seus **conhecimentos prévios (INA)**, no **conhecimento sobre o suporte de veiculação do texto (IA)**.

Sob **essa perspectiva (VA)**, a **compreensão de um texto (NA)** não depende de suas **características intrínsecas (IA)**, mas dos **conhecimentos prévios compartilhados entre autor e leitor (IA)**. Vimos na **Unidade I (NN)** que a **informação visual (NN)** é **necessária, mas não suficiente (IA)**. Temos dentro de nós (IA) **representações do mundo (NN)** e **compreender um**

texto (VM) é relacionar elementos dessas representações com elementos do texto (IA). O texto (VM) será mais ou menos compreensível (IA), não porque apresenta um vocabulário mais ou menos difícil (NN), mas porque apresenta uma realidade mais ou menos próxima da nossa representação dessa mesma realidade (NN). Não se entende um texto com assunto desconhecido (NA), ainda que escrito com palavras simples e de alta frequência no quotidiano (IA).

Por isso, quanto mais se lê sobre um assunto (NA), mais se sabe sobre ele (VA). Isso (VA) é possível (IA) porque ao ler, você (VA) adquire, atualiza e aprofunda conhecimentos (NN); entre em contato com as ideias de outras pessoas (NN); desenvolve o espírito crítico (NN); cultiva o respeito por pontos de vista diferentes (NN); apropria-se de outros estilos de escrita (NN).

Quando você (VA) lê para obter conhecimento (VM) e não apenas para entretenimento (VM), passa não só a ser bem informado em vários assuntos (NN) como a ter maior especialização na sua área profissional (IA).

Por isso (VA), cultive o hábito da leitura (NN). Mas, não leia simplesmente. Recorra, sempre, a estratégias (NN). É dessas estratégias (VM) que a Unidade II (VM) vai tratar.

Para acompanhar as discussões da Unidade II (NA), siga os seguintes passos (NN):

1. Leia os slides do Power Point, disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem (NN);
2. Em seguida, leia o texto-base (NN) que fundamentará nossa discussão (IA) - *Leitura, sistemas de conhecimento e processamento textual* (KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006. p. 39-56). (NA) (Ele (VA) encontra-se (VA) na biblioteca física da UNAB e no Centro de Recursos (NE);
3. E, por fim, realize as atividades de aplicação da leitura do texto-base (NA).

Bons estudos, (NN)

Professora Carolina Siqueira (NN)

ANEXO X – UNIDADE III DA DISCIPLINA TEXTOS: LEITURA E INTERPRETAÇÃO

UNIDADE III (NN) Textos: Leitura e Interpretação (NN)

Caro(a) aluno(a), (NN)

Chegamos à **unidade III (VM)**! Nesta unidade (VA), discutiremos o processo de constituição da textualidade (NN). Entender esse processo (VA) contribuirá para a construção de suas habilidades leitoras (IA). O texto (NN) que guiará nossas discussões (IA) encontra-se(VA) na Biblioteca física da UNAB (NN).

A seguir, encontra-se (VA) uma síntese dos conceitos tratados no texto (NA). Não deixe de ler o texto-base (NN) e em seguida realize a atividade objetiva 08 (NN).

Bons estudos, (NN)

Professora Carolina Siqueira (NN)

3. Texto e intertextualidade (NN)

- 3.1. Coesão e coerência textuais (NN)
- 3.2. Mecanismos de textualização e de intertextualização (NN)

Texto-base (VM): (MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 93-143) (NA)

TEXTO E TEXTUALIDADE (VM)

“A interação comunicativa de verdade (NN) é um processo essencialmente intersubjetivo (IA): são pessoas (NN) que produzem/interpretam textos (IA) e entram nesse jogo (VA) com toda a sua individualidade (IA).”

Maria da Graça Costa Val (NN)

1 - O QUE É TEXTO (VM)

A palavra texto (NA) provém do latim *textum* : “tecido, entrelaçamento (IA)”.

“Texto (VM) é uma ocorrência lingüística falada ou escrita de qualquer extensão dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal (IA).”

2 - O QUE É TEXTUALIDADE (VM)

“Conjunto de características (IA) que fazem com que um texto (VM) seja um texto (VM), e não apenas uma sequência de frases (NN)”

Alguns fatores (NN) são responsáveis pela textualidade (IA):

2.1 FATORES PRAGMÁTICOS (NA):

2.1.1 - *Situacionalidade (NN)*: adequação das variantes linguísticas a determinados contextos e/ou usos (IA). É adequação do texto à situação comunicativa (IA).

Vejamos como a língua (NN) varia em textos distintos (NA):

Contrato (NN):

Na intenção de tornar a oferta do nosso Contrato de plano de saúde ainda mais transparente (NN), produzimos suas CONDIÇÕES GERAIS (IA), bem como seus aditivos (IA), de forma clara e legível. Com isso (VA), você (VA) fica, desde já, ciente de todos os direitos e obrigações pertinentes à CONTRATADA e aos CONTRATANTES (NN). (...). É muito importante que a leitura deste documento (NA) seja feita no ato da assinatura do TERMO DE ADESÃO (IA) que deverá ser preenchido de forma integral (IA) e corretamente, com informações verdadeiras e completas (IA), caso contrário, o contrato (VM) poderá ser anulado, conforme os termos do artigo nº 766 e seu parágrafo último do CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO (IA), ocorrendo a devolução dos valores pagos (NN). “Se o segurado, por si ou por seus representantes (NN), fizer declarações inexatas (NN) ou omitir circunstâncias (NN) que possam influir na aceitação da proposta ou na taxa do prêmio (IA), perderá o direito à garantia (NN), além de ficar obrigado ao prêmio vencido (NN)”. (...)

(Contrato da empresa ASSIM, p. 4) (NA)

Fala de um frequentador de um grupo de pagode chamado "Segunda sem lei": (NN)

"O cavaquinho (NN) me (VA) atura há mais ou menos uns 14, 15, 20 anos (IA). Eu (VA) não sei, eu (VA) acho que eu (VA) já nasci tocando esse troço (VA), é mais um instrumento (NA), né, mais uma arma pra segunda sem lei (NA), pra gente (VA) aturar aí esse pessoal que infelizmente (VA), né, não dão muito espaço (NN), não dão mais espaço pra gente (VA), pro samba autêntico (NN), samba bom (NA), samba de fato (NA), samba de Cartola (NA), de Nelson (IA), de Donga (IA), de João da Baiana (IA), de Pixinguinha (IA), de Bide e Marçal (IA), entendeu, que não tocam e a gente (VA) enfrenta a segunda-feira (NN), e aqui uma arma (NN) é o cavaco (NN), a outra (IA), o violão de sete cordas (NN), a flauta (NN), como o tio Pixinguinha (NA) tocava, o pandeiro (NN), o Joseli (NN) e o surdo recuperado (NA), o surdo (VM), no lugar da tambora (NN), nada contra (IA), né, tambora (VM) ou tantam (NN), mas o surdo (VM), que é um instrumento adicional (IA) pra agüentar o excesso de lei (NN) que tem por aí, que, infelizmente, não viabilizam a música de qualidade no rádio (NN), né? Nas AM (NSN), nas FM (NSN), você (VA) ouve muita música importada do que música nacional (NN)".

Fala de um cantor de rap: (NN)

"Então a nossa filosofia (NN) é mostrar pras pessoas (NN), né, tentar passar pras pessoas (VM) que elas (VA) podem brilhar, que elas (VA) são importantes (IA) (...) Então nós (VA)

viramos pro negro(NN) e falamos: pô, negócio seguinte (NN), tu (VA) é bonito, tu (VA) é feio não como dizem que tu (VA) é feio. Teu cabelo (IA) não é ruim (IA) como dizem que **teu cabelo (VM)** é ruim, entendeu? **Meu cabelo (IA)** é crespo, entendeu? Existe **cabelo crespo (NA)**, existe **cabelo liso (NA)**. Não tem **essa de cabelo bom, cabelo ruim (VA)**. Por que que **cabelo de branco (NA)** é bom e **meu cabelo (VM)** é ruim?"

2.1.2 – *Informatividade (NN)*: nível de informatividade do texto (NA). Equilíbrio entre a suficiência dos dados (NN): a imprevisibilidade (NN) e a previsibilidade das informações (NN) (baixa informatividade (NA), redundâncias (NA), clichês (NA), frases feitas (NA), estereótipos (NA)).

O texto a seguir (NN) pode ter **alto índice de informatividade (IA)** se trouxer informações muito novas para leitores (NN) que desconhecem a temática Economia de Energia (NN):

Texto extraído de uma proposta de pesquisa em Economia de Energia (NA)

Nos últimos anos, **as companhias de energia elétrica (NN)** iniciaram **um processo de revisão de suas estratégias empresariais (IA)**. **Esse processo (VA)** é **motivado pelo movimento de reestruturação da indústria de energia elétrica (IA)**, **o qual (VA)** gera **dois tipos de impactos (NN)**: de **um lado (NN)**, abre **espaços para o aumento da participação do capital privado** nesta indústria (NN); de **outro lado (NA)**, impõe **a necessidade de adequação do quadro regulamentar (NN)**. **Essa reestruturação (VA)**, embora ainda não tenha sido concluída **no contexto brasileiro (IA)**, altera **radicalmente as estratégias das empresas (NN)**. A complexidade do novo contexto (NN) é ainda maior porque envolve a **internacionalização das empresas elétricas (NN)**. Em **outras palavras (NN)**, o novo ambiente econômico da indústria elétrica (NN) exige a **redefinição das estratégias e da gestão das empresas** em **condições de incerteza e em regime competitivo (NN)**. **Neste contexto (VA)**, os **riscos econômicos associados ao negócio elétrico (NN)** aparecem **de forma distinta** do tradicional regime em **monopólio regulado pelo custo de serviço (IA)**.

2.1.3 - *Intencionalidade (NN)*: [...] o produtor de um texto (NN) tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos (NN), que vão desde **uma simples intenção (NN)** de estabelecer ou manter **o contato com o receptor (IA)** até a de **levá-lo (VA)** a partilhar de **opiniões (NN)** ou a **agir ou comportar-se de determinada maneira (NN)**. Assim, a **intencionalidade (VM)** refere-se (VA) ao modo como os emissores usam **textos (VM)** para perseguir e realizar **susas intenções (IA)**, produzindo, para tanto, **textos adequados à obtenção dos efeitos desejados (NA)**. É **por esta razão (VA)** que o **emissor (NN)** procura, de modo geral, construir **seu texto (IA)** de modo coerente e dar **pistas ao receptor (NN)** que **lhe (VA)** permitam constituir **o sentido desejado (IA)**. [...]

[KOCK, Ingênore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Intencionalidade e aceitabilidade*. In: *A coerência textual*. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2007.] (NN)

2.1.4 - *Aceitabilidade (NN)*: É **um princípio cooperativo (IA)** (no sentido de o produtor responder aos interesses de seu interlocutor) e **à qualidade (autenticidade) (NN)**, **quantidade (informativa) (NN)**, **pertinência (NN)** e **relevância das informações (NN)**, bem como **essas informações (VA)** são apresentadas (precisão (NN), clareza (NN), ordenação (NN), concisão (NN)).

2.1.5 - *Intertextualidade* (NN): o texto em constante diálogo com outros textos (IA) (não há texto totalmente original (NN)).

2.2 FATORES LINGUÍSTICOS: (NA)

2.2.1 - *Coerência* (NN): não está expressa no texto em si (IA), ela (VA) é construída por elementos coesivos (IA) que “tecem” uma rede de relações (pragmáticas, semânticas, formais) (NN). É considerado o fator fundamental da textualidade (IA), porque é responsável pelo sentido do texto (IA). Um texto (VM) é considerado coerente quando compatível com o conhecimento de mundo do receptor (IA).

2.2.2 – *Coesão* (NN): o modo como os elementos presentes no texto se relacionam entre si (IA) para formar um todo significativo (NN). A coesão (VM) é uma manifestação material da coerência (IA).

Os elementos de coesão (NA) também proporcionam ao texto (VA) a progressão do fluxo informacional (NN).

A coerência e a coesão de um texto (NA) podem ser analisadas a partir de quatro elementos (NN):

- 1- Continuidade.(NN)
- 2- Progressão. (NN)
- 3- Não-contradição.(NN)
- 4- Articulação. (NN)

Esses quatro elementos (VM) ajudam a avaliar a coesão e a coerência textuais (NA) e são indispensáveis ao trabalho de produção e de leitura de textos (IA). Além deles (VA), é importante observar as condições de produção dos textos (NN): tempo (NSN), lugar (NSN), papéis representados pelos interlocutores (NN), imagens recíprocas (NN), relações sociais (NN), interesses (NN) e objetivos visados na interlocução. (NN)

Fonte: (NN)

KOCH, Ingêdore V. A coesão textual. São Paulo, Contexto, 1989. (NN)

____E TRAVAGLIA, L.C . A coerência textual. São Paulo, Contexto, 2007. (NN)

COSTA VAL, Maria das Graças. Redação e textualidade. São Paulo, Martins Fontes, 1991. (NN)

ANEXO Y – UNIDADE IV DA DISCIPLINA TEXTOS: LEITURA E INTERPRETAÇÃO

UNIDADE IV (NN) Textos: Leitura e Interpretação (NN)

Caro (a) aluno (a), (NN)

Ø (VA)Vimos que quando você (VA) entra em contato com um texto (NN) você (VA) lê enunciados (NN) que se (VA) relacionam entre si (IA), veiculando informações (NN) - novas ou já conhecidas (IA) - e que passam a fazer sentido porque você (VA) as (VA) interpreta de acordo com suas experiências (INA), com seus conhecimentos prévios (INA).

Ainda que inconscientemente, você (VA) relaciona o texto (NA) que está lendo a outros textos (NA), faz inferências (NSN) e levanta hipóteses (NSN). Se o texto (VM) está bem elaborado, você (VA) é capaz de construir um sentido (NN) para ele (VA), caso contrário, você (VA) o (VA) rejeita, em parte ou totalmente. Até este momento da disciplina (INA), Ø¹⁹ (VA) procurei mostrar justamente isso (VA). Mas, é preciso também dominar alguns princípios básicos de construção textual (NN). Nesta última unidade da disciplina (VA), vamos discutir um desses princípios (VA) - a construção da argumentação (NA).

A importância (IA) de conhecer a estrutura da argumentação (NN) reside no fato (NN) de que, de posse desse conhecimento (VA), você (VA) será capaz de compreender, de modo mais consciente, como a linguagem (NN) se (VA) atualiza nos textos (IA), o (VA) que o (VA) tornará um leitor mais proficiente. (NN)

Para realizarmos a unidade IV (VM), leia os seguintes textos (NN):

“Tipos de argumento, de Koch”. (NA) (Disponível na biblioteca física da UNAB.) (NE)
“Slides sobre a noção de argumentação”. (NA) (Disponível no centro de recursos) (NE)
“Como estruturar um texto argumentativo” (NA) (Disponível em <HTTP://www.pucrs.br/gpt/argumentativo.php>) (NE)

Em seguida, realize a atividade objetiva disponível no ambiente virtual de aprendizagem. (NN)

Para concluir, um convite (NN):

Leia o conto “O amor é uma falácia” de M. Sulman (NN) (Disponível em <HTTP://www.cfh.ufsc.br/~wfil/amorfalacia.htm>) (NE). O conto (VM) faz parte da coletânea de contos intitulada “As calcinhas cor-de-rosa do capitão” (Porto Alegre, Globo, 1973) (NN) e põe em evidência, de forma bastante humorística, a necessidade (IA) de dominarmos o assunto exposto (IA), para não sermos enganados e persuadidos por argumentos falaciosos (IA).

Bons estudos, (NN)
Professora Carolina Siqueira (NN)

¹⁹ Ø = Símbolo representativo de ‘Sujeito Nulo’

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: *Fluxo da Informação em materiais didáticos voltados para a Educação a Distância.*

Prezado(a) Senhor(a) *nome do(a) professor(a),*

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará Fluxo da Informação em materiais didáticos voltados para a Educação a Distância. Você foi selecionado, pois a disciplina por você ministrada – *nome da disciplina* – além de pertencer à área de *nome da área do conhecimento*, que é uma das áreas do conhecimento que pretendemos investigar, reúne todas as características necessárias para investigação dos fenômenos linguísticos previstos em nosso objetivo. Contudo, sua participação não é obrigatória. Os objetivos do projeto, por sua vez, se dividem em dois: geral e específico, sendo:

Objetivo Geral

Verificar como o Fluxo da Informação é constituído em materiais didáticos produzidos por professores de uma instituição de Educação a Distância, a UNAB/MG.

Objetivos Específicos

Verificar se o docente consegue organizar o texto, propiciando a relação das informações *nova, velha e inferível*.

Verificar, em que medida a (*des*)continuidade do Fluxo da Informação interfere na construção de sentidos e, consequentemente, no papel prestado pelos materiais didáticos voltados para a Educação a Distância, que é o de servir de mediador entre professor e aluno.

2) Procedimentos do Estudo

Para participar deste estudo solicito a sua especial colaboração nos autorizando a proceder à análise dos materiais didáticos produzidos no âmbito de sua disciplina – *nome da disciplina* – ao longo do ano de 2011. Neste estudo, serão analisadas: a Apresentação da Disciplina e as Unidades de Ensino I, II, III e IV.

3) Riscos e desconfortos

Conforme explicitado nos objetivos do estudo, nossa análise se limitará, única e exclusivamente, a aspectos linguísticos que, de um modo geral, giram em torno da progressão textual, ou seja, a continuidade e linearidade das ideias do discurso. Deste modo, sob nenhuma hipótese a capacidade intelectual do docente será avaliada.

Sobre os possíveis riscos e desconfortos que possam surgir a partir da análise, estes se limitarão a apontamentos sobre conceitos que, eventualmente, não tenham sido bem desenvolvidos ao longo do discurso e que possam, deste modo, comprometer a compreensão global do material didático.

4) Benefícios

Espera-se que, como resultado deste estudo, você possa repensar as estratégias linguísticas adotadas na elaboração dos materiais didáticos de sua disciplina, tornando-os mais claros, interativos e envolventes para o seu aluno.

5) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo. Também não terá nenhum tipo de trabalho com a captação dos materiais solicitados para análise. Toda essa demanda será realizada pelo pesquisador.

6) Responsabilidade

Ainda no que diz respeito à análise linguística, nos responsabilizamos a agir com ética e respeito em relação a todos os apontamentos feitos no material didático, minimizando, ao máximo, todas as possíveis críticas que possam caber.

7) Caráter Confidencial dos Registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Também elegeremos nomes fictícios tanto para a instituição cedente, quanto para os docentes e disciplinas que farão parte do *corpus* desta pesquisa.

8)Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito nesta instituição. Você também pode ser desligado do estudo a qualquer momento sem o seu consentimento nas seguintes situações: término do estudo. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor notificar o profissional e/ou pesquisador que esteja atendendo-o.

Os pesquisadores responsáveis pelo estudo poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre o estudo, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Vanessa Cristina Andrade Leão

Endereço: Av. Esplanada, nº 8, Ap. 200, B. São Gabriel – Belo Horizonte/MG

Telefone: 3388-9987 / 9252-9037

Email: vanessacaleao@gmail.com

9) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Nome (em letra de forma) e Assinatura do pesquisador

Data